



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

RAÍSSA GALVÃO BESSA

ESPAÇOS ABANDONADOS – LONDRINA

RAÍSSA GALVÃO BESSA

ESPAÇOS ABANDONADOS – LONDRINA

Trabalho de tese de doutorado apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Geografia da
Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ideni Terezinha
Antonello

Londrina
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

R159e Bessa, Raissa Galvão.

Espaços abandonados - Londrina / Raissa Galvão Bessa. - Londrina, 2023.
233 f. : il.

Orientador: Ideni Terezinha Antonello.

Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2023.
Inclui bibliografia.

1. Espaços abandonados - Tese. 2. Arte e Ciência - Tese. 3. Arte e espaço urbano - Tese. 4. Método Brecht - Tese. I. Antonello, Ideni Terezinha. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

RAÍSSA GALVÃO BESSA

ESPAÇOS ABANDONADOS – LONDRINA

Trabalho de tese de doutorado apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Geografia da
Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ideni Terezinha Antonello

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ideni Terezinha Antonello
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof.^a Dr.^a Adriana Castreghini de Freitas Pereira
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Evandro Zigliatti Monteiro
Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Prof.^a Dr.^a Jeani Delgado Paschoal Moura
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof.^a Dr.^a Maria Elisa Martins Campos do Amaral
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Londrina, 01 de março de 2023.

“A arte é uma confissão de que a vida
não basta”
Fernando Pessoa

“Todas as artes contribuem para a
maior de todas as artes, a arte de
viver.”
Bertold Brecht

“Os cientistas dizem que somos feitos
de átomos, mas um passarinho me
disse que somos feitos de histórias”
Eduardo Galeano

AGRADECIMENTOS

Aprendi que nessa vida não somos nada sozinhos, precisamos de pessoas para nos apoiar ao longo da jornada que trilhamos. Por vezes o caminho é tranquilo e limpo, em outros momentos é difícil, tumultuado e nebuloso.

Sinto que esse período em que estive cursando o doutorado foi o mais caótico que já vivi. No ano que entrei, passei por uma cirurgia de emergência, e mal sabia que isso seria “fichinha” perto do que vinha pela frente. Há dois anos descobri uma doença autoimune. Tive que ser internada por doze dias, tomar muitos medicamentos e seguir em tratamento desde então. Enfrentamos uma pandemia que mexeu e modificou completamente as nossas vidas, tivemos que nos reinventar e ainda vivemos as consequências disso. Muitas perdas, muitas pessoas deixaram essa terra. Quando eu pensei que já havia passado por tudo, descobri mais uma doença, também sem cura, e novamente tive de tomar muitos medicamentos e, dessa vez, tive de enfrentar mais trinta longos dias de internamento. Enfim, tudo para dizer que se hoje eu estou aqui, viva, é porque Deus cuidou de mim e porque tive muitas pessoas me apoiando e emanando amor para que eu tivesse forças para sair do fundo do poço.

Sou grata a minha mãe, que é para mim um exemplo de mulher, e é sem sombra de dúvidas a pessoa mais amorosa que já conheci. Nunca a vi falando mal de alguém. Ela não faz isso, e olha que tivemos políticos que nos testaram. Sua abundância de empatia me faz pensar que não existem mais pessoas como ela. Sem ela dizendo incansavelmente afirmações positivas para mim, com certeza eu não estaria aqui.

Ao meu pai, que me deu suporte quando as adversidades vieram, e foi a figura que me fez querer traçar esse caminho de professora e pesquisadora. Um homem ético e generoso, que me fez entender muito cedo que vivemos em um mundo que não é justo igualmente para todos, que a desigualdade cria abismos. Foi a pessoa que me deu as maiores referências de autores desde cedo, que insistiu para que eu lesse cada vez mais.

Aos meus avós que me impulsionaram para a graduação, me incentivando em um momento desafiador, onde foi necessário levantar recursos e eles se colocaram a frente para apoiar os meus estudos. A toda a minha família que sempre foram base para que os estudos fosse o melhor caminho para a vida a seguir.

Aos amigos, Eduardo e Rebeca e a minha mãe que estavam sempre dispostos a ler o que tinha escrito, que discutiam comigo o tema e propunham reflexões. Vocês me fizeram persistir nos dias que estava mais cansada. Ao Paulo, ao Rafael, à Raquel, à Thamine, ao João Antonio, e mais uma vez ao Eduardo e à Rebeca, que contribuíram voluntariamente com o curta-metragem, mas também a todos que participaram e fizeram com que o URBEX: espaços abandonados Londrina acontecesse e alcançasse o resultado obtido.

À Médica Maria Angélica que sempre me atendeu com carinho e me ajudou a atravessar os períodos mais difíceis, me dando força, conhecimento e me encorajando a não desistir. Foi necessária uma mudança de vida, e só consegui pois tive acesso a profissionais como ela. À Guelma Bozelli e à Camila Bianconni. Essas mulheres vão seguir comigo nessa luta diária pela saúde.

A minha orientadora Ideni Antonello, sem a qual eu realmente não teria conseguido e que foi meu maior suporte nesse caminho. Sempre que eu estava desolada, pensava que ela merecia mais. A Ideni para mim não é apenas um exemplo de profissional, ela é mais que isso, é um ser humano cheio de amor, alguém que me inspira.

Ao Programa de Pós-graduação de Geografia e todos os docentes maravilhosos que tive o prazer de conhecer. Vocês fazem diferença no amor que passam a cada um que encontram. Sou grata a todos os professores que passaram pela minha vida e me marcaram positivamente, me levando a admirar a carreira de docente. A todxs que acreditaram em mim e me deram forças e condições de chegar até aqui.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

BESSA, Raíssa Galvão. **Espaços abandonados – Londrina**. 2023. 237 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

Toda edificação traz consigo uma história. Muitas vezes são destacados os traços arquitetônicos que revelam uma estética e/ou época, mas há mais para além disso: os espaços são memórias de pessoas, famílias, comércio local, comunidades e até mesmo representam políticas públicas, seja da esfera municipal, estadual ou federal. Os espaços abandonados foram cemitérios vivos da história por anos, frequentemente indo ao chão para o moderno acontecer. Diante dessa realidade é que se propõe a presente pesquisa. Ver a cidade e seus espaços abandonados a fim de compreendê-los tendo como objetivo valorizar a memória e a história local. Utilizou-se o método regressivo-progressivo de Henri Lefebvre, no qual foi realizada a coleta dos documentos locais partindo do presente para perceber o passado e assim permitir olhar o futuro numa visão descolonizadora do município. Culminando no método Brecht de Fredric Jameson, que visa entrelaçar a arte e a ciência de forma crítica, política e de pesquisa-ação. Além dos métodos citados, usou-se o referencial teórico de autores como: Jan Gehl e Jane Jacobs que defendem um urbano humanista, François Ascher e Henri Lefebvre que abordam o espaço como produção de uma cidade capitalista, e outros que dialogam com o espaço urbano, sua memória e história. Assim adentrou-se em um universo para além da academia, escrevendo um projeto na lei de cultura municipal, aprovando-o, resultando em um curta-metragem, URBEX espaços abandonados Londrina, que foi exibido durante três dias de forma online, alcançando mais de 1.200 visualizações e posteriormente exibido no 24º Festival Kinoarte de Cinema, de modo presencial. Foram realizadas treze entrevistas, sendo três diálogos abertos com pessoas que se destacaram nas temáticas: sonora, cultural e de transformação de um espaço abandonado local; e dez organizadas em dois grupos focais de indivíduos: os que viram ao curta-metragem e os do entorno dos espaços abandonados. Verificou-se que as pessoas que assistiram ao material em audiovisual possuíam uma análise prévia, uma visão crítica e sensível ao assunto, relacionando memórias pessoais com os espaços da cidade; já as do entorno tinham uma abordagem prática e capitalista sobre o abandono urbano. Percebeu-se que o objetivo foi alcançado quando houve um trabalho de sensibilização por meio da arte. Uma das formas dos espaços abandonados significarem para história local é existir pesquisa-ação gerando consciência e possibilitando um movimento popular de resistência da memória coletiva.

Palavras-chave: espaços abandonados; arte e ciência; arte e espaço urbano; método Brecht.

ABSTRACT

BESSA, Raíssa Galvão. **Abandoned spaces – Londrina**. 2023. 237 p. Thesis (Doctorate degree in Geography) – State University of Londrina, Londrina, 2023.

Every building has a story within it. Architectural traits that reveal an aesthetic and/or era are often highlighted, but there is more to it than that: the spaces hold memories of people, families, local businesses, communities and even represent public policies, whether at the municipal, state or federal level. Abandoned spaces have been living cemeteries of history for years, often being collapsed for the modern to take its place. This research is proposed in view of this reality, which showcases the city and its abandoned spaces to understand them with the aim of valuing local memory and history. Henri Lefebvre's regressive-progressive method was used, wherein local documents were collected starting from the present to perceive the past thus allowing a look into the future of a decolonizing vision of the municipality. This thesis culminates in Fredric Jameson's Brecht method, which aims to intertwine art and science in a critical, political, and action-research way. In addition to the aforementioned methods, this research also used the theoretical framework of authors such as: Jan Gehl and Jane Jacobs, who defend an urban humanist, François Ascher and Henri Lefebvre, who approach space as a production of a capitalist city, and others who dialogue with the urban space, its memory and history. Moreover, this research entered a universe beyond academia. A project was written and approved in the municipal culture incentive law, resulting in a short film, URBEX Espaços Abandoned Londrina, which was shown online for three days, and reached more than 1,200 views, and it was later screened live at the 24th Kinoarte de Cinema Festival. Thirteen interviews were conducted, three of which were open dialogues with people who stood out in the themes of sound and culture and the transformation of a local abandoned space; and ten other interviews organized into two focus groups of individuals: those who saw the short film and those around the abandoned spaces. It was found that people who watched the audiovisual material had a preconceived analysis, a critical and sensitive view of the subject, relating personal memories with the spaces of the city; those in the surrounding areas had a practical and capitalist approach to urban abandonment. It was noticed that the objective was reached when there was a heightened awareness through art. One of the ways that abandoned spaces are meaningful for local history is to incite action and research generating awareness and enabling a popular resistance movement from the collective memory.

Key words: abandoned spaces. art and science. art and urban space. Brecht method.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Montagem de fotografias do espetáculo Planta do Pé (Fotografias Fábio Alcolver)	18
Figura 2 – Delineamento de pesquisa da tese	27
Figura 3 – Parâmetros.....	28
Figura 4 – Técnicas.....	29
Figura 5 – Espetáculo Mãe Coragem e seus filhos (Bertolt Brecht)	32
Figura 6 – Método campo e teoria indissociável – Boaventura Santos (2010).....	33
Figura 7 – Método regressivo-progressivo – Henri Lefebvre (1973)	35
Figura 8 – Método Brecht.....	38
Figura 9 – Método aplicado a pesquisa.....	39
Figura 10 – Barracão que abrigava sacas de café em Londrina	40
Figura 11 – Compreensão de espaço	42
Figura 12 – Estrutura abandonada no centro da cidade de Londrina	46
Figura 13 – Morador de rua dormindo no abandonado Teatro Municipal em Londrina	48
Figura 14 – Esfera pública e zonas híbridas	50
Figura 15 – Plinth interativo ou fachada ativa	51
Figura 16 – Nível dos olhos.....	52
Figura 17 – Bairro Liberdade em São Paulo	54
Figura 18 – Cantina italiana no bairro do Mooca em São Paulo	55
Figura 19 – Casas de madeira em Londrina	56
Figura 20 – Paisagem urbana da cidade de Paris.....	57
Figura 21 – Skyline de Paris	58
Figura 22 – Skyline de Londrina (PR)	59
Figura 23 – Paisagem urbana da cidade de Londrina (PR)	59
Figura 24 – Paisagem urbana do início de Londrina	60
Figura 25 – Primeira Catedral de Londrina	61
Figura 26 – Fachada da segunda Catedral de Londrina	61
Figura 27 – Lateral da segunda Catedral de Londrina	62
Figura 28 – Catedral atual de Londrina com característica de uma construção modernista	62

Figura 29 – Resistência à tentativa de demolição do antigo presídio de Londrina na década de 1990.....	63
Figura 30 – Edifício atual do Sesc Londrina Cadeião com a marca na parede da tentativa de demolição	63
Figura 31 – Demolição da casa da esquina da Rua Santos com a Rua Pio XII.....	64
Figura 32 – Contraste na paisagem urbana de Londrina entre o espaço abandonado e construções ocupadas.....	65
Figura 33 – Típica construção na Vila Casoni em Londrina	66
Figura 34 – Edifício da década de 1930, abandonado com a característica das construções na Av. Duque de Caxias.....	66
Figura 35 – Frases do espetáculo Bodas de Café (divulgações de remontagem em 2014)	72
Figura 36 – Planta baixa azul de 1932	74
Figura 37 – Mapa de setorização do 1º Plano diretor de 1968.....	76
Figura 38 – Centro Administrativo do 1º Plano diretor de 1968.....	78
Figura 39 – Retirada dos trilhos da ferrovia em 1983 para dar início às obras da avenida Leste-Oeste	79
Figura 40 – Linha do tempo das Revoluções Urbanas.....	85
Figura 41 – Linha do tempo das revoluções urbanas em Londrina	89
Figura 42 – Olhar através das lentes da autora	92
Figura 43 – Chapéu cabresto The Handmaid's Tale	96
Figura 44 – Evolução da teoria do espaço na cidade contemporânea	102
Figura 45 – Mapeamento dos espaços abandonados em Londrina escolhidos	104
Figura 46 – Espaço abandonado antigo Nado Livre	105
Figura 47 – Espaço abandonado Barracão Av. Duque de Caxias	106
Figura 48 – Espaço abandonado Barracão Sahão 1.....	107
Figura 49 – Telhados desabados dos Barracões Sahão.....	108
Figura 50 – Espaços abandonados Barracões Sahão 1 e 2	109
Figura 51 – Início da Cervejaria	110
Figura 52 – Fachada dos edifícios degradados da atual Airsoft QG Londrina	111
Figura 53 – Parte interna dos edifícios degradados da atual Airsoft QG Londrina	112
Figura 54 – Espaço abandonado antigo Hotel Sahão	113

Figura 55 – Espaço abandonado de uma antiga residência na Rua Paranaguá que foi demolida	114
Figura 56 – Espaço abandonado residência na Rua Santos	115
Figura 57 – Espaço abandonado onde funcionava a Escola de Circo de Londrina	117
Figura 58 – Espaço abandonado estacionamento na Av. Higienópolis.....	118
Figura 59 – Antigo comércio de vestidos de noivas na Av. Higienópolis.....	119
Figura 60 – Atualmente um espaço demolido na Av. Higienópolis	119
Figura 61 – Espaço abandonado de uma estrutura de um edifício vertical na Gleba Fazenda Palhano.....	121
Figura 62 – Espaço abandonado de uma estrutura metálica na Av. Arcebispo Dom Geraldo Fernandes (Leste-Oeste)	122
Figura 63 – Espaço abandonado de um sobrado inacabado na Av. Santos Dumont.....	123
Figura 64 – Espaço abandonado da estrutura do que seria o Teatro Municipal de Londrina	124
Figura 65 – Espaço abandonado de uma estrutura de edifício vertical na Rua da Lapa	125
Figura 66 – Gravação das narrações e trilha sonora no estúdio	126
Figura 67 – Recorte de grafites captados nos muros do cemitério São Pedro e atrás da estrutura do Teatro Municipal.....	127
Figura 68 – Divulgação do curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina	131
Figura 69 – Grafite OSGEMEOS.....	133
Figura 70 – URBEX na plataforma Festhome	139
Figura 71 – Site do 24º Festival Kinoarte de cinema.....	140
Figura 72 – Competitivas Londrinenses	140
Figura 73 – Teaser do URBEX espaços abandonados Londrina	141
Figura 74 – Público do Competitivas Londrinenses	142
Figura 75 – Diretores dos curtas-metragens Londrinenses.....	143
Figura 76 – Raíssa Bessa apresentando o URBEX espaços abandonados Londrina	143
Figura 77 – Equipe presente do URBEX espaços abandonados Londrina	144
Figura 78 – Incêndio Museu Nacional do Rio de Janeiro	146

Figura 79 – Intervenção borracha branca	149
Figura 80 – Coleção Tesouros de Família de Elma Van Vliet	150
Figura 81 – Tabulação das entrevistas do entorno dos espaços abandonados	152
Figura 82 – Tabulação das entrevistas das pessoas que assistiram ao curta-metragem URBEX espaços abandonados Londrina	153
Figura 83 – Casa à venda em frente a um espaço abandonado.....	156

LISTA DE ABREVIATURAS

BNH	Banco Nacional da Habitação
BRDE	Banco Regional de Desenvolvimento da Região Sul
CMNP	Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná
COHAB	Companhia de Habitação de Londrina
Codel	Companhia de Desenvolvimento de Londrina
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
Funcart	Fundação Cultura Artística de Londrina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPPUL	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
MARL	Movimento dos Artistas de Rua de Londrina
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PROMIC	Programa Municipal de Incentivo à Cultura
SERCOMTEL	Serviço de Comunicação Telefônica de Londrina
SIGLON	Sistema de Informação Geográfica de Londrina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
ULES	União Londrinense dos Estudantes Secundaristas

SUMÁRIO

PRÓLOGO	15
INTRODUÇÃO	21
1 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	32
1.1 MÉTODO REGRESSIVO-PROGRESSIVO	34
1.2 MÉTODO BRECHT.....	36
2 ESPAÇOS ABANDONADOS	40
2.1 ESPAÇO PÚBLICO.....	49
2.2 PAISAGEM URBANA E MEMÓRIA.....	53
2.3 LONDRINA, SUA GENTE, SUA HISTÓRIA, SUA ARTE	67
2.4 EVOLUÇÃO URBANA	83
3 ARTE CIÊNCIA	92
ATO I: REFERÊNCIAS VISUAIS, SONORAS E NARRATIVAS	98
ATO 2: ESPAÇOS ABANDONADOS LONDRINA	101
ATO 3: A PRODUÇÃO DO CURTA-METRAGEM	125
ATO 4: ROTEIRO URBEX ESPAÇOS ABANDONADOS LONDRINA	134
ATO 5: DISTRIBUIÇÃO DO CURTA-METRAGEM.....	139
4 LUGARES ABANDONADOS, HISTÓRIAS ESQUECIDAS, MEMÓRIAS APAGADAS	146
4.1 LONDRINA E SEUS ESPAÇOS ABANDONADOS: O QUE DIZEM?.....	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
REFERÊNCIAS	164
APÊNDICES.....	174
APÊNDICE 1 – Links curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina.....	174

APÊNDICE 2 – Resultados obtidos com três dias (29, 30 e 31 de março de 2022) de exibições do curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina	175
APÊNDICE 3 – Projeto aprovado no Edital 002/2021 de Bolsa Saberes, Fazeres e Identidades do PROMIC.....	187
APÊNDICE 4 – Roteiro de entrevista dos espaços abandonados – presencial ou online.....	193
APÊNDICE 5 – Entrevistas realizadas	194
 ANEXOS	 207
ANEXO 1 – Mídias, matérias e entrevistas de divulgação do curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina	207
ANEXO 2 – Parecer aprovado da Plataforma Brasil.....	232

PRÓLOGO

Essa pesquisa se inicia em 1994, quando uma menina de grandes olhos azuis começa a questionar: por que existiam casas abandonadas, vazias e pessoas que moravam na rua? Por que esses espaços não abrigavam todo tipo de gente, especialmente os sem-teto? Isso já era um problema social gritante na época.

A menina cresceu, tornou-se artista e arquiteta, mas as coisas que não faziam sentido algum na sua infância, continuam ainda sendo grandes interrogações. Conforme o corpo cresceu, a mente e o raciocínio crítico se desenvolveram, as injustiças sociais também aumentaram, assim como a indignação daquela menina que esbravejava com as desigualdades já nos seus primeiros anos de vida. Problemas sociais que permeavam o início da década de 1990 no Brasil persistem. E hoje ainda vemos um cenário muito parecido e que se agravou nos últimos anos, após o golpe que o Brasil sofreu no *Impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016. As injustiças sociais, já criam incômodos em crianças, e como nós adultos aprendemos a conviver com elas? É o que me questiono hoje.

Aos sete anos de idade, vivia abaixo da Avenida Leste-Oeste, num conjunto de prédios nas imediações Escola Estadual Benjamin Constant, área onde malandros e prostitutas coabitam com pessoas de baixa renda, em casas de madeira ou alvenaria, com um comércio bastante variado em que se misturavam bares, lojas, postos de gasolina e farmácias. No meu imaginário infantil, o bairro, Jardim Palmares, bem próximo da área central, era enorme. Na verdade, ele era constituído de mistos de casas de madeira e alvenaria, uma padaria, um mercado, a escola, a casa das japonesas e a feira livre que acontecia aos sábados na rua de casa. Próximo ao conjunto de prédios em que morávamos havia algumas casas abandonadas. Isso acabou sendo um enorme atrativo para mim.

Não demorou muito e convenci meus amigos a montarmos uma expedição secreta – os exploradores de casas abandonadas. Sem que nossos pais soubessem, saímos escondidos do prédio, pelos fundos, pulávamos o muro, e invadíamos essas casas. Ali entrávamos num universo quase lúdico, buscando sanar nossas pequenas curiosidades sobre o que eram aqueles lugares inhabitados.

Vidros quebrados, paredes rompidas, pisos rachados, até os descascados nas pinturas nos chamavam a atenção. Tudo era nosso ouro, nessa caça ao tesouro. Além de poeiras e insetos, que nos faziam sentir com superpoderes.

A expedição era secreta. O sigilo era absoluto entre nós. Por nada, mencionávamos qualquer coisa a respeito. De alguma forma, sabíamos que estávamos infringindo leis, mas imaginávamos que fossem apenas as leis paternas. O nosso problema foi ter deixado que o porteiro percebesse que estávamos escapando do prédio, pois saímos pelos fundos, mas voltávamos pelo portão de entrada. Ele acabou nos delatando a nossos pais. Fomos conduzidos coercitivamente para nossas casas onde passamos por um rigoroso interrogatório familiar. Como bons exploradores, não revelamos exatamente nossa missão e continuamos transgredindo. Até que um dia ao entrar numa dessas casas, lembro que eu era a primeira da fila, passei por um buraco na parede e me deparei com um prato de comida no chão. Tive a certeza de que havia gente morando ali. Meu coração subiu à minha boca, senti pela primeira vez uma sensação de pânico e comecei a berrar para os meus companheiros que vinham atrás: Abortar missão! Abortar missão! Abortar missão!

Todos saímos correndo... Nesse dia, a nossa expedição – os exploradores de casas abandonadas – a c a b o u. Mas o questionamento dentro de mim nunca morreu.

Durante anos fiquei remoendo isso e algumas vezes voltei, por minhas lembranças, nesses lugares, com as mesmas indagações daquela menina de sete anos. Até que recentemente, mais precisamente uma situação bem marcante aconteceu no dia 13 de outubro de 2018, no 16º Festival de Dança de Londrina, no Cine Teatro Ouro Verde - edifício projetado por Vilanova Artigas em 1952, arquiteto que tem força nas minhas referências na arquitetura -, e cuja construção sofreu com um incêndio dia 12 de fevereiro de 2012 e ficou abandonado por quase três anos e meio, e de onde participei do evento de reinauguração como atriz em 2017, portanto, um espaço de vasta significação para mim. A bailarina Maria Eugênia Almeida, no meio do espetáculo “Planta do pé”, contou uma traquinagem que fazia quando criança e em seguida pediu para alguém da plateia contar uma traquinagem de infância também. Levantei a mão e contei a história dos exploradores de casas abandonadas. Ela me chamou para subir ao palco e pediu para eu escolher uma música dentre a *playlist* que me ofereceu. Quando a música começou a tocar, eu sentada ali no palco, a bailarina dançando a minha história (Figura 1), vi nesse momento, o imaginário da

minha criança de sete anos se unido com a artista e pesquisadora de 31 anos, naquele momento. Assim, a "exploração" das casas abandonadas de repente estava em forma de dança ao som de "Quero voltar pra Bahia" – música de Paulo Diniz em parceria com Odibar, composta em 1970 para o amigo Caetano Veloso que estava exilado em Londres. Foi nesse momento mágico, que tive a certeza de que a minha pesquisa acadêmica de doutorado, precisava ter uma forma para além do material escrito e ganhar uma visão ampla, permitindo acesso da população a esse conteúdo.

Nós pesquisadores deveríamos ter a missão de conseguir fazer com que nossas pesquisas saíssem dos muros das Universidades. E às vezes, aqui, eu me sinto pulando o muro escondido, quase como a criança que fazia isso para explorar os espaços abandonados. A pesquisa tem o seu dever social! Foi assim que surgiu a ideia de unir arte e pesquisa, dando origem ao curta-metragem "URBEX: espaços abandonados Londrina", que se propôs a ser um curta-metragem documental, filmando inteiramente com o celular. O material produzido foi transmitido a partir das plataformas do Youtube e Instagram a fim de potencializar o acesso a esse conteúdo. Entendo que por oferecer o produto de modo gratuito, a internet tem um grande alcance, democratizando assim o acesso aos bens culturais e a pesquisa.

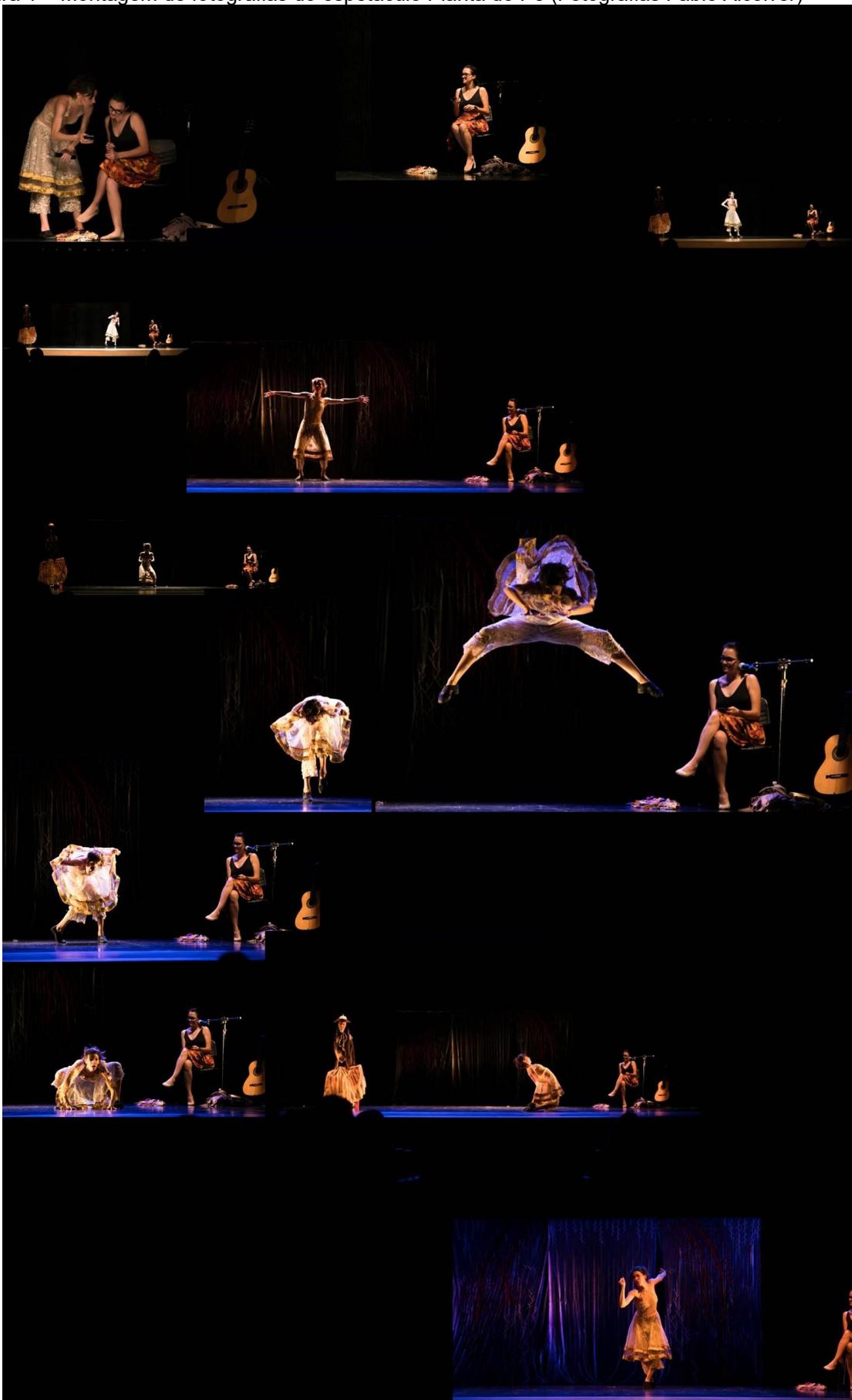
O projeto foi apresentado e difundido por meio de três vídeos que receberam recurso do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC) de Londrina, um de 30 segundos, outro de um minuto e o curta-metragem de 12 minutos e 46 segundos.

Vídeo 1 – 30 segundos: *sneak peek* URBEX: espaços abandonados Londrina.

Vídeo 2 – 1 minuto: *teaser* URBEX: espaços abandonados Londrina.

Vídeo 3 – 12 minutos e 46 segundos: Curta-metragem documental "URBEX: espaços abandonados Londrina".

Figura 1 – Montagem de fotografias do espetáculo Planta do Pé (Fotografias Fábio Alcolver)



Fonte: ALCOLVER adaptado BESSA, 2023.

Pessoas descompromissadas com a preservação da memória e de uma boa história costumam dizer que estão na vida a passeio. Eu acho bem estranha essa colocação, pois foi nos passeios que fazia com meu pai que os espaços urbanos se tornaram lugares bem cheios em meu coração. Ele me mostrava a casa que tinha morado quando criança e outras construções que marcaram a sua vida de alguma forma e assim conversávamos sobre esses lugares e essas memórias. Os anos foram passando e quando transitávamos novamente pelas mesmas localizações os lugares e as memórias haviam se perdido, onde ficava a casa que ele morava, com azulejos rebuscado de desenhos azuis próximos a porta de entrada, tinha sumido, agora era um enorme arranha-céu. Ao longo da minha vivência também vi o mesmo acontecer com os lugares que marcaram a minha infância.

Toda vida é uma construção de histórias. Espaços também são assim. Sejam públicos ou privados, eles devem - ou deveriam - ser cenários de histórias sem fim. Sinto falta de ouvir histórias com a frequência que ouvia. Elas me projetavam para um mundo de arte em constante construção. Imaginar cada possibilidade, em cada espaço, se tornou algo a pulsar em meu coração.

Acho que foi por isso que me tornei arquiteta e urbanista. Construir espaços com emoção e arte, onde histórias se eternizariam por toda a parte foi uma possibilidade que deslumbrei. E deixar o espaço público urbano com um pouco mais de felicidade foi outra realidade que projetei. Hoje sinto que a fria realidade impõe sua cara feia, mas idealizo que pensar os espaços abandonados como lugares de vidas abundantes darão novas possibilidades para a realidade que nos permeia.

Pode parecer exagero, mas não é. Espaços são memórias vivas. São pedaços de histórias bem ou mal construídas. É assim em todas as cidades ao redor do mundo. Existem espaços como esses: são casas, prédios, instituições, espaços públicos... são histórias interrompidas, abandonadas. Vidas metaforicamente assassinadas. O que era para ser duradouro, quase eterno, se torna tão efêmero como uma mente restrita, fechada. Queremos contar sobre a típica casinha de madeira tradicional em nossa cidade ou só queremos dar espaço a novos caixotes da cidade contemporânea?

Mesmo espaços que começaram a nascer com a promessa de trazer uma nova perspectiva para o setor cultural, parecem ter sido abortados. A politicalha deu lugar à falta de lugar. O que deveria ser o novo Teatro Municipal, agora é isso. Um

verdadeiro monumento ao descaso, gerando mais um abandono de prédios públicos e declarando natimorto um lugar que poderia ter salvado vidas da marginalidade por meio das artes e da cultura, por exemplo.

Muitos desses espaços geram medo, insegurança. É natural. Largados, tornaram-se abrigos para os sem-teto, dependentes químicos, marginais, para a população de rua. O que era para ser abrigo se torna uma “edificação mal-assombrada”. O que era para gerar emprego, vira um quase nada retorcido, quase pronto para ser demolido. Espaços que deram ritmo à economia da cidade, hoje são feridas abertas.

Espaços abandonados contam histórias tristes. Mas não precisa ser sempre assim. Construções deveriam ter sempre o sentido do esperançar. Cada parede erguida deve ser, sempre, um projeto de nova vida. Uma mudança de mentalidade individual e coletiva pode apontar para novos caminhos. Percursos em que o novo e o velho possam caminhar de mãos dadas.

Onde o mais recente não necessite acabar com o mais antigo, mas ambos encontrarem novos significados. Assim, a humanidade também passará a reconstruir-se interiormente. E quando uma sociedade consegue harmonizar passado e presente, é possível arquitetar um futuro mais próximo da felicidade e da sociedade justa que tanto buscamos.

E se as nossas cidades retratassem as suas narrativas destacando as melhores e piores memórias?

INTRODUÇÃO

Começo explicando como será exposto o texto para leitura, à vista de ser transparente com o leitor desde o início. Para isso vou retomar um pouco a história, começando mais precisamente na pré-história, período paleolítico, a origem do *Homo sapiens*¹. Os primeiros registros deixados pela humanidade são as pinturas rupestres, desenhos pintados em cavernas – as pinturas mais antigas encontradas são de 65 mil anos atrás, época dos Neandertais². Só na Antiguidade – mesopotâmia – veio à escrita, com a civilização suméria. O que aconteceu há apenas cinco mil anos atrás, ou seja, a humanidade se comunicou por cerca de 60 mil anos por desenhos, gestos e sons, ao invés da escrita.

Quando colocado dessa forma parece distante, mas não é quando se fala de aprendizado e descoberta do mundo. E de como isso tem a ver com desenho antecedendo as letras. Ao olhar uma criança, por exemplo, na primeira infância, antes de aprender a escrever, ela desenha, e assim flui naturalmente o entendimento. Porém, em algum momento foi colocado culturalmente que escrever era mais importante – normalmente na alfabetização – e o desenho é abandonado. Esquece-se que esse é o processo mais claro e fácil de assimilação, e por isso, ao longo desse volume teórico os textos resultam em imagens, nominados aqui Figuras, sejam diagramas ou fotografias.

O processo dessa pesquisa foi bastante similar ao exemplo citado: as imagens vieram antes do texto, como interpretação das ideias, que por vezes pareciam confusas. Assim, em um desenho tudo se tornava claro, mas a fim de facilitar a compreensão do leitor, as explicações, de forma textual, vêm primeiramente e depois a figura aparece como complemento para assimilação. O diagrama nasce do fracasso da representação do conteúdo, como afirma Giles Deleuze (1995).

Acredito também que a leitura é uma experiência única. A cada releitura ressignificamos o que lemos, e quando levamos para oralidade, ressignificamos novamente. Essa é a relação de um professor com um conteúdo, e uma dinâmica atraente. Ele é como um ator em um espetáculo cujo texto está pronto,

1 Termo vem do latim que quer dizer homem sábio, a terminologia é dada por Charles Darwin, naturalista britânico, em 1859 em seu livro “A origem das espécies”.

2 Terminologia *Homo Sapiens neanderthalensis* nome dado nos fósseis que foram descobertos em Neandertal, na Alemanha.

mas é sua atuação que pode despertar as mais variadas emoções na plateia. Por isso, a necessidade da dinâmica da escrita ser própria do autor. Ao promover suas intenções para tais experiências, desperta paixões variadas em quem recebe as informações. Na minha carreira de professora universitária pude vivenciar essa realidade em sala de aula, ao ver a reação dos alunos de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Norte do Paraná (Unopar), quando atividades em que desenho e escrita estivessem em ação.

"Uma imagem vale mais que mil palavras". O ditado popular é uma das grandes referências para que tudo o que aqui foi escrito traduzisse o meu desejo de levar essa tese a cabo. Assim, o enunciado da sabedoria popular cabe como uma luva para essa pesquisa e para mim enquanto pesquisadora e ser humano. Eu, sempre que pude, escolhi a imagem ou a Arte como forma de comunicação. A academia e a escrita chegaram depois para o meu modo de compreender o mundo. Ainda hoje percebo dificuldades em colocar o que vejo em palavras. A imagem, o som e o desenho são mais expressivos e de fácil entendimento; por isso já preparamo você para um volume nada extenso, recheado de imagens e arte, por meio das poesias que dão início aos capítulos e um curta-metragem com link para acesso no Apêndice 1.

Uma das bases para esse volume teórico é o livro *Saber Popular, práxis territorial e contra a hegemonia* do Marco Aurélio Saquet (2019) que tem a essência a sabedoria popular como extrema riqueza do conhecimento. Por isso, inicio com o olhar de observação e curiosidade da menina de 7 anos, mas que cresceu e descobriu um ouro valioso nos livros, nas histórias contadas com começo, meio e fim, e que quando seu olhar encontra as construções abandonadas vê histórias interrompidas. Elas passam a ser mais como um quebra-cabeça que só tem algumas peças. Talvez esse seja o meu grande tesouro aqui, tentar completar um pouco mais essas narrativas incompletas e transformá-las em corpo de uma tese. Um passo ousado para uma menina que só queria ocupar os espaços abandonados das redondezas de sua casa.

Aprendi com os livros (*Cidade para pessoas*, de Jan Gehl, 2010; *Morte e vida das grandes Cidades*, de Jane Jacobs, 2014; *A cidade a nível dos olhos: lições para os plinths*, de Jeroen Laven, Hans Karssenberg, Renee Nycolaas, Paulo Horn Regal, 2015) que a cidade pode ter vários fatores para possibilitar maior qualidade de vida aos seus cidadãos, e que os espaços são construídos por muito mais coisas que eu imaginava (*O direito à cidade*, 2010; *A produção do espaço*, 2006; ambos de Henri

Lefebvre e a infinidade de livros, poemas e dramaturgias de Bertold Brecht). Mais que pisos, paredes, janelas e tetos, os espaços são constituídos de pessoas, de contextos, de políticas, nos quais o abandono faz parte delas e dos seus contextos, histórias fragmentadas, mas que de alguma forma ao meu olhar podem se tornar em Espaços de esperança (David Harvey) nessa Londrina.

As referências para a captação das imagens e direção do curta-metragem que será apresentado como parte desse material, tem como nome principal o cineasta, documentarista e jornalista brasileiro Eduardo Coutinho, especialmente em seus filmes: Jogo de cena e Edifício Master. Foi despertado um olhar diferenciado para com a cidade e sua paisagem sonora a partir do documentário dirigido por Suzana Reck Miranda e Mario Casettari, a Carta Sonora, gravado em São Paulo.

Não há como não mencionar o trabalho da Janete El Haouli, musicista, artista sonora, produtora cultural, pesquisadora e professora aposentada do curso de música e teatro da Universidade Estadual de Londrina (UEL), que foi a primeira a me mostrar esse universo da paisagem sonora.

O menino e o mundo, animação de Alê Abreu, foi outra referência na forma de contar uma história de transformação do espaço rural ao urbano, do capitalismo à arte, por meio do olhar lúdico da criança à vida adulta. É preciso mencionar que para os diagramas tenho como base Deleuze, Guatarri, Rolnik, Passos, Kastrup, Escóssia. Outro autor em minhas buscas por completar histórias interrompidas é Brecht, que escreveu muitas dessas que estavam se perdendo durante a 1^a e 2^a Guerra mundial, por meio de poesias e dramaturgias criadas com base em recortes de jornais.

Para o curta-metragem foi utilizado "urbex" como título principal, que vem da abreviação da frase *Urban Exploration* (Exploração Urbana), que consiste na investigação de estruturas construídas pelo homem, geralmente em estado de ruína e/ou abandono, ambientes não frequentados no cotidiano. Esse foi escolhido para dar visibilidade ao tema aos que se interessam por esse assunto.

Um dos desafios dessa pesquisa que foram para além da tese, foi escrever um roteiro, dirigir e captar o meu primeiro curta-metragem, a fim de valorizar a minha origem, as histórias da minha cidade, local onde nasci, a minha pequena, a minha grande Londrina.

A primeira ação de comunicação do Projeto foi a criação de uma página no Instagram, que foi chamada de @urbexlondrina. Essa hospedou imagens,

o *teaser*, o *sneak peek* e as exibições do curta-metragem, URBEX: espaços abandonados Londrina. Os links para assistir encontram-se no Apêndice 1 (a sugestão évê-los no começo dessa leitura).

Todas as ações contidas no plano de desenvolvimento do trabalho foram registradas e compartilhadas pela rede social, como forma de informar o público sobre a existência do projeto e instigar sua curiosidade, gerar interesse e questionamentos. A produção do curta-metragem documental sobre os espaços abandonados de Londrina teve exibição por três dias, 29, 30 e 31 de março de 2022, nas plataformas do Youtube (canal Raíssa Bessa Ateliê) e Instagram (@urbexlondrina).

O registro e a difusão da memória do município de Londrina são fundamentais não apenas para esse trabalho, mas até como embasamento para pesquisas futuras. A partir de exibições gratuitas e divulgadas em diferentes veículos de comunicação (Anexo 1), almejou-se difundir e democratizar uma obra local que tem como tema justamente a nossa gente, a nossa história e os nossos espaços abandonados. E assim, sensibilizar o público à reflexão em relação a memória contida nos espaços produzidos.

O abandono dos espaços urbanos vem se tornando cada vez mais comum na realidade dos municípios brasileiros, com isso toda uma dinâmica se modifica e a paisagem urbana é alterada. As discussões atuais têm se concentrado em uma busca por um sistema que funcione melhor para toda a população, porém, essa realidade é complexa devido às necessidades e desigualdades sociais.

A tecnologia disponível atualmente e a pandemia do COVID-19 fizeram com que os cidadãos se isolassem cada vez mais em seus ambientes. O medo assombra a cidade, como se essa fosse o mal que habita nos lugares comuns e por isso cada um se fecha mais em si e os espaços urbanos vão sendo abandonados, esquecidos. Os espaços públicos se tornam mais escassos e o privado é valorizado, tendo o medo como grande aliado. O cinema, por exemplo, sai da rua e vai para dentro de um shopping, afinal de contas a “rua é perigosa”. E a rua que conecta residências, comércios, praças, restaurantes, e o mais importante cria vínculos entre as pessoas, agora dá lugar ao automóvel e interliga estacionamentos. Com isso, a cidade vai esquecendo o diálogo e as conexões dos habitantes com os lugares, as histórias e a vida urbana vão se perdendo em meio ao caos. Que segundo Jacobs (2011), é a causa da morte das nossas cidades.

A ideia foi promover reflexões acerca dos espaços abandonados, considerando a realidade atual e compreendendo o contexto de cidade viva, aliando a estética e a forma urbana priorizando o indivíduo e o seu dia a dia, por meio de uma estrutura planejada que une o paisagismo, a mobilidade e a permanência nos espaços urbanos em harmonia, com segurança e vida na rua, construindo assim um espaço com vivacidade.

A pesquisa é resultado de uma inquietação envolvendo os espaços abandonados do município de Londrina. Buscou-se entender a história que as pessoas criaram com esses ao longo dos anos, construindo uma identidade local. Essa aconteceu por meio da observação dos espaços abandonados e passantes, criação de um curta-metragem que os registra no momento atual e entrevistas com residentes do município.

Essa tese tem como pressuposto que os espaços abandonados interferem na vida de todos que residem ou circulam pelo município, essa relação entre o indivíduo e o seu local de permanência ou transição pode gerar signos, significados, experiências, memórias, pontos de referências, entre outros elementos. Enfim, cada pessoa traduz a sua cidade de uma maneira única, refletindo suas ações e histórias vividas nesse contexto urbano. Assim, a pesquisa permeia os espaços abandonados criando uma poética urbana, onde os lugares mediante as memórias significam bairros, alterando as histórias e afetando a dinâmica das cidades. Nesse sentido, comprehendo que por mais que tente não consigo ser isenta, sou a parte ativa, o material foi conduzido pelo olhar da pesquisadora em questão.

O cenário atual dos municípios são produtos de uma sociedade moderna, ditado principalmente pela modernização intensificada no último século, que propõe uma modificação constante. O que faz com que novos espaços surjam para suprir uma demanda mais tecnológica, enquanto outros se tornam obsoletos. Muitas vezes é assim que começam aparecer os espaços abandonados, esquecidos pelo Estado, quase invisíveis nas cidades, ou seja, aquilo que não se quer ver, histórias ocultadas, espaços que viram lendas urbanas – não se sabe ao certo o que realmente é ou foi.

O desconforto da população na convivência com os espaços abandonados, seja por sua estética, por promovem estranheza ao primeiro olhar, em outras ocasiões é o odor que provoca repulsa, pois como não há pessoas nesses espaços, não se têm manutenção, o cheiro pode ser um tanto quanto desagradável.

Além do medo, o risco promovido nesses espaços é eminentes, criando locais de insegurança, e em algumas situações modificando as rotas escolhidas pela população.

Questionamentos como: Quais são as histórias desses espaços? Há quanto tempo esses espaços estão abandonados? Como os cidadãos da região lidam com o abandono? Perguntas que se procurou respostas à proporção que a pesquisa aconteceu.

Os objetivos específicos foram construídos em torno de: compreender o motivo do abandono dos espaços; analisar os impactos formais, funcionais, simbólicos e políticos desses locais em Londrina; discutir o papel de cada construção abandonada selecionada e sua representação; mapear alguns desses espaços e sua alterabilidade no curso do tempo. Para isso adotou-se o método regressivo-progressivo e o método Brecht, investigando a história e contexto local pelos documentos oficiais e artísticos, fazendo a observação do objeto, a fim de perceber dinâmicas e sensações de uma população que convive com esses espaços em seu cotidiano, promovendo uma sensibilização e análise crítica ao público por intermédio de um curta-metragem. Posteriormente aplicando e tabulando as entrevistas aprovadas pelo Comitê de Ética da Plataforma Brasil (Anexo 2). Com a tese de que alguns dos espaços que estão abandonados podem ser significativos para a memória da cidade, do bairro e da população local.

Assim, encaminhou-se o percurso de delineamento dessa pesquisa (Figura 2) tendo como tema os espaços abandonados, como alvo valorizar a história e memória da cidade.

Figura 2 – Delineamento de pesquisa da tese



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

Com o delineamento traçado percebeu-se que parâmetros precisariam ser intitulados, para que assim a pesquisa não se perdesse ao longo da jornada percorrida. Em específico, dois conceitos se destacaram como parâmetros a serem nominados: os espaços abandonados e os espaços públicos, tendo em vista determinar o que esses englobariam.

Para elucidar os parâmetros utilizados na tese, foram considerados espaços abandonados às estruturas não finalizadas, construções que já possuíssem algum tipo de degradação por causa do tempo de abandono e/ou estivessem desocupadas aparentemente desde o térreo. Para os espaços públicos, a rua – via e passeio – pois é assim que se estabelece a relação entre as pessoas e os espaços abandonados (Figura 3).

Figura 3 – Parâmetros



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

A hipótese apresentada é que os espaços urbanos abandonados podem ser espaços significativos para a memória da cidade, porém vêm se tornando elementos simbólicos de medo, insegurança, incômodo e até invisibilidade para a população.

A configuração escolhida foi de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo analítico que busca por meio de observação dos espaços abandonados, *in loco*, relatar como esses podem ser significativos para a memória e identidade da cidade. As técnicas de pesquisa utilizadas foram registros iconográficos (fotografias e vídeos), documentos da história local (oficiais e artísticos), criação de um curta-metragem e entrevistas (Figura 4). A pesquisa qualitativa não busca identificar proporções regulares, mas sim a visão dos atores sobre determinado tema proposto. Por isso, não é possível prever o caminho do trabalho, mas é necessário percorrer essa trajetória entre campo e teoria simultaneamente.

Figura 4 – Técnicas



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

A presente pesquisa foi embasada tanto em dados primários, que partiram dos registros dos espaços abandonados e história local, bem como dados secundários que deu voz ativa as pessoas entrevistadas. Estabelecendo uma correlação com os principais fatores que se destacaram para identificar os impactos simbólicos, políticos e históricos.

No município de Londrina, o recorte geográfico dessa pesquisa, com foco nos espaços abandonados, destruiu-se quase completamente a primeira Catedral, o Ginásio Colossinho e o primeiro prédio do Colégio Londrinense, ignorando por completo seu valor arquitetônico e histórico. Graças à intervenção de um movimento de resistência a antiga cadeia da Rua Sergipe não foi demolida e hoje é um edifício recheado de memórias.

Fazendo uso do método regressivo-progressivo foi investigado o local, para entender o momento atual, em uma relação de passado, presente, futuro e mundo virtual, contrapondo documentos da prefeitura e artísticos, a fim de visualizar de forma descolonial a evolução urbana de Londrina, para assim destacar a memória dos espaços abandonados.

O método Brecht foi ao encontro da pesquisa-ação para que houvesse uma sensibilização do público com a temática dos espaços abandonados frente a população local. Com a lei de incentivo à cultura da cidade, o PROMIC, foi aprovado um projeto (Apêndice 3), permitindo a criação de um material em audiovisual com o apoio da Secretaria de Cultura de Londrina e alcançou mais de 1.200 visualizações em três dias de exibições online. Na etapa seguinte de distribuição do curta-metragem, houve a apresentação do material no 24º Festival Kinoarte de Cinema, de forma presencial, enchendo uma sala para 500 pessoas.

A arte unida a ciência emociona, torna pessoal uma temática que pode parecer distante, é o ponto de encontro entre pesquisa e público, isso ficou visível nas entrevistas realizadas, quem viu ao curta-metragem se colocou de forma mais crítica em uma análise elaborada, sensível e com identificação à temática; as pessoas que não tiveram contato com o material reagiram de maneira mais prática e distante.

Os espaços abandonados podem remeter às memórias que estão sendo apagadas da cidade, permeiam indagações de preservação da história e de como o poder público poderia agir nesses locais.

Para que as marcas do desenvolvimento apareçam, faz-se necessário apagar o passado, defender o conhecimento científico moderno, estabelecendo que o progresso não é um aliado da preservação. Para o novo surgir, o velho precisa morrer, desaparecer. Ao conceber e colocar essa ideia em prática, um pouco da história de comunidades, grupos religiosos, políticos, sociais e núcleos familiares são completamente destruídos. O que resta são apenas memórias guardadas nas mais íntimas lembranças, mas sem o alcance visual. Só a mente consegue transitar por esses espaços que não existem mais fisicamente. Quando não são destruídos, os espaços são simplesmente abandonados, sendo apagados lentamente. Assim como um ser humano que, vitimado por grave doença, vê o corpo perdendo a força, o vigor, os espaços vão perdendo suas histórias e gerando outras, normalmente que marcam a exclusão ou a indiferença dessa sociedade de múltiplas presenças e variadas prioridades, que nem sempre são aliadas da história.

No primeiro capítulo é dado enfoque no procedimento metodológico, mostrando o percurso caminhado do método regressivo-progressivo, que investigou a história e contexto de Londrina, ao método Brecht, buscando na arte um ponto de sensibilização da população com a temática por meio da pesquisa-ação.

No capítulo seguinte abordou-se os espaços abandonados e sua relação com as pessoas promovida pelo espaço público, analisando como a paisagem urbana é uma referência na memória da cidade e dos bairros, passando pela história de Londrina em uma visão descolonial, por meio dos registros artísticos, culminando na evolução urbana das cidades e de Londrina.

A Arte e a ciência, tema do capítulo 3, foram vistas como potência quando caminham de mãos dadas. Assim, buscou-se referências visuais, sonoras e narrativas, para contextualizar os espaços abandonados escolhidos, por meio de uma

narrativa poética, sonora e imagética em um curta-metragem (Apêndice 1). A jornada foi de pré-produção, produção e pós-produção – pois ainda há um futuro para o material audiovisual após a apresentação desse conteúdo escrito.

Finalizando no capítulo que conecta os abandonos dos espaços com as histórias esquecidas e memórias apagadas, analisa-se as dez entrevistas, organizadas em dois grupos focais: um que assistiu ao material produzido em audiovisual e outro do entorno dos espaços abandonados.

1 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviámos.

A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e morticínios.

Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria.

Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco.

Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

Caminho da vida – Charles Chaplin

Figura 5 – Espetáculo Mãe Coragem e seus filhos (Bertolt Brecht)



Fonte: Acervo pessoal BESSA, 2016.

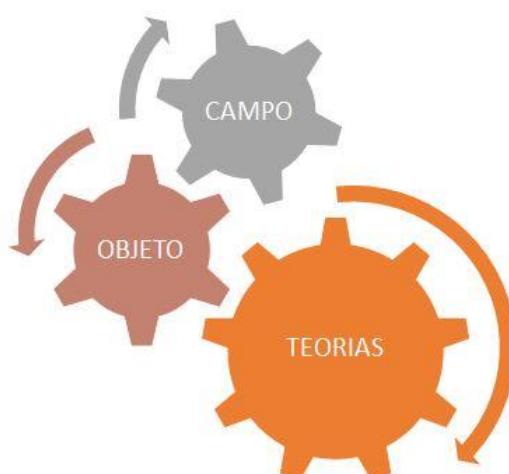
No presente capítulo, serão citadas algumas técnicas que foram percorridas no caminho da pesquisa, e que fizeram base para a reflexão dessa. Para tanto, caminhar por documentos da história local, analisando por meio do método regressivo-progressivo, até chegar a um no qual fosse possível a união da arte e da ciência, e que fosse encontrada como base dos registros históricos da cidade para a pesquisa-ação. Foi assim que se optou pelo método Brecht. A ideia desse capítulo é facilitar a compreensão de tais técnicas apresentando-as de forma sucinta e objetiva.

Ao adotar o Método Brecht como procedimento metodológico, pretendeu-se aproximar a ciência da arte, pois utilizar de um material em audiovisual como forma de alcançar o público para sensibilizá-lo com o tema pesquisado foi um desafio enfrentado nesse percurso, mas que trouxe resultados incríveis, que vão além do almejado inicialmente.

A primeira importante técnica de análise foi a visualização que campo e teoria são indissociáveis, visando o cotidiano em uma pesquisa empírica coloca em evidência a voz da população e busca uma ciência não pautada apenas em grandes autores, mas que vê o povo como parte do conhecimento e do saber local (SAQUET, 2019).

Santos (2010) foi um dos suportes do entendimento que campo (realidade), objeto e teoria caminham juntos para um conhecimento científico. É como uma engrenagem que precisa que as peças estejam ligadas para que cada uma alavanque a outra (Figura 6), assim o campo traz uma maior compreensão sobre o objeto pesquisado e gera clareza significativa das teorias.

Figura 6 – Método campo e teoria indissociável – Boaventura Santos (2010)



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

Mas o contexto acima não solucionava a inquietação relacionada ao meio urbano. No século XXI o caos que tomou conta das cidades grandes e médias ao redor do mundo se deve a muitos fatores, dentre eles os avanços tecnológicos, a aglomeração de pessoas em um espaço geográfico e a velocidade dos transportes automotivos. Tudo acontece muito rápido, mudanças e transformações do espaço urbano estão presentes no cotidiano das pessoas, a rua permeia a percepção e vivência dos indivíduos nessa alteração física e social. Assim, se torna complexa essa abordagem.

Inserir a pesquisa no momento e contexto atual foi necessário para esclarecer processos em uma análise mais profunda. Por outro lado, visualizar o território apenas no presente não é suficiente (SPOSITO, 2009), pois passado e futuro estão interligados com a atualidade em uma relação de tempo indissociável. Por isso, o método regressivo-progressivo de Lefebvre (1973) fez parte desse percurso.

1.1 Método regressivo-progressivo

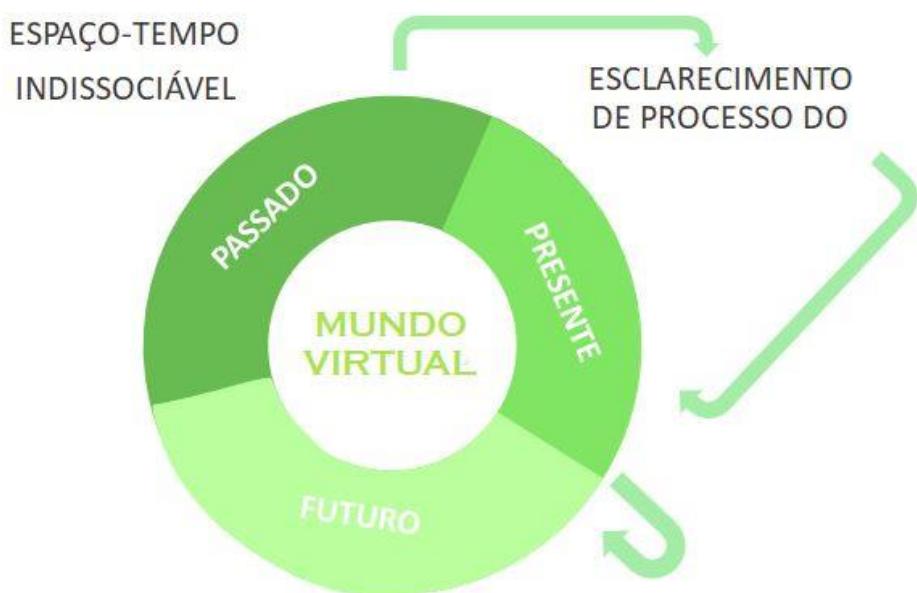
O método regressivo-progressivo (LEFEBVRE, 1973) percorreu tais caminhos, em primeiro plano ele é concebido para uma realidade rural, mas já foi constatado que esse procedimento científico é efetivo para estudar a realidade urbana (FREHSE, 2001). O método parte da realidade atual, mas volta para o passado a fim de esclarecer processos ocorridos no espaço, para então poder gerar apontamentos válidos para o futuro. Assim aplica-se o movimento de duplo sentido: o regressivo parte do atual, que compreende a realidade virtual, para o passado, e o movimento progressivo que a partir de uma conclusão do movimento regressivo consegue apontar novas soluções pensando no futuro.

O método regressivo-progressivo é dividido em três etapas: campo, sistematização temporal dos dados e análise geral; a primeira é descritiva, e nela é realizada a observação do objeto de estudo, para, posteriormente ser feita a descrição dos fatos e relações sociais ocorridas com o embasamento nas teorias estudadas; já a segunda é analítica, e passa ao momento regressivo no qual a partir da realidade descrita é verificada as temporalidades, fatos e fenômenos encontrados; e na terceira

etapa nomeada como histórica-genética ou regressiva-progressiva em que é pensado e questionado o futuro por meio do passado (FREHSE, 2001).

A compreensão histórica e documental dos espaços faz com que se tenha outro olhar para o entendimento presente, assim se esclarece os processos urbanos e se visualiza um possível futuro. Nesse entendimento fica claro o quanto tempo e espaço são indissociáveis, e se ligam com esse mundo virtual que une passado, presente e futuro (Figura 7).

Figura 7 – Método regressivo-progressivo – Henri Lefebvre (1973)



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

Porém, para o caso de Londrina, percebeu-se lacunas na história documental, como será relatado no capítulo 2. Os documentos oficiais mostram uma narrativa contada a fim de interesses imobiliários, que ainda é fortemente presente até os dias atuais da cidade, setor que, muitas vezes, influencia até mesmo em elaboração de leis que sejam exclusivamente favoráveis aos seus interesses.

Por isso, além dos materiais disponibilizados pela prefeitura, foram analisados documentos artísticos, culturais integrantes do acervo do museu histórico de Londrina que revelam a história da cidade por diferentes versões criando um panorama de reparação histórica e descolonial.

As etapas foram realizadas, primeiro partindo para a observação do espaço abandonado, percebendo seu estado e relação com a cidade por meio do

espaço público, da rua, inserido no cotidiano da população, executando a parte descritiva por meio de imagens e relatos. Na sequência partiu para a análise das teorias em relação ao espaço urbano, descritas no capítulo seguinte, e por fim uma análise histórica da cidade contrapondo documentos oficiais e artísticos em uma evolução urbana para um posterior questionamento proposto pelo método Brecht descrito a seguir.

1.2 Método Brecht

Foi a partir de um estudo das técnicas apresentadas no tópico anterior que foi escolhido, o método Brecht, visto que a arte representava o preenchimento de grande parte das lacunas históricas. Bertolt Brecht foi um dramaturgo que viveu a primeira e a segunda guerra mundial na Alemanha, e fez de suas obras críticas à sociedade, ao mundo capitalista e aos tempos sombrios que passou, escrevendo poemas, teatros e contos. Fredric Jameson (1999) traz uma informação até então desconhecida: de que muitas mulheres escreviam junto com ele, mas era ele quem assinava os textos para ter repercussão, já na época textos de autoria feminina ainda eram vistos com restrições pela sociedade alemã, tradicionalmente falocêntrica.

De acordo com o pesquisador estadunidense, Brecht por meio de reportagens e observação do momento vivido por ele, transformou a realidade em textos críticos, poemas e memórias, criando um material que relatou, denunciou e criticou a realidade na qual vivera em sua terra (JAMESON, 1999). Exemplos disso são as dramaturgias como *Mãe Coragem e seus filhos*, em que uma mãe vai perdendo todos os filhos em meio à guerra, e junto com eles o pouco que tem, ou *A Santa Joana dos matadouros*, que é permeado de conflitos religiosos e questões políticas. Em seu livro de poemas (*Poemas 1913-1956*) uma denúncia clara de um tempo em que o trabalhador não tinha nenhum direito, no qual as minorias eram massacradas, uma realidade ainda muito próxima com a atual.

Hoje emerge a necessidade de denúncia e de provocar um olhar crítico sobre o descaso com esses espaços abandonados e com a tentativa de apagamento da memória desses lugares. Na verdadeira guerra de narrativas em que vivemos, e no qual informação é tudo. Assim fica difícil saber o que importa ser guardado como história da cidade.

A metodologia aplicada a essa tese parte de uma representação estética para assim ativá-la, ou seja, traduzi-la de forma prática e original em um material em audiovisual, denunciando de forma crítica para a população tal tema e registrando como esses espaços abandonados se encontram atualmente. Bertolt Brecht, como dramaturgo, buscou na tríade de Cícero, comover e divertir; por meio de palavras a significar uma época, tempos sombrios como ele mesmo chama e de muita tristeza, guerra e fome. Uma batalha diária para a humanidade se manter viva em solo. Assim, por meio de dramaturgias e poemas Bertolt Brecht criou um método, segundo defesa de Fredric Jameson (1999).

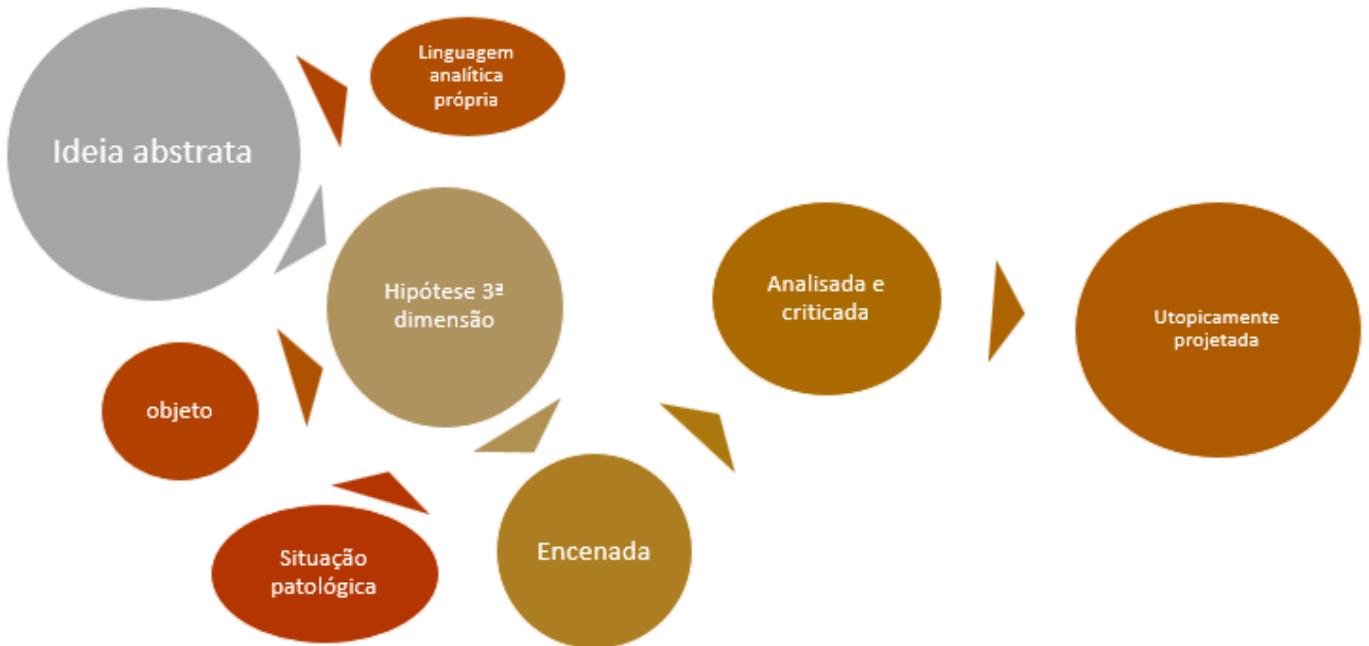
O método consiste em traduzir as camadas históricas sobrepondo-se no tempo e espaço, sendo as camadas tudo que se cristalizou por meio de um processo de trabalho ao longo do século, levando em consideração a arte. O tempo, uma poesia ocasional; as histórias, múltiplas sequências de ocasiões. Para Brecht a maior camada era a do teatro, era onde ele realizava um experimento coletivo como expressão ou experiência (JAMESON, 1999).

Hitler foi um divisor de águas no espaço e no tempo de Brecht. Os tempos sombrios se revelaram ainda mais escuros e a arte perdeu espaço. Os livros foram queimados e os artistas perseguidos, mas Brecht não desistiu, e em meio às sombras criou arte, refez histórias, revelou-se como um dos maiores dramaturgos do seu século.

O estilo Brechtiano desvia do curso comum, percorre o passado vivenciado pelo escritor para refletir em sua arte “[...] seu segredo é uma lembrança única confinada ao corpo do escritor” (JAMESON, 1999, p.40). Adotando o desprezo do ator ao invés de eliminá-lo para construção da narrativa, criando assim a opinião do público, Brecht fala que todos somos atores representando uma vida social e cotidiana.

No método proposto, Brecht adota um sistema que visa educar educadores, segundo Jameson (1999), pois se propõe por meio de uma ideia abstrata, até chegar em uma linguagem analítica própria, criando-se uma hipótese de terceira dimensão. Nesse caso é o objeto e sua situação patológica o cerne do método. Dessa maneira, encenar e com isso passar por uma análise crítica chegando assim no resultado utópico e projetado (Figura 8).

Figura 8 – Método Brecht



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

“A arte em seus estágios iniciais é ciência; a ciência em sua forma suprema é arte” (IYENGAR, 2005, p.15) assim o artista recorre à técnica e o cientista à verdade, mas ambos buscam compreender o mundo ao seu redor e criticá-lo de maneira sábia.

Foi dessa maneira que foi organizada essa pesquisa, aplicando o método Brecht, ou seja, a valorização das memórias, histórias e significados. Essas se constituíram nos pilares que sustentam o presente trabalho tendo como objeto os espaços abandonados e a perda dessas memórias significativas que constituem identidades para a cidade pesquisada. A partir disso foi elaborado o roteiro de um curta-metragem (Apêndice 1) como atividade de extensão da própria tese. O referido projeto audiovisual foi aprovado no PROMIC para acontecer durante o ano de 2022 (Figura 9).

Figura 9 – Método aplicado a pesquisa



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

O estranhamento é parte do percurso traçado no método Brecht, ele provoca o espectador a analisar, criticar e refletir sobre o tema proposto (JAMESON, 1999). Nessa pesquisa procurou-se inserir o público na perspectiva dos espaços abandonados, com restos de materiais de construção espalhados, vidros quebrados, paredes descascadas, dentre outras coisas, o que produz esse estranhamento, mas mais que isso: aqui a busca foi conduzir por meio de um material audiovisual a pensar o que seriam esses espaços se tivessem ativados, quais memórias construiriam, quantos empregos gerariam e sensibilizar as pessoas com a temática levando-as às suas memórias pessoais com os espaços urbanos. O método Brecht percorreu a pesquisa-ação e encontra-se nos itens 3, 4.1, nos Apêndices e no Anexo 1.

No próximo capítulo o foco da tese, os espaços abandonados, serão abordados e inseridos no contexto local, Londrina, no qual será apresentado um panorama histórico da cidade colocando em prática o método regressivo-progressivo.

2 ESPAÇOS ABANDONADOS

Primeiro levaram os negros
 Mas não me importei com isso
 Eu não era negro
 Em seguida levaram alguns operários
 Mas não me importei com isso
 Eu também não era operário
 Depois prenderam os miseráveis
 Mas não me importei com isso
 Porque eu não sou miserável
 Depois agarraram uns desempregados
 Mas como eu tenho emprego
 Também não me importei
 Agora estão me levando
 Mas já é tarde
 Como eu não me importei com ninguém
 Ninguém se importa comigo.

Intertexto – Bertolt Brecht

Figura 10 – Barracão que abrigava sacas de café em Londrina



Fonte: BESSA, 2023.

A cidade é um lugar que possui fragmentos de passado e presente, é quase como um museu a céu aberto como afirma Argan (1998). Ela traz consigo histórias, memórias e arte na sua expressão de ser, nas construções, nos paisagismos, nas vias, nas calçadas, nos lotes. Desde as linhas urbanas projetadas e planejadas, até o crescimento desenfreado, tudo é parte da história da cidade e se faz importante para que seus cidadãos venham a entender os processos urbanos que se passaram por ali, como a cidade se formou e se transformou no que é no presente. Se o passado se apaga, a história se perde, e com isso não apenas os espaços se transformam, mas a memória da cidade passa a ter lacunas que se perdem em meio ao novo que é construído.

A cidade é um sistema de informação e comunicação, tudo nela se traduz como elementos de imagens, estética e de notícia. A cidade se comunica todos os dias com os seus cidadãos, promovendo maior qualidade de vida ou maior estresse. Tem caminhos arborizados ou vias sobrecarregadas de automóveis, com praças floridas ao longo do percurso ou construções abandonadas. Assim vai se criando a linguagem que a cidade transborda, e cada uma tem a sua própria linguagem ao redor do mundo, a arte em se comunicar (ARGAN, 1998).

“Não há história sem narração, não há narração sem linguagem [...]” (ARGAN, 1998, p.19) a linguagem se mostra de muitas formas, seja pela palavra escrita, pela imagem, pelas construções. O que reflete a importância de passar a história de uma geração para a outra faz se necessária. Antes os avós contavam as suas histórias e as das cidades para os seus netos em momentos de reuniões familiares. Hoje os netos estão em frente das telas, e a informação que chega é a gerada por um algoritmo que visa a pessoa como um consumidor do mundo capitalista em que vivemos. As histórias estão sendo perdidas, seja pela falta da narração oral ou pela falta de preservação dos espaços.

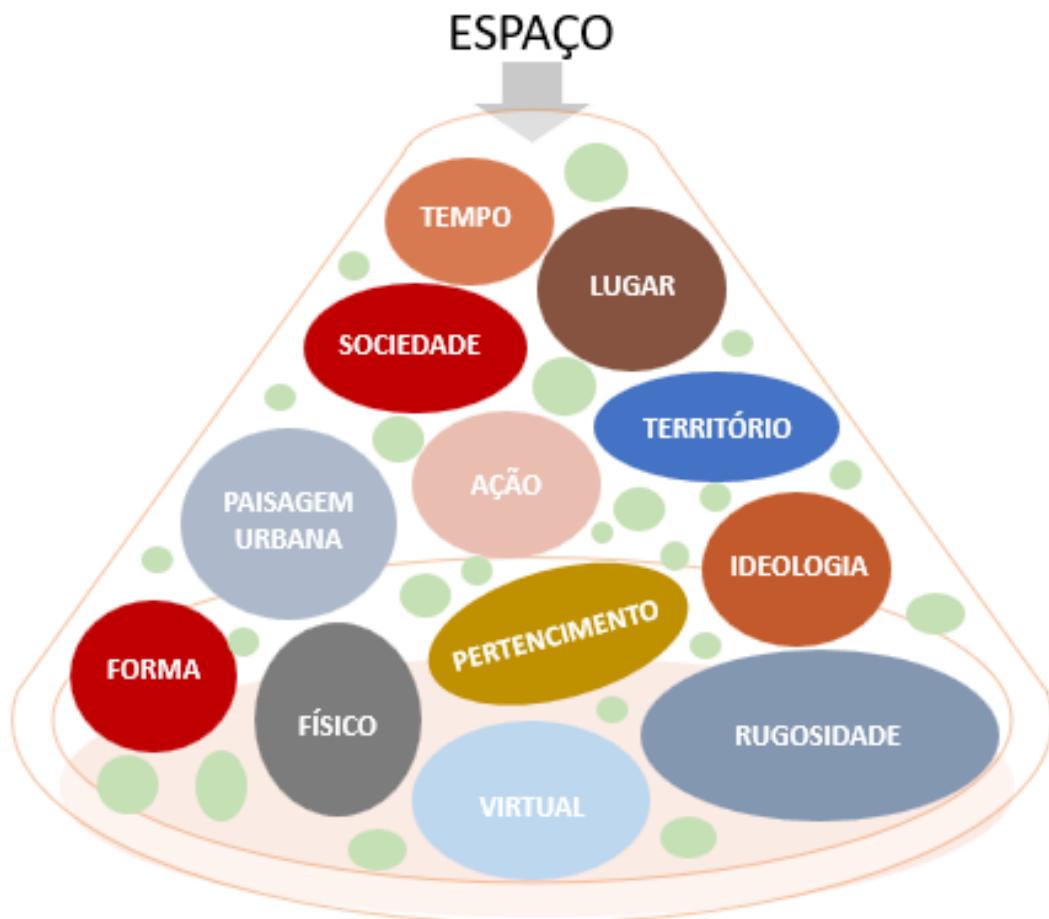
Quando se perdem as narrações pessoais, perdem-se as memórias das cidades, das construções e dos habitantes que vivem ali. É um processo de abandono das memórias. Os espaços abandonados são reflexos da ausência de interesse em manter viva a imagem que a cidade constituiu. Normalmente isso é promovido a partir da especulação imobiliária, visando a desvalorização do lote para adquiri-lo em baixo preço e assim construir e valorizar o novo que se fará ali.

Desse modo, se faz necessário compreender um pouco sobre espaço geográfico, abordado nas teorias propostas por Milton Santos, David Harvey, Dorren

Massey, Henri Lefebvre, Kevin Lynch, Jane Jacobs, Jan Gehl, Yi-Fu Tuan e outros que aparecerão ao longo da pesquisa. Esses propõem um olhar para o espaço de modos distintos, criam intersecção e por vezes os discursos se unem ainda que utilizem nomenclaturas diferentes para significar fatores semelhantes. Na busca por compreender pontos de convergência do conceito de espaço criou-se a Figura 11.

Inicialmente destacaram-se três elementos formadores do espaço: tempo, território e sociedade, e assim novas camadas surgiram. A cada novo olhar sobre o espaço, novas conceituações, mais autores. O espaço aqui conceituado é como uma solução química que dependendo do microscópio mais moléculas se tornam visíveis. Na Figura 11, foram nomeadas apenas algumas dessas moléculas, mas é um funil que quanto mais discutido mais ampliada é a visão sobre o espaço.

Figura 11 – Compreensão de espaço



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

O espaço na contemporaneidade, revela-se mais complexo e difícil de ser definido em palavras, pois ele transcende essa forma de expressão. Até mesmo

os autores destacados utilizam-se de mais de uma conceituação para conseguir esclarecer esse objeto, o que revela que a definição de espaço geográfico se configura como multiconceitual.

Espaço pode ser absoluto, mas também abstrato; dinâmico mesmo sendo estático; único, porém plural; individual, no entanto coletivo. É passado, presente e futuro. Pode ter significado para um indivíduo em um dado instante e se modificar em outro momento. Ao mesmo tempo pode não significar para outra pessoa ou trazer outros significados bem opostos. Há, de fato, uma complexidade de conceitos para traduzi-los apenas em palavras.

O tempo, um dos componentes que modifica a visão das pessoas ao longo dos anos sobre um mesmo espaço, pode alterar a forma como a cidade enxerga aquele local. No passado pode ter tido uma função, no futuro outra. Além disso, o tempo é um fator decisivo na imagem que se constrói do espaço, como é o caso dos espaços históricos urbanos. Em Londrina o Cine Teatro Ouro Verde nasce como cinema e ponto de encontro da sociedade da década de 1950, passando por diversas transformações ao longo das décadas seguintes, hoje marca a história local, com uma função maior de espaço de apresentações do que de cinema. Bairros inteiros que nem faziam parte do espaço urbano no passado, atualmente são regiões valorizadas. O tempo marca o passado, determina o presente e idealiza o futuro.

A forma espacial pode determinar a vitalidade do lugar. Ela determina se mais ou menos pessoas vão utilizar aquele espaço de acordo com algumas premissas: se o local promove mais atividades ao ar livre, se possui uma infraestrutura de iluminação, se é murado ou tem janelas voltadas para ele, se possui mais vegetação ou menos, se tem passeio ou ciclovía, entre outras. As pessoas são as responsáveis por promoverem a vitalidade, tornando o local mais atrativo ou até mesmo mais político na cidade. Lynch (1999) atrela o espaço a esse fator, relacionando-o ao bem-estar, a saúde física e mental da população. Já para Jacobs (2011) a vitalidade está ligada diversidade de usos, quando uma rua por exemplo possuí comércios, residências, escolas, tirando a monotonia da setorização dos planos diretores, deixando o espaço mais atrativo e seguro para as pessoas.

Ainda assim, é difícil determinar apenas um fator para a vitalidade urbana. São múltiplos aspectos na cidade contemporânea que o determinam, entre eles: o espaço físico, a política local, a vida social e cultural, a economia da cidade e do país vão ser imprescindíveis, segundo Secchi (2006).

A forma é que permite acesso a uma determinada população. É a que diz quem frequentará aquele espaço, assim dando um devido sentido a ele, muitas vezes é ela que permite a eficiência e a acessibilidade. A forma permitirá que o espaço passe por alterações futuras e dirá se esse terá adequação à escala da cidade e dos espaços ao redor (LYNCH, 1999). A forma sozinha é apenas um item, mas atrelada a outros fatores das cidades pode ser responsável por muitos benefícios ou dificuldades dos espaços urbanos.

O espaço, segundo Lefebvre (2006), é um produto da violência e da guerra, é político e instituído pelo Estado, as ideologias, a visão de mundo e as políticas adotadas em cada país, estado e cidade são parte formadora dele.

O território é a porção de terra ou área delimitada por um estado, segundo a visão clássica de território nação de Ratzel. Uma instituição, pessoa ou até mesmo um animal podem ser classificados como "meu". Basicamente, é ele que cria os abismos sociais de desigualdade presentes nas cidades atuais, e que faz crescer a riqueza de poucos e aumentar a pobreza de muitos. O território pode ser privado ou público, como nas áreas de parques, praças, ruas, etc.

Quando é atribuído significado ao espaço, ele se torna lugar, uma ligação sentimental entre o indivíduo e ele. Sua experiência individual e pode ser de domínio afetivo, como a minha cidade natal, meu país, minha casa, meu lugar; se entrelaçando diretamente com o território por vezes (TUAN, 2013).

As ações humanas são responsáveis por dar vida e função aos espaços. As leis, como um plano diretor, por exemplo, podem descrever as especificidades por meio do zoneamento, mas sem a ação de uma população nada existe, nada se torna o que é, seja um local histórico, político, religioso, comercial ou mesmo abandonado. Isso demanda ação, sem ela, a cidade e os espaços morrem.

A sociedade é o resultado de um coletivo de uma cidade que tem um objetivo comum. É ela que define as leis ali vigentes, a cultura local, as ações coletivas e políticas.

[...] o espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política. Afeta o modo como entendemos a globalização, como abordamos as cidades e desenvolvemos e praticamos um sentido de lugar. Se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social: da coexistência contemporânea de outros (MASSEY, 2008, contracapa).

O espaço pode ser aéreo ou até só existir no imaginário de um indivíduo. O espaço pode ser físico, político, religioso. Pode ser fictício, afinal quantos espaços só existem dentro dos livros. Pode ser virtual, e com a tecnologia cada vez mais avançada, esse mundo de muitos espaços e domínios se faz mais presente no cotidiano. Enfim, seja por meio de redes sociais, sites, jogos, e até mesmo os lugares que existem no espaço físico, são possíveis de acessar no espaço virtual, por meio de ferramentas como o *Google street view*, por exemplo. Nessa pandemia (COVID 19) ficou ainda mais comum a visitação online em 360º nos museus, entre outros lugares. Esses espaços virtuais estão inseridos na sociedade atual, criando outras formações de espaço.

Não existe um limite para o espaço, pois ele é múltiplo em muitos sentidos. Enquanto houver pessoas elas reinventarão os espaços, das formas mais diversas e novas moléculas aparecerão nesse funil do espaço (Figura 11), permitindo novas formas de vê-lo e vivenciá-lo.

O espaço público foi o ponto de partida para essa tese, pois sem o espaço público da rua a cidade perde as suas conexões, e é por meio dele que se vê os espaços abandonados. Ele é o espaço de múltiplas mobilidades, e o que une o automóvel, o transporte público, o ciclista, o pedestre, e os mais novos meios de locomoção, também sendo o responsável por ligar os cidadãos com os lotes, sejam eles públicos ou privados. Dessa maneira, conecta as pessoas aos espaços e consequentemente aos que estão abandonados.

Esse abandono dos espaços nas cidades contemporâneas torna esses lugares verdadeiros “elefantes brancos”, sendo foco de piada, desconforto para os passantes e por vezes moradia para os sem-teto. O que muita gente não percebe, é que eles, muito mais do que construções em fase de decadência, são uma tentativa de apagamento da memória individual e coletiva. Todo espaço traz embutido em si histórias e memórias.

No Brasil, um dos países eminentes no problema da moradia e com um forte Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), é difícil entender como ainda temos tantos espaços ao léu. O movimento urbex, que explora esses espaços urbanos abandonados, veio para incomodar, no sentido de buscar beleza no degradado, no sujo, e gritar para a cidade: - olha, esse espaço existe! Como a estrutura metálica da Figura 12, que era para ser um shopping automotivo em Londrina, parado há mais de 25 anos. São

espaços urbanos abandonados e invisibilizados, visto que os gestores não agem nesses locais, na esfera municipal, na estadual e muito menos na Federal. São obras embargadas, são interesses imobiliários e/ou políticos que interrompem uma história, uma vida. Um espaço abandonado pode ser uma obra deixada no meio, muitas vezes são apenas estruturas incompletas (Figura 12), barracões que perdem o uso e imóveis que param, pois, estão na justiça e assim são simplesmente abandonados. Caberia a expressão francesa *terrain vague* de Ignasi de Solà-Morales (1995). Esse espaço abandonado sem um uso devido, mas que tem potencial de identidade, de cultura local. Existem tantos motivos para o abandono, mas não há resquícios de que isso precisa ser sanado como um interesse popular de cada cidade.

Figura 12 – Estrutura abandonada no centro da cidade de Londrina



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

Qual será o nosso papel como cidadão em relação a esses abandonos? Será que cabe a nós população, nos movimentarmos e exigir que seja feito diferente? Perguntas que inquietam cidadãos e incomodam os pesquisadores do espaço urbano.

Todos deveriam ter ciência dos seus direitos em uma cidade, que permite não apenas a comunidade desfrutar dos espaços, como também interagir com a cultura desses lugares. Essencial, inclusive, para aqueles que não têm nada ou precisam da legislação para aferir os seus direitos, mas sabe-se que há uma deficiência para a população saber o que lhes cabe.

Assegurado pela Constituição Federal de 1988, o direito à moradia é uma competência comum da União, dos estados e dos municípios. Cabe a eles “promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico” (Inciso IX, Artigo 23, Constituição Federal, 1988). Ter um espaço para acolher pessoas e famílias é condição básica para o exercício da cidadania.

Esse é o entendimento da Carta Magna (1988), e por isso, existem diversos programas de incentivo à moradia. No entanto, é preciso acabar com a falácia de que é um gesto de boa vontade ou sensibilidade do administrador público. É fundamental proporcionar novas habitações, pois isso nada mais é que cumprir o que prevê a nossa Constituição, desde 1988.

Mesmo sendo uma cláusula da nossa principal lei, o direito à moradia como forma de exercício da cidadania ainda é uma coisa que anda num ritmo bastante lento. Isso permite que as injustiças sociais continuem saltando aos olhos. A habitação faz parte da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) da Organização das Nações Unidas (ONU) desde 1948, quando afirma, no seu artigo XXV que todos têm “direito a um padrão de vida que seja capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, incluindo a alimentação, o vestuário e a moradia” (ONU, 1948). Porém, essa não é uma pesquisa centrada no direito à moradia, mas quando se aborda a questão dos espaços abandonados não parece possível deixar essa questão de lado, visto que muitos desses espaços acabam por servir de refúgio, como é possível ver na Figura 13, na obra interrompida do Teatro Municipal de Londrina, abandonado há quase dez anos. Um assunto quase que inevitavelmente tem relação com o outro, por isso, a menção aos aspectos legais do direito à habitação ser evocado aqui.

Figura 13 – Morador de rua dormindo no abandonado Teatro Municipal em Londrina



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

Toda vida é uma construção de histórias, os espaços públicos e privados deveriam ser assim, um misto de acolhimento e rememoração de fatos e pessoas que habitaram ou transitam por eles, quando se permite que os espaços fiquem ao léu ou sejam destruídos para que o novo ressurja em seu lugar, muitas histórias e memórias são simplesmente apagadas. A falta de preservação de espaços que contam histórias de um bairro, comunidade ou cidade, aliado a uma ausência de conscientização sobre a importância de se manter construções públicas e privadas que transmitam ideias e valores de um determinado tempo, são os grandes responsáveis por essas verdadeiras lacunas que se abrem na história do espaço urbano.

Por um motivo ou outro, a grande responsabilidade recai sobre o Estado porque esse além de prover políticas de preservação da história, deveria ser um fomentador da cultura. Um povo que possui uma identidade cultural sólida, inevitavelmente preserva mais seus espaços. Em alguns países é comum ver o novo sendo erguido em harmonia com o antigo, infelizmente, ainda é difícil ver essa realidade acontecer nas cidades brasileiras.

As subdivisões desse capítulo percorrem um caminho do contato das pessoas com os espaços abandonados. É uma percepção promovida pelo espaço público; a relação que a paisagem urbana tem com a memória local; a história de

Londrina nos documentos oficiais e desconstrução dessa iniciada pela arte local, organizando uma análise do método regressivo-progressivo de acordo com evolução urbana das cidades e de Londrina.

2.1 Espaço público

O conceito de espaço público abordado nesse trabalho é todo espaço físico aberto, sem restrições excludentes de entrada ou circulação de pessoas, acessível, que é comum e de interesse de todos, excluído das possibilidades de apropriação privada (LAVALLE, 2005). Aqui, em especial, será tratado do espaço da rua e do passeio, conhecido como calçada, pois são esses que conectam a população com os espaços abandonados.

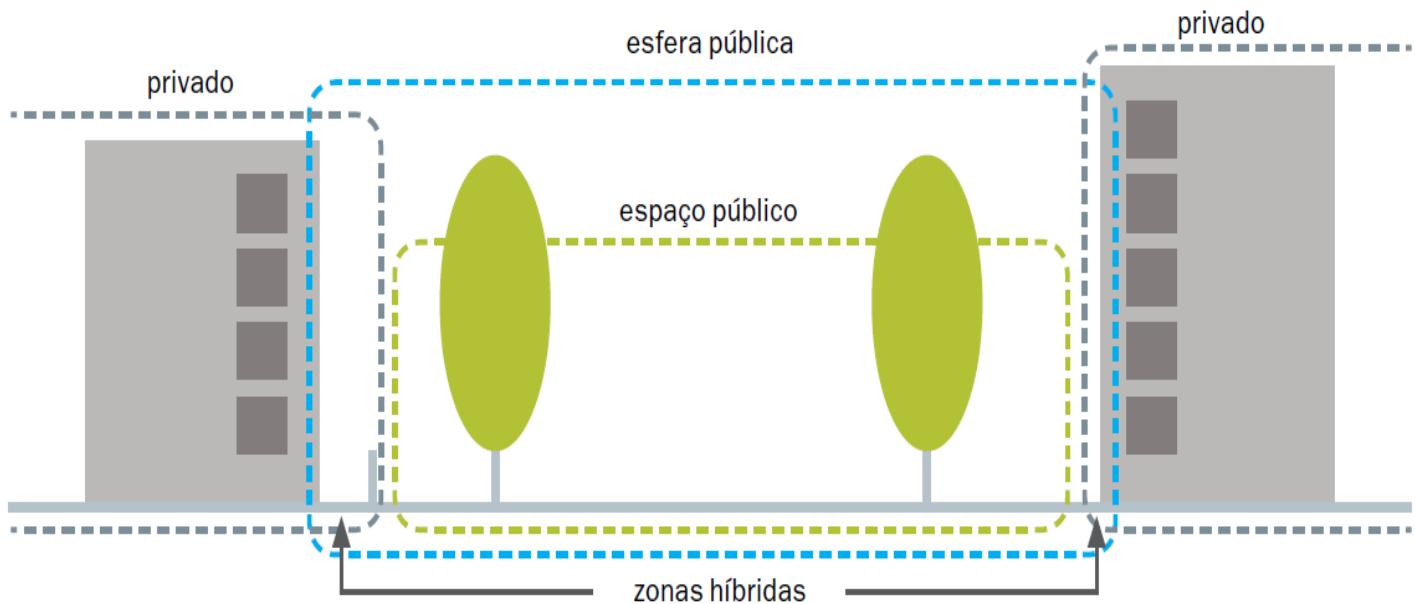
A relação de qualquer cidadão independentemente de etnia, classe social, gênero e credo no espaço físico é o que o torna público, um espaço pertencente a todos, “espaço da ação política ou, ao menos, da possibilidade da ação política na contemporaneidade” (SERPA, 2007, p.9).

Para Massey (2008) essa é a perspectiva de democratização dos espaços a partir da função social do espaço público, principalmente nos grandes núcleos urbano-industriais. Porém, para Dupas (2003), nem mesmo os mecanismos existentes e os debates em torno dos conceitos de espaço público foram suficientes para estabelecer um equilíbrio entre as esferas públicas e privadas. Em suas palavras:

[...] na modernidade, com o iluminismo, a economia vestiu o manto da ciência, pretendendo abranger todas as atividades do homem, tornando-o um ser previsível e absolutamente racional. Surgiram então as fantasias do mercado perfeito e da mão invisível. Na verdade, nenhum desses mecanismos mágicos mostrou-se suficiente para reencontrar o equilíbrio entre as esferas pública e privada (DUPAS, 2003, p. 28).

O equilíbrio tão difícil de encontrar entre as esferas públicas e privadas fica ainda mais alarmante quando os espaços contidos no lote estão abandonados. Essa transição entre o espaço do lote, privado ou público, e a esfera pública, da rua e do passeio, é permeada pelas zonas híbridas, que dialogam diretamente com os passantes (Figura 14).

Figura 14 – Esfera pública e zonas híbridas



Fonte: LAVEN; KARSENBERG, 2015, p. 15.

As zonas híbridas interagem diretamente com os pedestres e acabam sendo a ligação de todos os passantes, independentemente de qual meio de transporte estejam utilizando. É o que permite a sensação de referência de lugar, uma padaria, uma loja de roupas, uma residência ou um prédio comercial. Pode ser a fachada de um edifício, um muro alto, o recuo de um lote, o que é visível de um espaço abandonado e assim por diante. Quanto mais interativas são as zonas híbridas, maior é a sensação de segurança do passante, elas são denominadas *plinths* e consideradas a alma da cidade (LAVEN; KARSENBERG, 2015), atualmente inseridas nos planos diretores como fachadas ativas (Figura 15).

Com isso cria-se mais movimento nas ruas trazendo o que Jacobs (2011) julga ser importante para uma cidade mais segura, que são os olhos para as ruas. Quanto menos locais com muros cegos, mais pessoas nas ruas ou janelas voltadas para a via, maior a segurança do local, complementa.

Figura 15 – Plinth interativo ou fachada ativa



Fonte: LAVEN; KARSENBERG, 2015, p. 21.

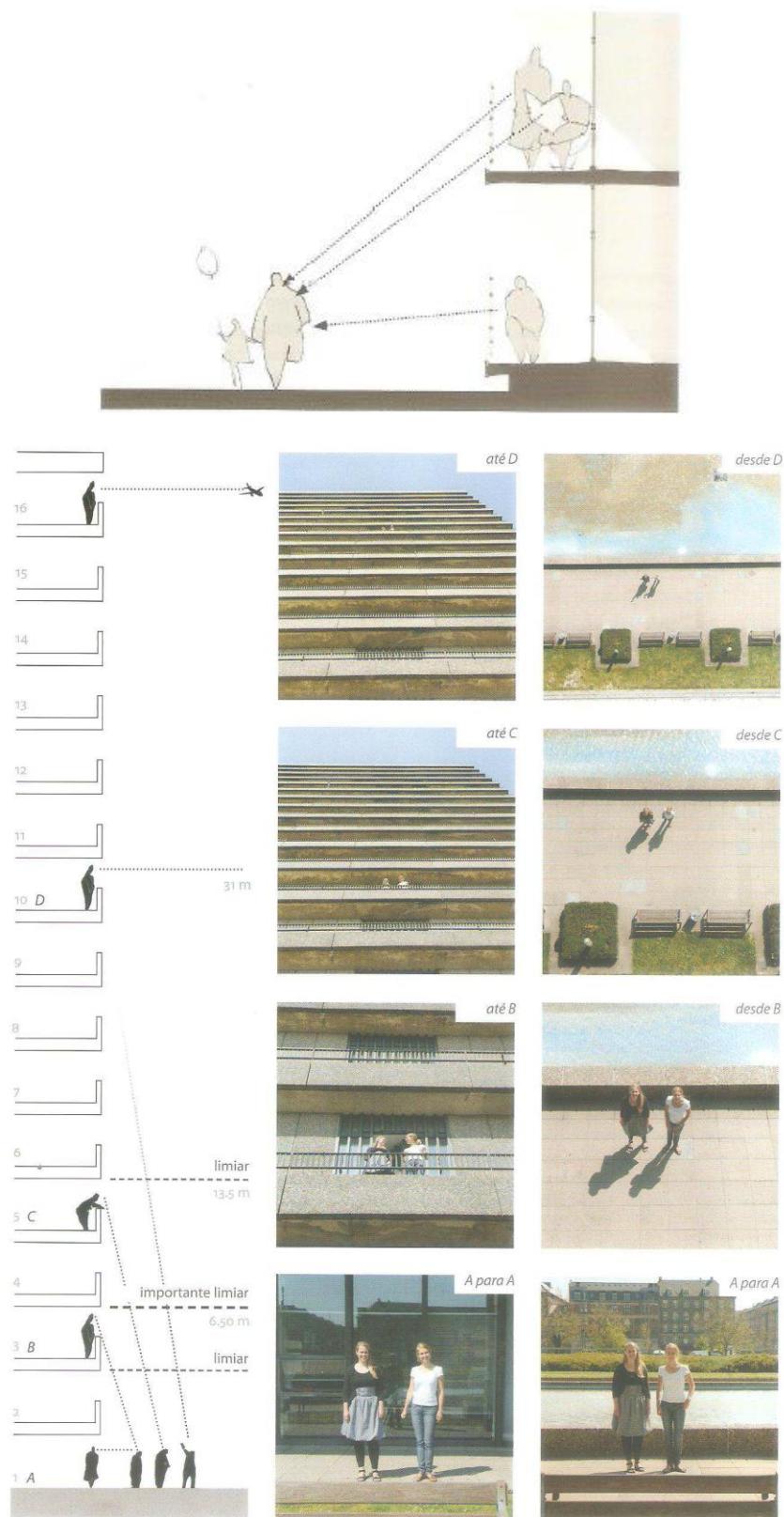
São muitos fatores que podem contribuir para uma cidade mais saudável, com maior qualidade de vida e segura. Jacobs (2011) acrescenta como um fator de relevância o uso misto no zoneamento, que possibilita a existência de diversos tipos de atividades em uma mesma rua, por exemplo. Porém as setorizações ou zoneamento que surgem com os planos diretores, baseados no modelo de urbanismo moderno do Le Coubusier, para Jacobs (2011) só tornam a cidade mais insegura e com menos pedestres, fundamentado nas vias para os automotores.

Outro fator que influencia os espaços públicos das ruas e das zonas híbridas é a escala. As cidades estão cada vez ganhando maiores proporções, edifícios cada vez mais altos, como sinônimo de evolução e tecnologia, de tal maneira que cabe a pergunta: como será que isso impacta a vida das pessoas que transitam nas cidades?

Jan Gehl (2013) coloca, no seu estudo referente a escala e a qualidade de vida de uma cidade, que em edifícios acima de quatro pavimentos, os andares superiores perdem total vínculo com o pedestre e a rua. A comunicação direta

com a rua é realizada principalmente pelo térreo e mais um pavimento, conforme mostra Figura 16.

Figura 16 – Nível dos olhos



Fonte: Gehl, 2013, p. 150.

Nota-se que há uma multiplicidade de fatores que influenciam os espaços das ruas. O lote, seja privado ou público, se comunicará diretamente com os passantes, o que vai alterar a qualidade de vida das pessoas. Sendo assim, cada construção tem a sua importância dentro do seu bairro e de sua cidade, refletindo na memória das pessoas, gerando significados de como essas identificam o lugar ao qual pertencem.

Todas as construções trazem em si uma narrativa, seja de uma família, um comércio, uma instituição ou um espaço público, e elas formam o contexto histórico de uma cidade. Vê-se essa marca de memórias das construções com maior destaque, como por exemplo nos conjuntos urbanos tombados, em cidades históricas, como Ouro Preto em Minas Gerais, Paraty e Ilha Grande no Rio de Janeiro, o Centro Histórico de Salvador na Bahia, o Centro Histórico de Olinda em Pernambuco, Pirenópolis em Goiás, entre outros. Todos esses lugares, além de se tornarem pontos de atração turística, ainda contam uma história necessária em termos de Brasil. Mas o ponto importante aqui é: todas as cidades contam a sua própria história a partir de suas construções e ruas, sejam essas históricas, com cidadãos mais conscientes das histórias e memórias dos locais em que moram, contemporâneas ou mesmo abandonadas.

Na seção seguinte procura-se mostrar como a paisagem urbana é afetada pelas construções abandonadas e como essa realidade acontece em Londrina, segunda maior cidade do estado do Paraná, com um pouco mais de 580 mil habitantes ficando atrás somente da capital do estado Curitiba, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021, e quarta maior do sul do Brasil.

2.2 Paisagem urbana e memória

A paisagem urbana é uma mistura de signos que retratam não apenas a diversidade de suas construções, e como revelam seus traços culturais. Ela é composta de todos os edifícios, vias, praças e parques que constituem o cenário urbano, com características próprias do lugar, revelando rastros de sua colonização e história. A paisagem urbana é um marco memorialístico da cidade.

No contexto macro, a paisagem urbana contém traços micros que são aspectos ligados a determinados bairros, ruas, espaços públicos e privados que traduzem um pouco da história e dos costumes dessa microrregião. Por exemplo, bairros tipicamente italianos, judeus, japoneses, alemães, poloneses e chineses em determinadas cidades. No caso específico de São Paulo, alguns logradouros são retratos desse povo fora do seu lugar de origem, assim é o bairro da Liberdade com prédios tipicamente orientais (Figura 17), ou da Mooca com pizzarias e cantinas essencialmente italianas (Figura 18), caracterizando a cidade de forma multicultural e plural.

Figura 17 – Bairro Liberdade em São Paulo



Fonte: OKADA, 2017.

Figura 18 – Cantina italiana no bairro do Mooca em São Paulo



Fonte: Bar Mooca, 2021.

Londrina, espaço escolhido para a presente tese, não é diferente. Colonizada por ingleses, em pouco tempo a cidade herdou traços da cultura italiana, japonesa, árabe, espanhola, além de particularidades de estados como São Paulo e Minas Gerais. Tudo isso afetou a linguagem, os costumes, a culinária, a cultura, e claro as construções de determinados espaços.

Bairros inteiros apresentam características da colonização londrinense: as casas de madeiras, que revelam traços da influência dos povos que construíram o perfil da cidade, uma população rural que presava pela relação de vizinhança, casas com muros baixos e muitas vezes com varanda frontal, que criava a ligação dos moradores com a rua, como é possível ver na Figura 19, em uma residência na Vila Shimabokuro. As Vilas: Casoni, Nova e Recreio - primeiras a serem vistas como tais - até hoje mantêm essas construções, mesmo com o avanço agressivo de construtoras e empresas comerciais.

Figura 19 – Casas de madeira em Londrina



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

A paisagem urbana revela como a cidade é, foi e até mesmo irá evoluir. Essa leitura pode ser feita com mais propriedade por alguém que estuda o urbanismo, mas pode ser realizada por qualquer cidadão que acompanha as mudanças em seu bairro.

Pode-se ler a paisagem urbana em sua totalidade, a partir de um panorama geral – como vê-se em Paris, uma das cidades mais visitadas por turistas no mundo. As transformações urbanas são visíveis no entorno do monumento histórico, a Torre Eiffel, finalizada em 1889; rica em construções históricas, mas nem mesmo ela conseguiu interromper as transformações que toda cidade passa com o tempo, isso é natural e necessário. Na Figura 20 é possível observar a intensa verticalização alguns quilômetros atrás do monumento mais famoso, interferindo diretamente na paisagem urbana, mas existe uma área que é pensada cuidadosamente para que o novo aconteça, mesmo não sendo o ideal nos parâmetros de mobilidade urbana e escala humana, ela é quase inevitável nos grandes centros.

Figura 20 – Paisagem urbana da cidade de Paris



Fonte: SHUTTERSTOCK, 2022.

A questão não é sobre interromper o processo de crescimento dos grandes centros urbanos, mas sim, como está sendo feito esse planejamento, como a memória do espaço está sendo levada em consideração. Em Paris, a *skyline*, a

imagem mental marcante da cidade, destaca suas principais construções históricas (Figura 21), mostrando aos turistas como ela quer ser vista. Existem muitos problemas nela que não são descritos aqui, mas seus planejadores entenderam a importância de se conservar a história, e isso não foi entendido no hoje, foi uma idealização feita ao longo de muitos anos.

Figura 21 – Skyline de Paris



Fonte: SHUTTERSTOCK, 2022.

Qual será então a imagem que está sendo construída da paisagem urbana de nossas cidades?

Em uma busca rápida pela internet são encontradas imagens da *skyline* de Londrina próximas a da Figura 22, que diz muito sobre o que está sendo construído da história da cidade. Excluindo o Lago Igapó (Figura 23), projetado na década de 1950, existe uma imagem se consolidando na cidade que se inicia por volta dos anos 2000, em um bairro novo, como a Fazenda Gleba Palhano, de *status* social, verticalizado, e sem nenhuma construção significativa para Londrina, composto principalmente por edifícios residenciais, de escritórios e prestação de serviços. São projetos elaborados por construtoras, visado e construído por meio dos interesses imobiliários. Ter essa imagem consolidada de Londrina, não diz sobre a história iniciada na década de 1930, e sim sobre o que as grandes empresas visam em relação a Londrina ser um polo tecnológico, de inovação e grandes construções.

Figura 22 – Skyline de Londrina (PR)



Fonte: OLIVEIRA, 2018.

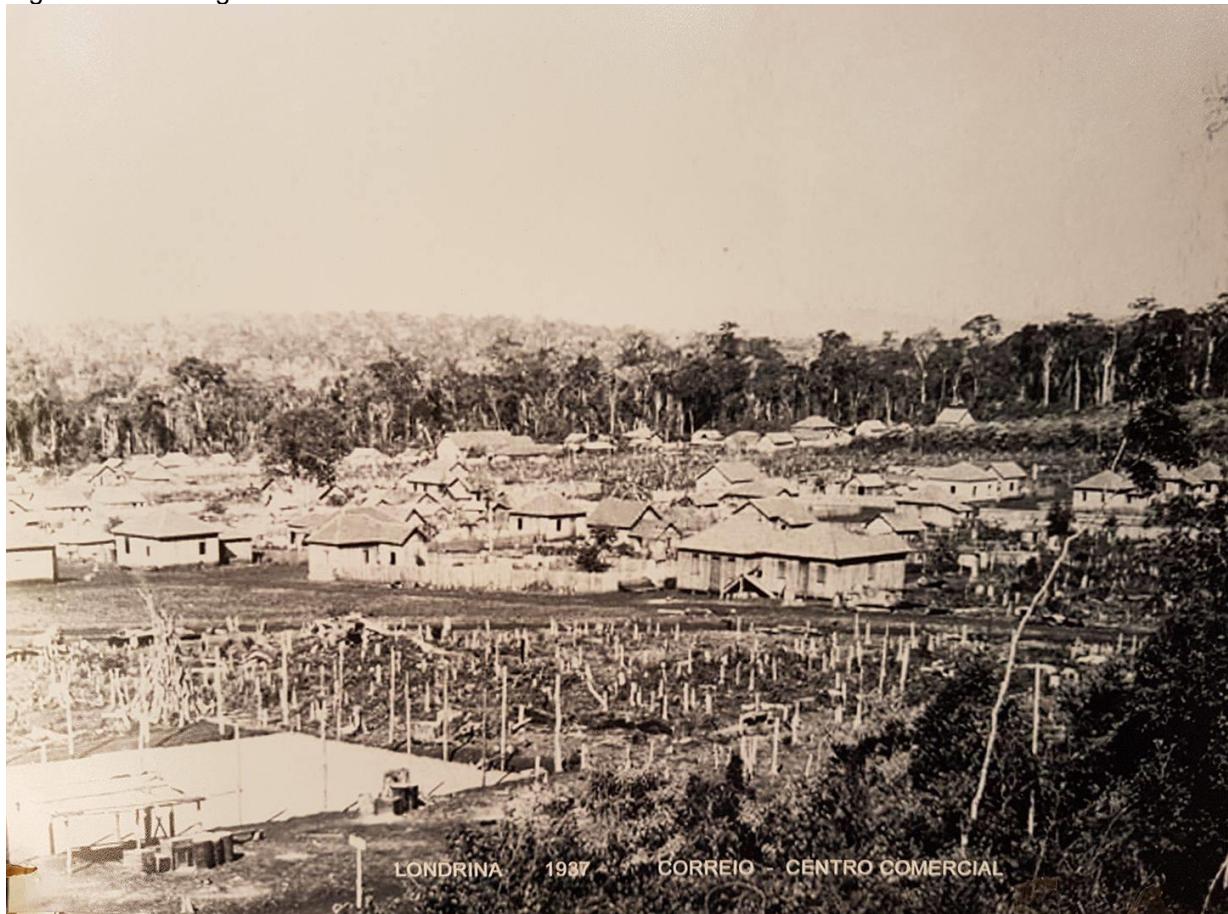
Figura 23 – Paisagem urbana da cidade de Londrina (PR)



Fonte: VIEIRA, 2015.

Londrina teve sua origem na agricultura, se formou com base nas plantações de café, com uma população simples, do campo e de construções de madeira (Figura 24). Já no início dos anos dourados, o ápice cafeeiro aumentou o PIB, por consequência a intenção dos grandes produtores junto ao governo local foi consolidar uma imagem da cidade focada na modernidade e tecnologia, visando prestígio e desprezando a sua história.

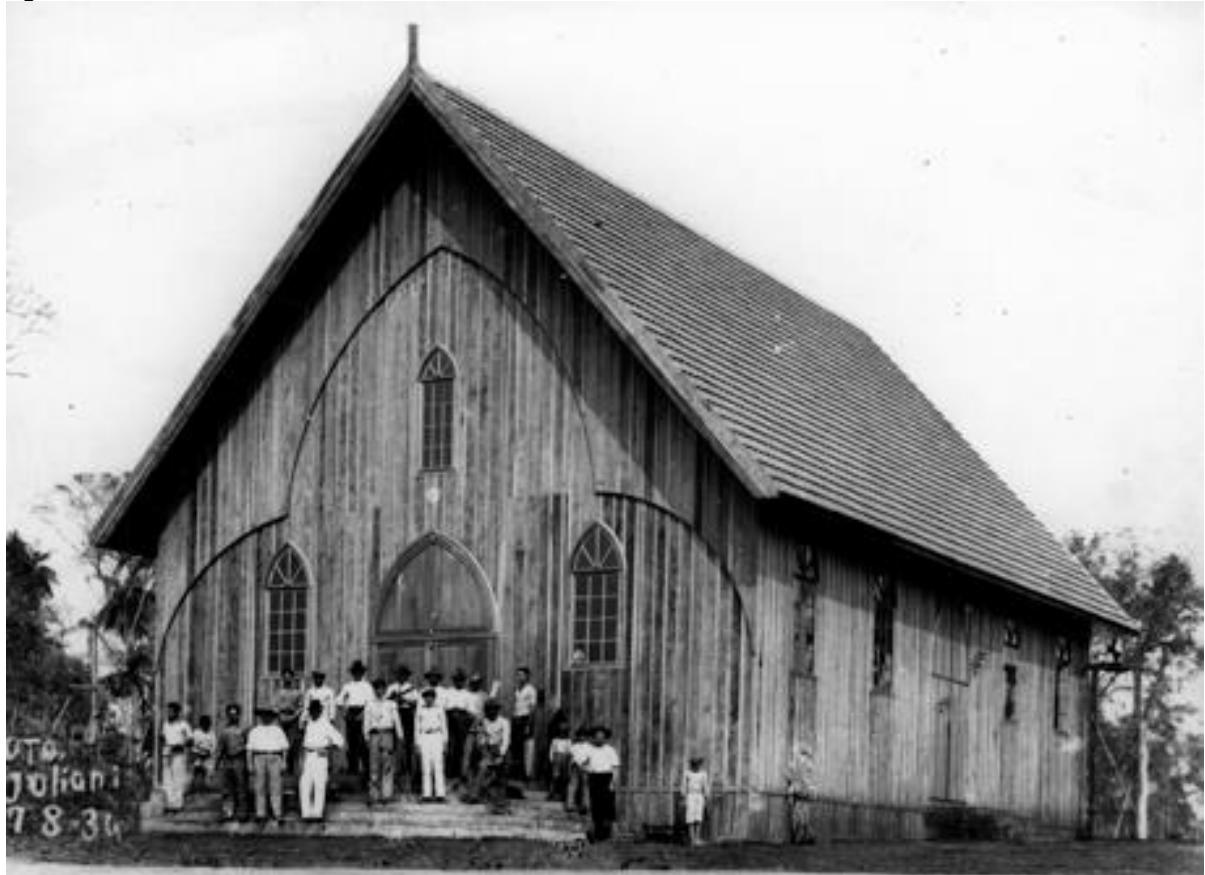
Figura 24 – Paisagem urbana do início de Londrina



Fonte: Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss, 1937.

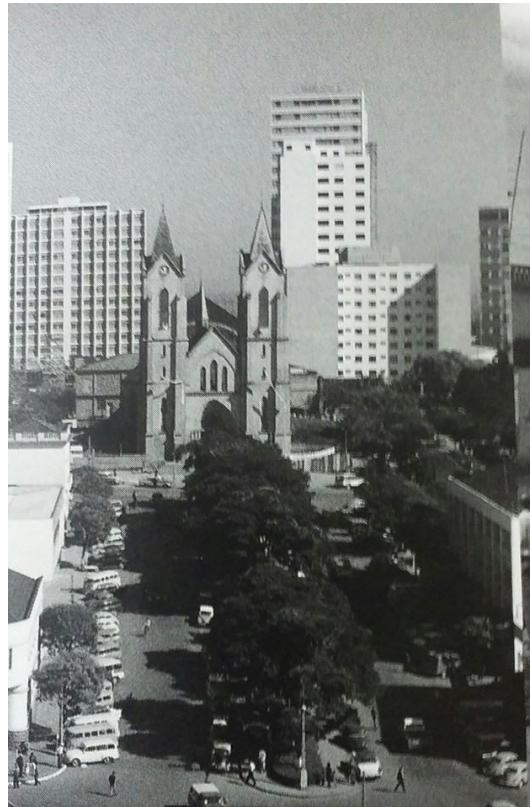
É natural que as cidades passarem por transformações urbanas e acabarem se modificando. No caso de Londrina, muitas dessas mudanças aconteceram após a geada de julho de 1975, que acabou por modificar a demanda econômica da cidade, de uma área majoritariamente agrícola para uma de comércio, de grandes construtoras e universitária. Antes mesmo disso, a cidade já era marcada por demolições de construções importantes, como a sua a primeira e segunda Catedral (Figuras 25, 26 e 27), o Ginásio Colossinho e o primeiro prédio do Colégio Londrinense, ignorando por completo seu valor arquitetônico e memorialístico. A catedral atual é um marco do movimento modernista na cidade e em nada lembra as construções das catedrais anteriores (Figura 28).

Figura 25 – Primeira Catedral de Londrina



Fonte: Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss, 1934.

Figura 26 – Fachada da segunda Catedral de Londrina



Fonte: Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss, 1962.

Figura 27 – Lateral da segunda Catedral de Londrina



Fonte: Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss, 1962.

Figura 28 – Catedral atual de Londrina com característica de uma construção modernista



Fonte: Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss, 2017.

Com esse histórico de demolições, se não fosse a intervenção de alguns artistas, arquitetos, estudantes, professores e jornalistas, a antiga cadeia da rua Sergipe seria um imóvel comercial, sem manter nada de suas características originais. Um edifício cheio de histórias, um remanescente da década de 1930 na cidade, seria totalmente demolido na década de 1990 (Figura 29) por já estar por anos abandonado. Hoje o antigo presídio é um importante centro cultural, que conta a sua história original como símbolo de resistência em sua arquitetura (Figura 30). Esses espaços, cemitérios vivos da história por anos, esquecidos pelo Estado, por vezes foram ao chão para o moderno acontecer.

Figura 29 – Resistência à tentativa de demolição do antigo presídio de Londrina na década de 1990



Fonte: Acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss, 2017.

Figura 30 – Edifício atual do Sesc Londrina Cadeião com a marca na parede da tentativa de demolição



Fonte: Sesc Londrina Cadeião, 2022.

Dificilmente um caso como o do Sesc Cadeião acontece, pois, o abandono justamente ocorre para que não haja uma resistência da população na hora da demolição. Assim são com edifícios antigos que simplesmente deixam de existir (Figura 31), afinal aquela construção já passa a ser percebida como um problema para a cidade.

Figura 31 – Demolição da casa da esquina da Rua Santos com a Rua Pio XII



Fonte: ROCHA, 2022.

Cenas de contraste entre o novo e o abandonado são comuns na cidade de Londrina (Figura 32), e isso faz parte de uma cultura local. Uma cidade que tem uma Companhia de Terras como início de tudo, não podia ser diferente, já que é, desde o seu nascimento, movida a base dos interesses imobiliários, que sabem esperar o tempo certo para lucrar mais com o lote desejado.

Figura 32 – Contraste na paisagem urbana de Londrina entre o espaço abandonado e construções ocupadas



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

Mesmo com o histórico de diversas demolições, ainda restam bairros e ruas em Londrina com construções antigas, cheias de memórias. Embora a cidade tenha um órgão de Patrimônio histórico, que desenvolve pesquisas sobre a preservação dos edifícios, a preocupação é de que o município não tem a cultura da preservação em seus cidadãos e o lucro normalmente acaba falando mais alto.

Por quanto tempo será que a Vila Casoni será preservada (Figura 33)? Ou as construções da avenida Duque de Caxias (Figura 34)? Qual será a próxima área da cidade que o interesse imobiliário se colocará?

Figura 33 – Típica construção na Vila Casoni em Londrina



Fonte: LondrinaTur, 2020.

Figura 34 – Edifício da década de 1930, abandonado com a característica das construções na Av. Duque de Caxias



Fonte: Google Maps, 2022.

Na seção abaixo será abordado o contexto urbano da cidade de Londrina, para que se entenda a história da cidade, por diferentes olhares e perspectivas. A pesquisa analisou como os espaços abandonados se tornaram presentes na cidade dentro de um processo de evolução de oitenta e oito anos, com foco especial na área central, para compreensão dos simbolismos desses espaços atualmente e suas memórias trazidas pela população.

A ideia, ao final da tese, não é construir um texto ou levantar um problema apenas para geógrafos, historiadores, arquitetos e afins, mas sim propor reflexões em torno do abandono do espaço público e privado e de como essa falta de cuidado afeta a memória coletiva como um todo. Na seção seguinte é discorrido um pouco mais sobre Londrina, como seu povo construiu história por meio da arte e a importância da Lei de incentivo à cultura da cidade.

2.3 Londrina, sua gente, sua história, sua arte

No anseio pela busca de respostas para melhorar o momento atual do cenário urbanístico das cidades e suas dinâmicas em relação a seu entorno, foi realizada uma abordagem histórica urbana, a fim de permitir a compreensão das suas modificações ao longo dos séculos e o quanto essas influenciaram para chegar nos dias de hoje.

Faz-se necessário assim, abordar a história de Londrina, tanto a contada de forma oficial, pela prefeitura junto aos colonizadores e a versão dos excluídos registrada a partir da arte e cultura em uma visão que vai de encontro com o método regressivo-progressivo de Lefebvre (1973), que para entender o presente analisa o passado a fim de planejar e questionar o futuro.

Londrina é uma cidade de oitenta e oito anos. Pouco tempo de vida, se considerarmos outras cidades pelo Brasil e pelo mundo. No entanto, os espaços abandonados, públicos e privados, proliferam de maneira até mais rápida do que em alguns grandes centros urbanos. Essa pesquisa visa investigar esses espaços e suas histórias, dando voz as memórias esquecidas da cidade.

O município de Londrina foi criado em 03 de dezembro de 1934 e concretizado uma semana depois, o que já revela como todos os processos foram

acelerados. Normalmente, uma transição entre a criação e a efetivação de um município podia levar até seis meses, à época, e Londrina precisou apenas de sete dias para isso. Apesar de ser uma cidade jovem, abriga transformações complexas, devido a sua história urbanística e arquitetônica, adquirindo singularidade em relação a outras cidades criadas no século XX (SUZUKI, 2002).

Muito do que Suzuki (2002) se refere em relação à Londrina tem relação com o fato de a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), depois Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), colonizadora de Londrina, ter um projeto relativamente pronto e simples para a pequena urbanização que nascia. Primeiramente foi realizada a derrubada da mata nativa, algo que acontece em qualquer início de loteamento urbano, e foram dizimados centenas de índios, os primeiros povos dessa terra, Kaingangs, Xetás e Guaranis, pelos colonizadores, o que não se acha em nenhum documento histórico oficial da cidade, mas que a arte retrata no espetáculo teatral de 1984, *Bodas de Café*, criado em homenagem aos 50 anos da cidade (PASCOLATI, 2019), e remontado pela Fundação Cultura Artística de Londrina (Funcart) para o seu aniversário de 80 anos, em 2014 e atualmente presente no Museu Histórico de Londrina. A presença da tribo Kaingang até os dias de hoje, representa resistência na área urbana as margens da Rodovia Dez de dezembro.

A cidade era para ser sede de uma região agrícola, porém sem grandes perspectivas em torno do seu potencial de crescimento urbano. Por outro lado, Suzuki (2002), enfatiza que o plano urbanístico desenvolvido pela CMTN para Londrina com o capital inglês deve ser considerado como o empreendimento mais bem-sucedido britânico em terras brasileiras, pois como mencionado acima o objetivo era fazer uma cidade rural e que acabou se transformando mais tarde devido a sua rápida expansão.

Muito dessa expansão ocorreu em torno da produção cafeeira, por uma série de fatores favoráveis. O café se tornou uma espécie de ouro que corria em várias regiões do país e a cidade passou a ser uma referência da produção. A possibilidade de se tornar uma pessoa rica ou independente financeiramente trouxe gente de várias nações e regiões para a cidade, isso afetou não só na formação cultural, como na arquitetura inicial, traços de construções de origens orientais, germânicas, se misturam às casas simples de madeira dos operários.

A riqueza gerada, especialmente pelo café, trouxe um progresso acelerado. Londrina havia sido concebida para abrigar, no máximo, sessenta mil

pessoas. Na área central da cidade, deveriam viver e transitar não mais que metade dessa população. Menos de trinta anos depois, a cidade já passava dos cento e cinquenta mil habitantes, e no seu cinquentenário, em 1984, já possuía trezentos mil, hoje esse número praticamente dobrou (PREFEITURA DE LONDRINA, 2022).

O Norte do Paraná, uma região de terra vermelha, muito fértil, era, até poucas décadas, uma extensa floresta. Aqui tem-se uma primeira particularidade em relação à área em que está Londrina. Muitos se referem à cidade como sendo uma terra roxa. Porém, Edson Maschio (2011) lembra que essa expressão é o reflexo do iletramento de alguns povos que vieram para essa terra, duas dessas 33 etnias foram os italianos e os espanhóis, junto com eles vieram agricultores dos mais diferentes rincões do Brasil, a grande maioria analfabetos. Os italianos se referiam ao solo como uma terra *rossa* (vermelha na sua linguagem natal); os espanhóis como terra *roja* (vermelha, em espanhol), daí para a terra vermelha se tornar uma terra roxa foi apenas uma adequação dos estrangeirismos usados para defini-la.

A colonização espontânea foi marcada pelo arrojo de homens saídos de Minas Gerais ou de São Paulo, que foram chegando à área de Cambará, entre 1904 e 1908. Em 1924, inicia-se a história da CTNP, subsidiária da firma inglesa Paraná Plantations Limitada, que deu grande impulso ao processo desenvolvimentista no norte do Paraná.

O empreendimento da Paraná Plantations fracassou, devido aos preços baixos e à falta de sementes sadias no mercado, obrigando a uma mudança nos planos, foi criada, assim, em Londres, a Paraná Plantations e sua subsidiária brasileira, a CTNP, que transformaria as propriedades do empreendimento frustrado em projetos imobiliários (PREFEITURA DE LONDRINA, 2021), característica que se pode observar até hoje. Londrina parece viver um constante “boom” do mercado imobiliário e de construtoras, semestralmente, pelos menos, quatro novos grandes projetos³ são lançados, o que faz da cidade uma das urbes que mais cresce verticalmente em todo o mundo, as construtoras londrinenses se expandem internacionalmente, duas delas já estão na América do Sul e Central, levando o *know-how* dessa terra aos mais variados lugares.

³ Londrina tem duas das maiores construtoras do Sul do País, mais de vinte construtoras que lançam novos empreendimentos todos os anos e mais de 180 empresas cadastradas no ramo da construção civil.

Talvez a explicação para essa verdadeira explosão que aconteceu em Londrina esteja na sua gênese, num dos anúncios que a CTNP fazia para atrair pessoas para o Norte do Paraná, estava explícito: “Favorecer e dar apoio aos pequenos fazendeiros, sem por isso deixar de levar em consideração aqueles que dispunham de maiores recursos” (PREFEITURA DE LONDRINA, 2021). Ou seja, o anúncio implicitamente trazia um discurso de igualdade entre ricos e pobres, e todos teriam a possibilidade de, em um futuro bem próximo, estarem como forças produtivas equivalentes.

Londrina se torna, portanto, no discurso sobre as suas terras e possibilidades, um verdadeiro Eldorado, uma terra que, em se plantando, tudo dá, trazendo para a realidade a frase atribuída a Francisco Melo Palheta sobre o potencial do café em solo brasileiro.

A publicidade deu certo, e muitas pessoas deixaram suas terras de origem para investir na cafeicultura da região, especialmente em Londrina. O que acabou estimulando, e muito, a concentração da produção – principalmente cafeeira, a explosão demográfica, a expansão de núcleos urbanos e o aparecimento de classes médias rurais.

Londrina começou, de fato, em 1929, com o primeiro posto avançado desse projeto inglês. Na tarde do dia 21 de agosto chegou a primeira expedição da CTNP ao local denominado Patrimônio Três Bocas, no qual tem-se o primeiro marco nas terras onde surgiria Londrina (PREFEITURA DE LONDRINA, 2021).

Uma parte da história de Londrina se encontra em entrevistas com pioneiros, especialmente às várias que George Craig Smith deu aos jornais locais. Falecido na segunda metade da década de 1980, o inglês que viveu mais tempo na cidade, em seus últimos anos de vida alternou suas estadias entre Londres e Londrina. Ao tomar o excerto de uma entrevista com ele, vê-se que ao fazerem similaridades utópicas entre a terra recém explorada e a capital de um importante país europeu, os ingleses acertaram precisamente (MASCHIO, 2011).

Em entrevista à Tv Tibagi em 1984, e reproduzida parcialmente na segunda edição do livro de Maschio (2011) o pioneiro Craig Smith explica o nome dado a cidade tomada como “pequena Londres” no imaginário coletivo, mas ria dessa possibilidade e afirmava: “Londrina nunca foi pequena, no sentido de suas possibilidades” (MASCHIO, 2011, p. 68) a homenagem era, de fato, as mulheres do seu país, uma vez que estavam há muito tempo distantes delas. Ressaltou que

“pequena Londres”, seria diminuir a cidade, porque a própria capital inglesa já tem seu nome reduzido, explica-se: o nome Londres, e por consequência Londrina, vem do latim *Londinium* que quer dizer em tradução livre “pequeno lugar forte e aprazível”, foi assim que os romanos viram a pequena vila fundada por eles em 43 D.C. em decorrência de ser um lugar cortado pelo Tâmisa. Não se pode fazer correspondências lógicas entre atravessar de balsa o Rio Tibagi para começar uma cidade no meio do nada, e navegar pelo Rio Tâmisa, já na moderna cidade inglesa do início do século XX. No entanto, tanto Londrina quanto Londres impuseram seu nome na história por serem cidades pujantes, e ao mesmo tempo aprazíveis, ainda que para o progresso acontecer, muita memória tenha sido destruída.

Tratando-se de uma cidade com menos de cem anos, os primeiros cinco anos de Londrina provavelmente foram apagados com o fechar dos olhos de George Craig Smith. Alberto João Zortéa (1975) em seu livro de crônicas sobre Londrina afirma que a cidade, muito possivelmente, tenha tido seu primeiro surto expansionista com os irmãos Palhano que chegaram antes dos ingleses, portanto, informações dos próprios anais da CTNP dão conta que Mábio Palhano teria aportado por aqui em 1919 (dez anos antes) para fazer o serviço de agrimensura da terra a ser explorada. Ficou até 1920 e estabeleceu uma casa onde seria posteriormente a Fazenda Palhano, hoje Gleba Fazenda Palhano. Só depois ampliaram as explorações para a Região do Patrimônio Espírito Santo e esse teria sido o primeiro marco de fundação de Londrina, o segundo foi o do Três Bocas pela caravana inglesa. Depois foi feito o terceiro marco, na hoje Avenida Theodoro Victorelli, erroneamente, na visão de Zortéa (1975), considerado Marco Zero de Londrina.

Há também informações, por exemplo, na peça teatral de Bodas de Café de Nitis Jacon e Grupo Proteu de 1984, de como Londrina foi terra que atraiu imigrantes camponeses. A dramaturgia permite a visão de um grupo de teatro da década de 1980 tentando contar a história da cidade por de meio de investigações que estavam realizando em entrevistas com os pioneiros. A dramaturgia retrata diferentes cenários de Londrina, como a estação de rádio, a delegacia local, o prostíbulo e a história era contada pelo ponto de vista de migrantes vindos em busca de uma vida melhor, dos quais alguns se tornaram boias-friás, e entraram na luta pela terra junto ao MST (PASCOLATI, 2019).

A peça começa sendo falada em inglês, com discursos da caravana de Craig Smith, e ao longo do espetáculo denuncia o desmatamento e a matança dos

índios pelos colonizadores, o que mostra que a terra não é de quem chega primeiro, nunca foi, é de quem tem arma de fogo! Mostra a realidade de quem tinha posses e usufruía dos famosos bordeis do início da cidade, contando um pouco da história de Palmira Preta, uma próspera profissional do sexo que financiou o primeiro ônibus local (PASCOLATI, 2019). Na Figura 35 algumas frases do espetáculo Bodas de Café, utilizada na divulgação da remontagem de 2014.

Figura 35 – Frases do espetáculo Bodas de Café (divulgações de remontagem em 2014)



Fonte: Acervo da organizadora BESSA, divulgação da Funcart, 2014.

Colonizar implica destruir e matar. A ideia de progresso, no começo do século vinte, quando Londrina foi desbravada, era de que áreas relativamente preservadas deveriam ser prioridade da zona rural, na zona urbana. Derrubar o passado para erguer o futuro foi um mote que desde sempre acompanhou os pioneiros.

Memória e história não foram dois substantivos muito valorizados pelos colonizadores de Londrina. Por exemplo, a figura de Joaquim Vicente de Castro, primeiro prefeito da cidade, foi praticamente esquecida durante décadas. Na ocasião do cinquentenário da cidade, em 1984, uma reportagem da Folha de Londrina revelou a mágoa que o primeiro alcaide tinha. Vivendo em Apucarana, reclamava de ter sido esquecido pela história local, o que de fato era verdade. O então prefeito, Wilson Moreira, ao ler a reportagem começou a fazer a reparação histórica. Joaquim foi homenageado ainda vivo pela Câmara, e hoje não é sequer nome de uma praça ou rua em Londrina, ficando a lembrança em apenas uma escola municipal. Quando não se é capaz de preservar a memória política e social da cidade, muito menos a história dos espaços urbanos.

O que se encontra no site da Prefeitura da cidade é um resumo da história por décadas, muito já corrigido no acervo do Museu Histórico de Londrina, e nela se encontram algumas das informações abaixo.

Nos anos 1940 foram implantadas as galerias pluviais, construções de escolas e o plano urbanístico – o que demonstrou uma preocupação com a ocupação do solo (PREFEITURA DE LONDRINA, 2021). Em um planejamento urbano é importante refletir sobre as seguintes indagações: por quem foi pensado? Quais interesses envolviam aquelas pessoas que fizeram o plano urbano?

O primeiro desenho urbano de Londrina se parece muito com o de outras cidades brasileiras. Nessa configuração tem-se no ponto mais alto a catedral da cidade como símbolo de soberania e poder, um centro com malha quadriculada e o cemitério no fim da cidade, que naquele momento era no atual São Pedro. O chamado quadrilátero central da cidade tem o formato de uma chave, do ponto da catedral em direção ao cemitério, se visto de cima. Isso também dá pistas sobre os interesses de quem elaborou tal projeto, uma vez que a chave é um dos vários símbolos míticos da Maçonaria (Figura 36). Nessa configuração, em frente ao Cemitério São Pedro, encontra-se a Loja Maçônica mais antiga da cidade, o que em si corrobora a tese dos interesses em torno de tal planejamento.

Figura 36 – Planta baixa azul⁴ de 1932



Fonte: acervo Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss, adaptado por BESSA, 2023.

Já nos anos 1950, Londrina emergiu no cenário nacional como importante cidade do interior do Brasil. Muito disso em decorrência do binômio café-prostituição que elevou o nome da cidade e a projetou como uma terra de oportunidades e turismo sexual⁵ (PASCOLATI, 2019). Nesse período, apresentou considerada expansão urbana, a população passou de vinte mil habitantes para

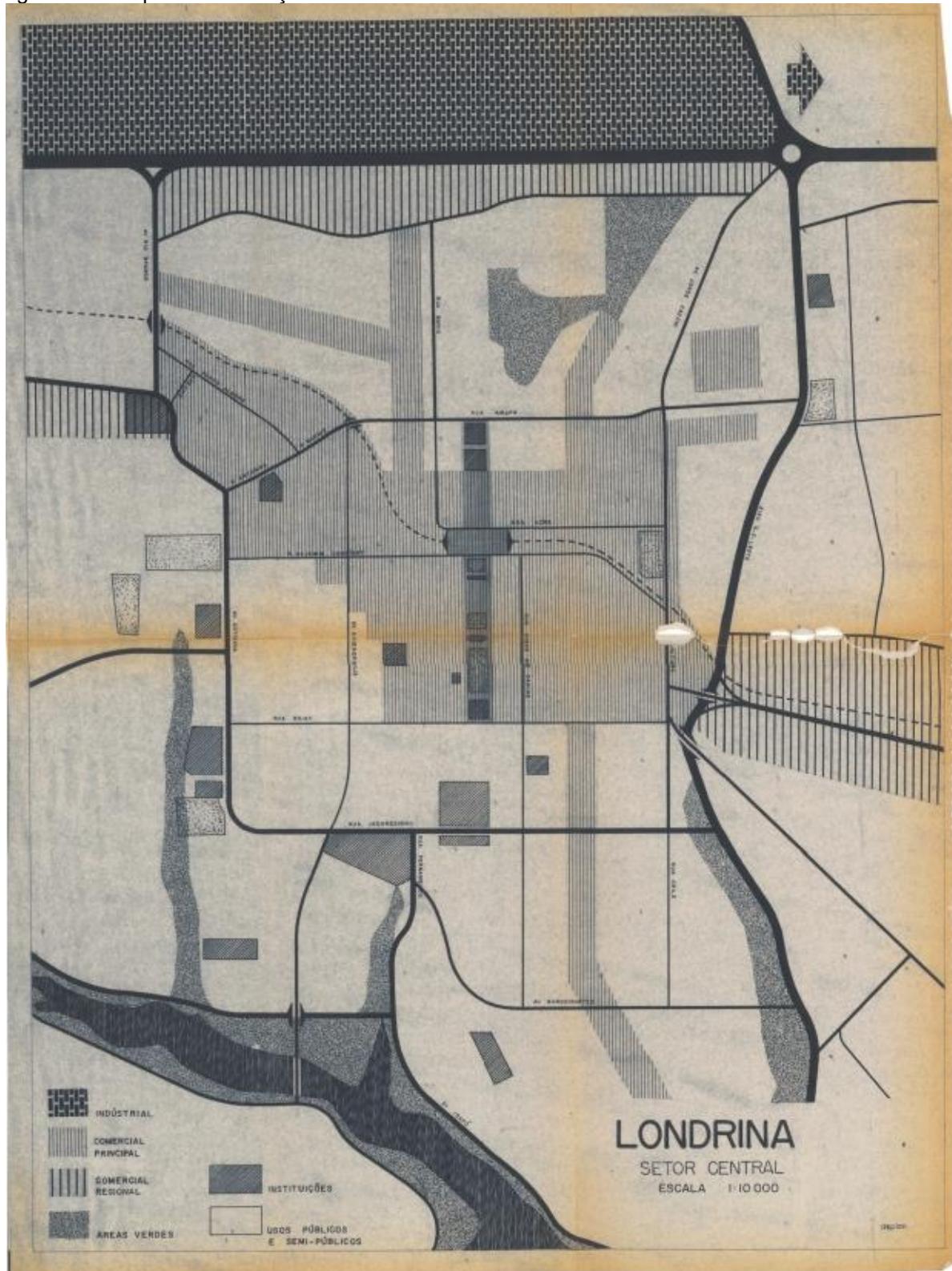
⁴ A cópia heliográfica foi suporte para desenhos técnicos no começo do século 1900, possuía esta cor azul por causa de uma reação química do cianótico, composto utilizado para estas cópias, levadas ao sol.

⁵ A riqueza gerada pelo café e uma população maioritariamente de homens na cidade atraiu cafetinas de São Paulo, que abriram bordéis de luxo em Londrina, segundo MILAN (2010) a cidade chegou a ter cerca de 6 mil profissionais do sexo na década de 1960. A cidade era o contraponto entre o conservadorismo e os bordéis, em relato no Maschio (2011, p.59) conta da passeata de algumas profissionais do sexo com as cabeças raspadas por um delegado que as obriga sair andando com um cartaz que dizia "Somos prostitutas, vergonha da cidade", o mesmo relato é contado na dramaturgia de Bodas de Café (PASCOLATI, 2019), o fato foi confirmado por notícias em jornais antigos, fato pesquisado pelo professor de história Paulo de Tarso Gonçalves (2008) a passeata aconteceu em 1948, mais uma vez a arte tendo que retratar a história escondida da cidade.

setenta e cinco mil, sendo que quase metade se encontrava na área rural (PREFEITURA DE LONDRINA, 2021). O que reforça a ideia de que Londrina foi pensada para ser rural. O planejamento da década anterior já começa a cair por terra, pois a população mais que triplica, e cidade começa a expandir.

Nos anos 1960, o crescimento acelerado levou ao primeiro plano diretor da cidade, que começou a crescer nas suas periferias e a área industrial passou a ser parte da cidade (Figura 37). O êxodo rural que se iniciou na década seguinte, fez com que a partir dessa década, o perímetro urbano inchasse e notoriamente os bairros mais distantes começassem a se tornar grandes espaços de aglomerações urbanas. Esses se localizavam à distância de seis ou sete quilômetros do centro da cidade, trazendo para Londrina a marca de municípios em fase de crescimento: o distanciamento da periferia do centro da cidade (PREFEITURA DE LONDRINA, 2021).

Figura 37 – Mapa de setorização do 1º Plano diretor de 1968



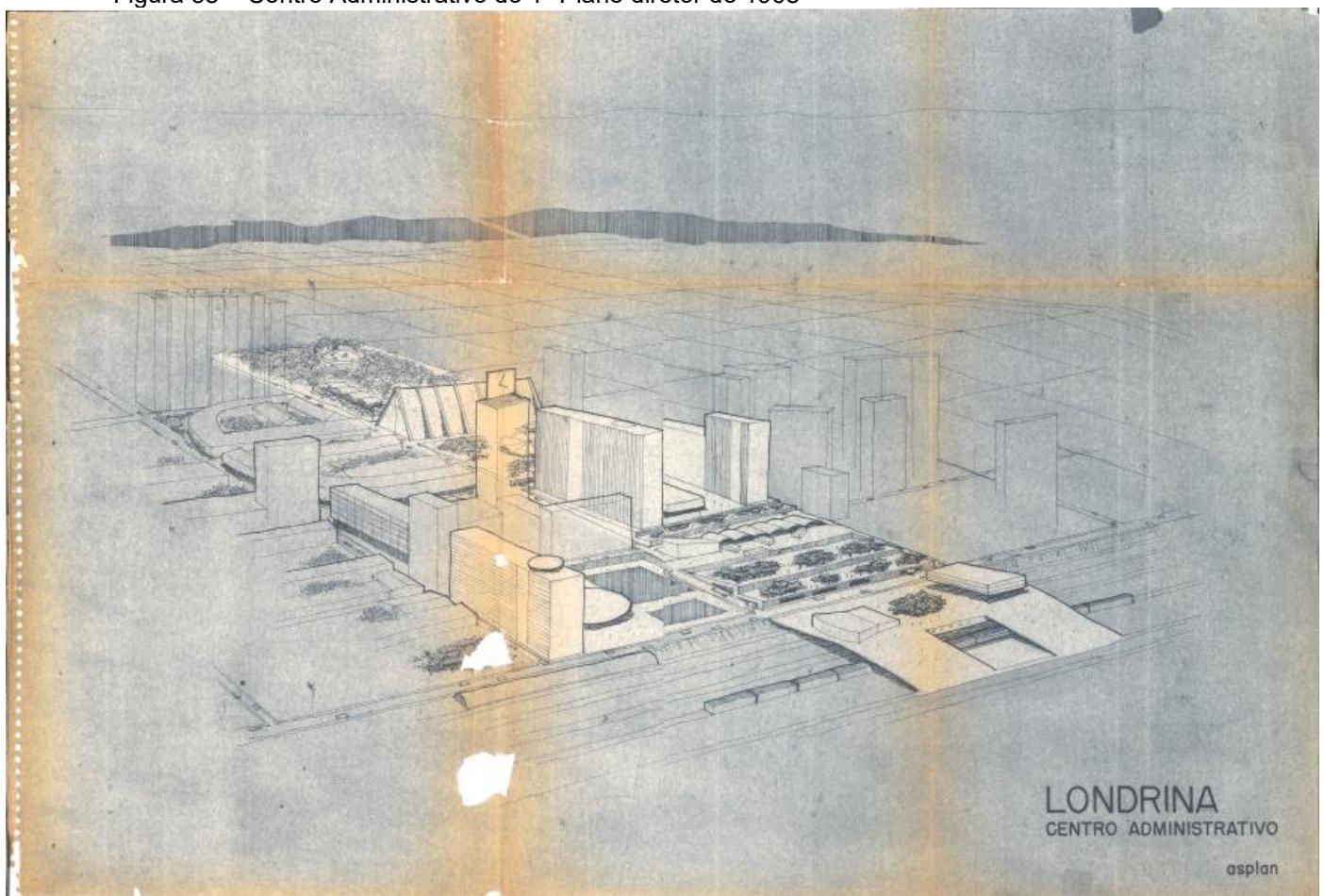
Fonte: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL), 2016.

Esses centros habitacionais foram edificados pela Companhia de Habitação de Londrina (COHAB) e atendiam às populações mais necessitadas da sociedade londrinense. Durante muito tempo foram moedas de troca dos pactos

eleitores. Viabilizar moradia – mesmo com profundas carências na sua infraestrutura – passou a ser entendido como benesse do político A ou B, e muitos acabaram se perpetuando em mandatos e cargos eleitorais.

Nesse período começou a virada tecnológica de Londrina com a instalação, em 1968, do Serviço de Comunicação Telefônica de Londrina (SERCOMTEL) que ampliou e facilitou o acesso às linhas telefônica, encurtando distâncias físicas. A implementação do Sercomtel foi mais um fato a mostrar como a cidade projetada pelos ingleses iria estar sempre um passo à frente no que tange à modernidade. Cinco anos antes, em 1963, Londrina recebe sua primeira emissora televisiva: A TV Coroados. Nessa época, nem cidades maiores como Campinas, por exemplo, tinham suas emissoras locais (PREFEITURA DE LONDRINA, 2021). Na década de 1960 Londrina já conta com nove emissoras de rádio, e um jornal impresso diário, além de algumas tentativas de se levantar um concorrente para a Folha de Londrina. Tanto avanço acabou fazendo com que os olhares do setor da construção civil vissem na cidade um polo de crescimento invejável, já possuindo um rico centro administrativo (Figura 38). Assim, os espaços e as construções que já tinham um valor histórico começaram a ser destruídos ou ameaçados de irem ao chão, com a projeção da verticalidade de cidade.

Figura 38 – Centro Administrativo do 1º Plano diretor de 1968



Fonte: IPPUL, 2016.

Na década de 1970, Londrina vive o auge e o declínio da cultura cafeeira, além de um enorme impulso científico e cultural. Em 1971 é criada a UEL e implantada no Perobal, bairro no extremo oeste da cidade, à época. O advento de uma universidade, trouxe crescimento imobiliário e comercial em torno da região onde ela estava sendo erguida. O município já contava com duzentos e trinta mil habitantes e uma produção agrícola voltada para o mercado externo. Com tudo isso começa a ter um desenvolvimento industrial, que gerou uma ampliação na prestação de serviços como educação, sistema de água e esgoto, pavimentação, energia elétrica e comunicação. Salienta-se a criação do Parque Arthur Thomas, o Ginásio de Esporte Moringão, a construção da nova Catedral (Figura 38), entre outras obras importantes. Só houve uma desaceleração no progresso em julho de 1975, quando aconteceu uma verdadeira virada na história local: a geada negra devastou quase todas as plantações de café da região. O evento climático fez com que muitos agricultores tivessem que buscar outras formas de sobrevivência (PREFEITURA DE LONDrina, 2021).

A geada impôs uma mudança de paradigmas na vida dos londrinenses. Se antes da tragédia natural, o êxodo rural já era uma realidade e a cidade inchava, com a quebra da cafeicultura, muitos não tiveram outra opção a não ser deixarem a zona rural e virem para a zona urbana. Isso fez com que as prioridades do governo municipal se concentrassem no espaço urbano, deixando um pouco de lado a zona rural, o que refletiu na vida da cidade como um todo, a ponto de as transformações urbanas se intensificarem. Foi retirada a ferrovia do centro (Figura 39), que era o local de saída das sacas de café, para a criação da Avenida Leste-Oeste, bem como a instalação de um terminal urbano de transporte coletivo, na sequência.

Figura 39 – Retirada dos trilhos da ferrovia em 1983 para dar início às obras da avenida Leste-Oeste



Fonte: NETO, Antônio, 2022.

Londrina se consolidou como Polo Regional de bens e serviços e se tornou, definitivamente, a terceira mais importante cidade do Sul do Brasil na década de 1990. Nesse período, apresentava uma estrutura voltada para zonas residenciais e comerciais em praticamente todo seu território, destacando a área central em razão do desenvolvimento da construção civil, refletida em inúmeros edifícios de padrão

médio e alto. A porção Norte da cidade, que nas décadas anteriores se enquadrava como região rural, revelou-se como uma grande área residencial, apresentando uma concentração de conjuntos habitacionais financiados pelo Banco Nacional da Habitação (BNH), hoje, a região é conhecida como Cinco Conjuntos (PREFEITURA DE LONDRINA, 2021).

Década a década, Londrina teve um crescimento constante, consolidando-se como o principal ponto de referência do Norte do Paraná, bem como exercendo grande influência e atração regional. Ainda em 1990 Londrina foi um dos primeiros municípios a ter uma rede de telefonia celular e internet. Muitas capitais do Norte e Nordeste ainda não dispunham dessa tecnologia, e ela já conseguia dar os primeiros passos na comunicação que mudou a vida das pessoas a partir dos anos 2000 (PREFEITURA DE LONDRINA, 2021).

Em relação a ciência e a cultura, a cidade se expandiu nos últimos anos da década de 1990 e nos primeiros da de 2000. A Lei de Incentivo à Cultura, dos vereadores Alex Canziani e Luiz Eduardo Cheida, sancionada em 23 de dezembro de 1992 ainda é referência de dispositivo legal de apoio indiscriminado aos artistas e produtores culturais. Em 2002 foi criado o PROMIC, responsável pela disseminação da arte e cultura até o presente momento, sendo uma de suas vertentes exclusivas destinada ao setor do patrimônio histórico de Londrina. Nem mesmo assim, as memórias dos espaços históricos conseguiram se manter preservadas, apesar da lei permitir a promoção de diversos projetos culturais de diferentes áreas, viabilizando a circulação da arte local. O município vive desde então uma intensa vida cultural, com calendários de eventos ocupando praticamente todo o ano.

Londrina é cosmopolita e pseudo-nobre em muitos aspectos, e quem leu, ou assistiu ao espetáculo Bodas de Café, de 1984 tendo remontagem em 2014 e divulgado no livro da Professora Sonia Pascolati (2019) - sabe muito bem disso. Assim como em outros espetáculos do Grupo Proteu e do Livro Escândalos da Província, do jornalista londrinense Edson Maschio (2011), fica expresso a defesa dos autores sobre a construção de um povo londrinense, de gente arrivista, adeptas de práticas não muito salutares e éticas de conduta moral e profissional, o que afetou diretamente a construção de uma memória coletiva de manutenção de espaços públicos e locais como ambientes vivos da história. Pessoas assim, via de regra, negam a história e o espaço em que habitam até numa tentativa de esconder seu passado, como se fosse possível jogar toda a história embaixo do tapete da sociedade. Observa-se que no

ensino fundamental a história contada por colonizadores, como no Brasil, não é bem o que aconteceu. Hoje luta-se por uma história decolonial, mas é importante ressaltar que isso não aconteceu apenas com a história do Brasil, o mesmo acontece referente as cidades brasileiras.

O livro de Maschio (2011) que mostra exatamente isso, foi publicado em 1954 e teve uma reedição em 2011, graças, inclusive, ao PROMIC. A arte critica a história, mostrando muitas vezes o que não é contado, Bertolt Brecht (1898-1956) dramaturgo alemão expressa isso em seus livros, sejam de poemas ou de dramaturgias, para falar de uma Alemanha nazista, da pobreza e da dor de uma minoria, e o mesmo aconteceu em Londrina: os artistas se pronunciaram e narraram uma versão bem diferente da convencional contada pela história oficial do Município e que hoje muito disso já se encontra inclusive no acervo do museu histórico.

Com vinte e cinco anos de idade Maschio escreveu *Escândalos da Província*. Na época trabalhava como redator da *Gazeta do Norte* e era um espectador privilegiado das rápidas transformações provocadas pela cafeicultura. O Norte do Paraná, em 1960, se tornou o maior produtor nacional de café, responsável por quase sessenta por cento da produção do país. No auge do ciclo, um terço dessa bebida consumida no mundo saía desse gigantesco parque cafeeiro.

Maschio (1984, 2011), de maneira satírica e crítica, lembra que na década de 1950 as famílias que haviam acumulado riquezas e poder buscavam meios de se diferenciar da multidão, de pessoas atraídas pelo brilho do ouro verde. A elite londrinense não queria ser confundida com os imigrantes “sem eira nem beira”. Novos espaços de lazer foram criados: o Country Club, a Casa de Chá Fuganti, o Cine Teatro Ouro Verde, o Jóquei Club, as grandes e luxuosas boates da zona do meretrício. A cidade não só aumentava de tamanho, crescia a ambição da elite em consumir e usufruir de uma cultura urbana, chique, moderna, *up to date*, apesar do ambiente ser ainda fortemente marcado pelos valores da gente simples do campo.

O romance de Edison Maschio (2011) denuncia o caráter cênico desse processo de refinamento dos modos vivido pelos donos do poder local e para fazer isso, o escritor lança mão de um gênero jornalístico inventado pela imprensa francesa no século XIX, o *fait divers*, extremamente popular na época. O gênero explorava as notícias escandalosas garimpadas no cotidiano de uma cidade: crimes, adultérios, assassinatos misteriosos, fatos curiosos, indiscrições sobre a vida

particular, fofocas, etc. Tudo aquilo que escapa da normalidade, da vida ordinária, corria o risco de virar manchete de um *fait divers*.

Escândalos da Província registrou de modo crítico a formação da cidade, e a maneira na qual a população lidava com a cultura, a arte e a memória local. À época de sua primeira edição, o livro causou tanta indignação que muitas pessoas atribuíram a Maschio um cartaz colocado no Obelisco que ficava na entrada da cidade de quem vinha de Ibirapuã e que dizia: “Se você veio a passeio em Londrina, seja bem-vindo; se veio vencer na vida dê a volta: igual a você temos cinquenta mil malandros aqui!” (MASCHIO, 1984, p.56).

Infelizmente é difícil imaginar que com tanto desenvolvimento, a história e a memória da cidade não fossem violentadas, ou pior, passassem por um processo nada discreto de apagamento. Casas e prédios comerciais que abrigaram histórias dos pioneiros simplesmente foram ao chão para que surgissem imponentes construções ou prédios residenciais ou comerciais. Assim Londrina vai perdendo sua memória juntamente com a sua identidade local, com os novos edifícios e nenhum traço do seu patrimônio original.

Marcio Seligmann-Silva (2005), importante teórico do mundo das letras e que investiga a memória como instrumento de resistência literária, defende que essa não é ativada por reminiscências, mas sim por topografia. Ou seja, para o professor da Unicamp, o gatilho da lembrança não são apenas palavras, mas essencialmente locais que ativam tais recordações. Por exemplo, o que restou dos campos de concentração nazista, são um monumento vivo e um instrumento de resistência histórica a remeter a uma das páginas mais tristes da história mundial (SELIGMANN-SILVA, 2005).

Assim como espaços preservados são instrumento de manutenção da história, a paisagem urbana afeta a vida das pessoas de diferentes maneiras. Em relação às construções abandonadas, essas acabam por criar transtornos para moradores da cidade de Londrina, bem como oferecer riscos à população (GARRIDO, 2017). É como se tais lugares se tornassem verdadeiras assombrações a denunciar o descaso da sociedade e das autoridades em relação à sua preservação.

Compreender a evolução urbana é importante para visualizar o momento presente, a fim de pensar a história – o que as cidades guardam do passado, o que se mantém atualmente, e suas transformações; assim perceber as rugosidades

que marcam os espaços (SANTOS, 1990). No próximo item será abordada a evolução urbana e o quanto essa marca a história das cidades.

2.4 Evolução Urbana

François Ascher (2012), sociólogo francês é o principal autor que orienta as reflexões dessa análise juntamente com a visão do método regressivo-progressivo de Henri Lefebvre (1973). Além deles foram abordados autores que dialogam com a mesma temática, mas em outros contextos, como: Jan Gehl (2013), urbanista e professor dinamarquês, o qual elaborou mais 200 intervenções urbanas em diferentes cidades ao redor do mundo; Ermínia Maricato (2011), urbanista, professora e ativista brasileira, que concentra sua pesquisa na desigualdade urbana; Vinícius M. Netto (2013) urbanista e professor brasileiro, que promove grande parte da sua produção em urbanidade; e Paul D. Nygaard (2005) também urbanista e professor brasileiro, com foco de sua pesquisa em planos diretores municipais.

Ao pautar a presente análise nos pressupostos teórico-metodológicos dos referidos autores, visa-se, a partir das propostas estratégicas, reforçar as ideias e contribuir com a produção brasileira no contexto de se repensar a cidade enquanto, forma, dinâmica, economia e social.

Essa abordagem tem como elemento principal as mudanças ocorridas nas cidades e na sociedade, as quais ainda hoje encontram-se em constante transformações. É importante compreender essas para poder buscar uma solução que não seja imediata e nem estática, mas sim voltada a estratégias dinâmicas e flexíveis, visando às novas relações contemporâneas de cada local.

A primeira fase da modernidade iniciou com os tempos modernos, e se encontram no começo da revolução industrial e no fim da idade média. Como resultado, a cidade medieval passou a ser a cidade clássica, onde foi feita a separação dos espaços públicos e dos espaços privados.

Na segunda fase, a revolução agrícola trouxe novas concepções para cidades. As mulheres passaram a ser assalariadas e se inseriram no meio urbano. Em 1933 foi elaborada a Carta de Atenas, que tinha como um dos princípios a cidade funcional de Le Corbusier, na qual estavam as diretrizes do urbanismo moderno, que

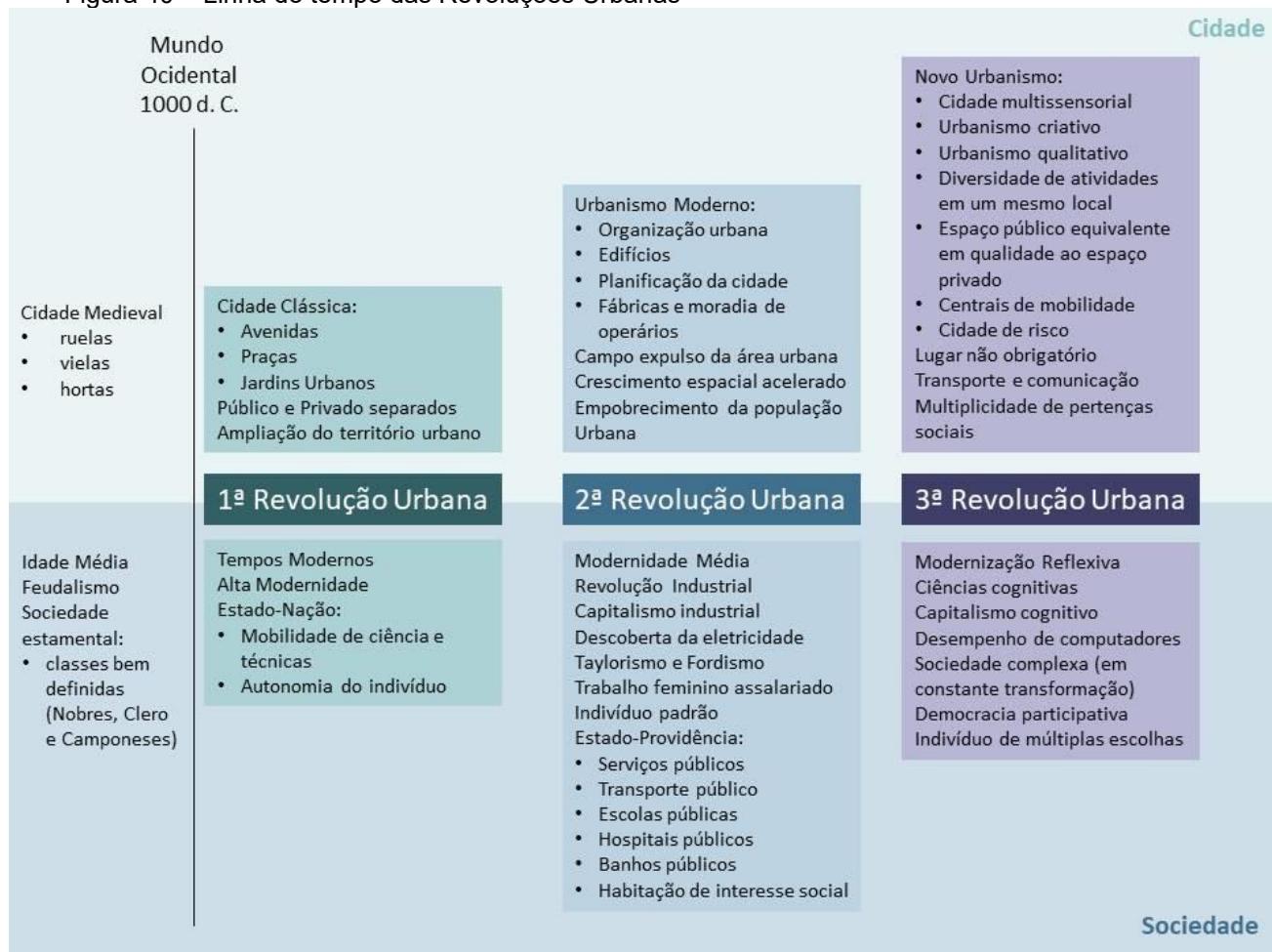
organizava as cidades em setores. Com isso, construiu-se um padrão de edifícios por meio de plantas-tipo para as habitações; os avanços técnicos, como a eletricidade e os elevadores modificaram a maneira de construir e diferenciaram ainda mais as classes sociais: quanto mais verticais eram os edifícios, maiores eram as distinções marcadas na paisagem urbana (ASCHER, 2012).

O automóvel alterou a forma de conectar pessoas e lugares. A ideia de planificar a cidade volta o espaço ao que Ascher (2012) chamou de urbanismo fordo-keynesio-corbusiano. Esse tinha um Estado-providência para administrar as cidades, que oferecia serviços públicos para minimizar as mudanças que ocorriam por meio de: escolas, hospitais, habitações sociais, entre outros. Maricato (2011) chamou esse momento de “apocalipse automotivo”, porque o transporte motorizado especificamente acabou por se tornar a base das cidades atuais. A autora considerou o artefato de maior impacto que influenciou os espaços urbanos nas últimas décadas, resultando em uma transformação das vias e passeios, que passaram a ter medidas específicas e as ruas ganharam velocidade. Com isso se diferenciou a maneira das pessoas se relacionarem nesses locais, as vias ficaram cada vez mais largas as calçadas mais estreitas e o individualismo ficou latente, no qual o sonho de consumo passou a ser o carro próprio, e isso fez com que o urbano inicialmente planejado para as cidades se alterasse por completo.

A pós-modernidade foi a que Ascher (2012) chamou de terceira modernidade, na qual o desempenho dos computadores tomou força frente ao espaço urbano e a sociedade. O hardware dá lugar aos quase-sujeitos e as ciências cognitivas que abriram caminho para a modernização reflexiva formando a sociedade de risco, que une conhecimento e ação.

As modificações ao longo da história urbana trouxeram a compreensão do momento em que se encontram as cidades atuais. Verificar o ontem para entender o hoje e planejar o amanhã é o que a abordagem histórica pretende, assim, foi elaborada uma linha do tempo das revoluções urbanas (Figura 40).

Figura 40 – Linha do tempo das Revoluções Urbanas



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

O urbanismo começa nas cidades medievais, a partir de ruelas, vielas e hortas. No período da Idade Média, a base do sistema político era o feudalismo. A vida está calcada em uma sociedade estamental, na qual as classes eram bem definidas, entre senhores feudais, nobreza, clero e servos, que eram camponeses, basicamente. Conforme a sociedade foi evoluindo, os hábitos e dinâmicas da população se modificaram e com isso a estrutura urbana e política sofreram alterações. Foi assim que aconteceram três revoluções urbanas, segundo Ascher (2012).

A primeira veio com o início dos tempos modernos, com base em um Estado-Nação, nela o indivíduo passa a ter uma relativa autonomia na qual é configurada a cidade clássica, com avenidas, praças e jardins urbanos, tendo uma separação bem clara de público e privado. Já a segunda é marcada pela revolução industrial, em uma sociedade dividida entre capitalista e socialista, com o surgimento das fábricas vêm as moradias para os operários, onde cria-se a ideia de “humanidade

padrão". Com isso, o campo é afastado do centro urbanos e a verticalização, o automotor, imperam. A terceira revolução é a que se vive atualmente, em uma modernidade de multiplicidades, uma sociedade mais complexa, o mundo virtual ganhou espaço até economicamente. As cidades passam a ser multissensoriais, o que requer um urbanismo mais criativo e humanista, que trata cada indivíduo como único e não mais como padrão. Há diversidade de atividades em um mesmo local, e o público e privado passam a não ter mais uma divisão clara, muitas vezes existindo até parcerias entre eles para a formação de um espaço. A multiplicidade de pertenças entre transporte e comunicação, o não-lugar e o não-sujeito, passam a ser parte da cidade (ASCHER, 2012; NYGAARD, 2005; Figura 40).

A partir da mobilidade social juntamente aos avanços das tecnologias de informação e comunicação houve uma interação maior entre as pessoas, porém as relações ficaram cada vez mais frágeis.

As famílias não se compreendem mais como pai, mãe e filhos, novas formações familiares e de grupos de pessoas fazem parte desse contexto, o que transformou a moradia tanto no espaço interno como no externo. Assim se comprehende a estrutura social que atualmente funciona como rede, ligando trabalho, família, lazer e vizinhança, gerando essa pluralidade de pertenças sociais (ASCHER, 2012).

Porém, nesse local global os excluídos do mercado são ainda mais explícitos. O capitalismo industrial assume a forma de capitalismo cognitivo, sendo o fim de um futuro previsível e planificável como no modernismo urbano de Le Corbusier (ASCHER, 2012). No qual, tudo se encontrava dentro de um padrão e organização comum entre os indivíduos, inserindo seu modelo perfeito, casa-tipo, família-tipo, cidade-tipo (NYGAARD, 2005), o que não é mais possível.

A economia começou a girar em torno do conhecimento e da informação, isso modificou o sistema de transporte que precisou acelerar no ritmo para tentar se igualar a telecomunicação, dessa forma a interação entre o poder público e privado fez-se indispensável, visto que a cidade passou a ter uma velocidade mais acelerada e começou a se relacionar com o cidadão de forma mais veloz e mais individualizada (ASCHER, 2012).

Dando lugar ao que Ascher (2012) denominou de neo-urbanismo, a terceira revolução urbana moderna se caracterizou pela “[...] metapolização, a transformação dos sistemas urbanos de mobilidade, a formação de espaços-tempo

individuais, a redefinição das relações entre interesses individuais, coletivos e gerais, novas relações com riscos" (ASCHER, 2012, p. 61). Abranger todos os sentidos é essencial na relação urbana. Assim, surgiram novos serviços públicos e uma diversidade de interesses, no qual o urbano passa a ser de todos os riscos e se vincula a aceleração da informação, gerando esse "mundo perigoso". Com isso as cidades passaram a ter gestões de precauções e segurança pública.

Uma nova forma de segregação social surgiu a partir da velocidade da telecomunicação, pois essa não se tornou acessível a toda população e ficou evidente a parte dos cidadãos que estavam na mesma velocidade da informação e os que permaneciam excluídos.

Ascher (2012) constata que o novo urbanismo está inserido em um contexto com sem distinções entre público e privado, campo e cidade, interior e exterior, com uma sociedade mais complexa, que não permite prever, pois está em constante mutação, exigindo um urbanismo mais criativo e qualitativo. Nessa perspectiva ao analisar os planos diretores municipais, Nygaard (2005) faz uma crítica aos parâmetros comuns entre cidades e defende os específicos para cada local, sendo de suma importância a participação da população para o estabelecimento leis específicas para cada região do município. Gehl (2013) apresenta uma nova maneira de pensar o espaço urbano, contemplado de dinâmicas sociais e da coexistência de diferentes meios de transporte em um mesmo espaço, promovendo assim maior interação social, e colocando a pessoa como fator principal do planejamento, o que ele denominou de "cidade saudável".

Ascher (2012) defende as centrais de mobilidade, locais que possibilitam o desenvolvimento de atividades com diferentes naturezas para práticas sociais, e que se adaptam as diversidades de transportes. Para agir no que o autor definiu de "sociedade hipertexto", que interliga comunicação e informação, complexa em sua natureza. As soluções devem ser avaliadas caso a caso, e não repetitivas na requalificação do poder público no espaço, para assim ter qualidade urbana, englobando não só o sentido da visão, mas do olfato, do sonoro e do tátil, sendo multissensorial.

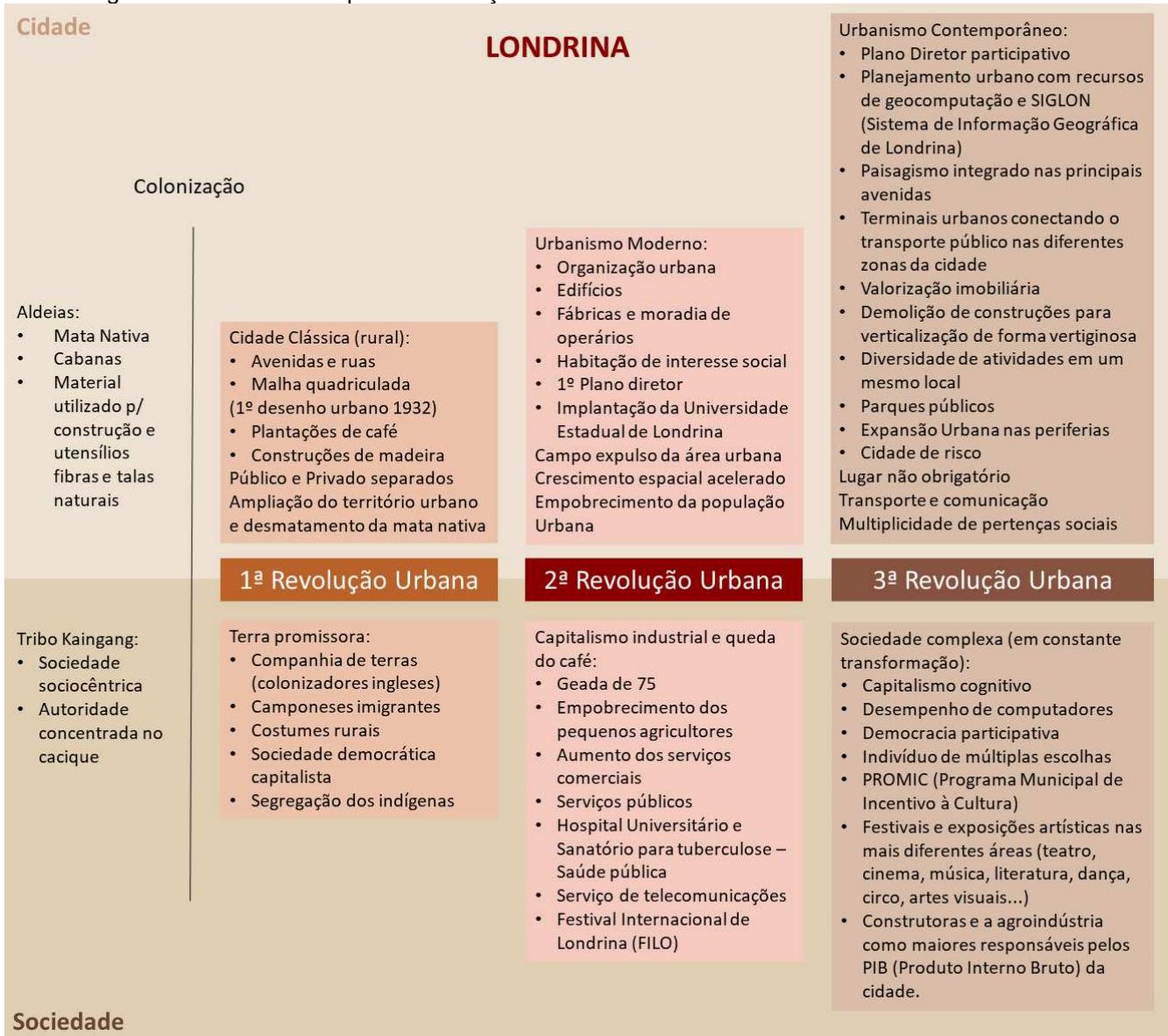
O sistema de governo precisa se adaptar, abordando uma política de vizinhança, na qual todos que estão inseridos na cidade têm poder de participação nas decisões, junto à democracia metropolitana, que desenvolve as participações

individuais em soluções para um coletivo promovendo um novo urbanismo em uma sociedade mais consciente (ASCHER, 2012).

Nos planos diretores participativos é possível visualizar essa tentativa da inserção da população e dos bairros nas decisões urbanas. Porém, ainda falta um projeto maior de conscientização dos cidadãos do que são os planos diretores, em que eles interferem nas cidades, nos interesses imobiliários, nas segregações dos zoneamentos e na falta de diversidade de usos. Como tudo isso interfere diretamente na vivência da população e em seu local de moradia – que para as minorias normalmente ficam nas periferias das cidades, longe da infraestrutura central, tendo maior distância de deslocamento diário. Para exigir direitos, tem-se que entendê-los primeiramente, sem essa conscientização fica difícil a população compreender quão valiosa é a sua participação ativa nos planos diretores. Com isso depende-se muito mais dos técnicos envolvidos do que da população em si.

Inspirado na Figura 40, foi elaborada uma linha do tempo das revoluções urbanas em Londrina (Figura 41), como maneira de visualizar o método regressivo-progressivo de Lefebvre (1973) interligando campo e teoria. Em grande parte, o município acompanha as dinâmicas descritas por Ascher (2012) e Nygaard (2005), e as particularidades locais ficam evidentes na figura abaixo.

Figura 41 – Linha do tempo das revoluções urbanas em Londrina



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

Londrina é uma cidade que passou de aldeia indígena a cidade clássica, de mata nativa a um desenho urbano composto por uma malha quadriculada e plantações de café. Na sequência passa-se para o urbanismo moderno, os edifícios e fábricas começam a integrar o município, surge o primeiro plano diretor e é implantada a UEL. A geada de 1975 muda a configuração urbana e rural, os pequenos produtores não conseguem se reerguer e acabam tendo que procurar outras formas para sobreviver, o que provoca um aumento nos serviços e comércios; nesta fase Londrina demonstra já sinais artísticos e passa a ser uma referência da região norte do Paraná no Festival Internacional de Londrina (FILO).

A terceira revolução urbana, que acontece atualmente, possui um plano diretor participativo utilizando-se de ferramentas de geocomputação e Sistema de Informação Geográfica de Londrina (SIGLON). A mobilidade no transporte público é interligada por terminais urbanos na zona central, norte, sul, oeste e sudeste; algumas avenidas passam a ter ciclovias. É criado o PROMIC, que além de financiar parte dos festivais, incentiva artistas independentes e fomenta arte e cultura na cidade. Com isso, os festivais artísticos e exposições culturais crescem e abrangem as mais diversas áreas: teatro, música, cinema, dança, literatura, circo, artes visuais, dentro outros. Exposições agroindustriais fazem a economia local crescer e protagonizam o agronegócio. Londrina possui o terceiro maior Produto Interno Bruto (PIB) do estado do Paraná, tendo como principais responsáveis por este resultado empresas agroindustriais e construtoras (BATISTA, 2021 e FOLHA DE LONDRINA, 2021).

Visualizar desta forma permite ter mais clareza da maneira com que a cidade constrói as suas dinâmicas e valores, quem gira o capital do município, quem os políticos estão interessados em favorecer e gera o questionamento: a favor de quem as leis municipais são feitas ou reformuladas?

De uma maneira ou outra, mantém-se uma relação de amor e ódio com a cidade. Mesmo apontando os abandonos dos espaços e a não valorização da memória coletiva, não há como negar os encantos dessa terra. Maschio (2011) ao satirizar os primeiros anos da história de Londrina faz uma declaração de amor, à sua maneira ao rincão que o acolheu e onde nasceram seus filhos.

Londrina é terra fértil de artistas, de trabalhadores que lutam para ganhar a vida todo os dias, e de muitos desempregados que atravessam essa pandemia do COVID-19 a duras penas pedindo esmolas nos semáforos; terra de professores e estudantes; e de uma minoria que comanda as maiores empresas da cidade. É espaço dos idosos e aposentados, das crianças que alegram o Lago, é lugar de profissionais do sexo que tem seu espaço de trabalho nos bordéis e nas esquinas escuras da cidade. É casa dos indígenas que restaram e vivem, ou melhor sobrevivem às margens de uma rodovia. Londrina tem casas de madeiras resistentes ao tempo e ao progresso, é espaço de obras inacabadas, como aquela grande estrutura de ferro na Av. Leste-Oeste e o Teatro Municipal perto da rodoviária, além de outras construções abandonadas, assim como as histórias. É composta de vales preservados e bosques que lutam para sobreviver em meio aos edifícios verticais.

Londrina tem bares tradicionais, como o Valentino e o Tomio, é terra de Rock, Pop, MpB e muito Samba da madrugada. Londrina é terra de arte e cultura, é o brilho do Cine Teatro Ouro Verde das chamas aos festivais de teatro, cinema, dança, música, literatura e circo, é muita vida cultural. Londrina possui a agroindústria e as grandes construtoras, como fonte de riqueza e trabalho local. Londrina é de um povo que luta, que resiste, que vai para rua em busca de uma sociedade melhor.

No capítulo seguinte será colocado em prática o método Brecht, encenando a temática por meio de um material em audiovisual, a fim de gerar uma análise crítica e sensibilização do público na busca de unir arte e ciência.

3 ARTE CIÊNCIA

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe
de todo o céu, tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos
nos podem dar, e tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

Da minha Aldeia de Alberto Caeiro – Fernando Pessoa

Figura 42 – Olhar através das lentes da autora



Fonte: BESSA, 2020.

A chamada pós-modernidade fragmentou quase tudo. Por mais que os tempos modernos exijam uma compactação de teorias, conceitos, informações, ainda há uma separação de arte e de ciência, de cultura e de educação, quando ambas as coisas deveriam ser vistas como uma unidade. Não se deveria pensar arte distanciada da ciência assim como cultura de educação. Uma caminha junto com a outra, tendo a mesma importância, apesar de campos teóricos distintos, pois essas se relacionam diretamente.

Infelizmente, insiste-se na noção de um mundo em caixinhas separadas umas das outras, quando na verdade tudo se relaciona entre si. Por exemplo: sem geografia não se tem uma noção de mundo na sua totalidade, mas sem sociologia, filosofia, antropologia, arte também não; uma ciência ajuda entender melhor a outra. O humano quer categorizar a vida como se ela fosse estática, quando ela é dinâmica.

É exatamente esse dinamismo que dá vida à ciência e que, ao mesmo tempo faz com que a cultura – forma de expressões das mais variadas existências – se aproxime do método científico. Os pedagogos, chamam isso de interdisciplinaridade, para outras áreas, o termo mais apropriado é a transdisciplinaridade. No caso da presente tese, esse termo é mais adequado do que aquele, uma vez que o prefixo trans- sugere sempre atravessar, passar por, e é isso que se enxerga quando definiu-se com o termo arte ciência: ultrapassar barreiras pré-estabelecidas.

A transdisciplinaridade, a que Fals Borda faz menção em seus estudos, defende a relação ativa entre os conhecimentos acadêmicos e saberes populares criando um diálogo de comunicação entre pessoas, na qual todos retêm em si uma forma de saber. Essa é uma visão contra hegemônica que vai ao encontro com o que defendeu Paulo Freire (CICHOSKI, 2021).

Ao mencionar o educador Paulo Freire não há como esquecer de sua visão na qual o oprimido deve ter vez e voz para contar sua própria versão dos processos históricos vividos. É o que se pode chamar de visão descolonial, importante aspecto que tem sido usado nos estudos culturais recentes. Pensando no universo latino-americano essa visão abarca as histórias de um povo que sofreu com a escravidão, a expropriação das terras indígenas, morte e colonização do pensamento. O que, por si só, justificaria a necessidade de unir as mais diferentes áreas e pessoas, alicerçando a modernidade em um “novo padrão de poder” ou um contrapoder, em

um processo que busca valorizar cultura, educação e política para uma transformação social em um trabalho de escala local e regional, construindo uma ciência própria e popular, que conversa com a vida cotidiana das pessoas, ampliando a visão de mundo (CICHOSKI, 2021). Ao mesmo tempo reafirma a identidade do oprimido, pois este já tem uma história própria e uma cultura consolidada antes de qualquer contato com o seu colonizador (opressor), uma vez que:

[...] a vida não é um recorte reto, preciso e limitado. É um caminho flexível, mutável e de difícil compreensão. Assim como os caminhos das andorinhas, a busca pelo entendimento da realidade é complexa. Ora estamos próximos ora muito distantes. Somos seres constituídos por muitas camadas, saberes e experiências, ricos em criatividade, valores, conceitos, pré-conceitos, crenças, símbolos, materiais e espirituais. Compreender de fato os movimentos dos sujeitos sociais, entendidos como sentipensantes (aqueles que pensam, sentem, criam, vivem a sociedade e a natureza), é um ato e um processo interdisciplinar e transdisciplinar, que exige respeito, humildade e compromisso social (CICHOSKI, 2021, p. 89).

A ideia de um ser constituído de camadas reforça o conceito de ser humano integral, no qual ciência, arte, educação, cultura, tecnologia, religião, lazer se somam, um não é mais importante que o outro. Todas as camadas são relevantes, e integram ao ser.

No entanto, não é apenas o conhecimento que é colocado em caixas invisíveis, as pessoas também são. Não se vai para além do seu “limite”, fica-se estático e os movimentos e as novas possibilidades permanecem intocadas. Por outro lado, quando é tirado o saber de caixas e é criado uma relação sujeito-sujeito há uma democratização da voz de todos, uma descolonização do saber, saindo do império imposto do que é válido ou não.

Dessa maneira, ver a arte como veículo para a transdisciplinaridade é de suma importância para comunicação sensível nesse movimento de pesquisação, a fim de aumentar o entendimento da realidade por meio da ação política refletindo em uma transformação social.

Para compreender essa realidade em Londrina foi realizada uma entrevista com o Chefe de Gabinete do atual Secretário de Cultura de Londrina, Valdir Grandini, mais conhecido como Dentinho, importante nome no cenário local, tendo sido um dos grandes responsáveis pela elaboração do PROMIC em 2001. Mesmo com suas multitarefas na Secretaria Municipal de Cultura, atua de maneira especial na incubadora de projetos culturais locais, onde procura fomentar novos projetos e

realizações para a área, a fim de superar os desafios impostos à cultura londrinense atualmente.

Iniciamos nossa conversa, falando sobre a cultura, de modo geral, e de como ela pode trazer mudanças para uma cidade, estado e país. Grandini se empolga ao entrar nessa área e aponta que a solução para boa parte dos problemas sociais passa necessariamente por uma política pública de cultura com acesso a todos, e fala: “hoje eu tenho uma convicção que a política pública de cultura é a política pública com maior potencial que existe, embora a mais subestimada do ponto de vista orçamentário”.

Grandini cita um caso do qual vivenciou de perto, e que reforça o seu pensamento. A Rede Cidadania, um dos vários projetos incentivados pelo PROMIC, que rapidamente levou cultura às regiões mais periféricas, fazendo com que as comunidades dessas áreas se envolvessem diretamente com o projeto. O resultado foi muito além do esperado. Uma verdadeira metamorfose aconteceu nos locais até onde a Rede Cidadania chegou. Por meio da cultura, a inclusão e o resgate da cidadania tornaram-se reais.

Para enfatizar como é importante a democratização da cultura é fundamental ocupar espaços e regiões periféricas como faz a Rede da Cidadania, Grandini evoca a visão de Marx na qual toda experiência cultural, social e científica deve ser compartilhada e como isso foi rompendo barreiras e dando novas vazões no potencial criativo do indivíduo. A cultura é a força que faz com que o passado, a dominação, a alienação sejam rompidas e promove a volta a esse lugar onde as pessoas retornam a se olhar nos olhos⁶. Tal fato remete a uma imagem que faz alusão a esse momento conservador, onde o indivíduo é tratado sem ser um ser criativo e que olha ao seu redor, na série *The Handmaid's Tale*, exibida em canais de streaming, mostra pessoas condicionadas para não enxergarem além do seu chapéu, como se realmente estivessem usando um cabresto (Figura 43), para não opinarem em nada ativando o piloto automático não se importar mais com a cidade e o outro.

⁶ Dando aula de desenho ao longo da vida apreendi que a primeira aula precisa ser a reeducação do olhar, pois justamente por estarmos sempre no piloto automático, não observamos mais nem o que está na nossa frente, é como se mesmo vendo ainda existisse uma venda nos olhos, quase como Saramago relata em seu livro *Ensaio sobre a Cegueira*.

Figura 43 – Chapéu cabresto *The Handmaid's Tale*



Fonte: BASTOS, 2019.

Ainda existe uma dificuldade em entender que a política cultural não beneficia apenas os artistas, pois por meio de seus trabalhos, mas alcançam a população de diferentes formas, inclusive educativa. Estruturar isso não é fácil e simples, e nem mesmo um governo de esquerda consegue fazer isso facilmente, pois é preciso que haja um engajamento de ambas as partes, artista e público precisam entender que um não existe sem o outro, que ambos precisam ser valorizados porque representam a própria trajetória cultural do seu povo, pois dentro de uma mesma sociedade tem-se as mais variadas culturas e expressões artísticas e aí o papel da política unir a cultura e a arte. Cultura é de todos e para todos.

Esse deveria ser o pensamento que dominasse o senso-comum, mas infelizmente não é. Como acontece com os espaços abandonados, a cultura e a arte são sempre renegadas a um segundo plano quando se trata de orçamento público ou de instrumento de justiça social. Apesar dos discursos pregarem o contrário, a prática mostra que a realidade é exatamente essa. No Governo Bolsonaro, por exemplo, a Cultura deixou de ter um ministério próprio e passou a ser uma secretaria do Ministério do Turismo. Por conta dessa adaptação, perdeu muitas verbas e outras foram simplesmente cortadas para atender a outros ministérios, ou a interesses de deputados aliados, como foi fartamente divulgado pela imprensa.

Londrina, até por ser um importante reduto do ex-presidente, não iria se furtar a tentar dar um golpe na cultura. Emenda de um vereador bastante alinhando com os discursos conservadores da extrema-direita, especialmente o armamentista, propunha que se tirasse dois milhões e quinhentos mil reais do orçamento da Secretaria Municipal de Cultura para se destinar à Guarda Municipal, à Fundação de Esportes e à Saúde. No dia 15 de dezembro, porém, com o voto de quinze dos dezenove vereadores a intenção foi sepultada. O recurso ficou com a Cultura e pode ser destinado a projetos como a Rede Cidadania, cuja importância já foi mencionada.

Grandini, como produtor cultural e membro da cúpula diretiva da Secretaria Municipal de Cultura, foi uma das vozes a se levantar contra o descalabro que seria se o projeto do referido vereador fosse bem-sucedido. Aliviado, falou por mais de três horas do momento de tensão que o meio cultural viveu por aqueles dias, e principalmente de como é necessário unir cultura e educação inclusive em questões orçamentárias. Dinheiro para essas áreas não é gasto, é investimento com retorno certo. Porém, a nação ainda não enxerga dessa forma. Infelizmente vê-se muitas vezes a cultura como algo descartável, mas ela é o grande tesouro pedagógico, que pode funcionar diretamente na inserção do cotidiano dos bairros com um potencial arte educativo e socioeducativo. Deve-se olhar para a cultura com o mesmo olhar que se tem para a ciência e entender que tanto esta como aquela são vitais para a população. Até porque um povo que tem acesso à cultura, irá valorizar sua memória e história, ao agir assim trabalhará no sentido de não se permitir que os espaços abandonados se proliferem.

Esse capítulo reflete a necessidade iminente do momento atual, no qual a ciência encheu suas bibliotecas de palavras difíceis, mas que tem dificuldade de dialogar com a população. É preciso um movimento de diálogo, e a cultura pode auxiliar nisso, no sentido de romper esses paradigmas que vêm acontecendo. A ênfase é mostrar o percurso realizado como possível para qualquer outro pesquisador na busca de tornar o conhecimento útil, transformador e acessível. Que é possível unir ciência, cultura e política num mesmo objetivo: o bem-comum com a justiça social.

ATO I: referências visuais, sonoras e narrativas

Os olhos contemplam; os ouvidos captam os sons; as palavras traduzem o encanto ou desencanto com o visto e ouvidos, e assim, vários processos são constituídos em nós. Como já mencionado somos feitos de histórias e de lugares. Saberes são referências que norteiam nossa existência, muitas das quais cumulativas ao longo de uma vida. É difícil destacar apenas algumas, pois não são o que realmente acontecem, o cérebro humano vai criando uma biblioteca interna de imagens, sons e narrativas. A vivência no teatro proporcionou uma abrangência que vai para além de nomes elencados, são experiências sensoriais.

O teatro de Brecht mostra que há uma linha tênue entre a realidade e a arte, a forma de se comunicar da arte é um ponto de partida para a população se sensibilizar em uma temática, e se fazer crítica e emoção entre realidade e ficção. É a sutileza agressiva da arte que tira a pessoa da sua zona de conforto, tentando compreender o processo histórico na qual está inserida. É ela que revela, sem meias-palavras, que não há “lado certo” de uma história, mas simplesmente lados. E exatamente por isso todos devem ser levados em consideração, apesar que em um mundo capitalista um lado é do opressor e o outro do oprimido, mas nem sempre é assim, às vezes são só versões de uma mesma faceta.

Eduardo Coutinho faz muitas vezes isso em seus documentários. Jogo de cena, é o exemplo perfeito entre uma mistura de histórias reais e estas interpretada por atores parecendo ficção. É essa linha tênue de não saber de quem é “aquelar” verdade que mais instiga o espectador. Talvez a verdade não seja de uma pessoa, pois a verdade do ator é a emoção, é o que toca em seu coração. A arte é essa ligação entre o que emociona todos e o que é em comum para uma maioria.

Em outro documentário seu Edifício Master, Coutinho reúne histórias que revelam essa relação de vizinhança. Num mesmo edifício com diversos moradores, o particular e o coletivo são mostrados, revelando uma visão ampla partindo de um mesmo espaço: um lugar chamado de lar, com seus conflitos comuns e semelhanças individuais. O que se destaca, na visão do cineasta, é a importância dada a cada fala, a cada pessoa como única, e que ao mesmo tempo não se difere do público que assiste, pois de alguma forma se identifica com as histórias. O filme vai entrelaçando todas as narrativas, com o mesmo corredor, a mesma porta de entrada para cada apartamento. Um único espaço representa uma memória que vai

para além do Edifício Master, e entrelaça com a memória de quem assiste, fazendo o público viver o local.

Ruiz e Moura (2016), salientam a importância da narrativa documental cinematográfica para a ciência, que busca na vivência humana por meio do cotidiano a sua relação com o espaço. É o que acontece na relação do público com o ambiente vivido nessa narrativa do Edifício Master, pois a interação se dá a partir do local e das memórias criadas nele e sobre ele.

No que tange especificamente a arte, essa interação vem do lugar dessa escuta sensível, de ligar particularidades individuais com identificação de um público, seja o que Coutinho faz em seus documentários, o que Brecht faz em suas dramaturgias, o que Fernando Pessoa faz em seus poemas ou mesmo que uma música que por meio da melodia emociona. Enfim, a arte é uma ferramenta potente de comunicação, sensibilização e crítica, pois educa, e une. Por isso é possível dizer que com a arte vai-se para além da interação, pois é pertencimento, identificação, repulsa, estranhamento, politização. Em suma: a arte é transformadora.

O que vemos e apreendemos sem a magnitude do som fica prejudicado. É necessário extrair sons do silêncio e emudecer as tentativas de silenciamento. Eis outra função da arte que movimenta todos os nossos sentidos ao vibrar e libertar: os sons.

Carta Sonora, documentário dirigido por Suzana Reck Miranda e Mario Cassetari, despertou um olhar diferenciado para a paisagem sonora urbana, envolvendo sensações. Assim como a arte de maneira geral, o som, especificamente, vai para além de qualquer palavra. O documentário faz esse panorama sonoro da cidade de São Paulo e abre a escuta para que o público possa compreender melhor os sons de seu próprio cotidiano urbano.

Esse foi um dos objetos de estudo da pesquisadora Janete El Haouli: a multiplicidade de sons e de seus significados no meio sonoro. Ao conhecer seu trabalho, devo dizer que abriu meus ouvidos para o universo sonoro. Perceber cada som que enche os ouvidos de todos que os escutam diariamente é bastante significativo e ativa várias áreas sensíveis. Por exemplo: enquanto escrevo tenho o barulho das teclas, o som de hélices e motor de um helicóptero passando, que não é tão comum em Londrina, os carros, os passarinhos cantando ao fundo, pois a chuva acabou de parar, e poderia ficar aqui descrevendo sons o dia todo, mas quando eu paro de escrever por alguns minutos e só respiro e escuto; sinto uma paz me

invadindo, nesse mundo tão acelerado, não se para mais, não se escuta mais, não se vê mais.

O que me faz recordar trabalhos de artes com esse olhar para com a cidade, um olhar de pausa e escuta do Laboratório de Estudos e Vivências da Espacialidade (LEVE) com o “Pare Olhe Escute” e o com o “Laboratório de Expedições Urbanas”, com um olhar para a arte por meio da forma urbana, como vivência e experiência, em uma forma de desaceleração colocar o urbano em forma de arte, representá-lo por meio de uma linguagem artística. E aí a necessidade de a arte dialogar, pois é com a arte que se cria o elo entre o narrador e o ouvinte.

Para compreender essa multiplicidade sonora e como isso afeta nossa própria sensibilidade, procurei a pesquisadora Janete que fez alguns comentários relevantes acerca do tema. No início de nossa conversa, por exemplo, ela mencionou que o seu contato com o trabalho do compositor, teórico musical e artista John Cage que investiga e procura, justamente, ampliar a percepção sonora, abordando o silêncio como parte essencial de sua teoria. Nesse processo como produtora ela trouxe desde Cage aos mais diferentes reportórios musicais para cidade. Sua luta na cultura é visível para Londrina, sendo ela a responsável por promover um evento inteiro comemorando os 70 anos do teatro mais significativo para a memória de Londrina: o Cine Teatro Ouro Verde. Durante a entrevista, relatou a precariedade que esses espaços ainda vivem e como ainda faltam apoiadores para promover cultura não midiática. É possível ver sua paixão ao falar sobre o seu trabalho dentro da universidade e como produtora. Também é visível a empolgação quanto menciona sobre o quanto o som vibra junto com o corpo, mesmo numa era tão da imagem na qual quase não se é permitido ouvir.

Após essa conversa, fiquei pensando sobre o curta-metragem URBEX espaços abandonados Londrina. Fazê-lo foi reencontrar várias memórias e alguns lugares que estão bem vivos em mim. O curta-metragem é baseado em inúmeras referências que tive ao longo da vida, na bagagem pessoal, na vivência londrinense, no conhecimento acumulativo intelectual, mas em especial nas lembranças mais sinceras da curiosidade e indignação sobre os espaços abandonados que brotaram em mim ainda criança, é a tentativa de um olhar mais puro para com a cidade. Esses espaços, assim como o corpo, vibram com os sons que um dia o encheram, e continuam gritando para serem preservados. Porém, a sociedade permanece surda para eles.

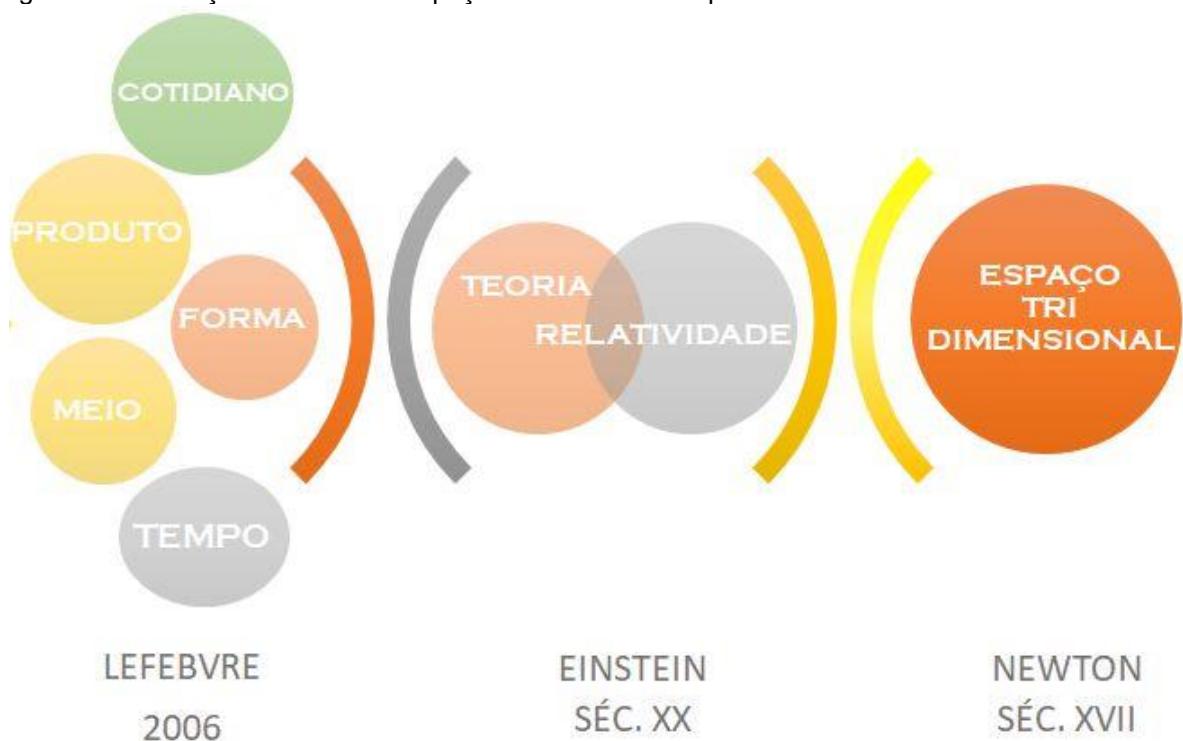
A narrativa foi proposta muito em função do prólogo, desse olhar de uma adulta que vive com a sua criança interior, que é curiosa e inocente; inspiração que surge com a animação de 2013 de Alê Abreu, “O menino e o mundo”. Ela destaca o mundo produtivista em que vivemos, que massifica e industrializa tudo o que é possível, permeando o cotidiano da população em um trabalho não criativo, como consequência surge essa sociedade do cansaço. A animação ainda mostra o quanto regimes fascistas vão sempre lutar para matar a arte, mas que essa sempre renascerá em novas gerações.

Ser artista é esse ato de resistência, é carregar a sua criança no ombro dia após dia, e permitir que esse olhar lúdico e cheio de imaginação também faça parte da sua construção dos espaços urbanos e da vida em um lugar de afeto. A consciência crítica e política da adulta não deixa de permear os espaços. Faz parte inclusive da narrativa, e é uma mistura de ambas as visões. Aí justamente reside a magia do curta-metragem, URBEX espaços abandonados Londrina.

ATO 2: espaços abandonados Londrina

A evolução do entendimento do espaço no mundo atual tem como base teórica nessa pesquisa, vindo desde Newton no século XVII que passa a ver o espaço como tridimensional, também chamado de espaço-tempo, passando por Einstein no século XX que já traz a abordagem da teoria da relatividade que já elabora uma quarta dimensão para o espaço, sendo três espaciais e uma temporal. Na contemporaneidade chega-se aqui à teoria de Lefebvre (2006) que basicamente traduz o espaço em forma, produto, meio, tempo e cotidiano (Figura 44).

Figura 44 – Evolução da teoria do espaço na cidade contemporânea



Fonte: Organizadora BESSA, 2023.

Assim refletiu-se na melhor perspectiva para demonstrar essas quatro dimensões nessa pesquisa. Pensar na possibilidade de um material de audiovisual e como ele conseguiria abranger de forma visual, sonora e textual as narrativas, e as próprias questões levantadas na Tese, que foram colocadas em prática. O que corroborou para que essa pesquisa escolhesse como principal abordagem a arte como veículo de comunicação crítica e reflexiva por meio de um curta-metragem, além do método escolhido, foram os escritos: Para quem pesquisamos? Para quem escrevemos? (SOARES, 2001). Tais questionamentos me fizeram perceber que a escolha aqui seria para que essas informações chegassem na população e não ficasse apenas presa na Universidade, que era mais importante levar a temática por meio de um material que tocasse os cidadãos e fizessem esses se questionarem acerca desses espaços abandonados.

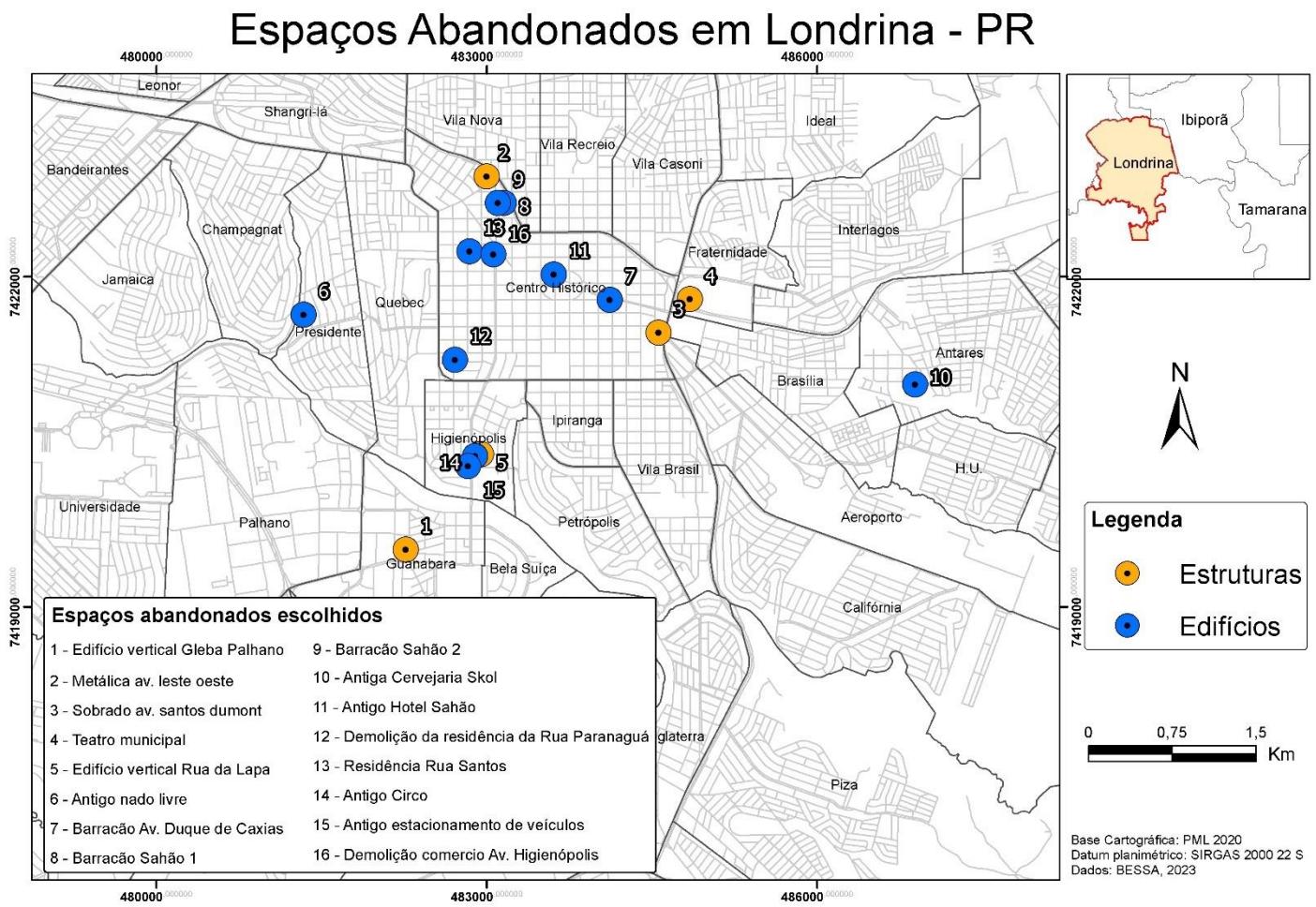
Com isso foi feita a seguinte reflexão: para que fazer pesquisa se a população não for alcançada de alguma forma por ela? Nós pesquisadores temos um compromisso que vai para além do material acadêmico produzido. Temos responsabilidades sociais, e cabe a nós entendermos uma forma de supri-la. Existem maneiras diversas de se fazer isso, e cada pesquisador deve identificar a melhor forma

de fazer com que o seu material alcance os maiores interessados naquela temática. Levando tudo isso em consideração, foi definido aqui o público-alvo: os cidadãos londrinenses.

A realização de um curta-metragem envolveu diversas etapas que vão para além da pesquisa acadêmica, como a aprovação de um projeto cultural no PROMIC (Apêndice 3). Na sequência, a pesquisa se desenvolveu por meio da investigação de quais eram os locais abandonados em Londrina e que importância eles tinham para a cidade, a fim de definir a escolha desses espaços que seriam abordados na pesquisa e no curta-metragem. Também se fez uma investigação da história da cidade e como o “progresso” foi fortemente marcado por demolições de construções novas, junto com uma inserção de verticalização em Londrina pelo investimento de construtoras locais.

Com a verificação de algumas reportagens sobre esses espaços abandonados juntamente com a compreensão da história da cidade de Londrina, iniciou-se um mapeamento, onde foram selecionados dezenas de espaços abandonados para o trabalho de campo, considerando aspectos formais e funcionais em tipologias diferentes de espaços abandonados, organizados em estruturas e edifícios. Após isso, iniciaram-se com a visita *in loco* dessas áreas, onde foram realizados os trabalhos de observação, fotografias e filmagens dos mesmos (Figura 45).

Figura 45 – Mapeamento dos espaços abandonados em Londrina escolhidos



Fonte: BESSA, 2023.

Foi identificada abandonada uma antiga escola de natação localizada na Rua Foz do Iguaçu que se chamava Centro de natação Nado Livre. O centro de natação foi fundado em 1981, e funcionou por mais de 30 anos na cidade. A infraestrutura com piscinas encontra-se sem atividade há mais de cinco anos e com isso hoje o espaço encontra-se degradado, com pichações, sem nenhuma esquadria externa (Figura 46). No trabalho de campo observou-se atualmente acúmulo de lixo no local e um cachorro que fazia do espaço, abrigo.

Figura 46 – Espaço abandonado antigo Nado Livre



Fonte: organizadora BESSA, 2023.

Na sequência passou-se para o barracão da Av. Duque de Caxias esquina com a Rod. Celso Garcia Cid, já mostrado na Figura 34 e abaixo na Figura 47. Atualmente é propriedade do Hospital Santa Casa, e a edificação está inativa há mais de 30 anos. Localizado em uma avenida comercial que nasce junto com a cidade, com edificações de 1937, faz com que a imagem de abandono se torne muito maior. Para agravar o quadro, a avenida que possui diversos edifícios antigos e contém uma rica história da cidade por meio do patrimônio arquitetônico, está com muitos imóveis fechados, sendo que a maioria caminha para o estado de abandono total. A construção em questão tem características importantes, como a esquina chanfrada e ornamentos com frisos entalhados, fachada que se destaca pela conservação de elementos típicos da filiação ao estilo *Art Déco*.

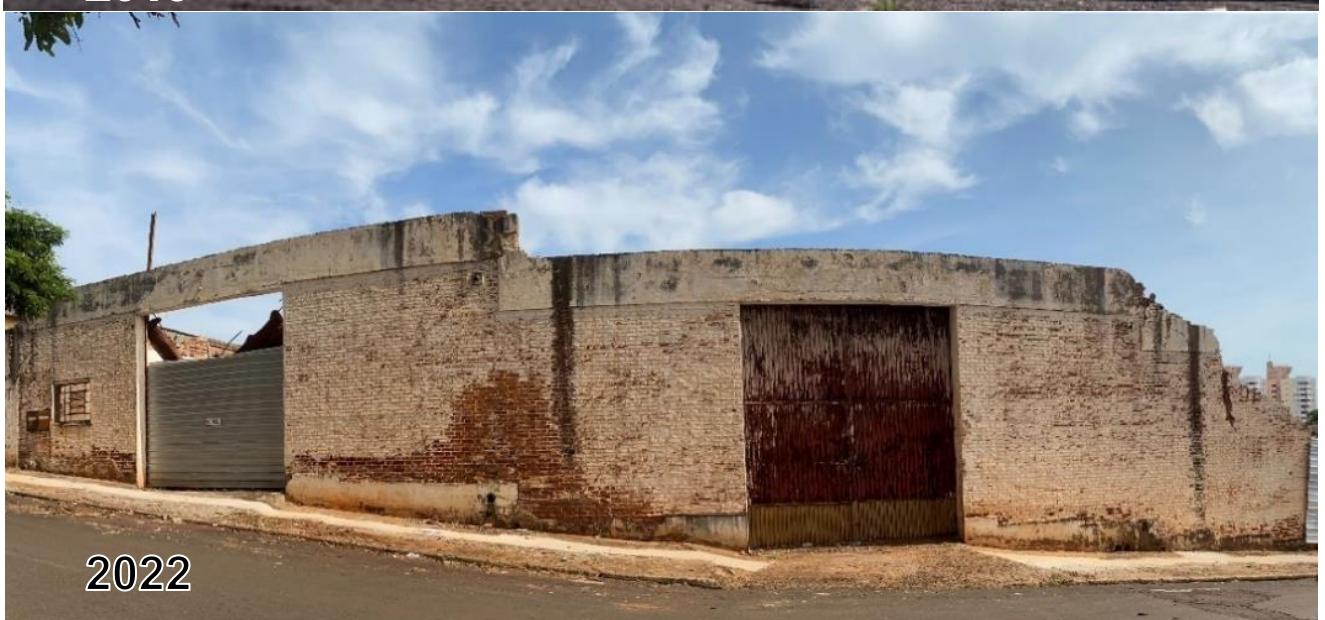
Figura 47 – Espaço abandonado Barracão Av. Duque de Caxias



Fonte: Google Maps, 2022.

Já os Barracões do Sahão eram depósitos de sacas de café na Londrina cafeeira, localizados na Rua Maragogipe, no centro da cidade. Eles são um complexo de quatro barracões que estão abandonados há mais de 20 anos, e as estruturas condenadas. Nesse processo de tempo já mudaram características da fachada tradicional (Figura 48).

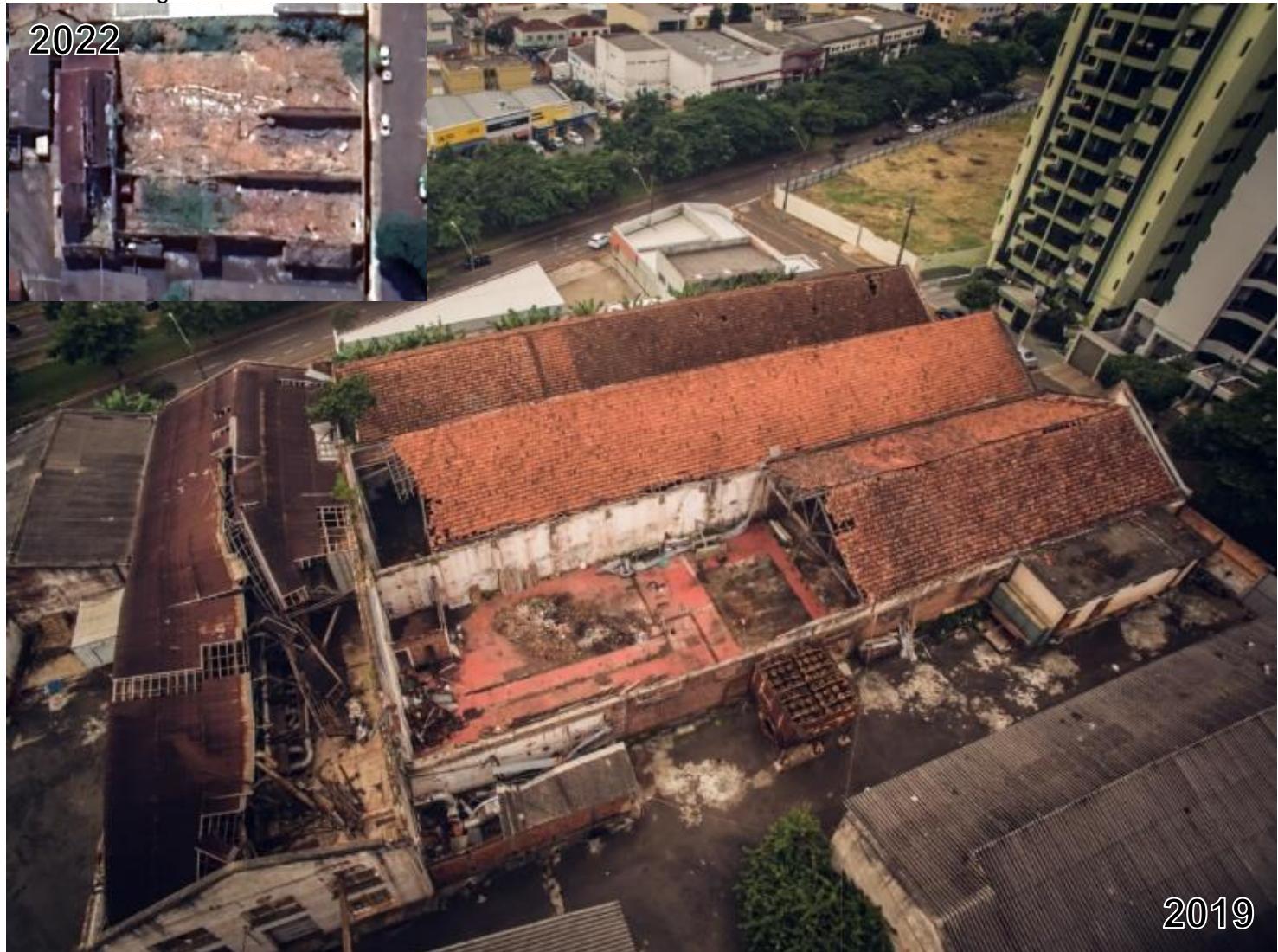
Figura 48 – Espaço abandonado Barracão Sahão 1



Fonte: organizadora BESSA, 2019 e 2022.

Na visita em 2019 nos barracões, os telhados já haviam desabado quase que totalmente e era possível constatar uma visível estrutura comprometida. No ano seguinte, o restante do telhado veio abaixo, deixando mais de 600 moradores da região sem energia elétrica, e ainda colocando em risco o entorno (PARANÁ NO AR, 2020). Com isso foi retirada parte da platibanda que caracterizava a fachada e paredes que promoviam o risco de desabar (Figura 49).

Figura 49 – Telhados desabados dos Barracões Sahão



Fonte: João Antônio, 2019; Google Earth, 2022.

Ao lado ainda existem outros dois barracões que foram nomeados de Barracão 2, é visível pichações e vidros quebrados. Na Figura 50 ainda é possível notar os entulhos armazenados no Barracão Sahão 1.

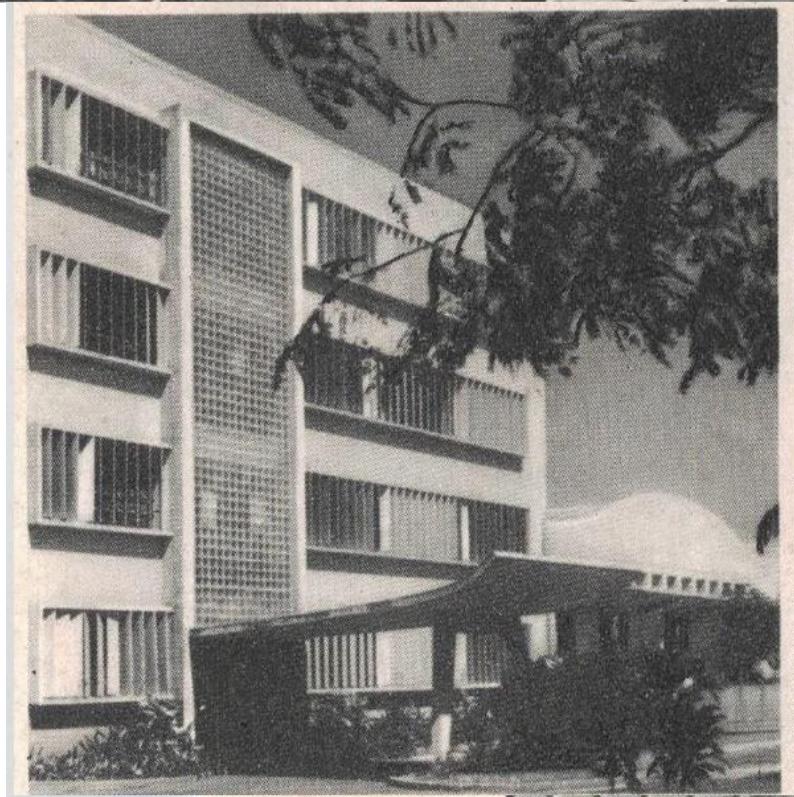
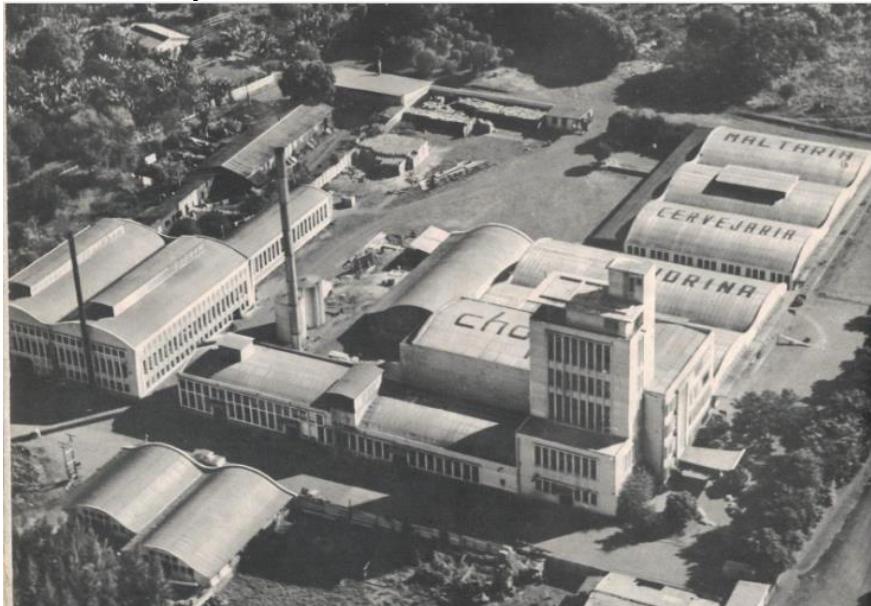
Figura 50 – Espaços abandonados Barracões Sahão 1 e 2



Fonte: organizadora BESSA, 2023.

Passou-se então para a antiga Cervejaria Skol (Figura 51) que era uma Fábrica que iniciou o seu funcionamento na década de 1950 no bairro do Aeroporto. Localizada na Rua Dom Fernando, e fechada em 1993, deixou 382 funcionários desempregados e diminuiu todas as atividades de comércio que funcionavam no bairro por conta da demanda (LOPES, 1998).

Figura 51 – Início da Cervejaria



Fonte: acervo proprietário Carecas Beer distribuidora e locações, 1959.

Ainda funcionou no edifício nos anos 2000 como uma representante da empresa de refrigerantes Pepsi, da Antártica, que também fechou demitindo mais de 200 funcionários. Atualmente o complexo, que contempla quatro barracões e dois edifícios, é propriedade de duas empresas em funcionamento, a Carecas Beer distribuidora e locações, que funciona nos barracões e nos dois edifícios degradados. Tanto externamente como internamente (Figuras 52 e 53) são um campo de Airsoft, esporte de ação que simula combates com armas de pressão.

Figura 52 – Fachada dos edifícios degradados da atual Airsoft QG Londrina



Fonte: organizadora BESSA, 2023.

Figura 53 – Parte interna dos edifícios degradados da atual Airsoft QG Londrina



Fonte: organizadora BESSA, 2023.

Já o antigo Hotel Sahão ou Sahão Palace, como era chamado, é um edifício da década de 1950, com 113 apartamentos no centro da cidade. Localizado na Avenida São Paulo, próximo ao calçadão, está fechado desde 2002 por conta de disputas judiciais da família. A construção que possuía dormitórios de luxo, que já hospedaram nomes famosos como o cantor Roberto Carlos e o ex-presidente da República Café Filho, era movimentado em seu badalado bar na cobertura (SCHWARTZ, 2010 e 24H NEWS, 2019) e hoje segue abandonado (Figura 54).

Figura 54 – Espaço abandonado antigo Hotel Sahão

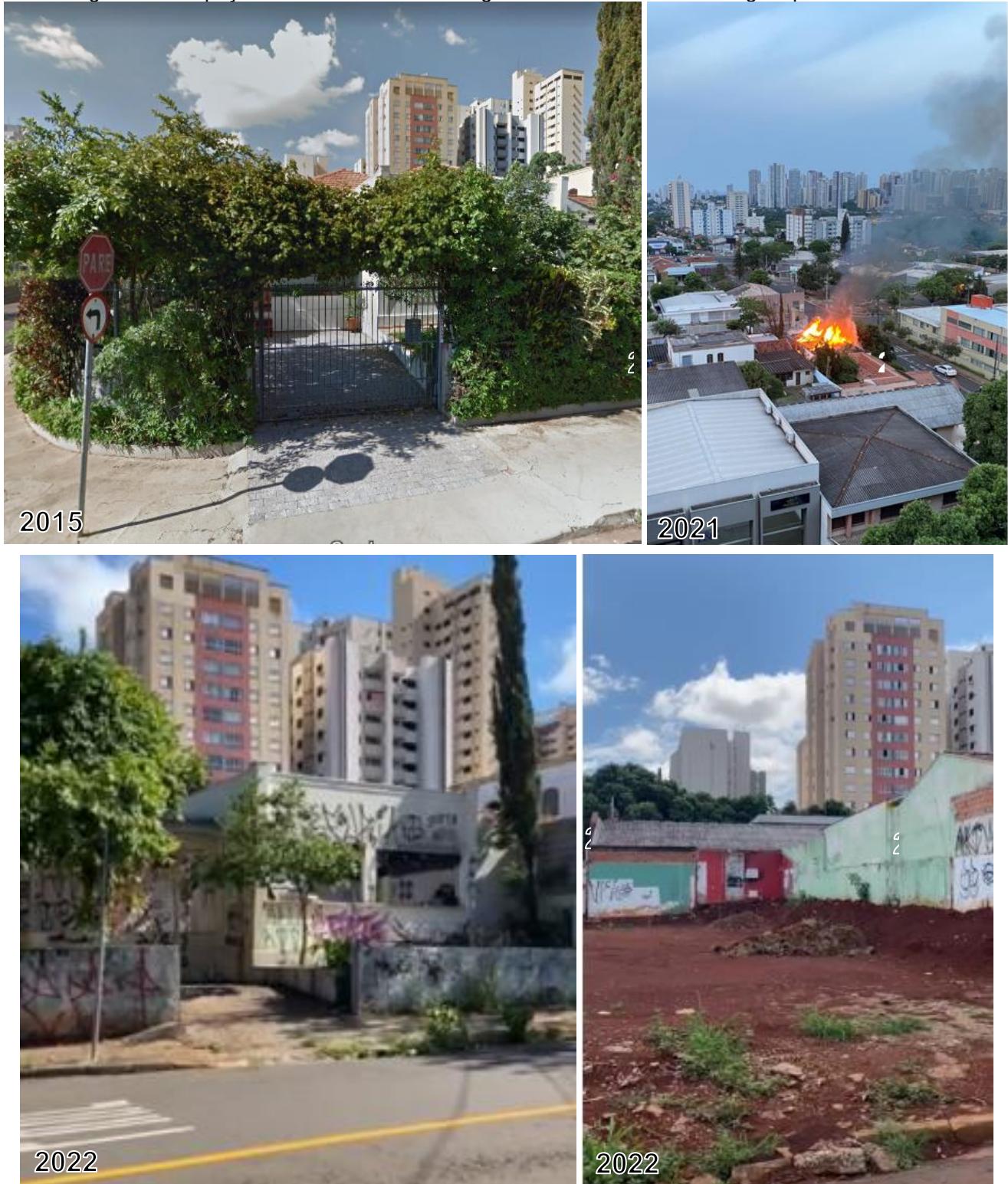


Fonte: organizadora BESSA, 2023.

Nesse processo de construções abandonadas na cidade de Londrina, algo percebido como usual é que depois do abandono, acaba acontecendo, inevitavelmente, a demolição daquela construção. Se a história já se perde no abandono, na demolição não resta nada das memórias para ser contada sobre aquele espaço. Perdem-se memórias, histórias de famílias, características de uma construção de um outro período. Por fim, outras vivências são construídas naquela área em que nada se remete ao que já existiu. Rompe-se com o passado para se fazer o novo. Assim foi acompanhado o processo de abandono e demolição de uma residência da Rua Paranaguá. A primeira imagem da Figura 47, em 2015, e quase não se vê a construção. Ali, antes, um lindo jardim florido ocupava os muros e a entrada da moradia, com uma exuberante goiabeira que havia no quintal. Em outras épocas era possível ver os passantes usufruindo das frutas que ultrapassavam os muros e chegavam na calçada. Com o abandono, primeiro se perdeu a vegetação,

depois se ganhou pichações. Aos poucos pessoas se abrigaram naquele espaço, mas logo a construção foi incendiada, e retiraram o restante do telhado e as esquadrias e pôr fim a demoliram (Figura 55).

Figura 55 – Espaço abandonado de uma antiga residência na Rua Paranaguá que foi demolida



Fonte: Google Maps, 2015, demais organizadora BESSA, 2023.

A residência da Rua Santos, localizada no centro da cidade, possui características do estilo modernista, expressão que aparece em Londrina com ênfase nas décadas de 1950 e 1960. O primeiro sinal de abandono aparece nos entulhos de vegetação no quintal, acumulados no portal, onde inclusive já nasceram novas vegetações. Outro sinal aparece na porta de entrada com o vidro quebrado (Figura 56). A teoria das janelas quebradas, que é apresentada no livro de Wilson e Coles *Fixing Broken Windows: Restoring Order And Reducing Crime In Our Communities* (1996), e tem continuidade na pesquisa com vários artigos publicados pelo Manhattan Institute como *BROKEN WINDOWS: The police and neighborhood safety* do James q. Wilson e George L. Kelling, aborda-se que o abandono, se inicia a partir de uma janela quebrada, depois vem demais janelas quebradas, em seguida a ocupação e depois a destruição, com grande ocorrência em incêndios da construção. Corroborando exatamente com o que aconteceu na residência da Rua Paranaguá apontada acima.

Figura 56 – Espaço abandonado residência na Rua Santos





Fonte: Google maps e organizadora BESSA, 2023.

Foi incluído no mapeamento o edifício abandonado onde funcionava inicialmente a Escola de Circo Municipal de Londrina, localizado na Avenida Higienópolis, e hoje a escola encontra-se em funcionamento na zona norte da cidade. Ficou em funcionamento no estabelecimento da Higienópolis, que é propriedade da Sercomtel e do município, em 2004, realizando as suas atividades no local até 2011, quando foi convidada a se retirar, com persistência por parte de políticos locais naquele momento, chegando inclusive a cortar a energia elétrica do estabelecimento, que foi quando realmente acabaram por se mudar para outro local. Em conversa com o presidente da Associação de Circo de Londrina, Paulo Libano, ele relatou que eram promovidas diversas atividades no espaço, que fomentavam cultura na cidade e desde que foram retirados dali o espaço segue abandonado (Figura 57), sendo espaço de lixo e indigentes, se tornando um problema para a região central.

Figura 57 – Espaço abandonado onde funcionava a Escola de Circo de Londrina



Fonte: organizadora BESSA, 2023.

Próximo ao edifício citado da Figura 57, encontra-se um antigo estacionamento de veículos, também na Avenida Higienópolis (Figura 58). O estabelecimento dá sinais de abandono por pichações e acúmulo de lixo. Uma das avenidas mais valorizadas de Londrina, com pontos de abandono próximos, o que indica? Será um descuido ou uma estratégia política?

Figura 58 – Espaço abandonado estacionamento na Av. Higienópolis



Fonte: organizadora BESSA, 2023.

Do outro lado da mesma da Avenida Higienópolis, bem no início dela, uma construção tradicional, que por muitos anos foi um estabelecimento comercial (Figura 59), vai ao chão em 2022 (Figura 60). Depois de a cidade passar por instabilidades em sua área comercial, com uma alta demanda de empresas fechando as portas, por conta da pandemia do COVID 19, iniciada em março de 2020, aquela construção perde seu valor monetário. De uma hora para outra, a história não importa mais. O que passa a interessar é o eventual lucro que o terreno ainda possa gerar.

Figura 59 – Antigo comércio de vestidos de noivas na Av. Higienópolis



Fonte: Google maps, 2020.

Figura 60 – Atualmente um espaço demolido na Av. Higienópolis





Fonte: organizadora BESSA, 2023.

Em uma das áreas mais visadas para o crescimento vertical dos últimos 20 anos de Londrina, mesmo tendo um alto custo do metro quadrado e um dos Impostos Predial e Territorial Urbano (IPTU) mais caros da cidade, ainda assim

não escapa do abandono. Na Figura 61 é possível ver que em meio a novos edifícios há uma estrutura de um edifício vertical, em plena Gleba Fazenda Palhano. E ele não era o único! Existiam outras duas no bairro. Uma foi demolida e a outra retomada, mas essa que resta ainda é um símbolo do início do bairro e das construtoras que vieram à falência.

Figura 61 – Espaço abandonado de uma estrutura de um edifício vertical na Gleba Fazenda Palhano



Fonte: organizadora BESSA, 2023.

A famosa estrutura metálica da Av. Arcebispo Dom Geraldo Fernandes (Leste-Oeste) não podia ficar de fora, afinal já é quase que um símbolo da cidade (Figura 54). Conhecida pelos cidadãos londrinenses, é motivo de piadas nas redes sociais, incômodo e insegurança para os moradores do entorno. O imóvel era para ser um shopping temático do setor automotivo, com cinemas, lojas, área de lazer e estacionamento em um projeto de 50 mil metros quadrados em cinco pavimentos. Está parada desde 1997, segundo dados disponíveis na Companhia de Desenvolvimento de Londrina (Codel), por problemas financeiros com o financiamento do Banco Regional de Desenvolvimento da Região Sul (BRDE). Desde então acumula uma dívida milionária de IPTU que embargou a obra e corre em cobrança judicial (TRIGUEIROS, 2010). Em 2021 o imóvel foi a leilão por duas vezes e não teve

nenhum pretendente, indo a leilão novamente em 2022 (BATISTA, 2022), mas que não consegue despertar interesse em ninguém para a compra do imóvel. O espaço segue parado no tempo.

Figura 62 – Espaço abandonado de uma estrutura metálica na Av. Arcebispo Dom Geraldo Fernandes (Leste-Oeste)



Fonte: organizadora BESSA, 2023.

Na Avenida Santos Dumont esquina com a rua Goiás encontra-se um imóvel abandonado que já foi espaço de moradia para sem-teto, testemunhado violência e até mesmo passou por incêndio (PAIQUERÊ FM, 2020; TAROBÁ NEWS, 2019). O sobrado inacabado marca um cruzamento de duas vias importantes na cidade (Figura 63).

Figura 63 – Espaço abandonado de um sobrado inacabado na Av. Santos Dumont



Fonte: organizadora BESSA, 2023.

O projeto do Teatro Municipal de Londrina de 22 mil metros quadrados seria um grande feito para a cidade. A obra, planejada a décadas, seria um espaço de arte, exposições, apresentações e oficinas, que geraria empregos e fomentaria a cultura. Mas a execução do projeto iniciado, em 2013, já foi paralisada em sua primeira fase, por falta de verba do governo (G1 PARANÁ, 2017). A estrutura deixada com a ferragem exposta hoje sofre comprometimento (Figura 64). O espaço hoje é abrigo de moradores de rua, como mostra na Figura 12 registrada nesse local. O esqueleto do prédio já foi, inclusive, palco de acidentes desses moradores que permanecem no local (TAROBÁ NEWS, 2021).

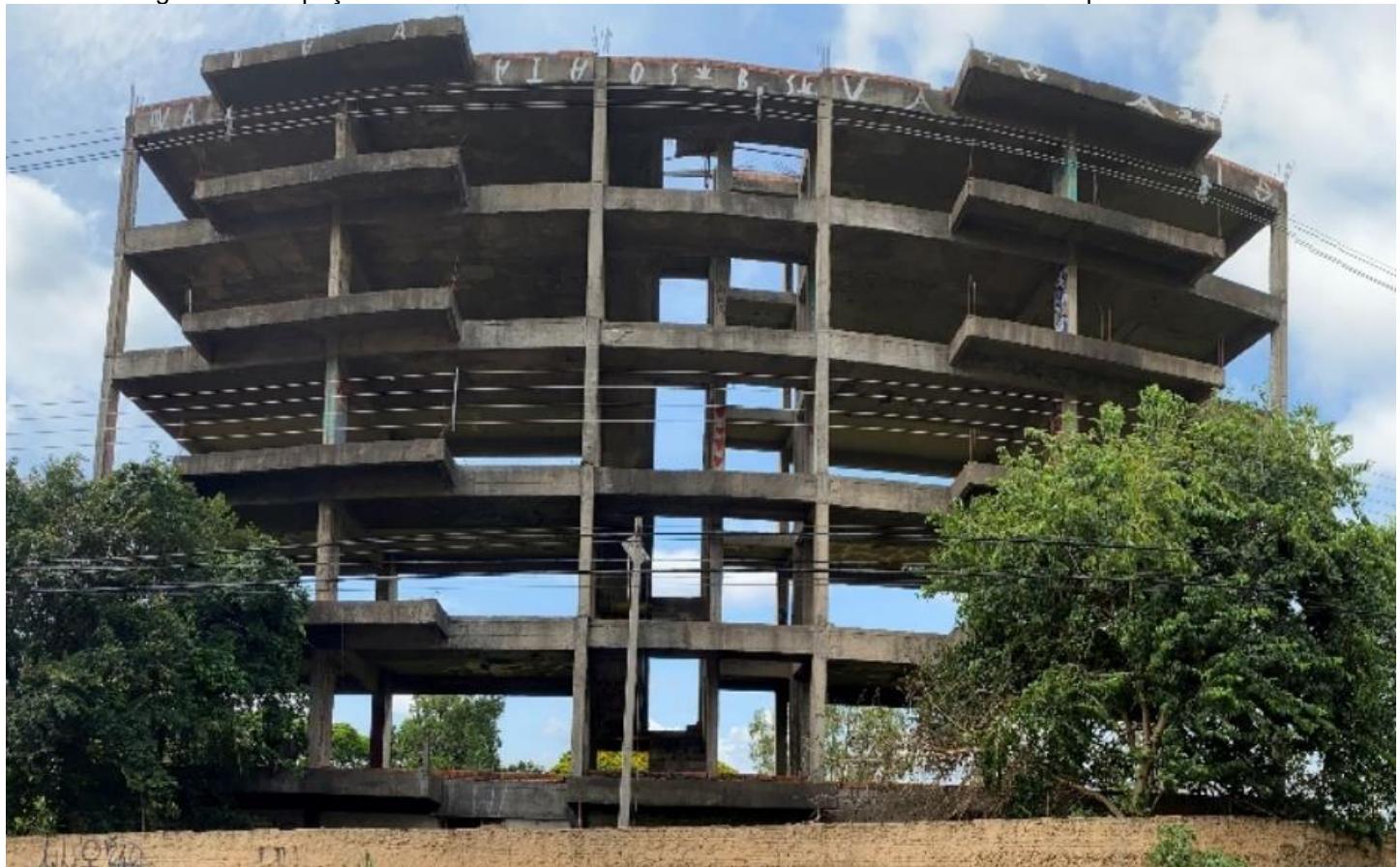
Figura 64 – Espaço abandonado da estrutura do que seria o Teatro Municipal de Londrina



Fonte: organizadora BESSA, 2023.

Outro imóvel que também se tornou uma construção abandonada está localizado atrás da também construção abandonada, de onde ficava a Escola de Circo de Londrina (Figura 57). Num pequeno espaço, três espaços abandonados, indicando como parece um projeto, deixar espaços abandonados para depois destruí-los. Nesse terceiro caso, a estrutura do edifício vertical, localizado na Rua da Lapa esquina com a Rua Dulcídio Pereira, atualmente com sete pavimentos, deixada com a ferragem exposta (Figura 65), marca a paisagem urbana de uma área valorizada da cidade e de abandono como apontada acima.

Figura 65 – Espaço abandonado de uma estrutura de edifício vertical na Rua da Lapa



Fonte: organizadora BESSA, 2023.

ATO 3: a produção do curta-metragem

A partir dessa observação e pesquisa de campo, foram captados materiais em vídeos dos espaços abandonados dispostos acima e realizadas duas entrevistas, como um piloto para montar as perguntas para as demais entrevistas a serem realizadas na próxima etapa. Com isso, iniciou-se a escrita do roteiro do curta-metragem e dessa forma percebeu-se um norte para mais captações de imagens em vídeo e fotografias, todas realizadas com um aparelho de celular, que captava imagens com resolução 4k.

Na sequência, foram elaborados os primeiros estudos de montagem das imagens, junto com a montadora Louisa Savignon. Essa apontou a necessidade de se realizar mais captações de imagens e para depois serem realizadas as gravações das vozes de narração do roteiro em estúdio.

Foi inserido no estúdio a paisagem sonora urbana, gravada com o celular e microfone próprio para gravações externas. Com isso foi possível reproduzir o som da cidade de fundo. Para a gravação das narrações, foi realizado um trabalho

de direção das vozes de Paulo Vitor Poloni e Raquel Sant'Anna junto com a organizadora que aqui escreve. Mesmo assim, percebeu-se que ainda faltava algo para deixar mais poético o som. Então o cantor Paulo Vitor Poloni se voluntariou para criação de uma trilha sonora, que foi executada pelo músico Fabrício Martins, gravada no estúdio (Figura 66).

Figura 66 – Gravação das narrações e trilha sonora no estúdio

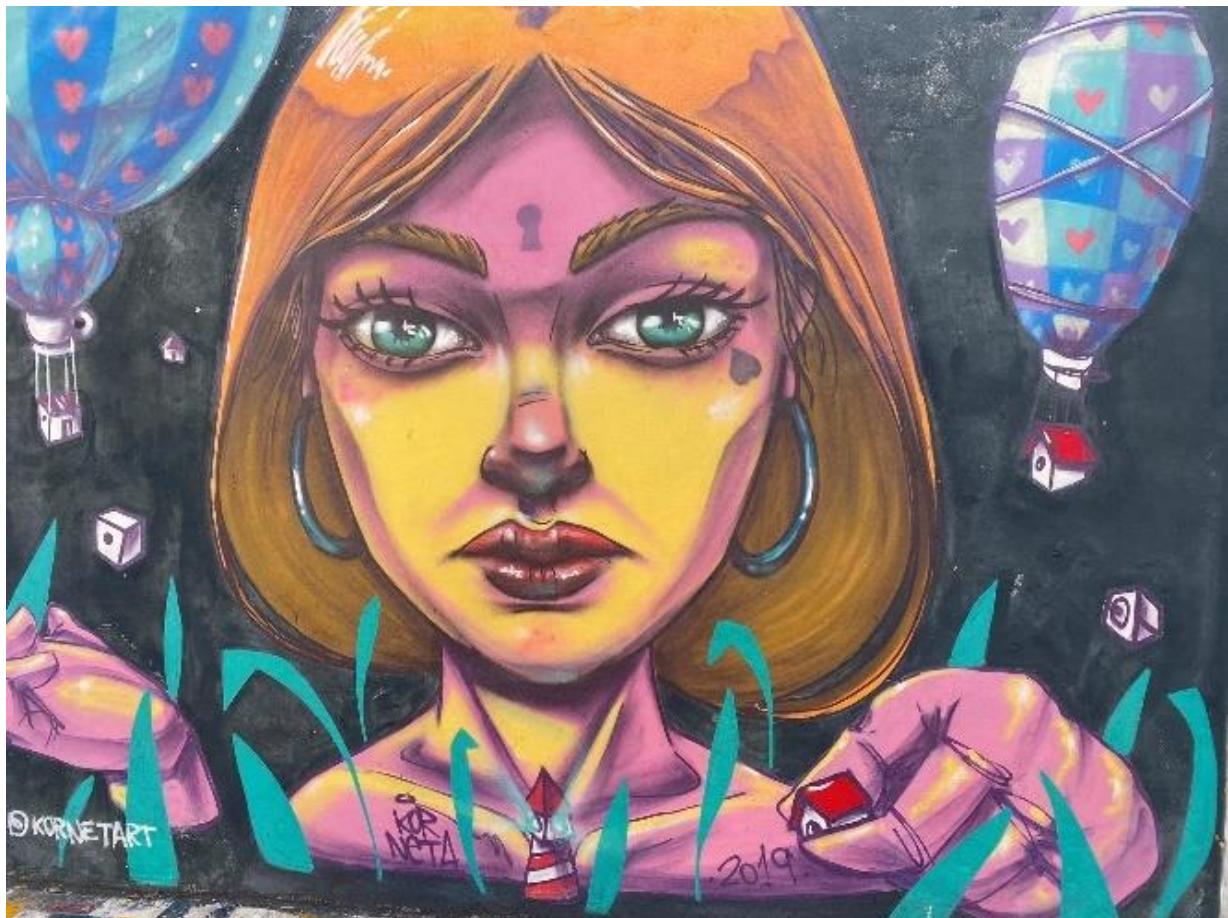


Fonte: organizadora BESSA, 2023.

Após todas essas etapas foi realizada a junção das imagens com a base sonora completa do estúdio. Quando tudo parecia caminhar para a conclusão, notou-se que ainda faltava algo nas imagens. Foi assim que surgiu a ideia de captar imagens de alguns grafites em vários muros de Londrina (Figura 67), até mesmo como uma homenagem a esses artistas que, muitas vezes, transformam os espaços abandonados e os muros cinzas da cidade, fazendo de sua arte, política.

Figura 67 – Recorte de grafites captados nos muros do cemitério São Pedro e atrás da estrutura do Teatro Municipal









Fonte: organizadora BESSA, 2023.

Finalmente se aproximava a hora da finalização do trabalho. Na parte final da montagem, foram realizados alguns cortes das narrações para ficar com um perfil de curta-metragem mais redondo e poético. Para isso foi necessário suprir alguns trechos do roteiro original (Apêndice 1).

Cumpridas todas essas etapas, foi criado um curta-metragem. Captar imagens, escrever roteiro, gravar paisagens sonoras, dirigir vozes em estúdio, fazer a produção executiva de todas as tarefas e pessoas envolvidas, algo completamente novo para mim. Aprendi, fazendo, errando e fazendo novamente. Finalmente o curta-metragem URBEX: espaços abandonados – Londrina⁷ (Figura 68), ficou com doze minutos e quarenta e seis segundos, o *sneak peek* de trinta segundos e o *teaser* de um minuto (para visualizá-los seguem os links no Apêndice 1). Todos os vídeos foram inseridos no canal do Instagram @urbexlondrina. O curta-metragem ficou disponível

⁷ Atualmente o link do curta metragem, disponível no Apêndice 1, está no modo não listado, assim somente quem tem o link consegue acessá-lo, segue desta forma em via de conseguir inscrevê-lo em festivais.

três dias, 29, 30 e 31 de março de 2022, no Instagram @urbexlondrina e no YouTube Raissa Bessa Ateliê.

No processo foram compartilhados vídeos e imagens no Instagram, matérias e entrevistas (Anexo 1) que foram sendo divulgadas, a fim de criar interesse no público para assistirem ao curta-metragem. Nos dias em que o vídeo estava disponível foram realizadas, com mais intensificação, as mensagens de compartilhamentos nas plataformas de Instagram e WhatsApp o seu link e as matérias e reportagens. O que promoveu um resultado de visualizações acima do esperado, 977 visualizações no canal do YouTube e 306 visualizações no Instagram, totalizando 1.283 visualizações em três dias. O retorno do público foi muito positivo tanto nos comentários, quanto em mensagens pessoais enviadas (Apêndice 2), muitas pessoas relataram que se emocionaram ao verem o curta-metragem e pararam para refletir sobre esses espaços de uma forma que nunca haviam feito.

Figura 68 – Divulgação do curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina



Fonte: organizadora BESSA, 2023.

O curta-metragem uniu os espaços abandonados descritos nesse capítulo com uma narrativa poética, resgatando a memória, com o início a partir de uma fala da entrevistada que aceitou participar do projeto piloto do curta-metragem, “está vendendo aquela casa de madeira, eu morei ali quando era estudante”. O objetivo foi por meio desse relato verdadeiro, levar o espectador a buscar em sua memória os espaços que já fizeram parte de alguma forma de sua vida.

O material foi dividido em três partes, a primeira compara a cidade, onde se destaca a verticalidade e o progresso das construções, com os sentimentos que surgem no próprio ser humano, que indaga o momento que vive e o tempo que ficou cada vez mais acelerado, trazendo agitação para as pessoas e por vezes tirando a tranquilidade. Dados que se respaldam quando se olha para o aumento do número de antidepressivos e ansiolíticos consumidos no Brasil, de 2011 a 2017: o consumo aumentou em 74%, segundo Moraes (2017), em 2020 quase 100 milhões de caixas de antidepressivos e estabilizadores de humor foram consumidos, um aumento 17% do ano anterior. Esse número ainda cresceu em 14% em 2021, e é uma vertente de números que só aumentam (MARQUES, 2022).

No vídeo foi feita uma comparação com as marcas que existem em todos os seres humanos, sejam emocionais ou físicas, com os sinais existentes em uma construção abandonada, apresentando os diversos espaços abandonados em Londrina. O intuito dessa metáfora era de sensibilizar o público e propor um olhar empático para esses espaços abandonados, e nessa hora o narrador já se confunde, não se sabe mais se ele é a voz de um ser humano ou de um espaço, propositalmente.

Em seguida o curta passa a falar da história, das pessoas e dos espaços, com o propósito de trazer a lume de que está se perdendo as memórias das histórias desses espaços abandonados, assim como se perde a vida com a morte, mas que as construções, ao contrário da vida, foram criadas para durarem séculos em uma sociedade, como uma representação de tudo e todos que passaram por ali de alguma forma. São histórias que têm potencial para serem contadas e não demolidas.

A parte dois altera os narradores e as imagens passeiam pelos grafites da cidade, propondo uma outra dinâmica ao curta-metragem. É contada uma história lúdica de uma casa, história essa que foi inspirada na residência da Rua Paranaguá (Figura 55), que consegue testemunhar o rápido processo de abandono,

incêndio e demolição. A história fictícia daquela casa tem o objetivo de passear pelas memórias reais que cada pessoa traz consigo dos lugares em que viveu.

Na última seção se faz uma crítica ao capitalismo, ao progresso, e aos políticos que não olham para o antigo como um potencial futuro, indagando qual é o nosso papel como cidadãos para com esses espaços abandonados e como podemos fazer a história permanecer. Mas principalmente de criar a reflexão de que cidade queremos morar e deixar para as gerações futuras.

Finalizado esse material, concluiu-se que foi realizado um trabalho de sensibilização dos cidadãos londrinenses para com a temática e conquistou-se um espaço para a pesquisa fora da universidade e dentro da sociedade. Hoje pessoas que assistiram ao curta-metragem, ao verem um espaço abandonado logo lembram do que foi dito (Figura 69). Com isso, salta à vista a necessidade da preservação da memória enquanto espaço, frequentemente, me enviam mensagens e imagens, o que a meu ver expressa o quanto a arte é um veículo de comunicação potente, validando o método escolhido.

Figura 69 – Grafite OSGEMEOS



Fonte: Exposição OSGEMEOS, Curitiba, BESSA, 2023.

ATO 4: roteiro URBEX espaços abandonados Londrina⁸

LOURDES (entrevistada)

Eu morei nesse prédio, sabe, tá vendo aquela casa de madeira ali, eu morei ali quando eu era estudante.

RAÍSSA

E esse espaço aqui que está para alugar hoje é, ou era?

LOURDES (entrevistada)

Antigamente era churrascaria Gaúcha, servia rodízio de carnes, mas hoje ele tá parado, tá fechado, porém ele não está degradado.

Escuridão na tela, subitamente ouve-se o vento. em seguida buzinas. Patrocínio, nome do filme. Fotografias antigas de Londrina. Entra voz off. Plano em 2 cortes lado a lado de Londrina.

|

PAULO VITOR

Às vezes escuridão e silêncio tomam conta de mim. Outras vezes, escuridão e silêncio tomam conta da cidade. Os barulhos que surgem no meu coração se misturam à cidade que desperta, mas nem sempre sorri. Existe a pressa, a urgência do presente, a necessidade de transformar tempo em dinheiro, rapidez em solução. O tempo silencioso que parecia estático, agora está muito mais acelerado.

Tudo por aqui passa muito rápido. São carros, ônibus, pessoas, crianças, chuva, vento e o tempo. Tanta gente e tanta coisa apressada que a história vai ficando para trás, como se morresse no meio de tanta agitação.

O tempo, que também me apressa e muitas vezes me agita e me tira do lugar de tranquilidade, me deixa assim cada vez mais marcada. Marcas que nem sempre são positivas, e muitas das quais, depois de cicatrizadas, dão a falsa aparência de que já não pertenço mais à cidade que me construiu. São marcas de exclusão, das histórias que tive ou que poderia ter, e que por um motivo ou outro

⁸ Este roteiro foi escrito em parceria com o escritor Eduardo Baccarin-Costa.

ficaram distantes e se alteraram. O que poderia ser uma aventura muito bem arquitetada transforma-se e transforma-me, de repente, em nada. Fica a impressão de que, assim como muitas edificações da minha cidade, eu também sou só mais uma construção abandonada.

As pessoas são um pouco ou muito daquilo que constroem. A vida, o corpo, os pactos, as convicções negociadas, e algumas vezes deixadas de lado, são construções de uma história. Algumas delas acabam abandonadas e até mesmo descartadas. Casas antigas também são assim: vidros quebrados, pisos rachados, paredes descascadas e rompidas escondem memórias de um tempo em que histórias foram construídas, experiências foram tecidas, vivências foram partilhadas.

A poeira do presente me envolve quando alguém evoca minhas histórias. Bem parecido com o movimento de quem passa por espaços abandonados e os nota. Uma lata de spray, como um discurso poético, deixa as paredes dos prédios e da minha edificação interior com uma cara aparentemente nova. Isso faz com que pessoas me vejam e vejam esses espaços com uma outra cara, e nos enxergam com novas possibilidades. Porém, o novo não esconde a essência, a história. Especialmente quando esse novo é só de aparência. Assim como esses espaços somos novamente abandonados, representando perigo para o presente bem confortável.

Contraste entre o novo e os espaços abandonados. Volta para imagens de espaços abandonados.

Cidade, você me deu vida, e agora que me aproximo do fim me sinto só e abandonada. Não consigo mais me apoiar em minhas pernas, assim como muitos espaços não conseguem mais se sustentar em seus pilares. As estruturas dentro de mim se corroem a cada dia e, mesmo representando uma história e várias memórias, parece que é necessário me apagar ou destruir o que resta de mim. Assim como construções entregues ao acaso, a vida em mim se esvai. Não sinto mais ninguém lutar por mim e muito menos pelas histórias que esses espaços representam.

A vida é fugaz. As pessoas também. Nascemos cientes da nossa fragilidade enquanto criaturas. Os espaços, não. Deveriam ser uma extensão de nós, da nossa história, daquilo que tanto quisemos ser e não conseguimos, exatamente por causa da nossa efemeridade.

Música da trilha sonora, mantém baixo junto com a narração.

II

RAISSA

Penso, quase deliro.

E se os espaços abandonados tivessem uma voz tão concreta como o ar que respiro? Já imaginou que potente se uma casa velha, uma praça descuidada, contassem suas histórias como gente?

Música da trilha sonora, mantém baixo junto com a narração.

RAQUEL

Eu fui uma casa, abriguei uma família linda: uma mãe e seus 3 filhos, que cresceram correndo pelo jardim em volta do pé de goiabeira que tinha aqui. As crianças eram divertidas, estavam sempre sorrindo. Minha brincadeira favorita era esconde-esconde, elas sempre achavam um lugar novo para chamarem de seu esconderijo, essa foi minha época auge. As crianças viraram adolescentes, colaram pôsteres nas paredes, e eu aprendi tudo, da música pop ao rock. Até que chegou à faculdade e elas, pouco a pouco, foram saindo. Mas a matriarca continuava aqui cuidando do jardim e de mim, e fazendo umas boas comidas na cozinha. Eu amava quando ela fazia bolo de fubá, o cheiro corria por toda a casa. Mas, conforme o tempo foi passando, ela foi ficando com dificuldade de cozinhar. Um dia apareceu uma moça toda de branco que passou a ajudar por aqui, fazia um pouco dos afazeres domésticos e cuidava da Dona Cida, como era chamada durante os 58 anos que viveu aqui.

Até o dia que ela se deitou como de costume, mas não acordou mais. Um pessoal veio buscá-la com uma maca e a levaram, e foi a partir desse dia que fiquei só.

Até que veio um moço, tirou umas fotografias, e colocou no portão uma placa em que estava escrito “vende-se”. Mas ninguém me notava. Passaram-se anos até que um grupo de jovens entrou aqui. Eles eram bagunceiros! Eu nunca tinha visto tanta roupa jogada. O jardim ficou bem sujo, eles não recolhiam nem as folhas

da goiabeira que caíam. E fui perdendo o brilho, os vizinhos já me olhavam torto..., mas o que eu podia fazer?

Eu precisava que alguém cuidasse de mim. Um dia eles ficaram acordados até bem tarde e quebraram a primeira estátua do jardim. Daí não demorou muito para as paredes ganharem spray. Depois apareceram os vidros quebrados, até o dia em que trouxeram uma latinha onde colocaram fogo, e a hora em que se deram conta eu já estava incendiada.

Vieram e tiraram as telhas. Depois, as esquadrias que sobraram. Em seguida, apareceram para me derrubar. Até a goiabeira eles tiraram. Se alguém vai lembrar de mim eu não sei, hoje já não existo mais.

Música da trilha sonora.

III

Imagens da antiga cervejaria Skol até o abandono.

PAULO VITOR

O abandono faz parte da cultura do capitalismo. O que não gera mais lucro se abandona para depois se esquecer e, assim, se construir novas histórias, na maioria das vezes apagando as antigas. “É preciso destruir o velho para se construir o novo”, prega o capitalismo desenfreado. É preciso interromper processos que opositores começaram a edificar para que ideologias opostas não criem o seu lugar. Mas e nós, como população, quais histórias queremos lembrar?

Imagens do que era para ser o Teatro Municipal.

Permitir a proliferação de espaços abandonados, seja pela iniciativa privada ou pelo poder público, é uma forma de impedir que a vida seja leve, cheia de histórias e memórias. Quantas histórias estão se perdendo com esses espaços?

Imagens atuais do edifício do antigo Hotel Sahão.

Se, no coração da cidade, um prédio imponente recheado de história, memória, canções, encontros e desencontros, agoniza perto do fim em decorrência de querela judicial familiar, o que dizer dos espaços periféricos?

Volta para imagens atuais da antiga cervejaria Skol.

O que os mais antigos nos contariam sobre esses espaços?

Quanta riqueza, quanta prosperidade, mas também quanta exploração e pobreza essas construções viram acontecer?

Quantas risadas e choros essas paredes abrigaram?

Mesmo muitos fazendo questão de esconder, Londrina cresceu próspera sob dois signos: cafeicultura e prostituição. Esta muito em função daquela. Muitas das sacas de café que dormiram nesses barracões foram moedas que renderam fortuna e prazer para tanta gente. Histórias que começaram a acabar com a geada de 1975.

Imagens atuais das casas de madeira remanescentes, casa da fase do modernismo abandonada e os barões dos Sahão, que abrigavam sacas de café.

Espaços que passaram a ser descartados conforme os símbolos de prosperidade da terra roxa começaram a mudar. Como se a geada fosse capaz de queimar a história. Quantas perguntas esses espaços geram! Quantas histórias ainda podem ser contadas a seu respeito! E tudo começa com o reconhecimento da importância desses lugares para a nossa cidade.

E quando se dá importância, não se destrói. Reconhecimento é o primeiro passo para o afeto, e o afeto é o degrau inicial do amor. Amar é construir, é partilhar, é tecer histórias, é arquitetar memórias.

A melhor forma de reconhecer esses espaços abandonados é passando a pé, sem pressa, e ver como eles acabaram se convertendo em cemitérios a céu aberto. Marcas acabadas de uma história inacabada.

E se nos orgulhássemos dessas histórias e aprendêssemos com elas?

Música da trilha sonora. Fecha imagens nome do curta-metragem e entra os créditos, fecha com a imagem do livro OSGEMEOS no silêncio e fecha

ATO 5: distribuição do curta-metragem

Após a temporada de estreia começou a preparação para a distribuição do curta-metragem URBEX espaços abandonados Londrina. Os festivais de cinemas são os mais indicados no momento para um material de áudio visual documental

Devido a temática da narrativa foi verificado junto ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, Secretaria Nacional de Justiça e Departamento de Promoção de Políticas de Justiça no guia prático de artes visuais a classificação indicativa (2021) de 14+, por conter uma fala na narrativa de prostituição.

Em seguida, foi inserido todo material do curta-metragem com as informações na plataforma Festhome, para inscrições nos festivais disponíveis (Figura 70), assim foi realizada a primeira inscrição no 24º Festival Kinoarte de cinema (Figura 71), e foi um dos oito selecionados para a mostra Competitivas Londrinenses (Figura 72).

Figura 70 – URBEX na plataforma Festhome



Fonte: Festhome, 2022.

Figura 71 – Site do 24º Festival Kinoarte de cinema



Fonte: Kinoarte, 2022.

Figura 72 – Competitivas Londrinenses

PROGRAMAÇÃO

Além das Competitivas a programação deste ano irá contar com as Mostras Documental, Ficcional e Internacional. Participe!

(1) 30/OUT (2) 31/OUT (3) 01/NOV (4) 02/NOV (5) 03/NOV (6) 04/NOV (7) 05/NOV (8) 06/NOV

16:30 **Competitiva Londrinense de Curtas | Gratuito**

> Eu acho que Vou Morrer

> Caminhos do Graffiti

> Não Saia do Quarto

> A Luz

> Batata Doce Assada

> Urbex Espaços Abandonados Londrina

> Albedo

> Kuri ha Akaé Ovy | A Araucária e a Gralha Azul

> Urbex Espaços Abandonados Londrina

> Urbex Espaços Abandonados Londrina

Raíssa Bessa

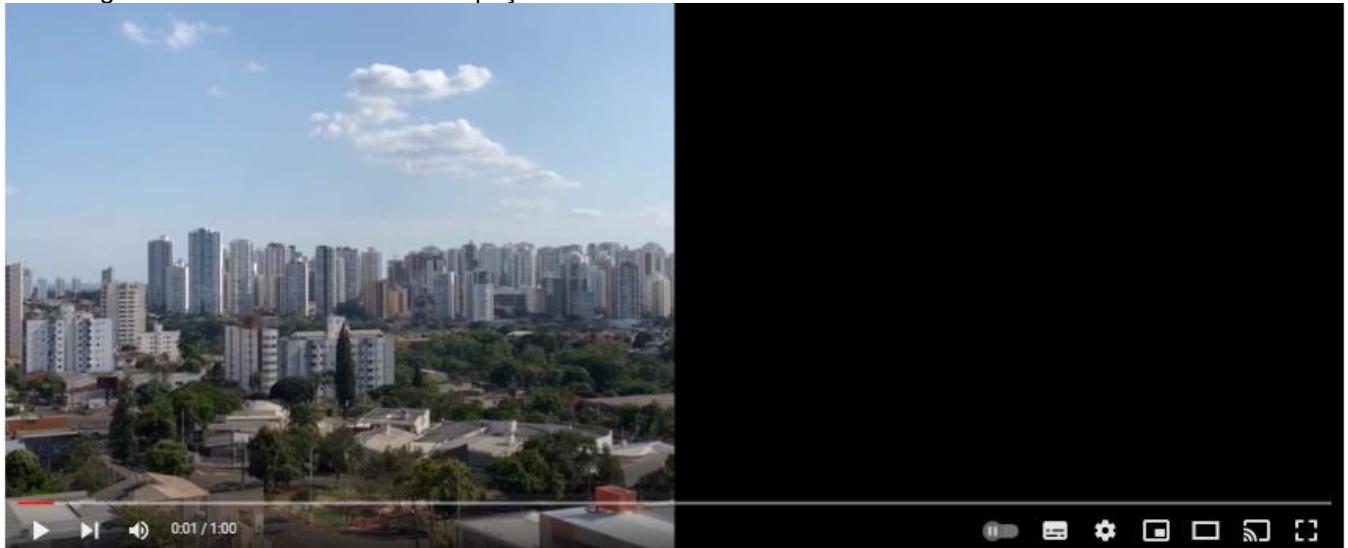
Londrina é uma cidade cheia de antagonismos, mesmo sendo relativamente nova, resiste em dar um passo à frente no modo de viver tranquilo entre o velho e novo. Tudo isso se reflete, direta ou indiretamente nos espaços públicos e privados da nossa urbe. Quantas memórias são, direta ou indiretamente assassinadas com o abandono e destruição desses espaços?

12 min. Espaço Villa Rica. Competitiva Londrinense de Curtas. Documentário. 14 anos.

Fonte: Kinoarte, 2022.

No site do Festival da Kinoarte era possível acessar o teaser⁹ do curta-metragem URBEX espaços abandonados Londrina que contém, na descrição, informações do programa de Pós-Graduação em que esta pesquisa está inserida (Figura 73).

Figura 73 – Teaser do URBEX espaços abandonados Londrina



URBEX espaços abandonados Londrina - Teaser

 Raissa Bessa Ateliê  Inscrito 11  11  Compartilhar ...

87 visualizações Estreou em 20 de out. de 2022

Londrina é uma cidade cheia de antagonismos, mesmo sendo relativamente nova, resiste em dar um passo à frente no modo a um de viver tranquilo entre o velho e novo.

O curta-metragem é um resultado da pesquisa de Doutorado da Raissa Bessa no Programa de Pós-Graduação de Geografia da UEL e tem o roteiro assinado pela própria Raíssa Bessa e pelo escritor e poeta londrinense Eduardo Baccarin-Costa, conta com trilha sonora dos músicos Fábricio Martins e Paulo Vitor Poloni que também faz a narração ao lado de Raíssa e da atriz Raquel Sant'Anna, tendo a montagem da arquiteta e urbanista Louisa Savignon.

Siga Urbex Londrina:
<https://www.instagram.com/urbexlondrina/>

Mostrar menos

Fonte: Kinoarte, 2022.

O 24^a Festival Kinoarte de Cinema aconteceu entre os dias 30 de outubro e 6 de novembro de 2022, e a exibição da Mostra Competitivas Londrinense foi no dia 5, de forma presencial, às 16h30 no Espaço Villa Rica, (um dos mais tradicionais cinemas da cidade) que após 21 anos sem exibições foi reinaugurado em

⁹ Link disponível no Apêndice 1.

2022. As apresentações dos curtas-metragens londrinenses ocorreram sem cobrança de ingresso, conseguindo assim um grande público local (Figura 74). Todos os diretores dos curtas-metragens falaram um pouco sobre os materiais produzidos (Figura 75 e 76) para em seguida iniciar a sessão propriamente dita. Nessa ocasião, grande parte da equipe que trabalhou no URBEX espaços abandonados Londrina estava presente no evento (Figura 77).

Figura 74 – Público do Competitivas Londrinenses



Fonte: Natalia Lima Castro, Kinoarte, 2022.

Figura 75 – Diretores dos curtas-metragens Londrinenses



Fonte: Natalia Lima Castro, Kinoarte, 2022.

Figura 76 – Raíssa Bessa apresentando o URBEX espaços abandonados Londrina



Fonte: Natalia Lima Castro, Kinoarte, 2022.

Figura 77 – Equipe presente do URBEX espaços abandonados Londrina



Fonte: Natalia Lima Castro, Kinoarte, 2022.

Foi emocionante participar do Festival da cidade e levar para a população um pouco da visão da pesquisa em uma linguagem acessível. Ver o trabalho em um cinema, com toda a infraestrutura para um material em audiovisual é completamente diferente de assistir sozinho no Youtube ou Instagram, como foi realizado na estreia.

A potência de um festival é de atingir novos públicos e proporcionar com que a pesquisa alcance mais pessoas, levando à uma diferente visão sobre os espaços abandonados e questionando mais sobre as memórias locais. Os próximos passos de pós-produção incluem a inscrição em festivais nacionais e internacionais nos quais o curta-metragem se enquadra. Para atender um requisito destes últimos, é necessário colocar legenda no material em inglês e espanhol, estas já estão em processo de revisão, assim se tornará possível realizar tais inscrições. Essa etapa está prevista para o ano de 2023, como uma extensão da tese.

No próximo capítulo foi abordada a temática das memórias apagadas, despertada a partir dos questionamentos gerados em torno dos espaços abandonados. Foram realizadas entrevistas em Londrina para verificar quais percepções surgiram por meio da população local em relação aos espaços destacados na pesquisa.

4 LUGARES ABANDONADOS, HISTÓRIAS ESQUECIDAS, MEMÓRIAS APAGADAS

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Memória – Carlos Drummond de Andrade

Figura 78 – Incêndio Museu Nacional do Rio de Janeiro



Fonte: SAYÃO, El País, 2018.

A história sempre foi contada por uma versão que não necessariamente corresponde à verdade. A que conhecemos e aprendemos é a visão de quem teve o poder na mão, uma versão branca e colonizadora, que esmagou muitos para ter o que tem. A história é sempre escrita pela visão do vencedor; o vencido tem o apagamento de sua voz como uma espécie de troféu a quem ganhou a batalha. Para recuperar e/ou evitar tal desconsideração histórica é preciso cavar fundo nos becos da memória a fim de escavar as reminiscências que querem apagar, defende Walter Benjamin (2009) em seu artigo *Passagens*. Para o filósofo alemão o passado é indissociável do presente visto que “[...] lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação” (Benjamin, 2009, p. 504). Pensamento que vai ao encontro do método regressivo-progressivo aqui abordado (LEFEBVRE, 1973).

Por séculos, esse foi o conceito apreendido. Na contemporaneidade, porém, o movimento descolonizador da história do Brasil mostra tanto de um povo que ainda está se descobrindo, em um olhar para uma nação ocultada dos documentos e dos espaços.

Grande parte dos municípios brasileiros ainda estão tão enraizados nas histórias contadas pelos colonizadores que chega a ser irônico encontrar tanta vontade das cidades parecerem mais europeias dentro da nação brasileira. Nesse vácuo identitário, apagam suas próprias essências – sua história oral, por exemplo – para reproduzirem modelos do Velho Continente ou estadunidense. Para ser diferente, fazem tudo igual e desprezam espaços, lugares e saberes naturais de suas origens.

Enquanto essa necessidade de ser uma cópia malfeita de comunidades de outros continentes acontecer, ainda prevalecerá a versão dos dominadores escritas nos documentos oficiais, e a história do povo, das mãos trabalhadoras é demolida com o passar dos anos. Por trás de todo abandono, há uma vontade de apagamento de memória. E onde não há mais memória, não há mais história, nem local de pertencimento e partilha. Assim, incêndios acontecem por falta de manutenção em espaços importantes para a cultura e história das cidades ou mesmo do Brasil.

Em 2018, um incêndio no Museu Nacional do Rio de Janeiro fez com que se perdesse acima de 90% do acervo que guardava mais de 200 anos de história;

em 2015 o fogo tomou conta por completo do Museu da Língua Portuguesa em São Paulo; em 2009 Casa de Oiticica, perde 90% das obras, por conta do fogo; essa não é uma realidade atual: em 1978 um incêndio no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro consumiu todas as obras de arte do seu acervo; e em Londrina não é diferente: em 2012 o Cine Teatro Ouro Verde, um dos poucos edifícios tombados na cidade, sofreu um incêndio que acabou com o espaço. O que há em comum com todas essas tragédias? A falta de incentivo e de recursos que visem manter esses importantes espaços de arte e difusão da cultura. Locais para se encontrar a história e manifestações das diferentes expressões artísticas, independentemente do tempo em que foram concebidas.

Se há um descaso com a manutenção de espaços de extrema importância para a preservação da cultura no Brasil, imagine o que pode ser feito com as memórias que não são tidas como significativas, especialmente aquelas oriundas das camadas mais simples, e historicamente renegadas, da população. É também por causa disso que os espaços abandonados se proliferam e não se tornam, por exemplo, locais onde a arte, educação e cultura possam fluir livremente.

A 13^a Bienal de arquitetura de São Paulo de 2022 incluiu rota ancestral e saiu dos centros urbanos. Nessa busca se propunha investigar e rediscutir os espaços invisibilizados ou mesmo apagados, dos povos pretos e indígenas. Numa demonstração explícita dessa nova leitura dos espaços, o Coletivo de Ações Poéticas Urbanas (Capu) em Goiás fez a intervenção “Borracha Branca” (Figura 79) esfregando 200 borrachas escolares na escadaria da igreja para simbolizar o espaço que havia sido derrubado, anteriormente ali se encontrava a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, levantada pelos escravos no século 18 e que depois de 200 anos foi demolida pela ordem católica. O ato foi “escolhido para mostrar como a modificação do espaço urbano tende a silenciar a voz dos mais vulneráveis” (MARTINS, 2022).

Figura 79 – Intervenção borracha branca



Fonte: Martins, Folha de São Paulo, 2022.

A iniciativa mostra como os espaços são significativos, independentemente do valor histórico que lhes é atribuído. Ele é parte da memória dos habitantes daquele local, constrói narrativas, é ponto de localização, é político na sua forma de ser, representa seu bairro e sua classe social. Quanto mais se preserva, mais memórias construídas a cidade tem, quando os espaços passam a não existir, a memória se perde, o passado não existe mais e assim vai embora a narrativa de um povo.

As pessoas têm ânsia por saber a sua história, muitas conversas de família giram em torno dos anciãos contando um pouco mais de sua vida e época. Hoje, livros fazem sucesso no mercado e vendem milhões de exemplares para que sua família conheça as histórias uns dos outros (Figura 80). Isso acontece pelo fato de atualmente, muitas vezes as famílias não trocarem mais histórias em torno da mesa.

Figura 80 – Coleção Tesouros de Família de Elma Van Vliet



Fonte: Editora Sextante, 2021.

Os espaços das cidades não são diferentes, eles estão carregados de histórias significativas que muitas vezes estão sendo abandonadas ou demolidas. Para que isso não aconteça a população precisa se colocar a favor da preservação dos espaços locais, para que leis de incentivo e políticas de conscientização surjam, e assim cidades mais repletas de histórias existirão.

4.1 Londrina e seus espaços abandonados: o que dizem?

Londrina, a segunda maior cidade do estado do Paraná, e a quarta maior cidade do Brasil não é muito diferente da realidade exposta até aqui. Talvez por ser um lugar onde os ideais da extrema-direita reacionária encontraram solo fértil para crescer, a cidade é uma bela representação de como o poder público concebe os espaços destinados a lazer, cultura e arte. Sempre em segundo plano, e quando são construídos é muito mais visando dividendos eleitoreiros do que o bem-estar da população.

Apesar de ter uma das leis mais antigas e eficazes de promoção cultural – o PROMIC – e ser uma cidade cosmopolita, Londrina engatinha na proteção do seu patrimônio histórico e valorização dos espaços, que contam a história da cidade. O que deveria ser uma fonte a saciar o conhecimento, acaba se tornando

construção abandonada ou entulhos, ou pior, dão lugar a modernas edificações colocando literalmente abaixo toda uma construção da memória individual e coletiva.

Falar da importância de preservação de espaços – públicos e privados – como lugar de manutenção da memória sem ouvir quem luta diretamente por isso parece ser contrassenso. Para isso, procurou-se ouvir as vozes que lutaram e lutam para que espaços abandonados voltem a ter vez e voz e retornem à população, não sendo apenas lugar de partilha, mas sim um local destinado ao efervescer da vida cultural e da preservação da memória local.

Em entrevista com o Danilo Lagoeiro um dos responsáveis frente a ocupação realizada para a tomada do espaço da antiga União Londrinense dos Estudantes Secundaristas (ULES), que ficou abandonado durante anos, para se formar o Canto do Movimento dos Artistas de Rua de Londrina (MARL), foi relatado um pouco do que toda a equipe precisou enfrentar e se posicionar frente a prefeitura e a tudo e todos que se colocavam contra aquela ocupação, mas que tiveram muitas pessoas também que apoiaram inclusive a vizinhança, que preferia o espaço ocupado ao abandonado. Hoje o Canto do MARL é um importante centro cultural educativo e que promove diversas atividades, como palestras, formações artísticas, eventos culturais e feiras junto a outros movimentos da cidade, A ocupação e a posterior posse legal fez com que todo aquele espaço fosse renovado.

No livro *Canto do Marl: narrativas de um lugar ocupado pela esperança estudantil e artística*, Yamashita, et al. (2019) relata os desafios e as esperanças que nascem a partir de se ressignificar um espaço com arte, cultura e educação. Danilo, retratando essa esperança, ressalta os desafios existentes, com a manutenção do espaço, com as políticas de cultura e as dificuldades enfrentadas pelos artistas de rua. A regularização da ocupação só foi possível por ser uma luta coletiva. Quando se fala de espaços abandonados em Londrina não há como não lembrar da transformação ocorrida pelo Canto do MARL.

Além das três entrevistas já citadas, foram realizadas mais dez propostas aprovadas (Apêndices 4), pelo Comitê de Ética da Plataforma Brasil (Anexo 2), organizadas em dois grupos focais, um que havia visto o curta-metragem URBEX espaços abandonados Londrina e o outro de pessoas do entorno dos espaços abandonados. As entrevistas (Apêndice 5) foram gravadas e tabuladas (Figura 81 e 82) para serem analisadas de forma qualitativa, e os resultado são expostos abaixo, os nomes utilizados são fictícios a fim de preservar a identidade dos participantes.

Figura 81 – Tabulação das entrevistas do entorno dos espaços abandonados

NOME	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	LOCAL	GRUPO ENTORNO					ACHA INTERESSANTE VÍDEOS QUE FALEM SOBRE ESSA TEMÁTICA	FICOU SABENDO DO URBEX
					HIST. ESP. ABANDONADO	TEMPO ABANDONO	COMO CONHECEU A HIST.	OPINIÃO	SENTIMENTO		
ANA	21 FEM.	SUPERIOR INCOMP.	ESTRUTURA GLEBA	NÃO SEI	UM BOM TEMPO	TRABALHA PRÓXIMO	UM DESPERDÍCIO DE ESPAÇO, DINHEIRO E TEMPO. UMA FALTA DE HIGIENE POR CONTA DO MATO	REVOLTANTE, DE DÓ E DE INSEGURANÇA	SIM, PARA QUE AS PESSOAS VEJAM, POIS NÃO SE INCOMODAM SE NÃO AS AFETAREM	NÃO	
LARA	48 FEM.	PÓS-GRADUADA	ESTRUTURA METÁLICA L-O	ERA PARA SER UM SHOPPING DE CARROS E PARAM AS OBRAIS HÁ MUITO TEMPO E DESDE ENTÃO ESTÁ INCOMPLETO, AINDA VAI MUITA BRIGA NA JUSTIÇA PARA RESOLVER ESSA OBRA	MAIS DE 20 ANOS	ACOMPANHAN DO NA MÍDIA E PELOS MORADORES DO BAIRRO	PERIGOSO, COLOCAM FOGO ÁS VEZES, TEMOS QUE CHAMAR BOMBEIROS, OUTRAS VEZES PESSOAS SE ABRIGAM, HOJE TEM UMA FAMÍLIA MORANDO AÍ, E VEM MUITA POEIRA DESSA ESTRUTURA, INCOMODA.	DESPERDÍCIO DE DINHEIRO, UMA SENSAÇÃO DE ABANDONO	SIM, MUITO, POIS ESSA ESTRUTURA JÁ É UM PONTO DE REFERÊNCIA NA CIDADE, MAS NÃO EXISTE UMA BUSCA EM SOLUCIONAR.	NÃO	
BETO	54 MASC.	2º GRAU COMP.	BARRACÕES SAHÃO	NÃO SEI	MAIS DE 6 ANOS	MORA EM FRENTE	PARA MIM NÃO FAZ DIFERENÇA, MORO NA FRENTE, MAS NÃO MUDA EM NADA NA MINHA VIDA, SEMPRE ME LOCOMOVO DE CARRO	QUE PODIA ESTAR SENDO UTILIZADO	SIM, POIS PODE DESPERTAR INTERESSEM EM FAZER ALGO COM ESSES ESPAÇOS ABANDONADOS	NÃO	
OTÁVIO	43 MASC.	FUNDAMENTAL COMP.	BARRACÕES SAHÃO	SEI QUE TEM UM SENHOR QUE MORA NA QUADRA DE CIMA QUE VEM CUIDAR DO ESPAÇO	MAIS DE 20 ANOS	POR TRABALHAR NA FRENTE	ACHO FEIO, MAS NÃO INCOMODA	QUE PODIA ESTAR SENDO UTILIZADO	SIM, ACHO IMPORTANTE CONTAR AS HISTÓRIAS DESSES ESPAÇOS PARA A GENTE CONHECER	NÃO	
MARCOS	45 MASC.	FUNDAMENTAL COMP.	ANTIGO CIRCO E ESTRUTURA R. DA LAPA	ERA DA SERCOMTEL E FICOU CEDIDA PARA O CIRCO E DESPDE ENTÃO ESTÁ ABANDONADA.	MAIS DE 5 ANOS	PELOS MORADORES DO PRÉDIO ONDE TRABALHA QUE FICA EM FRENTE	FEIO, DESERTO, UMA COMPLETA LEI DO DESCASO	DE ABANDONO, UM LUGAR NOBRE, BEM NO CENTRO, PODIA SER DIFERENTE	SIM, IMPORTANTE POIS FICA ESQUECIDO E FALTA INFORMAÇÃO	NÃO	

Fonte: organizadora BESSA, 2023.

Figura 82 – Tabulação das entrevistas das pessoas que assistiram ao curta-metragem URBEX espaços abandonados Londrina

GRUPO QUE ASSISTIU O URBEX										
NOME	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	LOCAL	HIST. ESP. ABANDONADO	TEMPO ABANDONO	COMO CONHECEU A HIST.	OPINIÃO	SENTIMENTO	O QUE O URBEX TE FEZ REFLETIR
LUIZA	36	FEM.	SUPERIOR COMP.	UM BARRACÃO NA AV. DUQUE DE CAXIAS	O BARRACÃO EU MOREI PERTO UM BOM TEMPO DA OESTE E LEMBROU DA ANTIGA ULES ATUAL MARL	FICOU ABANDONADO MAIS DE 17 ANOS	PASSAVA EM FRENTE	QUANDO PENSO NO MARL HOJE VEJO O QUANTO A SOCIEDADE TEM UM DEVER PARA COM ESSES ESPAÇOS DE OCUPA-LOS.	QUANDO MORAVA PERTO DE MEDO, DESVIAVA PARA VOLTAR PARA CASA. HOJE SINTO UMA TRISTEZA EM PENSAR QUE A HISTÓRIA ESTÁ SE TRANSFORMANDO EM RUÍNA	SOBRE A HISTÓRIA QUE PERDEMOS COMO CIDADE, MAS QUANDO VI ME DEU UMA NOSTALGIA, DE LEMBRANÇAS SOBRE OS ESPAÇOS ABANDONADO QUE CONVIVI E AS MEMÓRIAS QUE TENHO SOBRE OS ESPAÇOS QUE USUFRUI
BETH	28	FEM.	PÓS-GRADUADA	DEPÓSITO DA SANTA CASA DA AV. DUQUE DE CAXIAS	ERA DE UM DOS PIONEIROS QUE DEIXOU DE HERANÇA PARA A FAMÍLIA E QUANDO O ÚLTIMO HERDEIRO FALESCU DEIXOU PARA O HOSPITAL DA SANTA CASA	DE 1970	PESQUISEI PARA O MEU TCC	PODERIA SER UTILIZADO AO INVÉS DE ESTAR PARADO, SER UMA EDIFICAÇÃO MAIS VALORIZADA PELA A HISTÓRIA DA CIDADE VISTO QUE ENCONTRA MUITA DA INTEGRIDADE DA FACHADA DA DÉCADA DE 1930	TRISTEZA, UMA VAZIO, UM SENTIMENTO DE QUE PODERIA SER DIFERENTE	ME EMOCIONEI COM O CURTA, ME FEZ QUESTIONAR SOBRE OS ESPAÇO ABANDONADO E ME DEU UMA SENSAÇÃO DE PREENCHIMENTO COM ALGO QUE ME IDENTIFICO.
LUANA	40	FEM.	PÓS-GRADUADA	ANTIGA ULES E ESCOLA DE CIRCO	ERAM ESPAÇOS QUE PESSOAS SE ENCONTRAVAM SEJA ESTUDANTES OU ARTISTAS, EU TENHO MUITAS MEMÓRIAS EM RELAÇÃO A ULES DA MINHA ÉPOCA DE ESTUDANTE, TANTO QUE QUANDO ESTAVA ABANDONADO EVITAVA PASSAR POR ALI, DEPOIS A CASA DO ESTUDANTE FOI PARA A RUA CANUDOS UMA CONSTRUÇÃO QUE FOI DERRUBADA, ATÉ HOJE ME DÓI PASSAR ALI	PELO MENOS 10 ANOS E A CASA DO ESTUDANTE FOI DESATIVADA EM 2005	POIS FREQUENTEI ESSES ESPAÇOS	QUE DEVERIAM SER PRESERVADO ESPAÇOS DE MEMÓRIAS COLETIVAS, MAS CRI QUE O INTERESSE EM RELAÇÃO A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA TRAZ UMA FALTA DE SENSIBILIDADE PELOS GESTORES PÚBLICO EM RELAÇÃO A ESSES ESPAÇOS	DE DOR, TRISTEZA	ME FEZ PENSAR Nesses ESPAÇOS COMO LUGARES DE VIVÊNCIA E NÃO DE MOEDA, MAS QUE OS ESPAÇOS URBANOS SÃO PERPASSADOS POR QUESTÕES FINANCEIRAS QUE FAZEM ELES ESTAREM ASSIM HOJE, FOI DE ENCONTRO COM ALGO QUE JÁ PENSAVA.
VERA	57	FEM.	PÓS-GRADUADA	MUITOS ESPAÇOS EU VEJO, SÃO ABANDONADO E DEPOIS DEMOLIDOS. O RESTAURANTE DA MATO GROSSO (EM FRENTE AO SHOPPING ROYAL) NA AV. DUQUE DE CAXIAS, COMO COOPERATIVAS. O RESTAURANTE DA MATO GROSSO (EM FRENTE AO SHOPPING ROYAL).	MUITOS ESPAÇOS EU VEJO, FUI O MAIS RECENTE QUE LEMBRO QUE ME DOEU. ESPAÇOS QUE EU VIVI, HISTÓRIAS ALI OU QUE FAZEM PARTE DO MEU PERCURSO NA CIDADE. CONSTRUÇÕES DE 1930, 1940, ESSAS HISTÓRIAS DA CIDADE SENDO APAGADAS.	15 ANOS / UNS 30 ANOS AMBOS E UNS 20 ANOS O ÚLTIMO	PASSANDO PELOS ESPAÇOS, OU CONVIVENDO COM ELES.	A MINHA RELAÇÃO COM AQUELHAS CONSTRUÇÕES, COM AS PESSOAS SENDO APAGADAS. ESTAMOS ACABANDO COM O PASSADO. O NOVO NÃO PRECISA DESTRUIR O PASSADO PARA SURGIR.	ME DÓI DEMAIS!	AQUELE VÍDEO EXPRESSOU A MINHA DOR. ME IDENTIFIQUEI COM ELE, É ALGO QUE EU JÁ PENSAVA. MAS O CURTA ME MOSTROU O QUE O OUTRO SENTIA, E PASSAR POR TODO O PROCESSO DE ABANDONA ATÉ A DEMOLIÇÃO. UMA SENSAÇÃO QUE TALVEZ DÉ PARA FAZER ALGO ANTES DE CAIR.
GUTO	57	MASC.	PÓS-GRADUADO	UM TERRENO BALDIO POSTO ABANDONADO NA CELSO GARCIA, OS BARRACÕES DE CAFÉ DA LESTE-OESTE E O ANTIGO CIRCO PERTO DO IATE.	FORAM CONSTRUÇÕES QUE UMAS TEM MAIS HISTÓRIA PARA CIDADE, OUTRAS MAIS HISTÓRIAS PESSOAIS PARA MIM COMO O TERRENO BALDIO QUE EU FREQUENTEI COM OS MEUS AMIGOS DE INFÂNCIA E ME MARCOU. OUTRAS SIGNIFICATIVAS PARA A CULTURA. MAS TODAS PERCORREM A MINHA MEMÓRIA E ME FAZEM LEMBRAR SOBRE A MINHA HISTÓRIA NOS ESPAÇOS.	15 ANOS / UNS 30 ANOS AMBOS E UNS 20 ANOS O ÚLTIMO	PASSANDO OU CONVIVENDO NESTES LOCAIS.	ACHO QUE SÃO ESPAÇOS LÚDICOS, INCLUSIVE SE PERMITIA QUEBRAR VIDRO, UM ESPAÇO QUE ESTÁ EM PROCESSO PARA A CIDADE, ATÉ QUE VEM A MÃO DO CAPITALISMO E O TRANSFORMA EM OUTRA COISA. PODE SER UM LUGAR DE VIOLENCIA, MAS PODE SER UM LOCAL DE ARTE.	DE ALGUMA FORMA UM PERTENCIMENTO A AQUILO QUE ESTÁ EM ABANDONO, ATÉ MESMO DE SER UM ESPAÇO DE LIBERDADE DE PODER SER QUALQUER COISA, MAS TAMBÉM UM SENTIMENTO DE TRISTEZA DE NÃO VERA AQUILO COMPRINDO A FUNÇÃO QUE FOI PROPOSTO.	ME REMETEU AS MINHAS MEMÓRIAS PESSOAIS SOBRE OS ESPAÇOS, VER AQUELA FORMA POÉTICA E IMAGÉTICA, SIGNIFICOU E ME EMOCIONOU, POIS MEMÓRIA É EMOÇÃO.

Fonte: organizadora BESSA, 2023.

A faixa etária das pessoas entrevistadas foi de 21 a 57 anos, organizadas em dois grupos focais. A primeira diferença clara entre os grupos foi que as pessoas que viram o curta-metragem, estavam mais abertas para falar sobre o assunto, e já possuíam uma perspectiva mais crítica acerca da temática dos espaços abandonados de Londrina, do que o grupo que foi abordado no entorno. Outro item que se destacou após coletadas as entrevistas, foi a escolaridade. Entre as pessoas que assistiram o material em audiovisual todas tinham curso superior e a maioria pós-graduada, o que demonstra uma visão de mundo já diferente de uma pessoa com menos estudo, como foi o caso da maior parte das pessoas do entorno.

A maioria dos participantes conhecem alguma história de espaço abandonado em Londrina, muitas vezes próxima à relatada nos documentos oficiais; o grupo que assistiu ao curta-metragem remeteu a memórias pessoais sobre os espaços abandonados e fez relação dos espaços abordados com outros espaços abandonados e as suas vivências ao longo dos anos em Londrina. Já o grupo do entorno relatou apenas sobre o espaço no qual estavam próximos quando entrevistados. Duas pessoas do entorno relataram não saber nada sobre a história do espaço abandonado que convivia, a Ana e Beto. Apenas um participante, Beto, se mostrou indiferente com o abandono. Mesmo morando em frente de um espaço abandonado há seis anos não se incomoda, pois só saí do edifício de carro, contudo apontou que o espaço poderia estar sendo utilizado, como todos afirmaram. Seu depoimento deixa claro como a locomoção motorizada distancia a pessoa do espaço urbano, não promove um contato direto entre passante e o espaço, o indivíduo não percorre a zona híbrida, destacada no ponto 2.1, o que faz com que não haja relação entre eles.

Nenhuma das pessoas do entorno ficou sabendo sobre o curta-metragem, URBEX espaços abandonados Londrina, mas todas acharam importante ter vídeos mostrando os espaços abandonados da cidade a fim de gerar informação, visibilizar os locais e promover algum tipo de mudança por meio dos governantes. Foi possível ver o olhar prático dessas pessoas com o espaço abandonado.

Duas pessoas, uma de cada grupo focal, ambas mulheres, relatam medo ou insegurança como sentimento em relação ao espaço abandonado. Luiza disse que haviam usuários de drogas que utilizavam o espaço e que para voltar para casa mudava o caminho para não passar por ali. Ana relatou que a hora que escurece passa rápido por aquele pedaço onde se encontra abandonado. O medo ou

insegurança apontado pelas mulheres que se locomoviam a pé próximo a esses espaços demonstra um problema de segurança pública, que conforme Jacobs ocorre por ser um local sem olhos para rua, escuro e pouco movimentado, explicado no capítulo 2. Luiza ainda apontou uma complicação gerada por uma ocupação de marginalizados no espaço abandonado que pode causar ainda mais insegurança para os passantes.

Já, Otávio que trabalha como porteiro em frente a outro espaço abandonado diz que nunca teve um episódio de furto no local e que por ali é seguro, porém esse espaço abandonado em especial, os barracões do Sahão, um senhor que mora na quadra de cima cuida para que ninguém ocupe o espaço e soluciona os problemas que existem devido ao abandono, como o desabamento do telhado, conforme descreveu, mas considera o lugar feio, pois fica olhando para ele o dia todo.

Lara, que mora em frente a estrutura metálica da Avenida Leste-Oeste conta diversos problemas enfrentados ao longo dos mais de 20 anos que o espaço está abandonado, dentre eles a poeira que vem da decomposição do metal. O mais recente foi um incêndio no local, no qual os moradores do bairro tiveram que acionar os bombeiros para resolverem. Sua casa está à venda (Figura 83), justamente por não aguentarem mais conviver com aquela situação, uma casa de madeira, com características das casas dos pioneiros. Ela conta que cresceu ali e ama aquela construção em que mora com a mãe, mas que não dá mais para morar em frente a um espaço abandonado. Esse local foi inclusive o mais difícil de fazer a entrevista. Algumas pessoas se negaram, mesmo que na conversa informal falassem coisas interessantes. Lara contou que os moradores do bairro já estão cansados da mídia e das pessoas de fora que os abordam com perguntas, mas que nunca ninguém faz nada para surtir uma mudança. Ela mesma só aceitou conversar, pois já fez pesquisa e sabe a importância disso.

Figura 83 – Casa à venda em frente a um espaço abandonado



Fonte: organizadora BESSA, 2023.

É possível analisar por meio desse diálogo que não só o espaço abandonado que desgasta. Todos que convivem com ele cansam da situação, a ponto de quererem mudar de moradia, mesmo com um vínculo de anos com a construção e o bairro. Em um entorno de casas térreas a relação entre os moradores e o abandono se mostrou mais direta que em edifícios verticais, indo ao encontro da escala humana e o espaço urbano defendido por Gehl, explanada no item 2.1.

Dentre as pessoas que assistiram ao material em audiovisual, duas: Luiza e Luana, olharam para o espaço como um possível local de transformação, citando a antiga ULES que se tornou o Canto do MARL, como positiva, em um local que movimenta o bairro e respeita a construção existente. Ver possibilidades palpáveis em uma ocupação que conseguiu ser regularizada e colabora com a cidade das mais diversas formas, era algo que as encantava, ambas foram ao Canto do MARL e se deslumbraram com a perspectiva de ver aquele espaço que estava morto, cheio de vida.

O olhar de quem viu o curta-metragem já estava mais sensível à temática e era possível perceber uma formulação sobre os espaços abandonados mais construída ao longo de um pensamento crítico. Esse grupo focal se mostrou mais interessado com essa temática.

Mas o que mais chamou atenção nas entrevistas do grupo que assistiu ao curta-metragem foi a dor ou tristeza ao falar desses espaços, como se estivessem falando de um lugar que é seu, vendo uma memória sua se deteriorar. Existia neles não apenas uma identificação com a temática. Luana relatou que desviava seu olhar para não passar em frente ao espaço abandonado, não por medo, mas por dor de vê-lo daquela forma. Como um pertencimento a esses espaços, a conexão feita entre os espaços abandonados e as suas memórias pessoais foi bastante percebida em todas as entrevistas desse grupo, revelando o grau de afetividade com esses lugares.

O que também se destacou nos comentários do vídeo quando estreou, foram falas como: “É tão triste ver o abandono e degradação desses espaços. Eles possuem tantas memórias, me corta o coração”. “Sou paulistano, mas Londrina mora em meu coração.... precisamos preservar as boas memórias”. “Intervenção importante no espaço urbano, como ação de resistência contra o capitalismo que reduz o sentido da vida à acumulação do capital. Precisamos lutar pela afirmação de muitos outros sentidos para a existência de Londrina, nossa cidade amada”. “Emocionante”! (Esses e outros comentários encontram-se no Apêndice 2). A relação de afeto traçada entre o espaço abandonado e o indivíduo tem caráter pessoal, juntamente com a tomada de consciência da memória e preservação dos espaços como significativo para Londrina. Um extenso comentário sobressaiu:

O depoimento narrado no segundo ato caberia perfeitamente às dezenas e dezenas de casinhas de madeira da minha saudosa Vila Nova, que tiveram suas vozes silenciadas da paisagem urbana pelo "progresso". Esse coveiro impiedoso e impessoal que está transformando meu amado bairro em um verdadeiro cemitério, nas profundezas do qual tantas e tantas memórias esculpidas em madeira são diuturnamente soterradas com concreto cinza, frio e desprovido de adornos (que, assim como a beleza, não servem para nada, não é mesmo?). Eu morei em uma dessas finadas guerreiras de peroba, na Rua Xingu nº 120. As portas se fechavam com tramelas, as janelas se abriam para fora e abertas ficavam graças às carrancas dos soldadinhos de metal enferrujado. O quintal era de terra, havia uma goiabeira e uma mangueira também. Nos galhos daquela, dormiam as galinhas; no tronco desta, repousava um moedor de café. Algumas dessas velhas senhoras, com suas cicatrizes repletas de história, ainda teimam em ficar de pé, mas bem

sabemos que seus dias estão contados. Em breve, minhas únicas lembranças serão as que estão registradas no livro "Arquitetura em Madeira", de Antônio Carlos Zani, que já considero um álbum de família. Em tempo: parabéns pelo trabalho. Doe um pouquinho, mas foi legal. Continuem! (@MayconJohny)

A lembrança remetida a um endereço específico de sua memória demonstra a ligação entre a pessoa e o espaço, o quanto é significativa a memória daquele lugar, como são memórias preciosas, como dói ver memórias como estas sendo apagadas. Há uma empatia por aquele tipo de construção, nesse caso, casas de madeira, que representam todo um bairro. A cidade perpassa as mais íntimas memórias individuais e coletivas, e os espaços abandonados expõem as memórias que estão se deteriorando, para em um futuro não distante serem apagadas.

Algumas entrevistas se estenderam, seja para contarem sobre sua infância e a relação com o espaço urbano, como com Guto. Nela, discorreu histórias divertidas sobre um terreno baldio que havia próximo a sua casa e que os amigos e ele tinham um clubinho nesse espaço, onde faziam travessuras de crianças. Ou com a Vera que tinha uma indignação visível ao falar dos espaços abandonados, das demolições, das novas construções, feias ao seu olhar. Fez muitas perguntas, pois queria dialogar mais sobre a temática, e questionou: “Por que para o novo surgir o velho tem que sumir? Não dá para conciliar os dois juntos? Por que essas novas construções são todas iguais? Só vejo um monte de caixas sendo construídas. Se a gente não tem passado, como vamos ver o futuro?”

Foi possível notar que nesse grupo abriu-se um leque de memórias e vivências pessoais com o urbano, das suas relações íntimas com os espaços abandonados e a história da cidade. A sensibilização promovida pelo material em audiovisual por meio do método Brecht fez justamente o que Jameson (1999) propõe, passa a se ter uma temática analisada e criticada por meio do público.

Luiza falou sobre a nostalgia que o curta-metragem promoveu, de como a fez refletir sobre as memórias dos espaços para a cidade, e voltou a suas lembranças para os espaços abandonados com os quais conviveu ao longo da vida. O que ocorreu com todos os entrevistados desse grupo, o que deixa claro o quanto o método Brecht colocado em prática funciona, pois a intenção era justamente essa, não era apenas falar sobre a história de Londrina e dos espaços abandonados em questão, mas sim sensibilizar e remeter a população às suas memórias pessoais

sobre o abandono dos espaços e como vêm sendo apagados. Luiza, Guto e Vera citaram espaços que já não existem mais e isso os emocionou, por saber que aquela memória agora só existe em sua mente, que morreu para a cidade, Guto chegou a dizer: “ver de forma poética e imagética me remeteu as minhas memórias pessoais, o que me emocionou, afinal memória é emoção”. Memória é emoção!

Quando existe a sensibilização da arte, como aborda o método Brecht, conecta-se o indivíduo e a temática, cria-se uma ligação que vai para além da razão, o sentimento pessoal passa a narrar o diálogo e dali brota uma relação emotiva, assim o espaço significa de forma individual e coletiva.

Dentre o grupo focal das pessoas do entorno dos espaços abandonados a relação entre elas e o local é prática e racional. O sentimento despertado muitas vezes é até em favor do capital, “um desperdício de dinheiro” foi relatado por mais de um entrevistado, ou seja, aquele espaço não significa, ele só existe, não se reflete sobre a história, muito menos se considera preservar. Apenas espera-se que haja uma mudança para que não seja mais inútil, mas não se conecta uma emoção, é um olhar frio para com o espaço abandonado.

Guto, um dos entrevistados do grupo que assistiu ao material em audiovisual trouxe uma fala que cabe bem aqui: “acho que são espaços lúdicos, [...], um espaço que está em processo para a cidade, até que vem a mão do capitalismo e o transforma em outra coisa. Pode ser um lugar de violência, mas pode ser um local de arte”. Quando a arte não perpassa o olhar do outro há apenas este olhar convencional, produtivista e capitalista sobre o que aquele local diz. A cidade poderia significar seus espaços, mas quando o dinheiro tem mais valor que a história não existe sensibilização, nem conexão.

O que os espaços abandonados dizem, vai para além das camadas deterioradas. Pode ser uma visão fria ou emotiva, remeter a lembranças pessoais ligando aquele lugar a outras das vivências de cada pessoa, ou pode ser apenas uma cifra de moeda. A diferença não está no espaço, mas no olhar de quem vê, está na sensibilização e percepção trabalhada anteriormente. O abandono urbano não vai deixar de existir, mas a forma como as pessoas o veem pode-se alterar. Em um mundo repleto de informações novas a cada segundo, a arte é esse vento suave que pode sensibilizar e modificar conceitos pré-determinados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após anos investigando os espaços abandonados, seja de forma empírica ou científica, pode-se afirmar que a pesquisa está longe de uma conclusão definitiva, para se julgar encerrada. Por isso, denominou-se essa parte da tese de Considerações Finais, uma vez que se chegou ao final apenas desse trabalho, e considerou-se que foram levantados dados significativos, mesmo admitindo que o campo de estudo é vasto e ainda permite novas pesquisas.

A pesquisa percorreu uma trajetória que foi de analisar conceitos do espaço urbano como produção capitalista para chegar à memória apagada da cidade a partir do objeto estudado, os espaços abandonados, considerando aspectos formais e funcionais em tipologias diferentes. Nesse processo de compreensão dos aspectos simbólicos e políticos, do espaço urbano local e a sua relação com a história, fez-se uma busca por documentos oficiais e foram encontradas contradições nos registros artísticos, diferentes versões do passado de Londrina apareceram. No qual foi identificado que o município desde seu início teve a especulação imobiliária e o agronegócio como base financeira principal, definindo questões políticas até os dias atuais, o que faz com que o PIB local seja fortalecido nessas esferas. Assim, foi possível visualizar o presente e o futuro com uma compreensão ampliada do contexto local, etapas executadas a partir do método regressivo-progressivo de Lefebvre.

O urbano pode partir de um olhar frio, concreto e monótono, parar e observar cuidadosamente Londrina, abrindo os sentidos e a percepção para um olhar lúdico em torno dos espaços abandonados. Com isso, transcrevê-los de maneira imagética, sonora e narrativa, o que Jameson (1999) defende por meio do método Brecht, em que se cristaliza um momento, para passá-lo de forma crítica e acessível. Assim, fazer parte da memória do público, gerando uma consciência sobre o foco encenado no momento presente.

Nesse processo de compreender teorias, autores e artistas contextualizando-os no cenário local, ligando a arte e a ciência, espaço abandonado e audiovisual, direcionou-se para um olhar externo do público e dos entrevistados. Ocasão em que ressaltaram as camadas históricas da cidade e as afetivas das pessoas com os lugares, numa visão na qual o espaço significa a medida do afeto

gerado no indivíduo nessa perspectiva de um urbanismo humanista, defendido por autores como Gehl.

No entanto, falar sobre os espaços abandonados de Londrina, foi deixar a ferida exposta, mostrar o que existe debaixo desse tapete de histórias contadas sobre a cidade, de desconstruir um pensamento à medida que a pesquisa avançou, e buscar no mais profundo do abandono o que estava soterrado. As nossas cidades estão cheias de histórias, em cada canto, em cada espaço brotam preciosas lembranças.

Estranho pensar que as respostas acabam por gerar mais perguntas. Na busca por saber se os espaços abandonados são importantes para a história de Londrina, o que ficou impresso, além do fato de que todo espaço possui memórias e que cabe a cidade escolher quais serão preservadas, foram as seguintes reflexões: Quais histórias estamos contando, em um Brasil recheado de versões de homens brancos meritocratas? Quais espaços são importantes? Para quem esses espaços são importantes? Quais versões são conhecidas desses espaços?

No fim não é apenas sobre a história e memória da cidade, mas sim sobre quem está escrevendo essa narrativa. Até quando vamos celebrar os colonizadores brancos, quando as mãos trabalhadoras de quem constrói as cidades são apagadas, abandonadas e não importam? E quais são as memórias abandonadas, quanto já foi apagado e quanto ainda será?

A dor do apagado é de luto, algo que nunca mais existirá. Um rompimento completo com aquele espaço que passa a existir apenas no imaginário da memória, e promove a junção dos fatos com a narrativa emotiva ou indiferente de quem lembra.

Só se consegue alcançar o objetivo de valorizar a memória e a história da cidade para a população, se houver um trabalho de sensibilização e os espaços abandonados só irão significar para história local se houver pesquisa-ação gerando consciência e possibilitando um movimento popular de resistência da memória coletiva.

Registrar em audiovisual o processo de como esses espaços estão depois de anos de abandono, marca o momento atual, parte de documentar algo para o futuro, manter esses lugares de alguma forma vivos, ainda que venham a desaparecer. Adentrar as leis de cultura local a fim de perpassar a arte de forma política e ativa, firmada dentro da Secretaria de Cultura, enfrentando burocracias na tentativa de alcançar a população, foi um limite rompido a fim de encorajar mais pesquisadores a aprovarem projetos de ação dentro dos seus municípios. Por isso, o projeto aprovado segue no Apêndice 3, tornando acessível essa etapa.

Em um mundo de razão, sensibilizar é artístico, é potente, é marcante. Mas quem consome arte? Perceber que ainda é uma classe privilegiada que viu o curta-metragem, URBEX espaços abandonados Londrina, e que a tentativa de romper a bolha social ainda precisa de outras medidas, são reflexões a serem feitas, posteriormente, com esse material em audiovisual, percebendo que a mensagem sensibiliza, mas ainda chega em uma classe específica. O plano inicial de inscrever apenas em festivais, talvez não seja o suficiente para atingir as demais classes. Estratégias diferentes começaram a ser levadas em consideração, como por exemplo uma circulação em escolas municipais juntamente com um bate-papo, uma visão que só foi possível após as entrevistas.

A jornada da pesquisa trilha caminhos diferentes dos imaginados inicialmente. Falar sobre os espaços abandonados culminou no desconhecido, mas esse não é o fim, é só um começo. Permitir-se caminhar por escombros, e enfrentar o medo do obscuro a cada dia, para se desprender das vozes dos outros e criar a própria narrativa, é de um frio no estômago necessário.

Nós, pesquisadores, o que temos abandonado em nossa jornada? Em quais caixas invisíveis nos prendemos ao longo da vida? Descolonizar a história passa

pelo processo de descolonizar o pensamento científico. Não é só sobre o que escrevemos, e sim como escrevemos, como chegamos à população, como nos abrimos ao outro, e como nos expressamos. O material em audiovisual, partiu de entender uma linguagem sonora, imagética e narrativa acessível e com potencial de alcance, permitindo que a mensagem fosse passada de maneira rápida, mas sem perder a profundidade da temática. Não é sobre “o que”, é sobre “ser”, é pesquisação. É deixar o rígido, flexível e mutável, mais humano e menos indiferente.

Romper as barreiras teóricas para uma ação utilizando um método que enaltece a arte, vinculando-a com o espaço urbano, foi enriquecedor para a pesquisa e sensibilizou o público. A partir da exibição do curta-metragem surgiram trocas que modificaram o modo de se ver o mundo e abriram novos horizontes. A semente aqui plantada, ainda precisa ser regada por outras ações futuras, por outras pesquisas. Este é o limite desse fim, mas o início de outros começos.

REFERÊNCIAS

- 24H NEWS.** Hotel Sahão: Símbolo do crescimento de Londrina há 17 anos abandonado. 10 nov. 2019. Disponível em: <<https://24h.com.br/noticias/hotel-sahao-simbolo-do-crescimento-de-londrina-ha-17-anos-abandonado/>> Acesso: jan. 2022.
- ABREU, A. **O menino e o mundo.** (85 min.) Brasil: Petrobras, BNDS, Filme de Papel e Espaço Filmes, 2013.
- A CIDADE. **Prefeitura de Londrina.** Disponível em: <http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3:historia-da-cidade&catid=5:a-cidade&Itemid=5>. Acesso: nov. 2018.
- ARAÚJO, D. de B.; MOURA, J. D. P. A poética das cidades: por uma pedagogia da imaginação criadora nas experiências urbanas. **Geograficidade**, Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ: UFFv.11, n. 1, Verão 2021.
- ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade.** 4^a Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ASCHER, F. **Novos princípios do urbanismo seguido de novos compromissos urbanos um léxico.** 3^a Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2012.
- BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (org). **Pesquisa Qualitativa em Estudo Organizacionais.** São Paulo: Saraiva, 2006.
- BAR MOOCA. **Facebook.** Imagem de capa. Disponível em: <<https://www.facebook.com/barmooca/>> Acesso: abr. 2022.
- BARROS, S. F. D. S. O método regressivo-progressivo como possibilidade para os estudos das cidades médias. **Revista Cerrados**, Montes Claros-MG, vol. 16, n. 2, p. 110-125, ago./dez.-2018.
- BASTOS, A. Crítica The Handmaid's Tale 3x04: God Bless The Child. Delirium Nerd. Disponível em: <<https://deliriumnerd.com/2019/06/18/the-handmaids-tale-3x04-critica/>> Acesso: nov. 2022
- BATISTA, G. **CBN Londrina.** “Esqueleto” de aço inacabado construído na avenida Leste-Oeste vai a leilão pela terceira vez na próxima quinta-feira. 10 fev. 2022. Disponível em: <<https://cbnlondrina.com.br/materias/esqueleto-de-aco-inacabado-construido-na-avenida-leste-oeste-vai-a-leilao-pela-terceira-vez-na-proxima-quinta-feira>> Acesso: fev. 2022.
- BATISTA, G. **CBN Londrina.** As maiores construtoras do Paraná estão em Londrina e são referência do setor em todo o país. 07 out. 2021. Disponível em: <<https://cbnlondrina.com.br/materias/as-maiores-construtoras-do-parana-estao-em-londrina-e-sao-referencia-do-setor-em-todo-o-pais>> Acesso: jan. 2022.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens.** Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa do Estado de São Paulo, 2009.

BORDE, A.L.P. Vazios urbanos: avaliação histórica e perspectivas contemporâneas. In: 8º Seminário da História da Cidade e do Urbanismo. UFF/ ANPUR., 2004, Niterói. **Anais do 8º Seminário da História da Cidade e do Urbanismo**, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHALAS, Y. **La invention de la ville**. Paris: Antrophos, 2000.

CHOAY, F; MERLIN, P. (org.) **Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement**. Paris: PUF, 2000.

CICHOSKI, P. **A interdisciplinaridade na pesquisa e na ação participativa: contribuições de Orlando Borda**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2021.

CORREA, R. L. Análise crítica de textos geográficos: breves notas. **GeoUERJ**, Revista do Departamento de Geografia, UERJ, n. 14, p.7-18, 2º sem/2003.

COUTINHO, E. **Jogo de Cena**. (105 min.) Rio de Janeiro: Videofilmes, Matizar, 2007.

COUTINHO, E. **Edifício Máster**. (110 min.) Rio de Janeiro: Videofilmes. 2001.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris**. 10 dez. 1948. Disponível em:
<https://www.ohchr.org/en/human-rights/universal-declaration/translations/portuguese?LangID=por> Acesso: dez. 2021

DELEUZE, G & GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1-5. São Paulo: Ed 34, 1995.

DELGADO, M. **Sociedades movedizas: pasos hacia una antropología de las calles**. Barcelona: Anagrama, 2007.

DUPAS, G. **Tensões contemporâneas entre o público e o privado**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

EDITORAS SEXTANTE. **Facebook**. Coleção Tesouros de Família, de Elma Van Vliet. Disponível em:
https://www.facebook.com/esextante/photos/a.149465518418341/5038610356170475/?locale=zh_CN&paipv=0&eav=AfZ09YEIndhCwGGxNv587a3jesfdEye7ftkr4NAvIKcH1U1um3boqwFNdfez09pczAo&_rdr Acesso: dez. 2022.

FESTHOME. Editar filme. Disponível em:
https://filmmakers.festhome.com/edit_film/250147 Acesso: out. 2022.

FERRARA, L. **Significados Urbanos**. São Paulo: HUCITEC/Edusp, 2000.

FOLHA DE LONDRINA. Crescimento do PIB de Londrina é o maior entre as grandes cidades do interior PR: levantamento IBGE com dados compilados em 2019

apontou crescimento de 8,2% no índice registrado pelo município.30 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/economia/crescimento-do-pib-de-londrina-e-o-maior-entre-as-grandes-do-interior-do-pr-3149209e.html>> Acesso: jan. 2022.

FREHSE, F. Potencialidades do método regressivo-progressivo: pensar a cidade, pensar a história. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, vol. 13, n. 2, p. 169-184, novembro de 2001.

FRESCA, T. M. Mudanças recentes na expansão físico-territorial de Londrina. Geografia: **Revista do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina**. UEL, 2002.

G1 PARANÁ. Norte e Nordeste. Sem previsão de retomada de obras, teatro municipal está abandonado. 13 jan. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2017/01/sem-previsao-de-retomada-de-obra-teatro-municipal-esta-abandonado.html>> Acesso: mar. 2022.

GALEANO, E. **Os filhos dos dias**. Tradução Eric Nepomuceno. Coleção L&PM E-books, 2014.

GARRIDO, M. **CBN Londrina**. Notícias, Londrina. Moradores da Gleba Palhano denunciam prédios abandonados no bairro. 30 jan. 2017. Disponível em: <<https://cbnlondrina.com.br/materias/moradores-da-gleba-palhano-denunciam-predios-abandonados-no-bairro>> Acesso: abr. 2022.

GEHL. J. **Cidades para pessoas**. São Paulo, Perspectiva, 2013.

GODOI, C. K.; BALSINI, C. P. V. **A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros**: uma análise bibliométrica. In: GODOI, C. K.; GOODE, W. J.; HATT, P. Métodos em pesquisa social. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1979.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GONÇALVES, P. de T. A ficção dramatiza a história: a reconstrução literária de pequena Londres. **DETARSOHISTÓRIA: cultura e história de Londrina**. 19 dez. 2008. Disponível em: <<http://detarsohistoria.blogspot.com/2008/12/fico-dramatiza-histria.html>> Acesso: dez. 2021

GOOGLE MAPS. Google. Maps. **Londrina, PR**. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Londrina,+PR/@-23.3211063,-51.2359748,12z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x94eb435a57af586d:0x23ac11a5c614f971!8m2!3d-23.3197305!4d-51.1662008>> Acesso: abr. 2022.

GRUMBACH, A. A dialética das restrições: ou como se faz a cidade. **RUA**, v.1, n6, jul-dez de 1996.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1990.

- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. Tradução Carlos Szlak. 2aed. São Paulo: Annablume, 2006. (Coleção Geografia e Adjacências).
- HARVEY, D. **Espaços de esperança**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HARVEY, D. **Possible urban worlds**, 2001.
- IBGE**. Londrina. Paraná. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/233H4>> Acesso: set. 2021.
- IPHAN. Instituto do patrimônio histórico e artístico nacional**. Conjuntos Urbanos Tombados. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/123>> Acesso: abr. 2022.
- IPPUL**. Leis históricas. Disponível em: <<https://ippul.londrina.pr.gov.br/index.php/leis-historicas.html>> Acesso: out. 2021.
- IYENGAR, B.K.S. **The Art of Yoga**. Nova Déli: Harper-Collins, 2005.
- JACOBS, J. **Morte e vida nas grandes cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa; revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalheiro; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. 3ª Edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- JAMESON, F. **O método Brecht**. Tradução Maria Silva Betti; revisão técnica Iná Camargo Costa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- KARSSENBERG, H. et al. **Cidade ao nível dos olhos: lições para os plinths**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.
- KINOARTE**. Programação 24º Festival Kinoarte de Cinema. Disponível em: <https://kinoarte.org/festival/?utm_source=website_kinoarte_home&utm_medium=button_visite_o_site> Acesso: out. 2022.
- KINOARTE. Fotografias Natalia Lima Castro**. Disponível em: <<https://natalialimacastro.pixieset.com/24festivalkinoartedecinema/>> Acesso: nov. 2022.
- KOURY, R. Considerações sobre a boa cidade. Justiça ambiental urbana e sustentabilidade. **Arquitextos**, São Paulo, ano 15, n. 179.00, Vitruvius, abr. 2015. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.179/5520>>. Acesso: mar. 2022.
- LAVALLE, A. G. As dimensões constitutivas do espaço público: uma abordagem pré-teórica para lidar com a teoria. Espaço público: o conceito e o político. Espaço e Debates. **Revista de estudos regionais e urbanos**, São Paulo, vol. 25, n. 46, p. 33 – 44, jan/jul 2005.
- LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Grupo As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea, do Núcleo de Geografia Urbana da UFMG (do original: La production de l'espace. 4a Ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Mimeo. Primeira versão: Início – fev. 2006.

- LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins e revisão técnica de Margarida Maria de Andrade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano**. 2^aed. Barcelona: Ediciones Península, 1973.
- LEFEBVRE, H. **Lógica formal, lógica dialética**. 2^aed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.
- LEFEBVRE, H. **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- Lei Federal n. 6.766, de 19 de dezembro de 1979. **Dispõe sobre o parcelamento do solo urbano e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 29 de dezembro de 1979.
- LEVE. Pare escute olhe. Escola de Belas Artes – UFMG. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/grupoleve/docs/pare_20olhe_20escute> Acesso: abr. 2022.
- LEVE. Laboratório de Expedições Urbanas. Escola de Belas Artes – UFMG. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://issuu.com/grupoleve/docs/leu_-_laborat_rio_de_expedi____es_> Acesso: abr. 2022.
- LONDRINATUR. **Notícia, pratique turismo regional**. Vila Casoni. Disponível em: <<https://www.londrinatur.com.br/noticia/pratique-turismo-regional-vila-casoni-londrina/>> Acesso: abr. 2022.
- LOPES, C. **Folha de Londrina**. Pepsi ocupará antiga fábrica Skol. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/economia/pepsi-ocupara-antiga-fabrica-da-skol-64008.html>> 25 fev. 1998. Acesso: abr. 2022.
- LYNCH, K. **Boa Forma da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- LYNCH, K. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.
- LYNCH, K. **The waste of place**. In: *Places* 6:2, winter. Harvard: MIT Press, 1990.
- MADANIPOUR, A. **Design of Urban Space: a inquiry into a socio-spatial process**. London: John Wiley & Sons, 1996.
- MARQUES, D. Cresce o consumo de ansiolíticos e antidepressivos entre brasileiros: pandemia contribui com o cenário, mas não é a única causa. **Educa Mais Brasil**. 18 abr. 2022. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/cursos-e-escolas-tecnicas/tecnico-em-enfermagem/noticias/cresce-o-consumo-de-ansioliticos-e-antidepressivos-entre-brasileiros>> Acesso: abr. 2022.
- MARTINS, P. Bienal de arquitetura de São Paulo retorna após hiato querendo ocupar a cidade. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/05/bienal-de-arquitetura-de-sao-paulo-retorna-apos-hiato-querendo-ocupar-a-cidade.shtml>> Acesso: mai. 2022.
- MASCHIO, E. **Escândalos da Província**. Londrina: Atrito Arte, 2011.

MASCHIO, E. **Raposas do Asfalto**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1984.

MASSEY, D. **Pelo Espaço: Uma Nova Política de Espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2008.

MILAN, P. Escândalo na província Historiadores tentam recontar a história da prostituição em Londrina. Passeata de mulheres com a cabeça raspada é confirmada por estudos. **Gazeta do povo**. 16 abr. 2010. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/escandalo-na-provincia-0a3xmypagdfptbqyb04d9c8jy/>> Acesso: dez. 2021.

Miranda, S. R.; CASSETTARI, M. **Carta Sonora**. (51 minutos). Doc TV Brasil IV, 2010.

MORAES, A. L. Consumo de antidepressivos cresce 74% em seis anos no Brasil: Pesquisa feita por seguradora de saúde aponta que a compra de remédios contra ansiedade também está em franca ascensão. **Veja Saúde**. 16 fev. 2020. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/consumo-de-antidepressivos-cresce-74-em-seis-anos-no-brasil/>> Acesso: dez. 2021.

MÜLLER, N. L. **Contribuição ao estudo do norte do Paraná** (1956). Geografia: Revista do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina. UEL: vol. 10, n. 1, p. 89-118, 2001.

MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA PADRE CARLOS WEISS. **Facebook**. Fotos linha do tempo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.294130674079512&type=3>> Acesso: abr. 2022.

NETO, A. Retirada dos trilhos da avenida Leste-Oeste completa 40 anos em 2022. **Meio Dia Paraná**. 12 mai. 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10570194/?s=0s>> Acesso: mai. 2022.

NETTO, V. M. A urbanidade como devir do urbano. **EURE**, Santiago, vol. 39, n. 118, set. 2013.

NYGAARD, P. D. **Planos diretores de cidades: discutindo sua base doutrinária**. Porto Alegre. Editora da UFRJ, 2005.

OKADA, H. **Descubra Nikkei: os imigrantes japoneses e seus descendentes**. Bairro da Liberdade. Disponível em: <<http://www.discovernikkei.org/pt/journal/2017/4/26/bairro-da-liberdade/>> Acesso: abr. 2022.

OLIVEIRA, C. S. de. **Lago Igapó II, Londrina (PR): natureza, história e afeto no campo do patrimônio cultural**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ONU. **Organização das Nações Unidas Brasil**. Disponível em: <<https://brasil.un.org/>> Acesso: abr. 2022.

PAIQUERÊ FM. Homem é agredido com pedradas após tentar abusar de mulher em Londrina. 19 jan. 2020. Disponível em: <<https://paiquerefmnews.com.br/noticia/homem-e-agredido-com-pedradas-apos-tentar-abusar-de-mulher-em-londrina>> Acesso: mar. 2022.

PARANÁ NO AR. RicMais. Youtube. Barracão abandonado desaba no centro da cidade e defesa civil deve avaliar o risco em outros imóveis. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ji7TjY0LU88>> Acesso: jan. 2022.

PASCOLATI, S. (org.). Bodas de café. Peça teatral: Nitis Jacon Araújo Moreira e Grupo Proteu. Londrina: Eduel, 2019.

PASSOS, V. R. L. A verticalização de Londrina: 1970/2000. A ação dos promotores imobiliários. Dissertação de Mestrado – Programa de pós-graduação em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

POLIDORO, M.; NETO, O. C. P. Análise da evolução da mancha urbana em Londrina-PR através das técnicas de sensoriamento remoto. Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto. INPE: Natal, 2009.

PREFEITURA DE LONDRINA. História da cidade de Londrina. Disponível em: <<https://portal.londrina.pr.gov.br/historia-cidade#:~:text=A%20cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20Munic%C3%ADpio%20ocorreu,foi%20Joaquim%20Vicente%20de%20Castro.>> Acesso: set. 2021.

ROCHA, E. A Arquitetura do abandono (ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte). Tese. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

ROCHA, E. A Produção do Espaço Abandonado. Sociedade em Debate, Pelotas, vol. 12, n. 1, p. 199-222, jun./2006.

ROCHA, G. Instagram. <<https://www.instagram.com/p/Ccl0Xkiu5MW/>> Acesso: abr. 2022.

ROLNIK, S. Cartografia sentimental. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

ROSOLÉM, N. P. Visualização cartográfica da expansão da cidade de Londrina por meio de coleção de mapas digitais. Ambiência Guarapuava (PR) vol. 8. Ed. Especial, p. 667-684, nov. 2012.

SAYÃO, M. El País. Um incêndio consome o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/album/1535940297_655202.html#foto_gal_1> Acesso: out. 2022.

SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as ciências. 7º Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. Ed 7ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

- SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1997.
- SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.
- SANTOS, M. **Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo**. São Paulo: Nobel/SEC, 1990.
- SANTOS, M. **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo**. Tradução de: Sandra Lencioni. 5. Ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHWARTZ, W. **Folha de Londrina**. História de Hotéis Sahão este ‘anestesiado’ e Berlin fecha a história. 03 ago. 2010. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/historia-de-hoteis-sahao-esta-anestesiado-e-berlim-fecha-a-historia-721523.html>> Acesso: jan. 2022.
- SECCHI, B. **Primeira lição de urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA. **Classificação Indicativa: guia prático de Artes Visuais**. Brasília, 2021.
- SELIGMANN-SILVA, M. (org.). **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- SERAFIM, A. R. M. D. B. da R. **Transformações do espaço urbano da cidade do recife-PE como produto e condição de reprodução das intervenções urbanas: análise dos projetos de requalificação**. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SESC LONDRINA CADEIÃO. **Sesc Paraná**. Unidades. Disponível em: <<https://www.sescpr.com.br/unidade/sesc-londrina-cadeiao/>> Acesso: abr. 2022.
- SHIMBO, Z. L. **Habitação Social, Habitação de Mercado**: a confluência entre Estado, empresas construtoras e capital financeiro. 363 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SHUTTERSTOCK. **Paris skyline**. Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/pt/search/paris+skyline>> Acesso: abr. 2022.
- SILVA, A. C. M. A contribuição do método regressivo-pro-gressivo na análise de Henri Lefebvre: o Vale de Campan – estudo de sociologia rural. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 025-043, 2015.
- SOARES, M. **Para quem Pesquisamos? Para quem escrevemos?** In: MOREIRA, Antônio Flávio et al. Para quem pesquisamos: para quem escrevemos, impasses dos intelectuais. São Paulo: Cortez, p.65 – 89, 2001.

- SOLÀ-MORALES, I. Territórios, Barcelona: Gustavo Gilli, 2002.
- SOUZA, C. F.; MÜLLER, D. M. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1997.
- SPOSITO, M. E. B. **Para pensar as pequenas e as médias cidades brasileiras**. Belém: Editora Universitária UFPA, 2009.
- STAKE. R. E. Case Studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. 2. ed. Thousand Oaks, Califórnia: Sage Publications. 2000.
- SUZUKI, J. H. Considerações sobre o urbanismo de Londrina e suas relações como o modelo da cidade-jardim. In: **Terra & Cultura** - cadernos Científicos de Ensino e Pesquisa. Londrina PR: Centro Universitário Filadélfia - Unifil, ano XVIII, n. 35, p. 25-39, jul./dez. 2002.
- SÝKORA, L.; BOUZAROVSKI, S. Multiple Transformations: Conceptualising the Post-communist Urban Transition. **Urban Studies**, vol. 49, n. 1, p. 43-60, mar. 2011.
- TABORDA, T. **ESCUTA! Paisagem sonora da cidade**. Elaborado pelos seminários de música pró-arte em convênio com a secretaria municipal de meio ambiente - smac, sob a supervisão da gerência de educação ambiental da coordenadoria de planejamento e educação ambiental da smac.
- TAROBÁ NEWS.** Homem cai de oito metros de altura da obra abandonada do Teatro Municipal. 29 set. 2021. Disponível em: <<https://tarobanews.com/noticias/cidade/homem-cai-de-oito-metros-de-altura-da-obra-abandonada-do-teatro-municipal-bj43w.html>> Acesso: mar. 2022.
- TAROBÁ NEWS.** Imóvel abandonado é atingido por incêndio na região central de Londrina. 17 jan. 2019. Disponível em: <<https://tarobanews.com/noticias/policial/imovel-abandonado-e-atingido-por-incendio-na-regiao-central-de-londrina-jO65V.html>> Acesso: mar. 2022.
- TRIGUEIROS, M. **Folha de Londrina**. Londrina: prédios 'abandonados' estão longe da solução. 20 jul. 2010. Disponível em: <<https://www.bonde.com.br/bondenews/londrina/londrina-predios-abandonados-estao-longe-da-solucao-150791.html>> Acesso: fev. 2022.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Lívia de Oliveira. Título original: Space and place: the perspective of experience, 1930. Londrina: Eduel, 2013.
- VIEIRA, W. **Imaguru**. Londrina, Brasil, 2015. Disponível em: <<https://imgur.com/r/CityPorn/hvvyUgT>> Acesso: abr. 2022.
- WILSON, J. Q.; COLES, C. M. **Fixing Broken Windows: Restoring Order And Reducing Crime In Our Communities**. NYC: Manhattan Institute, 1996.
- WILSON, J. Q.; KELLING, G. L. BROKEN WINDOWS: The police and neighborhood safety. **Manhattan Institute**. Disponível em: <https://media4.manhattan-institute.org/pdf/_atlantic_monthly-broken_windows.pdf> Acesso: jan. 2019.

Yamashita, B. E. G. et al. **Canto do Marl: narrativas de um lugar ocupado pela esperança estudantil e artística.** Curitiba : CRV, 2019.

ZORTEA, A. J. **Londrina através dos tempos e crônicas da vida.** Londrina: Editora Juriscredi, 1975.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Links curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina.

O curta-metragem encontra-se no formato não listado para busca, por enquanto, a vista de conseguir inscrevê-lo ainda em alguns festivais, dando maior visibilidade ao tema.

Com o link abaixo consegue-se visualizar o material proposto em audiovisual do curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina

<https://www.youtube.com/watch?v=Vp0va0SGz2o&t=618s>

O *sneak peek* e o *teaser* seguem disponíveis na plataforma do Instagram @urbexlondrina e Youtube links abaixo:

<https://www.instagram.com/urbexlondrina/>

<https://www.youtube.com/watch?v=kMvCMQ9Q7Cs&t=1s>

<https://www.youtube.com/watch?v=73jxzMhlzV0>

Apêndice 2 – Resultados obtidos com três dias (29, 30 e 31 de março de 2022) de exibições do curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina

Instagram Sneak peek (30 segundo) dados coletados acesso em 01/04/2022



urbexlondrina
Áudio original

urbexlondrina Londrina é cheia de histórias, Do dia 29/03 às 19:30 a meia-noite do dia 31/03 estará disponível o curta-metragem URBEX: Espaços abandonados – Londrina. Aguardamos vocês!

Créditos:

Voz: @pvpoloni

Montagem: @l.savignon

Trilha sonora: @pvpoloni @fmpiano

Produção de áudio: @nossocanto.producoes

Rotário: @eduardobaccarincosta @raissabessa.atelie

Câmera: @raissabessa.atelie

Currido por eduardobaccarincosta e outras 28 pessoas

29 DE MARÇO

Adicione um comentário... Publicar

17:26
Busca

◀ Insights de vídeos do Reels



Londrina é cheia de histórias.

urbexlondrina · Áudio original
29 de março · Duração de 0:31

726 29 3 -- 2

▶ ♥ 🎧 🔍 📁

Insights de vídeos do Reels

Reproduções no Instagram e no Facebook 728

Curtidas no Instagram e no Facebook 29

Home Search Instagram Facebook

17:26
Busca

◀ Insights de vídeos do Reels

Instagram ⓘ

--

Contas alcançadas

Reproduções	726
Curtidas	29
Comentários	3
Salvamentos	2
Compartilhamentos	--

Facebook ⓘ

Reproduções	2
Curtidas	0

Home Search Instagram Facebook

Instagram Teaser (1 minuto) dados coletados acesso em 01/04/2022



11:22

Insights sobre o vídeo

URBEX
ESTADOS ABANDONADOS LONDINA

Sem título
29 de março · Duração de 1:01

170 18 0 -- 0

Visão geral ⓘ

Contas alcançadas --

Interações com o conteúdo --

Atividade do perfil --

Alcance ⓘ

Home Search Instagram Stories

11:23

Insights sobre o vídeo

Contas alcançadas

Visualizações 170

Impressões --

Interações com o conteúdo ⓘ --

Curtidas 18

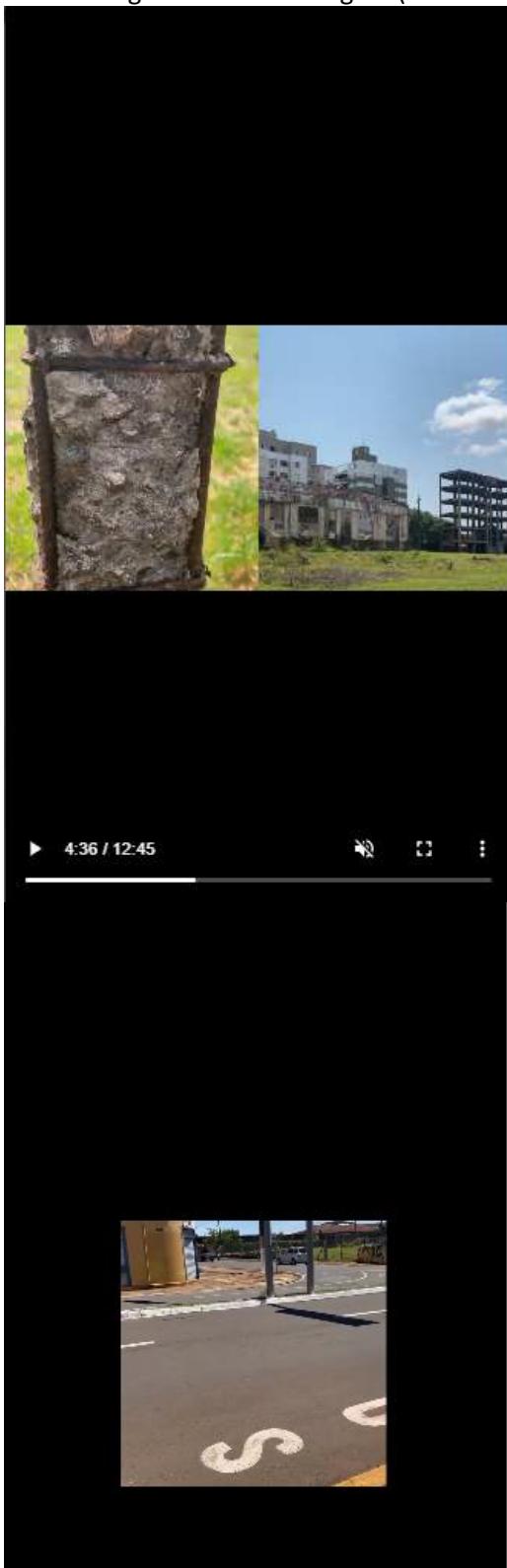
Comentários 0

Salvamentos 0

Compartilhamentos --

Home Search Instagram Stories

Instagram Curta-metragem (12:45 minutos) dados coletados acesso em 01/04/2022




 urbexlondrina
 ...

— Ver respostas (1)



maykon.johny O depoimento narrado no segundo ato caberia perfeitamente às dezenas e dezenas de casinhas de madeira da minha saudosa Vila Nova, que tiveram suas vozes silenciadas da paisagem urbana pelo "progresso". Esse covarde impiedoso e impessoal que está transformando meu amado bairro em um verdadeiro cemitério, nas profundezas do qual tantas e tantas memórias esculpidas em madeira são diuturnamente soterradas com concreto cinza, frio e desprovido de adornos (que, assim como a beleza, não servem para nada, não é mesmo?). Eu morei em uma dessas finadas guerreiras de peroba, na Rua Xingu nº 120. As portas se fechavam com tramelas, as janelas se abriam para fora e abertas ficavam graças às carrancas dos soldadinhos de metal enferrujado. O quintal era de terra, havia uma goiabeira e uma mangueira também. Nos galhos daquela, dormiam as galinhas; no tronco desta, repousava um moedor de café. Algumas dessas velhas senhoras, com suas cicatrizes repletas de história, ainda temiam em ficar de pé, mas bem sabemos que seus dias estão contados. Em breve, minhas únicas lembranças serão as que estão registradas no livro "Arquitetura em Madeira", de Antônio Carlos Zani, que já considero um álbum de família. Em tempo: Parabéns pelo trabalho! Doe um pouquinho, mas foi legal. Continuem!

2 d 2 curtidas Responder

Heart
Search
Share
Bookmark

306 visualizações

HÁ 2 DIAS


 urbexlondrina
 ...

— Ocultar respostas



urbexlondrina @maykon.johny que lindo tudo que escreveu! É exatamente isso! O curta-metragem é uma tentativa de gritar para sociedade olhem para esses espaços, eles são identidade da cidade que vem se perdendo, precisamos lutar pelos espaços que ainda restam, eles são a alma da nossa cidade! Obrigada por assisti! Seguimos aqui na luta pela preservação histórica dos espaços ❤

1 d 1 curtida Responder


 raquel.c.santanna Parabéns, amiga!!! ❤ Honrada com o convite e feliz por mais uma conquista sua!!
 ...

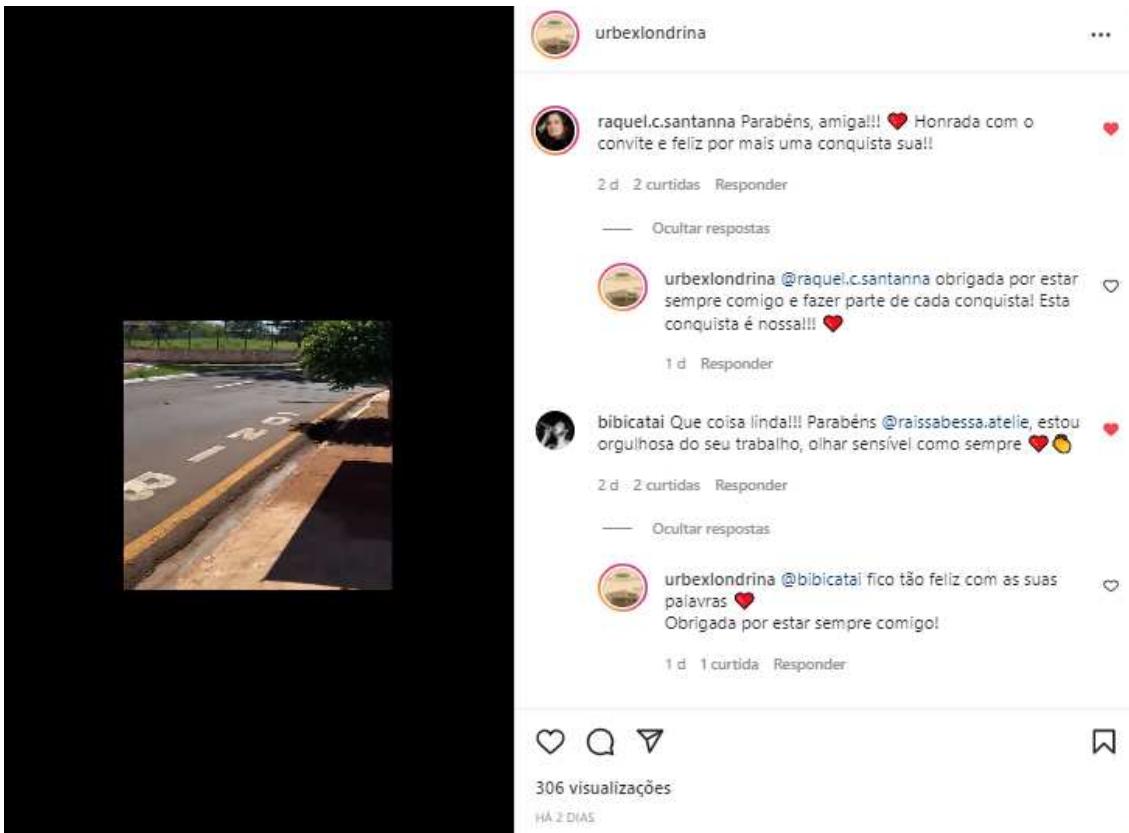
2 d 2 curtidas Responder

— Ocultar respostas



urbexlondrina @raquel.c.santanna obrigada por estar sempre comigo e fazer parte de cada conquista! Esta conquista é nossa!!! ❤

1 d Responder



YouTube dados coletados acesso em 01/04/2022

URBEX:
espaços abandonados Londrina

Um filme de Raissa Bessa

PREFEITURA DE LONDrina

Raissa Bessa Ateliê (teste)

Raissa Bessa Ateliê

206 inscritos

PERSONALIZAR O CANAL GERENCIAR VÍDEOS

URBEX: espaços abandonados Londri...
Londrina é uma cidade cheia de antagonismos. Reduto de ciência e...

12:46

Privado Nenhuma 29 de mar. de 2022 Estreou 977 61 98,2% 163 marcações com 'Gostei'



URBEX: Espaços abandonados Londrina

975 visualizações · Estreou em 29 de mar. de 2022

163 NÃO GOSTEI COMPARTILHAR SALVAR ...

Raissa Bessa Ateliê 206 inscritos

Londrina é uma cidade cheia de antagonismos. Reduto de ciência e tecnologia, mas berço do reacionismo político e do negacionismo; espaço de arte e cultura, mas ao mesmo tempo lugar de coerção e manifestação de ódio contra artistas e produtores culturais; cidade progressista, mesmo sendo relativamente nova, mas que resiste em dar um passo à frente no que se refere a um modo de viver tranquilo entre o velho e novo. Tudo isso se reflete, direta ou indiretamente nos espaços públicos e privados da nossa urbe, que por motivos mais variados, e que espelham bem o pluralismo e os ranços de arrivistas que não viram seu sonho de riqueza prosperar, acabam sendo abandonados à própria sorte. Lugarés que contam (ou deveriam contar) histórias são deixados de lado, colocados no chão, viram abrigos para drogados ou sem-teto. Quantas memórias são, diretamente ou indiretamente assassinadas com o abandono e destruição desses espaços?

O vídeo é uma extensão do projeto de doutorado da londrinense, cujo objeto são exatamente os espaços abandonados em Londrina, e foi realizado com o apoio do PROMIC.

Em pouco mais de doze minutos, o vídeo mostra – numa linguagem poética – como a cidade foi vendendo seus espaços sendo invadidos e, posteriormente serem abandonados pelos mais diferentes motivos. Lugarés que deveriam ser espaços de convivência, de brotar de histórias, de partilha de arte e cultura acabam se constituindo em cemitérios vivos de construção, espaços de nada. Assim acontece com o que deveria ser o Teatro Municipal, o que era o Hotel Sahão, no centro da cidade, o Shopping Automotivo na Leste Oeste, entre outros.

O documentário tem o roteiro assinado pela própria Raissa e pelo escritor e poeta londrinense Eduardo Baccarin-Costa, conta com trilha sonora do músico londrinense Fabrício Martins e Paulo Vitor Poloni que também faz a narração ao lado de Raissa e da atriz Raquel Sant'Anna, tendo a montagem da arquiteta e urbanista Louisa Savignon e arte gráfica de Rafael Santana.

O curta-metragem pode ser acessado no Canal Raissa Bessa Ateliê, do YouTube e na página do Instagram @urbexlondrina a partir do dia 29/03 às 19:30 até a meia-noite do dia 31/03.

Créditos:

Vozes:
 Paulo Vitor Poloni
 Raissa Bessa
 Raquel Sant'Anna

Montagem:
 Louisa Savignon

Câmera:
 Raissa Bessa

YouTube
raissa bessa atelié
X
Q
Microphone

Elaine Serafim há 15 horas
Parabéns, Raissa! Trabalho maravilhoso!!! Intervenção importante no espaço urbano, como ação de resistência contra o capitalismo que reduz o sentido da vida à acumulação do capital. Precisamos lutar pela afirmação de muitos outros sentidos para a existência de Londrina, nossa cidade amada!

Raissa Bessa Atelié há 13 horas
Obrigada Elaine! Isso mesmo, concordo em tudo com o que disse.

MARINA ABELHA há 1 dia
Trabalho de muita importância para os cidadãos londrinense. Agradeço a autora por se dedicar a esse olhar e que ele frutifique ... pois é muito triste a perda desse patrimônio histórico/arquitetônico realidade de tantas cidades brasileiras

Raissa Bessa Atelié há 13 horas
Exatamente Marina! Muito obrigada pelo olhar carinhoso, foi feito com muito amor.

Ramon Guerini Cândido há 2 dias
Parabéns pelo trabalho, Raissa! ❤️

Raissa Bessa Atelié há 1 dia
Muito obrigada!!!!

Deborah Feijó há 10 horas
Me emocionei! Lindo trabalho!! É tão triste ver o abandono e degradação desses espaços. Eles possuem tantas memórias, me corta o coração.

YouTube
raissa bessa atelié
X
Q
Microphone

MIRIAM LOPES PAULO há 2 dias
Parabéns pelo seu trabalho 😊😊😊

Raissa Bessa Atelié há 1 dia
Muito obrigada!

Juliana Canhete há 1 dia
Que vídeo maravilhoso! Deu um show de realidade. Parabéns 😊😊😊

Raissa Bessa Atelié há 13 horas
Obrigada! Eu fico muito feliz que tenha gostado!

Josemary Galvão Costa há 1 dia
Parabéns!!! Excelente trabalho!!! Ouvi os gritos dos espaços, os gritos do abandono que precisam ser ouvidos para que a situação seja transformada. 🌟🌟🌟🌟🌟🌟🌟🌟

Raissa Bessa Atelié há 13 horas
Obrigada!! É isso mesmo, se todos lutarmos juntos pela preservação poderemos ter mais espaços como o 'Sesc cadeião'

Claudia Winckler há 1 dia
Diffícil não se emocionar. Principalmente quando estamos longe.....parabéns! Adorei!

Raissa Bessa Atelié há 13 horas
Que bom que gostou, fico muito feliz! Nossa cidade nos marca não importa aonde estamos!

YouTube X Q

A Adriana Jenani há 2 dias
Parabéns.. lindo.. me emocionei... ahhh se elas contassem suas histórias...
3 curtidas | 1 resposta | Responder | Ocultar resposta

Raissa Bessa Atelie há 1 dia
Ah se elas falassem!!!! Que bom que assistiu, fico muito feliz!
1 curtida | Responder

MARISA FABIANA NICOLAS há 1 dia
muito bom trabalho Raissa, parabéns !!
3 curtidas | Responder | Ocultar resposta

Raissa Bessa Atelie há 13 horas
Obrigada!!!!
1 curtida | Responder

Renata Camargo há 2 dias
Parabéns, trabalho belíssimo!!!
2 curtidas | Responder | Ocultar resposta

Raissa Bessa Atelie há 1 dia
Renata obrigada pelo carinho!
1 curtida | Responder

Eliane há 1 dia
Muito bom! Parabéns!
3 curtidas | Responder | Ocultar resposta

Raissa Bessa Atelie há 10 horas
Obrigada Eliane!
1 curtida | Responder

YouTube X Q

E Emerson Nantes há 2 dias
Parabéns pelo trabalho, muito tocante 
2 curtidas | Responder | Ocultar resposta

Raissa Bessa Atelie há 1 dia
Obrigada Emerson!
1 curtida | Responder

Carolina Kaiser há 20 horas
woow! que trabalho incrível!!!! parabéns!
1 curtida | Responder | Ocultar resposta

Raissa Bessa Atelie há 13 horas
Que bom que gostou!! Meu coração se enche aqui!
1 curtida | Responder

Adriana Castregnini de Freitas Pereira há 17 horas
Parabéns Raissa...lindo, muito lindo emocionante!
2 curtidas | Responder | Ocultar resposta

Raissa Bessa Atelie há 13 horas
Obrigada Adriana!!!
1 curtida | Responder

Elza Sogayar há 20 horas
Muito bom! A História dos lugares se enlaçando com a História de pessoas que ali viveram.
1 curtida | Responder | Ocultar resposta

Raissa Bessa Atelie há 13 horas
Que bom que gostou, eu fico muito feliz! As histórias sempre se unem!
1 curtida | Responder

YouTube BR

raissa bessa atelié

Wanderley Zampa há 1 dia
Parabéns pelo trabalho.
RESPOSTA

Raissa Bessa Atelié há 13 horas
Obrigada Wanderley!
RESPOSTA

renato blondi há 1 dia
Sensacional! Parabéns!
RESPOSTA

Raissa Bessa Atelié há 1 dia
Muito obrigada!!!!
RESPOSTA

Renata Palma Aderaldo há 18 horas
Parabéns!! Muito interessante e um tema muito relevante.
RESPOSTA

Raissa Bessa Atelié há 13 horas
Obrigada Renata!!
RESPOSTA

Renata Camargo há 2 dias
Não tem como não se emocionar 😊
RESPOSTA

Raissa Bessa Atelié há 1 dia
Que delícia ouvir isso!! Não imagina a diferença que faz para mim e todos os envolvidos neste projeto!
RESPOSTA

YouTube BR

raissa bessa atelié

Cláudia Melatti há 16 horas
Maravilhoso...
RESPOSTA

Raissa Bessa Atelié há 13 horas
Me coração se enche aqui <3
RESPOSTA

Luciene Bittencourt há 19 horas
Lindo trabalho, uma pena que tanta história, tantas memórias se percam.
RESPOSTA

Raissa Bessa Atelié há 13 horas
Que bom que gostou! Também acho Luciene! Mas podemos lutar mais para preservação da memória dos espaços como cidadãos, mas isso só acontece quando um grupo de pessoas se une pela causa. Essa é uma tentativa de despertar as pessoas para isto.
RESPOSTA

Marcelo Noris há 20 horas
emocionante!😊
RESPOSTA

Raissa Bessa Atelié há 14 horas
Fico tão feliz!😊
RESPOSTA

Rodrigo Capeletti há 11 horas
Parabéns pelo vídeo...
RESPOSTA

Raissa Bessa Atelié há 0 segundo
Obrigada!! Fico feliz que viu.
RESPOSTA

K Kennedy Piau Ferreira há 1 dia
Legal Raissa, lembrei do encantamento!

1 4P 1 RESPONDER

▲ Ocultar resposta

Raissa Bessa Atelié há 14 horas
Piau nossa que bom viu! Isso tudo começou a nascer lá no encantamento meamo, se tornou meu tema de tese de doutorado e eu sempre desejei que a pesquisa saísse do papel e dos muros da universidade, o curta-metragem foi a ferramenta que achei mais potente para isto.

1 4P 1 RESPONDER

Igor Bembem há 1 dia
Compreensível, mas queria ressaltar que urbex e vandalismo são coisas completamente diferentes. Um evita danos, e o outro marca presença com rastros de sangue.

1 4P 1 RESPONDER

▲ Ocultar resposta

Raissa Bessa Atelié há 13 horas
Urbex é um termo utilizado para exploração urbana, normalmente espaços abandonados ou em ruínas.

1 4P 1 RESPONDER

Super Lion World há 2 dias

1 4P 1 RESPONDER

▲ Ocultar resposta

Raissa Bessa Atelié há 1 dia
Obrigada!!

1 4P 1 RESPONDER

YouTube Studio

Conteúdo do canal

URBEX: espaços abandonados Londrina

Seu vídeo
URBEX: Espaços abandonados Lond...

Detalhes

Estatísticas

Editor

Comunidades

Configurações

Enviar feedback

Visão geral Alcance Engajamento Público

Este vídeo teve 968 visualizações desde a publicação

Visualizações	Tempo de exibição (horas)	Inscritos
968	86,2	+49

VER MAIS

Em tempo real

679 Visualizações - Últimas 48 horas

48h atrás Agora

Principais origens de tráfego

Origem	Porcentagem
Externa	55,1%
Origem direta ou desc...	11,6%
Pesquisa do YouTube	10,0%
Vídeos sugeridos	7,5%
Outros recursos do You...	6,8%

VER MAIS

Visão geral Alcance Engajamento Público

Tempo de exibição dos inscritos

Tempo de exibição - Desde o envio

Estado	Porcentagem
Não inscrito	68,0%
Inscrito	32,0%

VER MAIS

Locais mais acessados

Visualizações - Desde o envio

Local	Porcentagem
Brasil	62,6%

VER MAIS

Idade e gênero

Visualizações - Desde o envio

Demografia	Porcentagem
Feminino	57,6%
Masculino	42,4%
Especificado pelo usuário	0%

Idade	Porcentagem
13 a 17 anos	0%
18 a 24 anos	0%
25 a 34 anos	14,3%
35 a 44 anos	25,5%
45 a 54 anos	25,5%
55 a 64 anos	22,1%



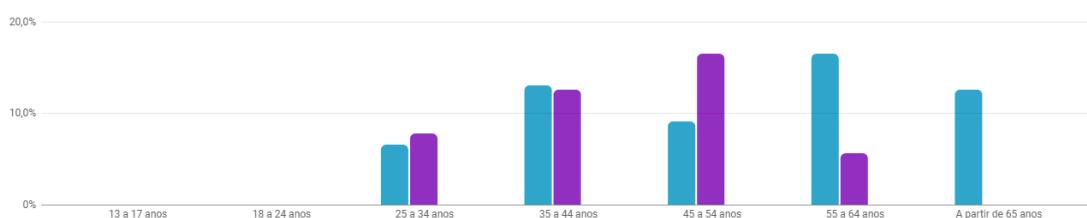
[VER MAIS](#)

Video: URBEX: Espaços abandonados Londrina
Público por idade e gênero

[Filtrar](#) 29 - 31 de mar. de 2022

[Desde o envio](#)

[Visualizações](#) [Tempo de exibição \(horas\)](#)



Idade do espectador	Visualizações			Tempo de exibição (horas)		
	Feminino	Masculino	Especificado pelo usuário	Feminino	Masculino	Especificado pelo usuário
Total	57,6%	42,4%	0%	62,0%	38,0%	0%
13 a 17 anos	—	—	—	—	—	—
18 a 24 anos	—	—	—	—	—	—
25 a 34 anos	6,5%	7,8%	—	6,6%	7,9%	—
35 a 44 anos	13,0%	12,6%	—	18,6%	12,0%	—
45 a 54 anos	9,1%	16,5%	—	8,7%	14,3%	—
55 a 64 anos	16,5%	5,6%	—	14,4%	3,9%	—
A partir de 65 anos	12,6%	—	—	13,7%	—	—

Apêndice 3 – Projeto aprovado no Edital 002/2021 de Bolsa Saberes, Fazeres e Identidades do PROMIC

Formulário de Inscrição de Projeto
Bolsas Saberes, Fazeres e Identidades
PROMIC - Programa Municipal de Incentivo à Cultura

TÍTULO: (Nome do Projeto)	URBEX: Espaços Abandonados - Londrina
RESUMO DO PROJETO: <p>O projeto pretende criar um curta-metragem documentado inteiramente com o celular (4k) os espaços abandonados em Londrina. "De quem eu gosto, nem as paredes confesso...", o trecho da letra do famoso fado português mostra como metaforicamente as pessoas são ligadas a espaços físicos e como estes são de alguma forma reflexos de sua intimidade. Especialmente os espaços nos quais a memória afetiva está intimamente ligada. Toda edificação traz consigo uma história, não apenas arquitetônica que revela traços de uma estética e/ou época, mas também a que conta a história de pessoas, famílias, comércio local, e até mesmo de políticas públicas, seja da esfera municipal, estadual ou federal.</p> <p>Infelizmente o homem desenvolveu um conceito no qual progresso não é aliado da preservação. Para que as marcas do desenvolvimento apareçam, faz-se necessário apagar o passado, defende o senso comum. Por este prisma, um novo conceito apenas sobrevive se não houver mais nada que lembre o conceito anterior. Para o novo surgir, o velho precisa morrer, desaparecer.</p> <p>Ao conceber e colocar essa ideia em prática um pouco da história de comunidades, grupos religiosos, políticos, sociais e núcleos familiares são completamente destruídos. O que resta são apenas memórias guardadas nas mais íntimas lembranças, mas sem o alcance visual. Só a mente consegue transitar por estes espaços que não existem mais, fisicamente.</p> <p>Quando não são destruídos, os espaços são simplesmente abandonados, sendo apagados lentamente. Como um ser humano que, vitimado por grave doença, vê o corpo perdendo a força, o vigor, os espaços vão perdendo suas histórias e gerando outras, normalmente que marcam a exclusão ou a indiferença dessa sociedade de múltiplas presenças e variadas prioridades, que nem sempre priorizam as relações sociais.</p> <p>Em Londrina destruiu-se quase completamente a primeira Catedral, o Ginásio Colosinho, o primeiro prédio do Colégio Londrinense, ignorando por completo seu valor arquitetônico e memorialístico. Não fosse a intervenção de alguns artistas, arquitetos, estudantes, professores e jornalistas, o cadeião da Rua Sergipe seria um imóvel comercial, mas sem suas características originais. Hoje o antigo presídio é um importante centro cultural e quase mais nada lembra a opressão de um cárcere. Em comum, estes espaços foram cemitérios vivos da história por anos, abandonados ou simplesmente foram ao chão para o moderno acontecer.</p> <p>Diante dessa realidade é que propomos o presente projeto. Ver a cidade e seus espaços abandonados com outra perspectiva. Dar a eles voz para que possam falar das suas construções e desconstruções e de como de lugar, de abrigo ou de referência, se tornaram mundos invisíveis no cenário atual.</p>	

1. FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE E INFORMAÇÕES PRELIMINARES							
(O proponente deve obrigatoriamente ser cadastrado no Londrina Cultura – www.londrinacultura.londrina.pr.gov.br/)							
Nome:	Raíssa Galvão Bessa				CPF:	X	
Endereço:	X				Bairro:	Centro	
Telefone:	X	Celular:	X	Cidade:	Londrina	CEP:	X
E-mail:	X			Profissão:	Arquiteta e Urbanista, Atriz, Produtora e Educadora		
Estado civil:	X		Documento de Identidade nº:	X		Órgão Emissor:	SSP/PR

1.1 ÁREA CULTURAL PREPONDERANTE DO PROJETO DE ESTUDO E PESQUISA (informar a área cultural preponderante do projeto.). (Aponte apenas uma área preponderante das existentes abaixo)			
<input type="checkbox"/>	Artes de Rua	<input type="checkbox"/>	Hip Hop
<input type="checkbox"/>	Artes Gráficas	<input type="checkbox"/>	Infraestrutura Cultural
<input type="checkbox"/>	Artes Plásticas	<input type="checkbox"/>	Literatura
<input type="checkbox"/>	Artesanato	<input type="checkbox"/>	Mídia
<input checked="" type="checkbox"/>	Cinema	<input type="checkbox"/>	Música

Circo	Patrimônio Cultural e Natural
Cultura Integrada e Popular	Teatro
Dança	Videografia
Fotografia	

1.2 ÁREAS SECUNDÁRIAS – relacione outras áreas envolvidas no projeto, se for o caso.

Videografia e Patrimônio Cultural e Natural.

2. OBJETIVOS – (Aponte que mecanismo de difusão virtual de saberes, fazeres e identidades culturais será criado: e.book, vídeo, podcast, mostra fotográfica, etc., e de que ações, experiências e conteúdos culturais eles tratarão.)

OBJETIVO GERAL:

- Criar um curta-metragem filmado com o celular (4k) dos espaços abandonados em Londrina.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Destacar espaços e valorizar memórias que estão esquecidas na cidade de Londrina.
- Sensibilizar a população para um olhar histórico para com a cidade.
- Promover e dar visibilidade para artistas locais, envolvidos na equipe do projeto dos espaços abandonados de Londrina.
- Alcançar novos públicos para a cultura e o cinema londrinense.
- Potencializar e ampliar o acesso aos bens culturais da internet.
- Compor o Programa Fábrica – Rede Popular de Cultura de Londrina.
- Integrar o Minha Casa, Minha Cidade – Festival de Arte Feita em Casa.

3. APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA (Apresente sua proposta para a **Bolsa Saberes, Fazer e Identidades**, descrevendo quando, como e onde ocorreu a experiência cultural que será tratada. Argumente sobre a importância da experiência cultural, dos conhecimentos, saberes e identidades a ela relacionados e porque devem ser conhecidos e compartilhados).

Esta pesquisa se inicia em 1994, quando uma menina de grandes olhos azuis começa a questionar: por que existiam casas abandonadas, vazias e pessoas que moravam na rua? Por que esses espaços não abrigavam todo tipo de gente, especialmente os sem-teto? Isto já era um problema social gritante à época.

A menina cresceu, tornou-se artista e arquiteta, mas as coisas que não faziam sentiam algum na sua infância, continuam ainda sendo grandes interrogações. Conforme o corpo cresceu e a mente e o raciocínio crítico se desenvolveram, as injustiças sociais também aumentaram a indignação daquela menina que se embraveava com as injustiças sociais nos seus primeiros anos de vida. Problemas sociais que permeavam o início da década de 90 no Brasil. E hoje? As injustiças sociais, já criam incômodos em crianças.

Aos sete anos de idade, vivia abaixo da Avenida Leste-Oeste, num conjunto de prédios nas imediações do Colégio Marcelino Champagnat e do Senai, área onde malandros e prostitutas coabitam com pessoas de baixa renda, em casas de madeira, ou com um comércio bastante variado em que se misturam bares, lojas, postos de gasolina, farmácias. No meu imaginário, o bairro, bem próximo da área central, era enorme. Na verdade ele era constituído de mistos de casas de madeira e alvenaria, uma padaria, um mercado, a escola, as casas das japonesas, a feira livre que acontecia aos sábados na rua de casa. Próximo ao conjunto de prédios em que morávamos e havia algumas casas abandonadas. Isso acabou sendo um enorme atrativo para mim.

Não demorou muito e convenci meus amigos a montarmos uma expedição secreta – os exploradores de casas abandonadas. Sem que nossos pais soubessem, saímos escondidos do prédio, pelos fundos, pulávamos o muro, e invadíamos estas casas. Ali entravamos num universo quase lúdico, buscando sanar nossas pequenas curiosidades sobre o que eram aqueles lugares inabitados.

Vidros quebrados, paredes rompidas, pisos rachados, até os descascados das pinturas nos chamavam a atenção. Tudo era nosso ouro, nessa caça ao tesouro. Além de poeiras e insetos que nos faziam sentir com superpoderes.

A expedição era secreta. O sigilo era absoluto entre nós. Por nada, mencionávamos qualquer coisa a respeito. De alguma forma, sabíamos que estávamos infringindo leis, mas imaginávamos que fossem apenas as leis paternas. O nosso problema foi ter deixado que o porteiro percebesse que estávamos escapando do prédio, pois saímos pelos fundos, mas voltávamos pelo portão de entrada. Ele acabou nos delatando a nossos pais. Fomos conduzidos coercitivamente para nossas casas onde passamos por um rigoroso interrogatório familiar. Como bons exploradores, não revelamos exatamente nossa missão e continuamos transgredindo. Até que um dia ao entrar numa dessas casas, lembro que eu era a primeira da fila, passei por um buraco na parede e me deparei com um prato de comida no chão. Tive a certeza de que havia gente morando ali. Meu coração subiu à minha boca, senti pela primeira vez uma sensação de pânico e comecei a berrar para os meus companheiros que vinham atrás: Abortar missão! Abortar missão! Abortar missão!

Todos saímos correndo....

Neste dia, a nossa expedição – os exploradores de casas abandonadas – a c a b o u.

Mas o questionamento dentro de mim nunca morreu...

Durante anos fiquei remoendo isso e algumas vezes voltei, por minhas lembranças, nestes lugares, com as mesmas indagações daquela menina de sete anos. Até que recentemente, mais precisamente dia 13 de outubro de 2018, no 16º festival de dança de Londrina, no Cine Teatro Ouro Verde - edifício projetado por Vilanova Artigas em 1952, arquiteto que tem força nas minhas referências na arquitetura -, e cuja construção sofreu com um incêndio dia 12 de fevereiro de 2012 e ficou abandonado por quase três anos e meio, e também de onde participei do evento de reinauguração como atriz em 2017, portanto, um espaço de vasta significação para a mim, a bailarina Maria Eugênia Almeida, no meio do espetáculo "Planta do pé", contou uma traquinagem que fazia quando criança e em seguida pediu para alguém da plateia contar uma traquinagem de infância também. Levantei a mão e contei a história dos exploradores de casas abandonadas. Ela me chamou para subir ao palco e pediu para eu escolher uma música dentre a *playlist* que me ofereceu. Quando a música começou a tocar, eu sentada ali no palco, a bailarina dançando a minha história (montagem do registro por fotografia no arquivo complementar 3), vi então, nesse momento, o imaginário da minha criança de 7 anos se unido com a artista e pesquisadora de 31 anos. Assim, a "exploração" das casas abandonadas de repente estava em forma de dança ao som de "Quero voltar pra Bahia" – música de Paulo Diniz em parceria com Odibar, composta em 1970 para o amigo Caetano Veloso que estava exilado em Londres. Foi nesse momento mágico, que tive a certeza de que a minha pesquisa acadêmica de doutorado, precisava ter uma forma para além do material escrito e ganhar uma visão ampla, permitindo acesso da população a este rico conteúdo que está em produção.

Nós pesquisadores deveríamos ter a missão de conseguir fazer com que nossas pesquisas saíssem dos muros Universidade. A pesquisa tem o seu dever social assim como a cultura! Foi assim que surgiu a ideia de unir arte e pesquisa. O curta-metragem URBEX: espaços abandonados em Londrina, se propõe a ser um curta-metragem documental filmando inteiramente com o celular (vídeo em 4k, o celular que possuo já me permite este recurso) e transmitir o material produzido a partir de *live* no Youtube a fim de potencializar o acesso a esse conteúdo. Entendo que a internet por oferecer o produto de modo gratuito tem um grande alcance, democratizando assim o acesso aos bens culturais.

A equipe aqui representada nos arquivos complementares é de total responsabilidade da proponente, Raíssa Bessa, que é a idealizadora e irá escrever o roteiro narrado, captar todas as imagens com o celular e realizar todos as ações apoio técnico juntamente com cada pessoa envolvida no projeto.

4. INFORMAÇÕES TÉCNICAS

4.1 Dados das atividades.

Tipo de produto comunicativo a ser gerado	Nome da Ação	Local onde se desenvolveu a ação cultural de que trata o produto comunicativo (nome da escola, vila cultural, instituição ou outros)	Bairro/ Distrito	Região da cidade (Norte, Sul, Leste, Oeste, Centro)	Data de realização da ação	Público beneficiado (quantidade)	Público alvo* (indique o número conforme a tabela abaixo)
Vídeo	Exibição do curta-metragem URBEX: espaços abandonados - Londrina	Celular: captações pela cidade de Londrina	Internet (canal do Youtube e Instagram)	Internet (canal do Youtube e Instagram)	29/03/2022	300	5
Vídeo	Exibição do curta-metragem URBEX: espaços abandonados - Londrina	Celular: captações pela cidade de Londrina	Internet (canal do Youtube e Instagram)	Internet (canal do Youtube e Instagram)	30/03/2022	300	5
Vídeo	Exibição do curta-metragem URBEX: espaços abandonados - Londrina	Celular: captações pela cidade de Londrina	Internet (canal do Youtube e Instagram)	Internet (canal do Youtube e Instagram)	31/03/2022	300	5
*Público Alvo:		1	Crianças 0 - 11 anos	3	18 a 59 anos		
		2	Adolescentes 12 - 17 anos	4	Idosos acima de 60 anos		5 GERAL

5. APRESENTE O ROTEIRO DO PRODUTO COMUNICATIVO A SER CRIADO (O produto deve ser criado em formato virtual: e-book, vídeo, podcast, mostra fotográfica virtual, etc)

O projeto será apresentado e difundido por meio de 3 vídeos, um de 30 segundo, outro de 1 minuto e o curta-metragem documental chegar até 30 minutos.

Vídeo 1 – 30 segundos: *sneak peek* URBEX: espaços abandonados - Londrina

Vídeo 2 – 1 minuto: *teasear* URBEX: espaços abandonados - Londrina

Vídeo 3 – até 30 minutos: Curta-metragem documental URBEX: espaços abandonados - Londrina

6. CONCEITOS E REFERÊNCIAS DA PESQUISA PREVISTA (Descreva os conceitos, experiências e/ou referências que embasam os saberes, fazeres e identidades que serão abordados, sejam saberes acadêmicos formais e/ou experiências práticas, técnicas e saberes e fazeres populares/tradicionais.

Acho que talvez uma das grandes referências pra que tudo isso estivesse aqui escrito com o desejo de tirar essa pesquisa do pape é um ditado popular: "uma imagem vale mais que mil palavras". Querer transformar em imagem e som o que está em palavras, mas como diria Marco Aurélio Saquet (no livro *Saber Popular, práticas territoriais e contra a hegemonia*, 2019)

- O saber popular é de extrema riqueza em seu conhecimento.

E assim começo essa base de referências, com o olhar de observação e curiosidade da menina de 7 anos, mas que cresceu descobriu um ouro valioso nos livros, nas histórias contadas com começo e fim, já as histórias das construções abandonadas são como um quebra cabeça que só tem algumas peças, talvez esse seja o meu grande tesouro aqui, tentar completar um pouco mais estas histórias.

Apreendi com os livros (*Cidade para pessoas*, de Jan Gehl, 2010 e *Morte e vida das grandes Cidades*, de Jane Jacobs, 2014) que a cidade pode ter vários fatores para possibilitar maior qualidade de vida aos seus cidadãos, que os espaços são construídos também por muito mais coisas que eu imaginava (*O direito à cidade*, 2010; *A produção do espaço*, 2006; ambos de Henri Lefebvre), são mais que pisos, paredes, janelas e tetos, os espaços são construídos de pessoas de contextos, de políticas, e o abandono faz parte destas pessoas, destes contextos, destas histórias fragmentadas, mas que de alguma forma ao meu olhar podem se tornar em Espaços de esperança (David Harvey) nesta Londrina.

Além da base teórica que cerca esta pesquisa do espaço propriamente dita, as minhas referências para a captação das imagens e direção deste curta-metragem tem como nome principal o cineasta, documentarista e jornalista brasileiro Eduardo Coutinho que me marcou em *Jogo de cena* e *Edifício Master*; Coutinho é uma referência importante no cinema brasileiro, mas também tiveram outros trabalhos que me despertaram atenção como a *Carta Sonora* um documentário dirigido por Suzana Reck Miranda e Mario Casettari, que me despertou um olhar diferente para a paisagem sonora urbana, para além do trabalho da Janete El Haouli, que foi a primeira a me mostrar este universo; e *O menino e o mundo* animação de Alê Abreu que tocou meu coração na forma de contar uma história por meio do olhar lúdico da criança.

O termo "*urbex*" escolhido aqui como título principal do curta-metragem vem da abreviação da frase *Urban Exploration*, que consiste na exploração de estruturas construídas pelo homem, geralmente em estado de ruína e abandono, ambientes não frequentados no cotidiano. O termo foi associado até a "pontos turísticos" em cidades pelo mundo a fora. O escolhi para dar visibilidade ao curta-metragem pelas pessoas que já se interessam por este assunto.

Assim acredito estar preparada para este desafio de dirigir e captar o meu primeiro curta-metragem, a fim de valorizar a minha origem, as histórias de onde vim, a cidade onde nasci a minha pequena a minha grande Londrina.

7. PLANO DE DESENVOLVIMENTO (explique COMO será realizado o projeto Saberes. Relacione a sequencia de ações previstas, elencando-as dentro das seguintes etapas:)

Pré-produção (preparação):	<ul style="list-style-type: none"> - Criação e divulgação de um canal no YouTube e Instagram para o curta-metragem. Canal esse por onde serão realizadas as exibições dos vídeos. - Captar vídeos dos espaços abandonados de Londrina com o celular na configuração 4k. - Escrever o roteiro que será narrado ao fundo dos vídeos.
-----------------------------------	---

	<ul style="list-style-type: none"> - Reassistir cada captação e selecionar as cenas que deverão compor o curta-metragem. Anotar a minutagem de cada trecho selecionado em uma planilha para que a montadora possa fazer os recortes. - Gravação do áudio em estúdio, narração e composições de paisagem sonora que irão compor o curta-metragem. - Devolução dos recortes pela Montadora - Assistir os trechos já recortados e fazer a segunda seleção de cenas. - Correção de cor pela montadora. - Mixagem do som pelo produtor de áudio.
Produção (realização):	<ul style="list-style-type: none"> - Entrega do primeiro esboço do curta-metragem pela montadora de até 30 minutos. - Montagem do <i>teaser</i> de 1 minuto do curta-metragem. - Montagem do <i>sneak peek</i> de 30 segundos do curta-metragem. - Criação das legendas. - Início da divulgação do lançamento do curta-metragem. - Atualização da agenda de atividades na Plataforma Londrina Cultura - Preparação do texto a ser entregue à Imprensa. - Entrega do material do curta-metragem à Imprensa. - Entrega da versão final do curta-metragem URBEX: espaços abandonados – Londrina. - Organizar a exibição do curta-metragem que serão abertas na plataforma do Youtube e Instagram. - Primeira exibição do curta-metragem URBEX: espaços abandonados – Londrina (no canal do Youtube) seguida de bate papo em formato <i>live</i>. - Segunda exibição do curta-metragem URBEX: espaços abandonados – Londrina (no canal do Youtube) seguida de bate papo em formato <i>live</i>. - Terceira exibição do curta-metragem URBEX: espaços abandonados – Londrina (no canal do Youtube) seguida de bate papo em formato <i>live</i>.
Pós-produção (conclusão):	<ul style="list-style-type: none"> - Escrever o relatório final avaliativo, destacando as principais impressões comunicadas pelo público, pontos positivos e deltas. - Entregar o relatório final para o PROMIC. - Inscrever o curta-metragem URBEX: espaços abandonados – Londrina em Editais e Festivais de Cinema Nacionais.

8. ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DA BOLSA	Mês 1	Mês 2	Mês 3
Pré-produção			
Criação e divulgação de um canal no YouTube	X		
Captar vídeos dos espaços abandonados de Londrina	X		
Escrever o roteiro que será narrado ao fundo dos vídeos	X		
Reassistir cada captação e selecionar as cenas		X	
Gravação do áudio em estúdio, narração e composições de paisagem sonora		X	
Devolução dos recortes pela Montadora		X	
Assistir os trechos já recortados e fazer a segunda seleção de cenas.		X	
Correção de cor pela montadora		X	
Mixagem do som pelo produtor de áudio		X	
Produção			
Entrega do primeiro esboço do curta-metragem pela Montadora			X
Montagem do <i>teaser</i>			X
Montagem do <i>sneak peek</i>			X
Criação das legendas			X
Início da divulgação do lançamento do curta-metragem			X
Atualização da agenda de atividades na Plataforma Londrina Cultura			X
Preparação do texto a ser entregue à Imprensa			X
Entrega do material do curta-metragem à Imprensa			X
Entrega da versão final do curta-metragem URBEX: espaços abandonados – Londrina.			X
Organizar a exibição dos vídeos que serão abertas na plataforma do Youtube e Instagram.			X
Primeira exibição do curta-metragem			X
Segunda exibição do curta-metragem			X

Terceira exibição do curta-metragem				X
Pós-produção				
Escrever o relatório final avaliativo				X
Entregar o relatório final para o PROMIC				X
Inscrever o curta-metragem em Editais e Festivais de Cinema Nacionais				X

9. PLANO DE COMUNICAÇÃO DO PROJETO (Além da divulgação prevista de ser realizada pela Secretaria Municipal de Cultura dos produtos comunicativos resultantes deste Edital, descreva ações e estratégias de divulgação próprias pretendidas pelo proponente, caso houverem):
A primeira ação de comunicação do Projeto é a criação de um canal no YouTube, que virá a hospedar o <i>teaser</i> , o <i>sneak peek</i> e as exibições do curta-metragem URBEX: espaços abandonados – Londrina.
Todas as ações contidas no plano de desenvolvimento deverão ser registradas e compartilhadas pelas redes sociais, como forma de informar o público sobre a existência do projeto e instigar sua curiosidade. Acredito que envolver o público no processo gera interesse e curiosidade. O serviço de Assessoria de Imprensa também será executado pela Proponente do projeto, que ao final dos processos deverá elaborar um documento a ser distribuído à toda imprensa local (jornal, rádio e TV), com pelo menos 3 semanas de antecedência da primeira exibição do curta-metragem. Esse documento deverá gerar notas e reportagens, e até mesmo entrevistas. Todos os materiais em vídeos são prevista a inserção o logotipo da Prefeitura e Secretaria da Cultura de Londrina, a divulgação das exibições deverão ser publicadas na agenda Londrina Cultura conforme previsto no Edital.

10. RESULTADOS ESPERADOS (Descreva os resultados que espera alcançar com a realização do projeto):
A produção de um Curta-metragem documental sobre os espaços abandonados de Londrina.
Exibição do Curta-metragem em três dias, por meio de exibições virtuais na plataforma do Youtube e Instagram.
O registro e a difusão de parte importante da memória da cidade de Londrina. A partir de uma exibição gratuita e bem divulgada almejamos difundir e democratizar uma obra local que tem como tema justamente a nossa gente, a nossa história.
Sensibilizar o público uma reflexão em relação da memória contida nos espaços produzidos.
Formação de público, por meio do alcance de novos espectadores que a via digital proporciona, aumentando assim os interessados na arte e na cultura Londrinense.
Promover o Programa de Incentivo à Cultura – PROMIC e Esperamos inspirar outros artistas a produzirem suas obras.
Por fim inscrever em Editais e festivais de cinema no âmbito Nacional, promovendo e valorizando as produções de Londrina.

11. ARQUIVOS COMPLEMENTARES - Descrever os documentos anexados no LONDRINA CULTURA como complementares		
	Nome	Referência
Complemento 1	Curriculum Equipe Espaços abandonados Londrina	C1_CURRICULO_EQUIPE
Complemento 2	Cartas de Anuência Espaços abandonados Londrina	C1_CARTAS_ANUENCIA_EQUIPE
Complemento 3	Montagem de registro fotográfico do espetáculo “Planta do pé”	C3_MONTAGEM_FOTOGRAFIAS
Complemento 4	Declaração de voluntária Thamine	C4_DECLARAÇÃO - THAMINE AYOUB
Complemento 5	-	-

12. APROVAÇÃO
O presente projeto será aprovado pelo titular da pasta por despacho administrativo no sistema SEI após análise e aprovação prévia da Comissão de Análise de Projetos Culturais – CAPC, o qual passará a integrar o Termo de Compromisso Cultural.

Apêndice 4 – Roteiro de entrevista dos espaços abandonados – presencial ou online

1. Mora em Londrina e/ou Região? (Sim para continuar o questionário - pergunta de exclusão da pesquisa)
2. Idade: ____ (necessário ter acima de dezoito anos - pergunta de exclusão da pesquisa)
3. Sexo:
4. Nível escolaridade:
5. Você conhece a história de um espaço abandonado em Londrina?
6. Se sim, qual é esta história?
7. Faz ideia de quanto tempo esse espaço está abandonado?
8. Como conheceu essa história?
9. Qual a sua opinião sobre este espaço abandonado?
10. Qual o sentimento em relação a estes espaços abandonados?
11. Como o curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina mexeu com você? Te fez refletir sobre o que? (grupo que assistiu ao curta-metragem)
11. Você acha interessante que sejam feitos vídeos falando sobre esses espaços abandonados? (grupo do entorno)
12. Ficou sabendo foi feito um curta-metragem, URBEX: espaços abandonados Londrina? (grupo do entorno)

Apêndice 5 – Entrevistas realizadas

Grupo do entorno dos espaços abandonados

Nome: ANA

1. Mora em Londrina e/ou Região? (Sim para continuar o questionário - pergunta de exclusão da pesquisa)
2. Idade: 21 (necessário ter acima de dezoito anos - pergunta de exclusão da pesquisa)
3. Sexo: Feminino
4. Nível escolaridade: Superior incompleto
5. Você conhece a história de um espaço abandonado em Londrina?

Estrutura gleba

6. Se sim, qual é esta história?

Não sei.

7. Faz ideia de quanto tempo esse espaço está abandonado?

Um bom tempo pelo que aparenta, eu trabalho aqui na frente e nunca vi movimentação.

8. Como conheceu essa história?

9. Qual a sua opinião sobre este espaço abandonado?

Um desperdício de espaço, dinheiro e tempo. Uma falta de higiene por conta do mato, acho revoltante.

10. Qual o sentimento em relação a estes espaços abandonados?

De dó e de insegurança.

11. Você acha interessante que sejam feitos vídeos falando sobre esses espaços abandonados?

Sim, acho, para que as pessoas vejam, pois não se incomodam se não as afetarem.

12. Ficou sabendo foi feito um curta-metragem, URBEX: espaços abandonados Londrina?

Não.

Nome: LARA

1. Mora em Londrina e/ou Região? (Sim para continuar o questionário - pergunta de exclusão da pesquisa)

Sim.

2. Idade: 48 (necessário ter acima de dezoito anos - pergunta de exclusão da pesquisa)

3. Sexo: Feminino

4. Nível escolaridade: pós-graduada

5. Você conhece a história de um espaço abandonado em Londrina?

Da estrutura metálica da Leste-Oeste.

6. Se sim, qual é esta história?

Era para ser um shopping de carros e param as obras há muito tempo e desde então está incompleto, ainda vai muita briga na justiça para resolver essa obra.

7. Faz ideia de quanto tempo esse espaço está abandonado?

Mais de 20 anos.

8. Como conheceu essa história?

Acompanhando na mídia e pelos moradores do bairro.

9. Qual a sua opinião sobre este espaço abandonado?

Perigoso, colocam fogo às vezes, temos que chamar bombeiros, outras vezes pessoas se abrigam, hoje tem uma família morando aí, e vem muita poeira dessa estrutura, incomoda.

10. Qual o sentimento em relação a estes espaços abandonados?

Desperdício de dinheiro, uma sensação de abandono.

11. Você acha interessante que sejam feitos vídeos falando sobre esses espaços abandonados?

Sim, muito, pois essa estrutura já é um ponto de referência na cidade, mas não existe uma busca em solucionar.

12. Ficou sabendo foi feito um curta-metragem, URBEX: espaços abandonados Londrina?

Não.

Nome: BETH

1. Mora em Londrina e/ou Região? (Sim para continuar o questionário - pergunta de exclusão da pesquisa)

Sim.

2. Idade: 54 (necessário ter acima de dezoito anos - pergunta de exclusão da pesquisa)

3. Sexo: Masculino.

4. Nível escolaridade: 2º grau completo

5. Você conhece a história de um espaço abandonado em Londrina?

Os barracões sahão.

6. Se sim, qual é esta história?

Não sei.

7. Faz ideia de quanto tempo esse espaço está abandonado?

Mais de 6 anos.

8. Como conheceu essa história?

Moro na frente, faz 6 anos.

9. Qual a sua opinião sobre este espaço abandonado?

Para mim não faz diferença, moro na frente, mas não muda em nada na minha vida, sempre me locomovo de carro.

10. Qual o sentimento em relação a estes espaços abandonados?

Que podia estar sendo utilizado.

11. Você acha interessante que sejam feitos vídeos falando sobre esses espaços abandonados?

Sim, pois pode despertar interesse em fazer algo com esses espaços abandonados.

12. Ficou sabendo foi feito um curta-metragem, URBEX: espaços abandonados Londrina?

Não.

Nome: OTÁVIO

1. Mora em Londrina e/ou Região? (Sim para continuar o questionário - pergunta de exclusão da pesquisa)
2. Idade: 43 (necessário ter acima de dezoito anos - pergunta de exclusão da pesquisa)
3. Sexo: Masculino
4. Nível escolaridade: Fundamental completo
5. Você conhece a história de um espaço abandonado em Londrina?
Barracões sahão
6. Se sim, qual é esta história?
Sei que tem um senhor que mora na quadra de cima que vem cuidar do espaço sempre que precisa, até mesmo para não deixar que alguém ocupe.
7. Faz ideia de quanto tempo esse espaço está abandonado?
Mais de 20 anos.
8. Como conheceu essa história?
Por trabalhar em frente
9. Qual a sua opinião sobre este espaço abandonado?
Acho feio, mas não me incomoda.
10. Qual o sentimento em relação a estes espaços abandonados?
Que podia estar sendo utilizado
11. Você acha interessante que sejam feitos vídeos falando sobre esses espaços abandonados?
Sim, acho importante contar as histórias desses espaços para a gente conhecer.
12. Ficou sabendo foi feito um curta-metragem, URBEX: espaços abandonados Londrina?
Não

Nome: MARCOS

1. Mora em Londrina e/ou Região? (Sim para continuar o questionário - pergunta de exclusão da pesquisa)

Sim.

2. Idade: 45 (necessário ter acima de dezoito anos - pergunta de exclusão da pesquisa)

3. Sexo: Masculino

4. Nível escolaridade: Fundamental completo.

5. Você conhece a história de um espaço abandonado em Londrina?

Antigo circo e estrutura rua da Lapa.

6. Se sim, qual é esta história?

Era da Sercomtel e ficou cedida para o circo e desde então está abandonada.

7. Faz ideia de quanto tempo esse espaço está abandonado?

Mais de 5 anos.

8. Como conheceu essa história?

Pelos moradores do prédio onde trabalha que fica em frente.

9. Qual a sua opinião sobre este espaço abandonado?

Feio, deserto, uma completa lei do descaso.

10. Qual o sentimento em relação a estes espaços abandonados?

De abandono, um lugar nobre, bem no centro, podia ser diferente.

11. Você acha interessante que sejam feitos vídeos falando sobre esses espaços abandonados?

Sim, importante pois fica esquecido e falta informação.

12. Ficou sabendo foi feito um curta-metragem, URBEX: espaços abandonados Londrina?

Não

Grupo que assistiu ao curta-metragem URBEX espaços abandonados Londrina

Nome: LUIZA

1. Mora em Londrina e/ou Região? (Sim para continuar o questionário - pergunta de exclusão da pesquisa)

Sim, ou londrinense

2. Idade: 36 anos (necessário ter acima de dezoito anos - pergunta de exclusão da pesquisa)

3. Sexo: Feminino

4. Nível escolaridade: superior completo

5. Você conhece a história de um espaço abandonado em Londrina? Se sim, qual é esta história?

Um barracão na av. duque de caxias para baixo da leste-oeste e lembrou da antiga ules atual marl.

O barracão eu morei perto um bom tempo da minha vida, sempre tinha usuários de droga por ali.

6. Faz ideia de quanto tempo esse espaço está abandonado?

Ficou abandonado mais de 17 anos, todo tempo que morei ali.

7. Como conheceu essa história?

Passava em frente.

8. Qual a sua opinião sobre este espaço abandonado?

Quando penso no marl hoje vejo o quanto a sociedade tem um dever para com esses espaços de ocupá-los.

9. Qual o sentimento em relação a estes espaços abandonados?

Quando morava perto de medo, desviava para voltar para casa. hoje sinto uma tristeza em pensar que a história está se transformando em ruína.

10. Como o curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina mexeu com você? Te fez refletir sobre o que?

Sobre a história que perdemos como cidade, mas quando vi me deu uma nostalgia, de lembranças sobre os espaços abandonado que convivi e as memórias que tenho sobre os espaços que usufrui.

Nome: BETH

1. Mora em Londrina e/ou Região? (Sim para continuar o questionário - pergunta de exclusão da pesquisa)

Sim. Moro em Londrina há 8 anos, antes morou em Curitiba, mas nasceu aqui e se mudou com 13 anos

2. Idade: 28 anos (necessário ter acima de dezoito anos - pergunta de exclusão da pesquisa)

3. Sexo: Feminino

4. Nível escolaridade: Pós- graduada

5. Você conhece a história de um espaço abandonado em Londrina? Se sim, qual é esta história?

Depósito da santa casa da av duque de caxias e o perto do HU. Da duque era de um dos pioneiros herança de família, e quando o último herdeiro morreu ele doou para santa casa

6. Faz ideia de quanto tempo esse espaço está abandonado?

Acho que desde 1970

7. Como conheceu essa história?

Conheci a história a partir da pesquisa do tcc

8. Qual a sua opinião sobre este espaço abandonado?

Poderia ser usado para outros meios, poderia ser um apoio para cras, poderia ser uma edificação mais valorizada pela história, pela integridade do barracão

9. Qual o sentimento em relação a estes espaços abandonados?

Vazio, tristeza, poderia ser diferente

10. Como o curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina mexeu com você? Te fez refletir sobre o que?

Me fez refletir sobre esses espaços, me emocionei com o curta, transmitiu um sentimento de não vazio de preenchimento, foi de encontro com algo que já pensava, identificação.

Nome: LUANA

1. Mora em Londrina e/ou Região? (Sim para continuar o questionário - pergunta de exclusão da pesquisa)

Mora em Londrina há 40 anos

2. Idade: 60 anos (necessário ter acima de dezoito anos - pergunta de exclusão da pesquisa)

3. Sexo: Feminino

4. Nível escolaridade: Pós-graduada.

5. Você conhece a história de um espaço abandonado em Londrina? Se sim, qual é esta história?

Alguns, espaço do movimento secundarista, antiga ules, da duque, hoje Marl, o espaço que era a antiga escola de circo.

Espaços que aconteciam encontros.

É maravilhoso ver um espaço ser resgatando, por causa da memória.

A importância da preservação da memória.

O espaço que era a casa do estudante na canudos com a JK foi derrubado, e evito passar por lá pois me dói demais ver aquele lugar se perder.

6. Faz ideia de quanto tempo esse espaço está abandonado?

casa do estudante desativada 2005

antiga ules 15 anos ou 20 anos

antiga escola de circo pelo menos 10 anos

7. Como conheceu essa história?

Pois frequentei esses espaços

8. Qual a sua opinião sobre este espaço abandonado?

Pessoa que preservação de memória coletiva, creio que existe um interesse muito grande da especulação imobiliária, falta sensibilidade pelos gestores públicos

9. Qual o sentimento em relação a estes espaços abandonados?

De dor e tristeza.

10. Como o curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina mexeu com você? Te fez refletir sobre o que?

Espaços de vivência e não de moeda. Não apenas com a memória, mas com o ser humano. Os espaços urbanos são muito perpassados por questões financeiras. Quem ocupa tal espaço, se ocupa foi de encontro com algo que eu já pensava, uma identificação.

Nome: VERA

1. Mora em Londrina e/ou Região? (Sim para continuar o questionário - pergunta de exclusão da pesquisa)

Sim, em Londrina, desde 1977

2. Idade: 57 anos (necessário ter acima de dezoito anos - pergunta de exclusão da pesquisa)

3. Sexo: feminino

4. Nível escolaridade: Doutoranda

5. Você conhece a história de um espaço abandonado em Londrina? Se sim, qual é esta história?

É bem comum ver espaços abandonado e depois demolidos, principalmente na av. duque de Caxias onde eu passo, o mais recente que me doeu foi o restaurante da rua mato grosso que demoliram. A história está sendo apagada, não tem passado como eu vou olhar para frente? Como eu vou entender o presente?

Sim o restaurante eu frequentei, doeu mais, pois eu tinha memória, as casas em frente a casa que foram demolidas também me doem, pois eu falava bom dia para as pessoas ali e hoje não existe mais. A arquitetura também me incomoda ser tirada, eu ainda não entendi por que, mas me incomoda. O novo precisa ser no lugar do velho? Eu vi Londres assim, Salvador é assim também. Quem constrói esses caixotes? Não tem como resolver isso? Eu não aguento mais essas caixas. As esquinas da cidade de Londrina virando farmácia!

Barracão da av. duque com a celso Garcia

Casa da Souza naves tão bonitinha, vai embora também, entre goiás e espírito santo.

As casinhas de madeira do lado do meu prédio também, a hora que a velhinha morrer.

Não sei se é assim o processo.

6. Faz ideia de quanto tempo esse espaço está abandonado?

Há faz tempo.

7. Como conheceu essa história?

Vendo esses espaços ou passando por eles.

8. Qual a sua opinião sobre este espaço abandonado?

Me incomoda.

9. Qual o sentimento em relação a estes espaços abandonados?

Dor acompanhada por raiva e impotência...

10. Como o curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina mexeu com você? Te fez refletir sobre o que?

Aquele vídeo expressou minha dor, me identifiquei, inclusive compartilhei. Um olhar para isso que ninguém olha. A experiência do outro me fez refletir, quando a senhora falou, eu sempre pensei no que eu sentia, e o curta me fez ver o que o outro sentia e também o processo todo, que o curta mostrou da casa, bonitinha até ser demolida, esse processo você não consegue acompanhar, quando você vê já foi. Me parece que dá tempo de fazer algo antes de ser demolido, eu como cidadã podia ter feito alguma coisa, por que eu não fiz, muita arte no curta, os grafites, que ainda tem gente que consegue transformar esses espaços, colocar colorido.

Nome: GUTO

1. Mora em Londrina e/ou Região? (Sim para continuar o questionário - pergunta de exclusão da pesquisa)

Sim, londrinense, voltou faz 10 anos

2. Idade: 57 anos (necessário ter acima de dezoito anos - pergunta de exclusão da pesquisa)

3. Sexo: Masculino

4. Nível escolaridade: Doutorado

5. Você conhece a história de um espaço abandonado em Londrina? Se sim, qual é esta história?

Eu tenho uma história com um espaço que fica na Higienópolis com Piauí que hoje tem uma casa azul que era um terreno baldio que eu 5 anos

celso garcia posto abandonado 70 anos

barracões de café da leste-oeste 40/30

perto do iate 20/30 anos

A estrutura de ferro da leste oeste como uma obra de arte

Belo horizonte, perto do senac

Piu XII com belo horizonte casa de madeira

Onde é o aterro que ainda tinha lago

Vales perto da última piscina do clube Canadá

O lenhador, escultura do ouro verde

6. Faz ideia de quanto tempo esse espaço está abandonado?

terreno baldio que eu 5 anos

celso garcia posto abandonado 70 anos

barracões de café da leste-oeste 40/30

perto do iate 20/30 anos

7. Como conheceu essa história?

Passando por eles, descobrindo passagens, entrando, perto do Nelio, clube DDD (departamento dos dedos duros de Londrina),

8. Qual a sua opinião sobre este espaço abandonado?

os espaços lúdicos, acho inclusive se permitia quebrar vidro, um espaço que está em processo até que vem a mão do capitalismo

9. Qual o sentimento em relação a estes espaços abandonados?

Que é um pouco meu também, pertencimento, mais nas ocupações, espaço de liberdade

Tristeza, de aquilo não chegar no que foi proposto

Depende do lugar pode ser de liberdade, de uma obra de arte (gosto estético), pertencimento, violência, largado

10. Como o curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina mexeu com você? Te fez refletir sobre o que?

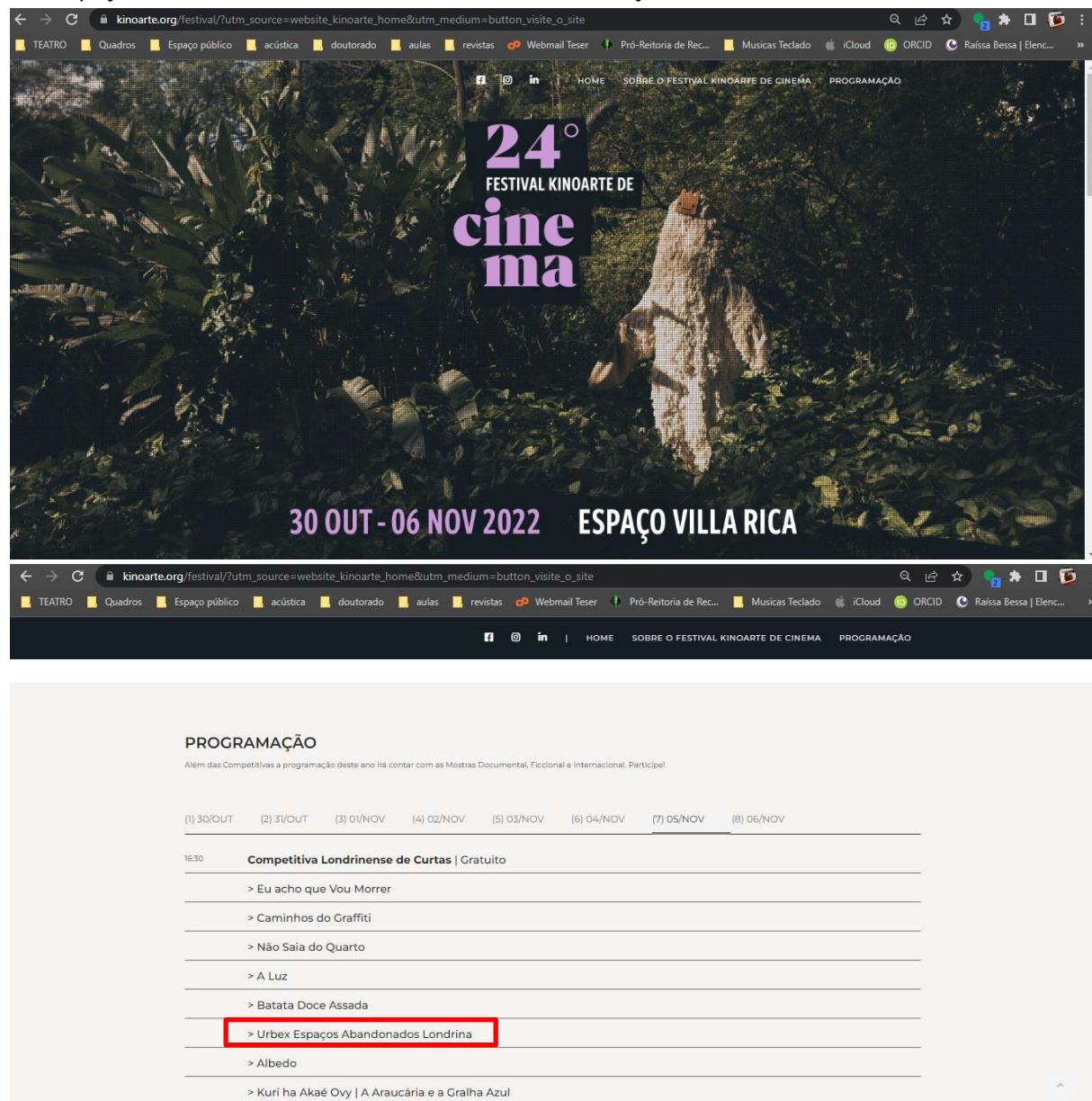
Fato de saber da existência desse projeto, como ele se materializou de forma poética, um discurso imagético, desdobramento, espaços internos dados por espaços externo, se reconhece, espaços percorridos somente pela memória, e memória é emoção.

ANEXOS

Anexo 1 – Mídias, matérias e entrevistas de divulgação do curta-metragem URBEX: espaços abandonados Londrina

https://kinoarte.org/festival/?utm_source=website_kinoarte_home&utm_medium=button_visite_o_site

Participação no 24º Festival Kinoarte de Cinema com exibição dia 05 de novembro de 2022



24º FESTIVAL KINOARTE DE cinema

30 OUT - 06 NOV 2022 ESPAÇO VILLA RICA

PROGRAMAÇÃO

Além das Competitivas a programação deste ano irá contar com as Mostras Documental, Ficcional e Internacional. Participe!

(1) 30/OUT (2) 31/OUT (3) 01/NOV (4) 02/NOV (5) 03/NOV (6) 04/NOV (7) 05/NOV (8) 06/NOV

16:30 **Competitiva Londrinense de Curtas | Gratuito**

> Eu acho que Vou Morrer

> Caminhos do Graffiti

> Não Saia do Quarto

> A Luz

> Batata Doce Assada

> **Urbex Espaços Abandonados Londrina**

> Albedo

> Kuri ha Akaé Ovy | A Araucária e a Gralha Azul

> Urbex Espaços Abandonados Londrina



> Urbex Espaços Abandonados Londrina

Londrina é uma cidade cheia de antagonismos, mesmo sendo relativamente nova, resiste em dar um passo à frente no modo de viver tranquilo entre o velho e novo. Tudo isso se reflete, direta ou indiretamente nos espaços públicos e privados da nossa urbe. Quantas memórias são, direta ou indiretamente assassinadas com o abandono e destruição desses espaços?

0:12 min. | Espaço Villa Rica | Competitiva Londrinense de Curtas | Documentário | 74 anos

Raíssa Bessa

[Assista ao trailer](#)



URBEX espaços abandonados Londrina - Teaser

Raíssa Bessa Ateliê 200 inscritos

Inscrito Compartilhar Download Salvar

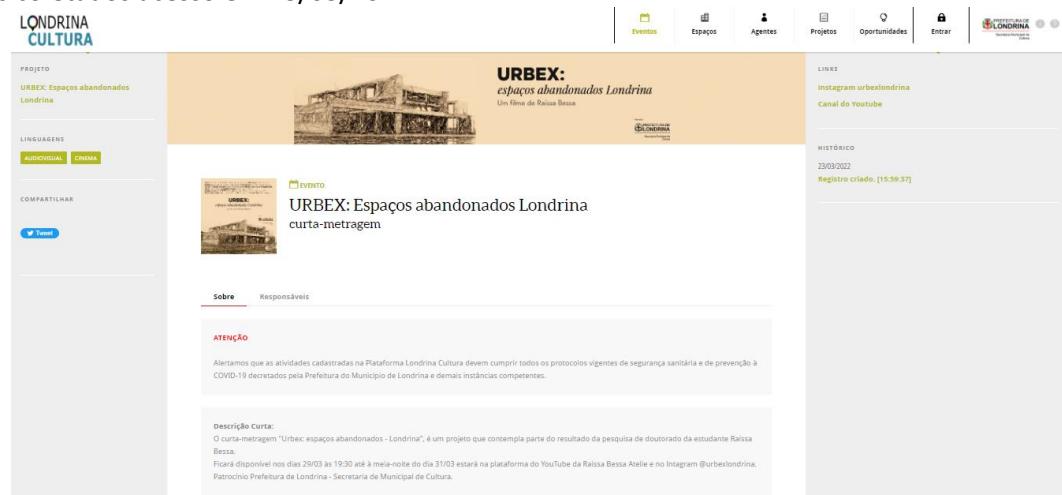
29 visualizações Estreou em 20 de out. de 2022

Londrina é uma cidade cheia de antagonismos, mesmo sendo relativamente nova, resiste em dar um passo à frente no modo de viver tranquilo entre o velho e novo.

O curta-metragem é um resultado da pesquisa de Doutorado da Raíssa Bessa no Programa de Pós-Graduação de Geografia da UEL e tem o roteiro assinado pela própria Raíssa Bessa e pelo escritor e poeta londrinense Eduardo Baccarin-Costa, conta com trilha sonora dos músicos Fabricio Martins e Paulo Vitor Poloni que também faz a narração ao lado de Raíssa e da atriz Raquel Sant'Anna, tendo a montagem da arquiteta e urbanista Louisa Savignon.

Siga Urbex Londrina:
<https://www.instagram.com/urbexlondrina/>

<https://londrinacultura.londrina.pr.gov.br/evento/3409/>
dados coletados acesso em 23/03/2022



Total de Público 500

Inscrições: Para assistir é só se inscrever no canal do YouTube ou ver no Instagram @urbexlondrina

Classificação Etária: Livre

Site: https://www.youtube.com/channel/UCSHymBileoLIFTiN-Q_rOg

Acessibilidade:

Tradução para LIBRAS: Não

Áudio Descrição: Não

Espaço Virtual [ver mapa](#)

Toda ter, quinta e quinta de 29 a 31 de março de 2022 às 19:30; Ter, quinta e quinta de 29 a 31 de março de 2022 a partir das 19:30; Ter, quinta e quinta de 29 a 31 de março de 2022 a partir das 19:30;

Preço: Gratuito

Endereço:

Descrição

Londrina: seus espaços, suas histórias não contadas.
Curta-metragem URBEX: Espaços abandonados Londrina

Londrina é uma cidade cheia de antagonismos. Reduto de ciência e tecnologia, mas berço do reacionarismo político e do negacionismo; espaço de arte e cultura, mas ao mesmo tempo lugar de coerção e manifestação de ódio contra artistas e produtores culturais; cidade progressista, mesmo sendo relativamente nova, mas que resiste em dar um passo à frente no que se refere a um modo de viver tranquilo entre o velho e novo. Tudo isso se reflete, direta ou indiretamente nos espaços públicos e privados da nossa urbe, que por motivos mais variados, e que espelham bem o pluralismo e os rancos de arrivistas que não viram seu sonho de riqueza prosperar, acabam sendo abandonados à própria sorte. Lugares que contam (ou deveriam contar) histórias são deixados de lado, colocados no chão, viram abrigos para drogados ou sem-teto. Quantas memórias são, direta ou indiretamente assassinadas com o abandono e destruição desses espaços?

Esse é o tema do curta-metragem URBEX: ESPAÇOS ABANDONADOS LONDrina da arquiteta e urbanista, atriz, produtora e artista londrinense Raissa Bessa que estreia no próximo dia 29/3 às 19:30 no YouTube e no Instagram; ficando disponível até o dia 31 à meia-noite. O vídeo é uma extensão do projeto de doutorado da londrinense, cujo objeto são exatamente os espaços abandonados em Londrina, e foi realizado com o apoio do PROMIC.

Em pouco mais de doze minutos, o vídeo mostra – numa linguagem poética – como a cidade foi vendo seus espaços sendo invadidos e, posteriormente serem abandonados pelos mais diferentes motivos. Lugares que deveriam ser espaços de convivência, de brotar de histórias, de partilhar de arte e cultura acabam se constituindo em cemitérios vivos de construção, espaços de nada. Assim acontece com o que deveria ser o Teatro Municipal, o que era o Hotel Sahão, no centro da cidade, o Shopping Automotivo na Leste Oeste, entre outros.

O documentário tem o roteiro assinado pela própria Raissa e pelo escritor e poeta londrinense Eduardo Baccarin-Costa, conta com trilha sonora do músico londrinense Fabricio Martins e Paulo Vitor Poloni que também faz a narração ao lado de Raissa e da atriz Raquel Sant'Anna, tendo a montagem da arquiteta e urbanista Louisa Savignon e arte gráfica de Rafael Santanna.

O curta-metragem pode ser acessado no Canal Raissa Bessa Ateliê, do YouTube e na página do Instagram @urbexlondrina a partir do dia 29/03 às 19:30 até a meia-noite do dia 31/03.

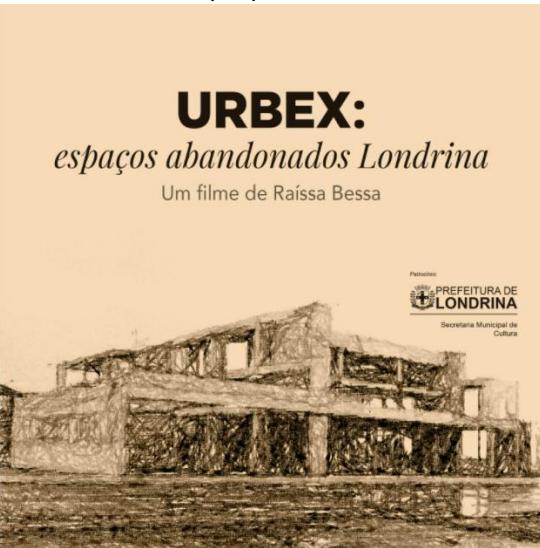


Arquiteta e Urbanista. Fundadora e atriz na empresa Companhia Te-Ser.

<https://www.instagram.com/raissabessa.atelie/>
dados coletados acesso em 28/03/2022

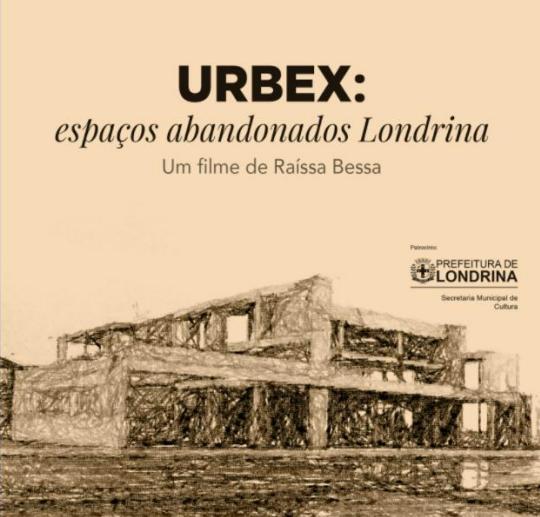
<https://www.instagram.com/urbexlondrina/>
dados coletados acesso em 28/03/2022

<https://www.facebook.com/ppgeografiauel/photos/a.175706093221989/1115804969212092>
dados coletados acesso em 28/03/2022



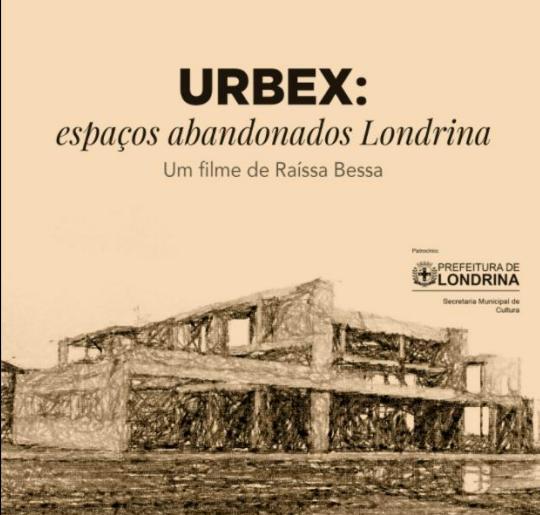
URBEX:
espaços abandonados Londrina
Um filme de Raíssa Bessa

Patrocinio
PREFEITURA DE LONDrina
Secretaria Municipal de Cultura



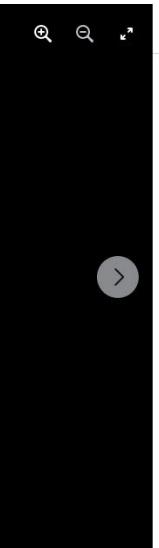
URBEX:
espaços abandonados Londrina
Um filme de Raíssa Bessa

Patrocinio
PREFEITURA DE LONDrina
Secretaria Municipal de Cultura



URBEX:
espaços abandonados Londrina
Um filme de Raíssa Bessa

Patrocinio
PREFEITURA DE LONDrina
Secretaria Municipal de Cultura

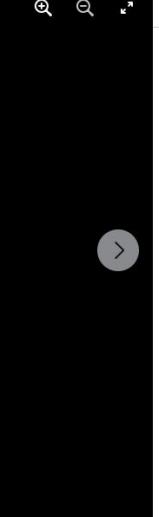


Programa de Pós-Graduação em Geografia - UEL
8 h ·

Londrina é uma cidade cheia de antagonismos. Reduto do reacionarismo político e do negacionismo; espaço de arte e cultura, mas ao mesmo tempo lugar de coerção e manifestação de ódio contra artistas e produtores culturais; cidade progressista, mesmo sendo relativamente nova, mas que resiste a um modo de viver tranquilo entre no que se refere a um modo de viver tranquilo entre o velho e novo.

Tudo isso se reflete, direta ou indiretamente nos espaços públicos e privados da nossa urbe, que por motivos mais variados, e que espelham bem o pluralismo e os rangos de arrivistas que não viram seu sonho de riqueza prosperar, acabam sendo abandonados à própria sorte. Lugares que contam (ou deveriam contar) histórias são deixados de lado, colocados no chão, viram abrigos para drogados ou sem-teto. Quantas memórias são, direta ou indiretamente assassinadas com o abandono e destruição desses espaços?

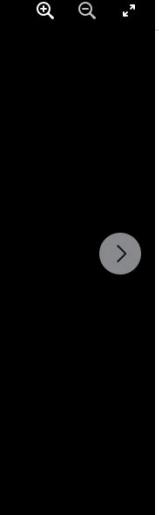
Escreva um comentário... 



Esse é o tema do curta-metragem URBEX: ESPAÇOS ABANDONADOS LONDrina da arquiteta e urbanista, atriz, produtora e artista londrinense Raíssa Bessa que estreia no próximo dia 29/3 às 19:30 no Youtube e no Instagram, ficando disponível até o dia 31 à meia-noite. O vídeo é uma extensão do projeto de doutorado da londrinense, cujo objeto são exatamente os espaços abandonados em Londrina, e foi realizado com o apoio do PROMIC.

Em pouco mais de doze minutos, o vídeo mostra – numa linguagem poética – como a cidade foi vendendo seus espaços sendo invadidos e, posteriormente serem abandonados pelos mais diferentes motivos. Lugares que deveriam ser espaços de convivência, de brotar de histórias, de partilha de arte e cultura acabam se constituindo em cemitérios vivos de construção, espaços de nada. Assim acontece com o que deveria ser o Teatro Municipal, o que era o Hotel Sahão, no centro da cidade, o Shopping Automotivo na Leste Oeste, entre outros.

Escreva um comentário... 



Leste Oeste, entre outros.

O documentário tem o roteiro assinado pela própria Raíssa e pelo escritor e poeta londrinense Eduardo Baccarin-Costa, conta com trilha sonora do músico londrinense Fabricio Martins e Paulo Vitor Poloni que também faz a narração ao lado de Raíssa e da atriz Raquel Sant'Anna, tendo a montagem da arquiteta e urbanista Louis Savignon e arte gráfica de Rafael Santana.

O curta-metragem pode ser acessado no Canal Raíssa Bessa Ateliê, do Youtube e na página do Instagram @urbexlondrina a partir do dia 29/03 às 19:30 até a meia-noite do dia 31/03. Ver menos

 9 1 comentário 6 compartilhamentos  Amei  Comentar  Compartilhar 

Mais relevantes 

 1 Curtir  Responder 5 h  Escreva um comentário... 

<https://www.instagram.com/p/CbcnAbJgc50/>
dados coletados acesso em 28/03/2022

URBEX:
espaços abandonados Londrina
Um filme de Raíssa Bessa

Patrocínio:
PREFEITURA DE LONDrina
Secretaria Municipal de Cultura

ppgeouel • Seguindo
1930 visualizações • 3 curtidas • 1 comentários

ppgeouel O curta-metragem "Urbex: espaços abandonados - Londrina", é um projeto que contempla parte do resultado da pesquisa de doutorado da estudante Raíssa G. Bessa, orientada da Prof.ª Dr.ª Ideni T. Antonello e ficará disponível nos dias 29/03 às 19:30 até à meia-noite do dia 31/03 estará na plataforma do YouTube da Raíssa Bessa Ateliê e no Instagram @urbexplondrina.

Aguardo vocês para viver essa experiência de ver uma tese fora do papel!

O curta-metragem conta com o patrocínio Prefeitura de Londrina - Secretaria de Municipal de Cultura.

7 h

ppgsocuel 3 h 1 curtida Responder

urbexplondrina Obrigada @ppgeouel 😊 5 h 2 curtidas Responder

Curitido por josemarygalvao e outras 41 pessoas HÁ 7 HORAS

Adicione um comentário... Publicar

<http://www.uelfm.uel.br/arquivo.php?id=20274>
dados coletados acesso em 28/03/2022

UEL FM 107.9

O plug-in Adobe Flash Player não é mais compatível

HOME PROGRAMAÇÃO HISTÓRIA EQUIPE E-RÁDIO FALE CONOSCO

BUSCA

REVISTA DO MEIO-DIA

Revista do Meio-Dia
28/03/2022

Destaques de hoje:

- Candidatos à reitoria da UEL apresentam propostas na UEL FM. Hoje em destaque a Chapa 1 – UEL DE VOLTA PRA CASA
- O trabalho da rede municipal de enfrentamento à violência doméstica, familiar e sexual no sexto episódio da série Mulheres em Movimento
- Livro apresenta propostas de atividades experimentais para o ensino de Química. Lançamento é da Eduel
- Na coluna "Economia para Todos" Marcos Rambaldiuci chama a atenção para o aumento do capital estrangeiro e como esse movimento pode ajudar no controle da inflação no Brasil
- Comida saudável tem que ser gostosa, acessível, e tem combinar com o seu jeito de ser. Esse é o destaque da coluna "Conversa de Cozinha" com Valéria Mortara
- Raíssa Bessa, arquiteta e aluna de doutorado da UEL, lança amanhã o curta-metragem Urbex: espaços abandonados – Londrina
- Estudos para viola solo integram disco do músico Jhonatan Santos que vai ter lançamento nesta terça

ARQUIVOS

2022
MARÇO
28, Segunda
25, Sexta
24, Quinta
23, Quarta
22, Terça
21, Segunda
18, Sexta
17, Quinta
16, Quarta
15, Terça
14, Segunda
11, Sexta
10, Quinta
09, Quarta
08, Terça
07, Segunda
04, Sexta
03, Quinta
FEVEREIRO
JANEIRO
2021

ÁUDIO DO ARQUIVO (clique para ouvir)

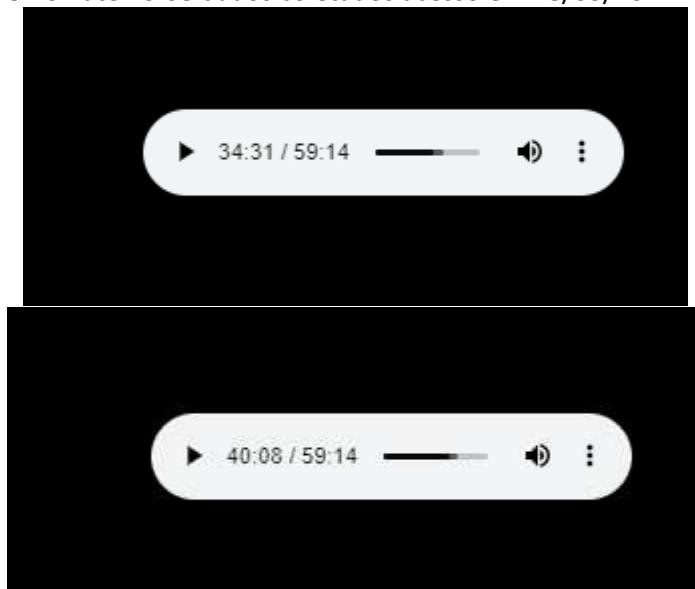
Jornalistas:
Eliete Vanzo (elietevanzo@gmail.com)
Contato: (43) 3348-5025
uelfmnoticia@gmail.com

Valéria Giani (valeriaciani@gmail.com)
Contato: (43) 3348-5025
uelfmnoticia@gmail.com

Apoiador cultural:
VECTRA

<http://www.uelfm.uel.br/audios/35116-28-03-22 - REVISTA DO MEIO-DIA.mp3>

Entrevista do minuto 34:31 até 40:08 dados coletados acesso em 28/03/2022



<https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=123830>

dados coletados acesso em 28/03/2022

© terça-feira, 29 de março 2022



Blog . Londrina



INÍCIO
DESTAQUES
AGENDA
CIDADE
CIDADÃO
VÍDEOS
IMAGENS
CONTATO N.COM
BUSCA AVANÇADA
Procurar por
Q

Início / Cidadão / Estreia nesta terça (29) o curta-metragem "Urbex: espaços abandonados – Londrina"

Cidadão
Estreia nesta terça (29) o curta-metragem "Urbex: espaços abandonados – Londrina"

O vídeo ficará disponível entre os dias 29 e 31 de março no Youtube e Instagram; produção conta com o patrocínio do Promic

 n.comlondrina 28 de março de 2022 · 0 1 minuto de leitura

URBEX:

espaços abandonados Londrina

Um filme de Raissa Bessa



O curta-metragem "Urbex: espaços abandonados – Londrina", vídeo que reúne histórias de construções abandonadas na cidade, estará disponível para acesso nesta terça-feira (29), às 19h30, no Youtube e no Instagram @urbexlondrina. O público poderá assistir à produção nessas mídias até quinta-feira (31), à meia-noite. O vídeo é um projeto da londrinense Raíssa Bessa, arquiteta e urbanista, atriz, produtora e artista, sendo parte do resultado de sua pesquisa de doutorado na área de Planejamento Urbano.

Este trabalho foi criado com uma linguagem poética relatando como a cidade de Londrina foi vendo seus espaços sendo invadidos e abandonados pelos mais diferentes motivos. Retrata, assim, lugares que deveriam ser espaços de convivência, histórias, arte e cultura, e que acabam se constituindo em espaços sem uso produtivo. O projeto é patrocinado pela Secretaria Municipal de Cultura, por meio do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Promic).

Segundo Raíssa Bessa, a idealização do curta-metragem partiu da busca por questionamentos, passando, entre diversos aspectos, pelos direitos dos cidadãos e cidadãs. "Um desses direitos é querer que os lugares sejam preservados e não sejam abandonados nem destruídos. Muitos espaços fazem parte da história de Londrina, e não podemos permitir que nossa cidade venha a perder a sua identidade, é necessário trazer à tona este tema, propor e estimular a reflexão sobre tais locais" destacou.

O projeto revela uma cidade rica com inúmeros espaços, que ao mesmo tempo é lugar de coerção e manifestação de ódio. Há lugares que contam, ou deveriam contar histórias, mas são deixados de lado, colocados no chão, se tornando abrigos para pessoas sem-teto ou usuárias de drogas.

Muitos lugares retratados encontram-se abandonados, sendo alguns deles obras que há muitos anos tiveram início mas foram paradas, construções que foram começadas com uma finalidade e não se concretizaram. Assim ocorre com o que deveria ser o Teatro Municipal, o que era o Hotel Sahão, no centro da cidade, o Shopping Automotivo na Leste-Oeste, entre outros pontos.

Raíssa Bessa ainda relatou que Londrina é uma cidade muito rica artística e culturalmente, sendo o Promic uma ferramenta que contribui para a formação desse cenário em diversos segmentos de produção. "O Promic é muito importante na valorização e incentivo à arte, fomentando uma grande parcela do que é criado na cidade. Isso significa ganho cultural para a região, muitas vezes ganho educativo também, já que muitos projetos incentivados possuem esse cunho e ajudam a ampliar o entendimento sobre vários temas", frisou.

O documentário Urbex: espaços abandonados – Londrina, tem o roteiro assinado pela própria Raíssa Bessa e pelo escritor e poeta londrinense Eduardo Baccarin Costa, conta com trilha sonora do músico londrinense Fabrício Martins e Paulo Vitor Poloni, que também faz a narração ao lado de Raíssa e da atriz Raquel Sant'Anna, tendo a montagem da arquiteta e urbanista Louisa Savignon e arte gráfica de Rafael Santana.

Para Imprensa: Outras informações podem ser obtidas com Raíssa Galvão Bessa, pelo telefone (43) 99692-9667

Texto: Marcelo Cordero, sob a supervisão do Núcleo de Comunicação da Prefeitura de Londrina



<https://tarobanews.com/entretenimento/cinema/estreia-nesta-terca-o-curta-metragem-urbex-espacos-abandonados-londrina-PdnNO.html>
 dados coletados acesso em 28/03/2022

Tarobá News Tarobá FM TV Tarobá Promoções Cascavel Londrina    

 CINEMA  BUSCAR



Estreia nesta terça o curta-metragem “Urbex: espaços abandonados – Londrina”

Redação Tarobá News   

URBEX:
espaços abandonados Londrina

Um filme de Raissa Bessa



Imagem: Divulgação

O curta-metragem “Urbex: espaços abandonados – Londrina”, vídeo que reúne histórias de construções abandonadas na cidade, estará disponível para acesso nesta terça-feira (29), às 19h30, no [Youtube](#) e no Instagram [@urbexlondrina](#). O público poderá assistir à produção nessas mídias até quinta-feira (31), à meia-noite. O vídeo é um projeto da londrinense Raissa Bessa, arquiteta e urbanista, atriz, produtora e artista, sendo parte do resultado de sua pesquisa de doutorado na área de Planejamento Urbano.

Este trabalho foi criado com uma linguagem poética relatando como a cidade de Londrina foi vendendo seus espaços sendo invadidos e abandonados pelos mais diferentes motivos. Rerata, assim, lugares que deveriam ser espaços de convivência, histórias, arte e cultura, e que acabam se constituinte em espaços sem uso produtivo. O projeto é patrocinado pela Secretaria Municipal de Cultura, por meio do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Promic).

Segundo Raissa Bessa, a idealização do curta-metragem partiu da busca por questionamentos, passando, entre diversos aspectos, pelos direitos dos cidadãos e cidadãs. “Um desses direitos é querer que os lugares sejam preservados e não sejam abandonados nem destruídos. Muitos espaços fazem parte da história de Londrina, e não podemos permitir que nossa cidade venha a perder a sua identidade, é necessário trazer à tona este tema, propor e estimular a reflexão sobre tais locais” destacou.



ÚLTIMAS NOTÍCIAS +

Cinema
 Estreia nesta terça o curta-metragem “Urbex: espaços abandonados – Londrina”

Cinema
 Cinelito do Aurora Shopping promove sessão especial para pessoas com autismo

Cinema
 Escola Rural do Cinema abre inscrições para segunda edição do projeto

Cinema
 Atriz londrinense Mariana Fernanda Cândido é confirmada em franquia derivada de Harry Potter

Cinema

O projeto revela uma cidade rica com inúmeros espaços, que ao mesmo tempo é lugar de comprovação e manifestação de ódio. Há lugares que consam, ou deveriam contar histórias, mas são deixados de lado, colocados no chão, se tornando abrigos para pessoas sem teto ou usuários de drogas.

Muitos lugares retratados enceraram-se abandonados, sendo algumas delas obras que há muitos anos tinham iniciado mas foram paradas, construções que fizeram começadas com uma finalidade e não se concretizaram. Assim ocorre com o que deveria ser o Teatro Municipal, o que era o Hotel Sônia, no centro da cidade, o Shopping Automotivo na Letto Clesio, entre outros pontos.

Raissa Bessa ainda reforçou que Londrina é uma cidade muito rica artística e culturalmente, sendo o Promic uma ferramenta que contribui para a formação desse cenário em diversos segmentos de produção. "O Promic é muito importante na valorização e incentivo à arte, fomentando uma grande parte do que é criado na cidade. Isso significa ganho cultural para a região, muitas vezes ganho educativo também, já que muitos projetos inacreditáveis possuem esse carinho e ajudam a ampliar o entendimento sobre vários temas", frisou.

O documentário *Urbex: espaços abandonados* – Londrina, tem o roteiro assinado pela própria Raissa Bessa e pelo escritor e poeta londrinense Eduardo Baccarin Costa, conta com trilha sonora do músico londrinense Fabrício Martins e Paulo Vitor Poloni, que também faz a narração ao lado de Raissa e da atriz Raquel Sant'Anna, tendo a montagem da arquiteta e urbanista Lauta Saignon e arte gráfica de Rafael Santana.

Cinema

Festival Verfür uneja em Londrina com filmes nacionais

Política



COMENTÁRIOS

0 comentários

Classifique por Mais antigas



Adicionar um comentário...

<https://cgn.inf.br/noticia/741103/estreia-nesta-terca-29-o-curta-metragem-urbex-espacos-abandonados-londrina>

dados coletados acesso em 28/03/2022

 CGN CASCALHO PARANÁ BRASIL ENTRETENIMENTO INTERNACIONAL ESPORTES ACHADOS E PERDIDOS EMPREGOS ANUNCIE AQUI

PARANÁ //

Estreia nesta terça (29) o curta-metragem “Urbex: espaços abandonados – Londrina”

Este trabalho foi criado com uma linguagem poética relatando como a cidade de Londrina foi vendo seus espaços sendo invadidos e abandonados pelos mais diferentes motivos.....



Publicado em 28/03/2022 às 18:27
Por Prefeitura de Londrina



O curta-metragem “Urbex: espaços abandonados – Londrina”, vídeo que reúne histórias de construções abandonadas na cidade, estará disponível para acesso nesta terça-feira (29), às 19h30, no [Youtube](#) e no Instagram @urbexlondrina. O público poderá assistir à produção nessas mídias até quinta-feira (31), à meia-noite. O vídeo é um projeto da londrinense Raíssa Bessa, arquiteta e urbanista, atriz, produtora e artista, sendo parte do resultado de sua pesquisa de doutorado na área de Planejamento Urbano.



Este trabalho foi criado com uma linguagem poética relatando como a cidade de Londrina foi vendo seus espaços sendo invadidos e abandonados pelos mais diferentes motivos. Retrata, assim, lugares que deveriam ser espaços de convivência, histórias, arte e cultura, e que acabam se constituindo em espaços sem uso produtivo. O projeto é patrocinado pela Secretaria Municipal de Cultura, por meio do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Promic).

Segundo Raíssa Bessa, a idealização do curta-metragem partiu da busca por questionamentos, passando, entre diversos aspectos, pelos direitos dos cidadãos e cidadãs. “Um desses direitos é querer que os lugares sejam preservados e não sejam abandonados nem destruídos. Muitos espaços fazem parte da história de Londrina, e não podemos permitir que nossa cidade venha a perder a sua identidade, é necessário trazer à tona este tema, propor e estimular a reflexão sobre tais locais” destacou.

 CGN CASCALHO PARANÁ BRASIL ENTRETENIMENTO INTERNACIONAL ESPORTES ACHADOS E PERDIDOS EMPREGOS ANUNCIE AQUI

O projeto revela uma cidade rica com inúmeros espaços, que ao mesmo tempo é lugar de coerção e manifestação de ódio. Há lugares que contam, ou deveriam contar histórias, mas são deixados de lado, colocados no chão, se tornando abrigos para pessoas sem-teto ou usuárias de drogas.

Muitos lugares retratados encontram-se abandonados, sendo alguns deles obras que há muitos anos tiveram início mas foram paradas, construções que foram começadas com uma finalidade e não se concretizaram. Assim ocorre com o que deveria ser o Teatro Municipal, o que era o Hotel Sahão, no centro da cidade, o Shopping Automotivo na Leste-Oeste, entre outros pontos.

Raíssa Bessa ainda relatou que Londrina é uma cidade muito rica artística e culturalmente, sendo o Promic uma ferramenta que contribui para a formação desse cenário em diversos segmentos de produção. “O Promic é muito importante na valorização e incentivo à arte, fomentando uma grande parcela do que é criado na cidade. Isso significa ganho cultural para a região, muitas vezes ganho educativo também, já que muitos projetos incentivados possuem esse cunho e ajudam a ampliar o entendimento sobre vários temas”, frisou.

O documentário Urbex: espaços abandonados – Londrina, tem o roteiro assinado pela própria Raíssa Bessa e pelo escritor e poeta londrinense Eduardo Baccarin Costa, conta com trilha sonora do músico londrinense Fabrício Martins e Paulo Vitor Poloni, que também faz a narração ao lado de Raíssa e da atriz Raquel Sant'Anna, tendo a montagem da arquiteta e urbanista Louisa Savignon e arte gráfica de Rafael Santana.

Para Imprensa: Outras informações podem ser obtidas com Raíssa Galvão Bessa, pelo telefone (43) 99692-9667

Texto: Marcelo Cordero, sob a supervisão do Núcleo de Comunicação da Prefeitura de Londrina

Nos siga no Google News

<https://londrix.com.br/?p=34094>
 dados coletados acesso em 29/03/2022

TERÇA-FEIRA, MARÇO 29, 2022

f  



LG gram

LEVE PARA VOCÊ
VIVER O MUNDO
DENTRO E FORA DELE.



[Saiba mais](#)

CIDADE E REGIÃO ▾ ESPORTE ▾ CULTURA ▾ ESPECIAIS ▾ COLUNISTAS ▾ TV LONDRIX ▾ ÚLTIMAS NOTÍCIAS ▾ 

[Notícias](#) > [Cidade e Região](#) > [Vídeo reúne histórias de construções abandonadas em Londrina](#)

[Cidade e Região](#) [Últimas Notícias](#)

Vídeo reúne histórias de construções abandonadas em Londrina

Por [Da Redação](#) - 19 de março de 2022  89  11

COMPARTILHAR

 Facebook

 Twitter

 G+

 P



TOME LONDrina

 33217983

ABRIR

33217983



EDITOR PICKS

Paraná já aplicou mais de 4 milhões de vacinas contra a Covid

Da Redação - 8 de junho de 2021

Universidade promove concurso de bolsa integral para quem se destacar no vestibular

Da Redação - 23 de julho de 2020

Pandemia muda perfil do investimento no país

Da Redação - 24 de setembro de 2021

LEC joga com raça, vence o Bahia, mas está fora da Copa do Brasil

Da Redação - 26 de abril de 2019

"Lugares que contam (ou deveriam contar) histórias são deixados de lado, colocados no chão, viram abrigos para usuários de drogas ou sem-teto. Quantas memórias são, direta ou indiretamente assassinadas com o abandono e destruição desses espaços?" Esse é o tema do curta-metragem "Urbex: espaços abandonados - Londrina", da arquiteta e urbanista, atriz, produtora e artista londrinense Raissa Bessa que estreia no próximo dia 29 às 19h30 no YouTube e no Instagram, ficando disponível até o dia 31 à meia-noite.

O vídeo é uma extensão do projeto de doutorado da arquiteta e foi realizado com o apoio do Promic.

Línguagem poética

Em pouco mais de doze minutos, "o vídeo mostra – numa linguagem poética – como a cidade foi vendo seus espaços sendo invadidos e, posteriormente, abandonados por diferentes motivos. Lugaras que deveriam ser espaços de convivência, de brotar de histórias, de partilha de arte e cultura acabam se constituindo em cemitérios vivos de construção, espaços de nada", informa o material distribuído à imprensa. "Assim acontece com o que deveria ser o Teatro Municipal, o que era o Hotel Sahão, no centro da cidade, o Shopping Automotivo na Leste Oeste, entre outros".

O documentário tem o roteiro assinado pela própria Raissa e pelo escritor e poeta londrinense Eduardo Baccarin Costa. A trilha sonora é dos músicos londrinenses Fabrício Martins e Paulo Vitor Poloni, que também faz a narração ao lado de Raissa e da atriz Raquel Sant'Anna. A montagem ficou a cargo da arquiteta e urbanista Louisa Savignon e a arte gráfica, de Rafael Santana.

O curta-metragem poderá ser acessado no Canal Raissa Bessa Ateliê, do YouTube e na página do Instagram @urbexlondrina a partir do dia 29 às 19h30 até a meia-noite do dia 31.

(Foto: Reprodução/TV Tarobá)

COMPARTILHAR



Artigo anterior

LEC contrata atacante e zagueiro para a Série B

Próximo artigo

LEC é eliminado pelo Athletico em jogo com final emocionante



Da Redação

<http://Londres>

EDITOR PICKS

Paraná já aplicou mais de 4 milhões de vacinas contra à Covid

Da Redação - 06 de junho de 2021

Universidade promove concurso de bolsa integral para quem se destaca no vestibular

Da Redação - 23 de julho de 2020

Pandemia muda perfil do investimento no país

Da Redação - 24 de setembro de 2021

LEC joga com raça, vence o Bahia, mas está fora da Copa do Brasil

Da Redação - 26 de abril de 2019



<https://www.bonde.com.br/entretenimento/cinema/curta-metragem-urbex-espacos-abandonados-londrina-estreia-nesta-terca>
 dados coletados acesso em 29/03/2022

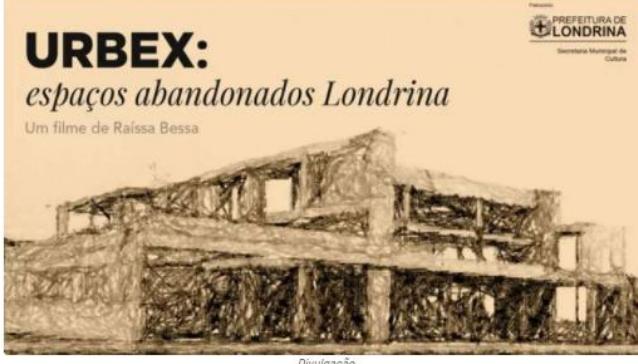


HOME ENTRETENIMENTO CINEMA



f t g

ÚLTIMAS NOTÍCIAS



Divulgação



URBEX: espaços abandonados Londrina

Um filme de Raíssa Bessa

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

Anúncios Google

[Não exibir mais este anúncio](#) Anúncio? Por quê? ☰

ASSISTA

Curta-metragem 'Urbex: espaços abandonados – Londrina' estreia nesta terça

Redação Bonde com N.Com

29 mar 2022 às 11:45

Curta-metragem 'Urbex: espaços abandonados – Londrina' estreia nesta terça

Redação Bonde com N.Com

29 mar 2022 às 11:45

O curta-metragem "Urbex: [espaços](#) abandonados – Londrina", que reúne histórias de construções abandonadas na pequena Londres, fica disponível nesta terça-feira (29), às 19h30, no [Youtube](#) e no Instagram @urbexlondrina. O público poderá assistir à produção até quinta-feira (31), à meia-noite. Trata-se de um projeto da londrinense Raíssa Bessa, arquiteta e urbanista, atriz, produtora e artista, integrante do resultado de sua pesquisa de doutorado na área de Planejamento Urbano.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



PUBLICIDADE

"Urbex" foi criado com uma linguagem poética relatando como Londrina foi tendo seus espaços sendo invadidos e abandonados por diferentes motivos. Assim, a obra retrata lugares que deveriam ser espaços de convivência, histórias, arte e cultura, e que acabam se tornando espaços sem uso produtivo.

Segundo Bessa, a idealização do curta-metragem partiu da busca por questionamentos e direitos dos cidadãos e cidadãs: "Um desses direitos é querer que os lugares sejam preservados e não sejam abandonados nem destruídos. Muitos espaços fazem parte da história de Londrina, e não podemos permitir que nossa cidade venha a perder a sua identidade, é necessário trazer à tona este tema, propor e estimular a reflexão sobre tais locais", pontuou.

O projeto revela uma cidade rica com inúmeros espaços, que ao mesmo tempo é lugar de coerção e manifestação de ódio. Há lugares que contam, ou deveriam contar histórias, mas são deixados de lado, colocados no chão, se tornando abrigos para pessoas sem-teto ou usuárias de drogas.

Muitos lugares retratados estão abandonados, e alguns deles obras que há muitos anos tiveram início mas foram paradas, construções que foram começadas com uma finalidade e não se concretizaram. Assim ocorre com o que deveria ser o Teatro Municipal, o que era o Hotel Sahão, no centro da cidade, o Shopping Automotivo na Leste-Oeste, entre outros pontos.



PUBLICIDADE

Urbex: espaços abandonados - Londrina

Paramount+ ASSISTA AGORA

O documentário Urbex: espaços abandonados – Londrina, tem o roteiro assinado pela própria Raissa Bessa e pelo escritor e poeta londrinense Eduardo Baccarin Costa, conta com trilha sonora do músico londrinense Fabricio Martins e Paulo Vitor Poloni, que também faz a narração ao lado de Raissa e da atriz Raquel Sant'Anna, tendo a montagem da arquiteta e urbanista Louisa Savignon e arte gráfica de Rafael Santana.

O projeto é patrocinado pela Secretaria Municipal de Cultura, por meio do Promic (Programa Municipal de Incentivo à Cultura).

<https://www.londrinatur.com.br/noticia/estreia-o-curta-metragem-urbex-espacos-abandonados-londrina/>

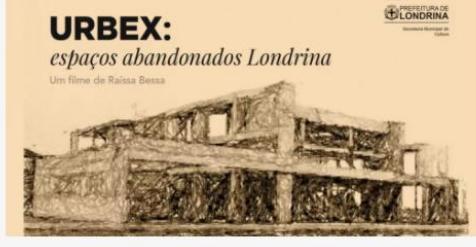
dados coletados acesso em 29/03/2022

Estreia o curta-metragem "Urbex: espaços abandonados – Londrina"

Munday, 29 de March de 2022
por Londrinatur
Categoria: CULTURA

URBEX:
espaços abandonados Londrina

Um filme de Raissa Bessa



O vídeo ficará disponível entre os dias 29 e 31 de março no Youtube e Instagram; produção conta com o patrocínio do Promic

O curta-metragem "Urbex: espaços abandonados – Londrina", vídeo que reúne histórias de construções abandonadas na cidade, estará disponível para acesso nesta terça-feira (29), às 19h30, no Youtube e no Instagram @urbelonrdina. O público poderá assisti à produção nessas mídias até quinta-feira (31), à meia-noite. O vídeo é um projeto da londrinense Raissa Bessa, arquiteta e urbanista, anfitriz, produtora e artista, sendo parte do resultado de sua pesquisa de doutorado na área de Planejamento Urbano.

Este trabalho foi criado com uma linguagem poética relatando como a cidade de Londrina foi vendo seus espaços sendo invadidos e abandonados pelos mais diferentes motivos. Renata assim, lugares que deveriam ser espaços de convivência, histórias, arte e cultura e que acabam se constituindo em espaços sem uso produtivo. O projeto é patrocinado pela Secretaria Municipal de Cultura, por meio do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Promic).

Segundo Raissa Bessa, a idealização do curta-metragem partiu da busca por questionamentos, passando, entre diversos aspectos, pelos direitos dos cidadãos e cidadãs. "Um desses direitos é querer que os lugares sejam preservados e não sejam abandonados nem destruídos. Muitos espaços fazem parte da história de Londrina, e não podemos permitir que nossa cidade venha a perder a sua identidade, é necessário trazer à tona este tema, propor e estimular a reflexão sobre tais locais" destacou.

O projeto revela uma cidade rica com inúmeros espaços, que ao mesmo tempo é lugar de coerção e manifestação de ódio. Há lugares que contam, ou devem contar histórias, mas são deixados de lado, colocados no chão, se tornando abrigos para pessoas sem-teto ou usuárias de drogas.

Muitos lugares retratados encontram-se abandonados, sendo alguns deles obras que há muitos anos tiveram inicio mas foram paradas, construções que foram começadas com uma finalidade e não se concretizaram. Assim ocorre com o que deveria ser o Teatro Municipal, o que era o Hotel Sahlão, no centro da cidade, o Shopping Automotivo na Leste-Oeste, entre outros pontos.

Raissa Bessa ainda relatou que Londrina é uma cidade muito rica artística e culturalmente, sendo o Promic uma ferramenta que contribui para a formação desse cenário em diversos segmentos de produção. "O Promic é muito importante na valorização e incentivo à arte, fomentando uma grande parcela do que é criado na cidade. Isso significa ganho cultural para a região, muitas vezes ganho educativo também, já que muitos projetos incentivados possuem esse cunho e ajudam a ampliar o entendimento sobre vários temas", frisou.

O documentário *Urbex: espaços abandonados – Londrina*, tem o roteiro assinado pela própria Raissa Bessa e pelo escritor e poeta londrinense Eduardo Baccarin Costa, conta com trilha sonora do músico londrinense Fabrício Martins e Paulo Vitor Poloni, que também faz a narração ao lado de Raissa e da atriz Raquel Sant'Anna, tendo a montagem da arquiteta e urbanista Louisa Savignon e arte gráfica de Rafael Santana.

Fonte: N.Com

<https://cbnlondrina.com.br/materias/curta-metragem-londrinense-retrata-espacos-abandonados-da-cidade>

dados coletados acesso em 29/03/2022

Entrevista CBN

<https://www.instagram.com/p/CbsuxYIOJYi/>
dados coletados acesso em 29/03/2022



secretariadeculturalondrina • Seguindo

secretariadeculturalondrina O curta-metragem "Urbex: espaços abandonados - Londrina" estará disponível a partir de hoje (29) às 19h30 no Youtube e no instagram @urbexlondrina e ficará disponível até quinta-feira (31) às 00h.

Criado com uma linguagem poética relatando como a cidade de Londrina foi vendo seus espaços sendo invadidos e abandonados pelos mais diferentes motivos.

Segundo Raíssa Galvão Bessa, o projeto UrbexLondrina foi criado na busca de questionamentos, "qual o nosso direito como cidadão. Nossa direito em querer que os lugares sejam preservados e não sejam abandonados, nem destruídos. Muitos lugares fazem parte da história de Londrina, não podemos permitir que nossa cidade venha a perder a sua identidade".

O projeto revela uma cidade rica com inúmeros espaços, que ao mesmo tempo é lugar de coerção e manifestação de ódio.

Há lugares que contam, ou deveriam contar histórias mas são deixados de lado, colocados no chão, se tornando abrigos para drogados ou sem-teto.

Muitos lugares encontram-se simplesmente abandonados, alguns são obras que há muitos anos foram iniciadas e encontram-se paradas, construções que foram iniciadas com uma finalidade.

❤ Q ▼

Curtido por eduardobaccarincosta e outras 22 pessoas

HÁ 19 HORAS

✍ Adicione um comentário...

Publicar



secretariadeculturalondrina • Seguindo

Assim acontece com o que deveria ser o Teatro Municipal, o que era o Hotel Sahão, no centro da cidade, o Shopping Automotivo na Leste Oeste, entre outros.

Raíssa Bessa ainda destaca que "Londrina é uma cidade artística muito rica graças ao Promic a arte vem sendo fomentada cada vez mais. Isso se torna um ganho cultural e até mesmo educativo, já que muito se amplia a partir da arte. O Promic põe a população da cidade como ator principal e não só como espectador".

O Projeto Urbex: Espaços Abandonados - Londrina Integra as ações de formação cultural da Fábrica - Rede Popular de Cultura, e é patrocinado pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC).

#promic #Cultura #londrina #projetos #arquitetura&urbanismo #londrinacultura #culturalondrina #curtametragem #londrinalinda

19 h

❤ Q ▼

miguelhbv @mandapracamila

1 h Responder

bru.na.literatura Que lindo! Vou levar isso pra escola ❤

❤ Q ▼

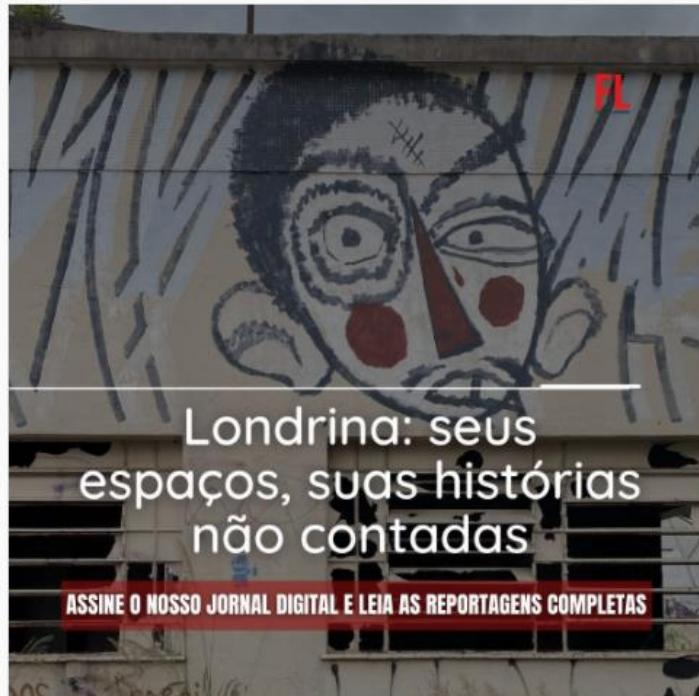
Curtido por eduardobaccarincosta e outras 22 pessoas

HÁ 19 HORAS

✍ Adicione um comentário...

Publicar

https://www.instagram.com/p/CbvLwmbtI39/?utm_medium=share_sheet
dados coletados acesso em 29/03/2022



Instagram

Pesquisar

folhadelondrina • Seguindo

folhadelondrina Sob o céu tão admirado em Londrina, muitas Londrinhas. A diversidade cultural, as riquezas naturais e as intervenções do homem formam um conjunto no meio urbano e rural e, do ponto de vista da arquiteta e urbanista, atriz, produtora e artista londrinense Raíssa Bessa, os pontos de vista também somam.

Foto: Divulgação
Leia esta e outras notícias no site da Folha de Londrina ou receba direto no seu celular.
WhatsApp (43) 99869-0068 | Assinaturas (43) 3374-2020

#FolhadeLondrina #Londrina

Curtido por raissabessa.atelie e outras 61 pessoas

HÁ 20 HORAS

Adicione um comentário... Publicar

Londrina: seus espaços, suas histórias não contadas

ASSINE O NOSSO JORNAL DIGITAL E LEIA AS REPORTAGENS COMPLETAS

<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/londrina-seus-espacos-suas-historias-nao-contadas-3182942e.html>

dados coletados acesso em 29/03/2022

ASSINE FOLHA DE LONDrina | CLASSIFICADOS

Bitcoin ▼ 227,500 Dólar ▲ 4,7875 Euro ▲ 5,3394 Londrina 28°C 32°C

☰ MENU FL FOLHA DE LONDrina FAZER LOGIN

POLÍTICA ECONOMIA GERAL CIDADES ESPORTE LEC FOLHA 2 OPINIÃO MUNDO ÚLTIMAS NOTÍCIAS COLUMNISTAS FOLHA MAIS

Folha 2 5m de leitura Atualizado em 29/03/2022, 17:37

Londrina: seus espaços, suas histórias não contadas

PUBLICAÇÃO
terça-feira, 29 de março
de 2022

Curta-metragem 'Urbex: Espaços Abandonados Londrina' estreia nesta terça-feira (29) na internet e fica disponível até o dia 31

WALKIRIA
VIEIRA - GRUPO
FOLHA
AUTOR



Foto: Divulgação

▶
ouvir
Aa
texto -
Aa
texto +

Sob o céu tão admirado em Londrina, muitas Londrinhas. A diversidade cultural, as riquezas naturais e as intervenções do homem formam um conjunto no meio urbano e rural e, do ponto de vista da arquiteta e urbanista, atriz, produtora e artista londrinense Raissa Bessa, os pontos de vista também somam.

f
in
t
c



O contraste do abandono e da cidade crescendo | Foto: Divulgação

Para a autora do curta-metragem "Urbex: Espaços Abandonados de Londrina", a cidade é cheia de antagonismos. "Reduto de ciência e tecnologia, mas berço do reacionarismo político e do negacionismo; espaço de arte e cultura, mas ao mesmo tempo lugar de coerção e manifestação de ódio contra artistas e produtores culturais; cidade progressista, mesmo sendo relativamente nova, mas que resiste em dar um passo à frente no que se refere a um modo de viver tranquilo entre o velho e novo", dispara.

BUSCAR

FL FOLHA DE LONDRINA

A MELHOR
WEEK

Ainda de acordo com a autora do curta metragem, tudo isso se reflete, direta ou indiretamente nos espaços públicos e privados da nossa urbe." por motivos mais variados, e que espelham bem o pluralismo e os ranços de arrivistas que não viram seu sonho de riqueza prosperar, acabam sendo abandonados à própria sorte. Lugares que contam (ou deveriam contar) histórias são deixados de lado, colocados no chão, viram abrigos para drogados ou sem-teto", pensa. E questiona: "Quantas memórias são, direta ou indiretamente assassinadas com o abandono e destruição desses espaços?



Lançamento Conexões 2022
Outer Shoes

Lançamento Conexões 2022
Outer Shoes



Estrutura abandonada do Shopping Automotivo na Leste-Oeste | Foto: Divulgação

BUSCAR
FL FOLHA DE LONDRINA
ANÚNCIOS

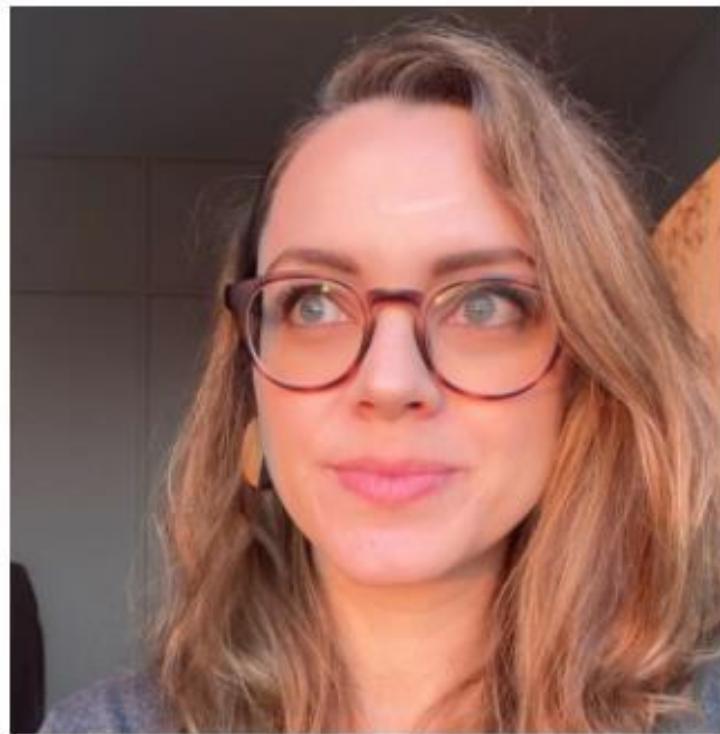
O curta-metragem Urbeic: Espaços Abandonados de Londrina nesta terça-feira (29), às 19:30 no Youtube e no Instagram, ficando disponível até o dia 31 à meia-noite. O vídeo é uma extensão do projeto de doutorado da londrinense, cujo objeto são exatamente os espaços abandonados em Londrina, e foi realizado com o apoio do PROMIC.

PUBLICIDADE



TEORIA DAS JANELAS QUEBRADAS

A Teoria das Janelas Quebradas, ou "Broken Windows theory", tem suas bases teóricas estabelecidas na escola de Chicago por James Q. Wilson e George Kelling e pode ser sumarizada na ideia de que, se uma janela de um edifício for quebrada e não receber logo reparo, a tendência é que passem a jogar pedras nas outras janelas, e posteriormente passem a ocupar o edifício e destruí-lo.



Raissa Bessa: arquiteta, urbanista e atriz mostra Londrina como uma cidade cheia de antagonismos |

Foto: Divulgação

Assim, a Teoria das Janelas Quebradas associa os comportamentos sociais à criminologia (ciência que estuda os criminosos, os crimes e suas causas e consequências). A conclusão dos pesquisadores foi que atos de pequena desordem podem levar a uma desordem maior. Já a desordem maior pode aumentar os índices de criminalidade de um lugar.

[Leia mais:](#)

Prédios abandonados

Em pouco mais de doze minutos, o vídeo mostra – numa linguagem poética – como a cidade foi vendo seus espaços sendo invadidos e, posteriormente serem abandonados pelos mais diferentes motivos. Lugares que deveriam ser espaços de convivência, de brotar histórias, de partilha de arte e cultura acabam se constituindo em cemitérios vivos de construção, espaços de nada. Assim acontece com o que deveria ser o Teatro Municipal, o que era o Hotel Sahão, no centro da cidade, o Shopping Automotivo na Leste Oeste, entre outros.

O documentário que tem o roteiro assinado pela própria Raissa e pelo escritor e poeta londrinense Eduardo Baccarin-Costa, conta com trilha sonora do músico londrinense Fabrício Martins e Paulo Vitor Poloni que também faz a narração ao lado de Raissa e da atriz Raquel Sant'Anna, tendo a montagem da arquiteta e urbanista Louisa Savignon e arte gráfica de Rafael Santana.

Serviço:

Lançamento curta-metragem

Urbex: espaços Abandonados Londrina

Serviço:

Lançamento curta-metragem

Urbex: espaços Abandonados Londrina

PUBLICIDADE



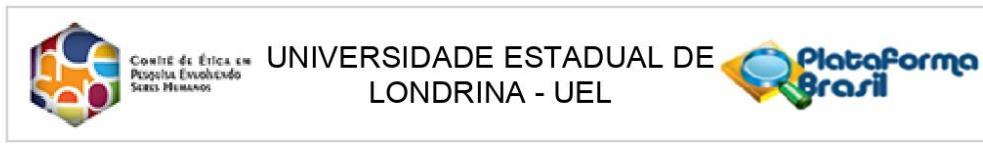
Quando: Terça-feira (29) às 19:30.

Disponível até a meia-noite do dia 31/03

Onde: no Canal Raissa Bessa Ateliê, do Youtube e na página do Instagram @urbexlondrina

Receba nossas notícias direto no seu celular! Envie também suas fotos para a seção 'A cidade fala'. Adicione o WhatsApp da FOLHA por meio do número (43) 99869-0068 ou pelo [link](#)

Anexo 2 – Parecer aprovado da Plataforma Brasil



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Espaços Abandonados - Londrina

Pesquisador: RAISSE GALVÃO BESSA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 54393221.2.0000.5231

Instituição Proponente: CCE - Programa de Pós-graduação em Geografia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.333.333

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa

“PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1874145.pdf” em 05/04/2022.

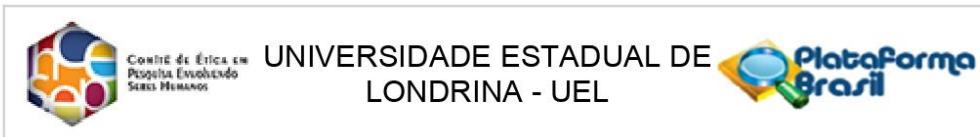
Desenho:

Esta pesquisa tem caráter documental, pois visa descobrir histórias e memórias de espaços que estão em estado de abandono a fim de entender o que isto simboliza para o momento atual de Londrina. A amostra da população entrevistada será de no mínimo 6 participantes não sendo estes previamente definidos, pois será realizada com a população do entorno destes espaços abandonados, sendo estes moradores de Londrina ou região, esta é uma pesquisa qualitativa que não visa quantidade de entrevistados, mas sim as narrativas das histórias contadas nas entrevistas. Também será realizado um questionário online com no máximo 300 pessoas a fim de construir uma abordagem mais ampla. A unidade de análise são os espaços abandonados em Londrina e não haverá intervenção direta sobre a exposição.

Resumo:

Na cidade de Londrina, foco desta pesquisa, destruiu-se quase completamente a primeira Catedral, o Ginásio Colosinho, o primeiro prédio do Colégio Londrinense entre tantos outros, ignorando por completo o valor arquitetônico e memorialístico destas edificações. Se não fosse a

Endereço: LABESC - Sala 14	CEP: 86.057-970
Bairro: Campus Universitário	
UF: PR	Município: LONDRINA
Telefone: (43)3371-5455	E-mail: cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 5.333.333

intervenção de alguns artistas, arquitetos, estudantes, professores e jornalistas, o cadeião da Rua Sergipe seria um imóvel comercial, mas sem suas características originais. Hoje o antigo presídio é um importante centro cultural e quase mais nada lembra a opressão de um cárcere. Em comum, estes espaços foram cemitérios vivos da história por anos, abandonados ou simplesmente foram ao chão para o moderno acontecer.

Diante dessa realidade é que proponho a presente pesquisa. Ver a cidade e seus espaços abandonados com outra perspectiva. Dar a eles voz para que possam falar das suas construções e desconstruções e de como de lugar, de abrigo ou de referência, se tornaram mundos invisíveis no cenário atual.

O objetivo geral da pesquisa é valorizar a história e a memória da cidade utilizando o método Brecht, desenvolvido por Fredéric Jameson (1999) em livro homônimo, organizando assim a narrativa por meio de todo um sistema criado, do qual descrevo na metodologia. Para as técnicas de campo serão utilizadas reportagens acerca dos espaços, observação no local, entrevistas presenciais e questionários online.

Critério de Inclusão:

A pesquisa tem foco no cenário local, mais precisamente a cidade de Londrina. Com isto o critério de inclusão na pesquisa é ser cidadão londrinense ou da região acima de dezoito anos, de preferência com mais de 50 anos para as entrevistas, visando com isso a possibilidade de o entrevistado conhecer melhor a história destes espaços abandonados. As entrevistas acontecerão com moradores, trabalhadores ou transeuntes do entorno destes espaços abandonados, não sendo definidos previamente. Também serão aplicados questionários online por meio da plataforma do Google Forms para todo cidadão londrinense ou da região maior de dezoito anos, o recrutamento dos participantes será pelas redes sociais e por lista de contatos do celular, a anonimidade será garantida de modo que no questionário não será incluso nomes, assim não se saberá quem deu cada resposta. Será incluso no banco de dados sexo e a idade dos participantes tanto das entrevistas quanto dos questionários.

Critério de Exclusão:

A exclusão de participantes para esta pesquisa é o mesmo para as entrevistas e questionários que são as pessoas que não moram em Londrina e ou Região e menores de dezoito anos. Vale ressaltar que a pesquisa é voluntária e todo o participante que quiser em qualquer momento parar a entrevista e ou questionário, será respeitada sua decisão, sendo de total responsabilidade do

Endereço: LABESC - Sala 14	CEP: 86.057-970
Bairro: Campus Universitário	
UF: PR	Município: LONDRINA
Telefone: (43)371-5455	E-mail: cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 5.333.333

pesquisador qualquer risco.

Tamanho da Amostra no Brasil: 306

Objetivo da Pesquisa:

As informações elencadas foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1874145.pdf" em 05/04/2022.

Objetivo Primário:

valorizar a história e memória da cidade.

Objetivo Secundário:

Compreender o motivo do abandono dos espaços.

Analizar os impactos formais, funcionais, simbólicos e políticos destes espaços na cidade de Londrina.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

As informações elencadas foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1874145.pdf" em 05/04/2022.

Riscos:

O risco é de em meio a busca por histórias ou memórias dos entrevistados, revisite algo não desejado. Por isto as perguntas são amplas, para que tanto o entrevistado quanto o participante voluntário do questionário não se sintam acuados com as perguntas. Caso se sinta mal em responder algo a pesquisadora em questão se responsabiliza por todo risco e respeitará se o participante em qualquer momento quiser desistir.

Benefícios:

Os benefícios desta pesquisa são de registrar uma memória que vem se perdendo, e a população não se dá conta, conscientemente, disso. Os espaços abandonados são capazes de trazer até boas lembranças aos participantes da pesquisa, pois os remeterá a diferentes fases e realidades do local do qual de alguma forma fizeram parte. Também poderá proporcionar aos participantes e à pesquisadora a ressignificação emocional destes espaços agregando valores à história da cidade.

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

CEP: 86.057-970

UF: PR **Município:** LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep268@uel.br



Comitê de Ética em
Pesquisa Envolvendo
Seres Humanos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 5.333.333

Por outro lado, levantaremos alguns dos espaços deixados abandonados ou no meio da construção e que ainda marcam a paisagem urbana. Eles contam por si uma história que se perde em meio a escombros, e esta deve ser resgatada, tanto de forma imagética quanto descritiva para que suas histórias e memórias não sejam perdidas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a área, pois apresenta como objetivo principal a valorização da história e a memória da cidade de Londrina.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo apresentou os seguintes documentos e informações obrigatórias:

- Folha de rosto devidamente assinada pela Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Geografia da UEL;
- TCLE para participantes da entrevista, na forma de convite, com todos os elementos necessários;
- TCLE para os participantes do questionário online, na forma de convite, com todos os elementos necessários;
- Projeto detalhado contendo todos os itens apresentados na Plataforma Brasil;
- Questionários que serão aplicados na entrevista presencial e online;
- É apresentado uma autorização do uso de imagem e voz;
- A data informada para o início da coleta de dados é 01/08/2022;
- Orçamento apresentado de R\$ 240,00;
- Financiamento próprio.

Recomendações:

O Comitê de Ética alerta e recomenda que, mesmo analisando o protocolo da pesquisa, a etapa de coleta de dados presenciais deve estar de acordo com os decretos nacionais, estaduais, municipais e das instituições públicas ou privadas envolvidas, seguindo as regras no tocante às exigências sanitárias em tempos pandêmicos estabelecidas pelo local de realização da pesquisa. A autorização para realização da pesquisa presencial é de responsabilidade do representante legal pela instituição. Caso não seja possível iniciar/realizar a coleta de dados dentro do período previsto, a alteração e solicitação de novas datas podem ser solicitadas via emenda ao projeto.

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

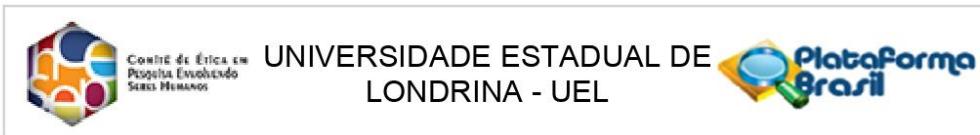
CEP: 86.057-970

UF: PR

Município: LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 5.333.333

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Prezada pesquisadora, após análise desta versão do projeto de pesquisa, verificou-se que todas as pendências apontadas nos pareceres anteriores foram atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado(a) Pesquisador(a),

Este é seu parecer final de aprovação, vinculado ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina. É sua responsabilidade apresenta-Lo aos órgãos e/ou instituições pertinentes.

Ressaltamos, para início da pesquisa, as seguintes atribuições do pesquisador, conforme Resolução CNS 466/2012 e 510/2016:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

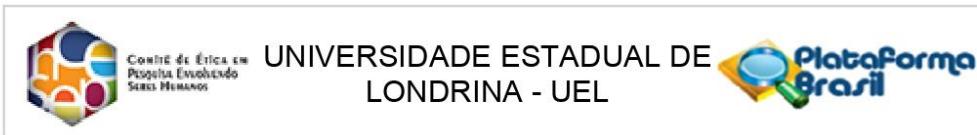
- conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;
- apresentar dados solicitados pelo sistema CEP/CONEP a qualquer momento;
- desenvolver o projeto conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção;
- elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores e pessoal técnico integrante do projeto;
- justificar fundamentadamente, perante o sistema CEP/CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Coordenação CEP/UEL.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJECTO_1874145.pdf	04/04/2022 16:56:44		Aceito

Endereço:	LABESC - Sala 14	CEP:	86.057-970
Bairro:	Campus Universitário		
UF:	PR	Município:	LONDRINA
Telefone:	(43)3371-5455	E-mail:	cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 5.333.333

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_espacos_abandonados_raissa_PB_revisadoaspendedencias.docx	04/04/2022 16:55:35	RAISSA GALVÃO BESSA	Aceito
Outros	Entrevista_Espacos_abandonados_londrina_presencial.docx	25/02/2022 12:15:45	RAISSA GALVÃO BESSA	Aceito
Outros	Questionario_Espacos_abandonados_londrina_online.docx	25/02/2022 12:10:14	RAISSA GALVÃO BESSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreEsclarecido_online.docx	25/02/2022 11:59:27	RAISSA GALVÃO BESSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreEsclarecido_presencial.docx	25/02/2022 11:58:43	RAISSA GALVÃO BESSA	Aceito
Outros	PublicacaoResultadofinalEdital002_2021.pdf	15/12/2021 10:28:41	RAISSA GALVÃO BESSA	Aceito
Outros	uso_imagem.docx	15/12/2021 10:25:29	RAISSA GALVÃO BESSA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_ASSINADA.pdf	15/12/2021 10:20:54	RAISSA GALVÃO BESSA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LONDRINA, 06 de Abril de 2022

Assinado por:
Adriana Lourenço Soares Russo
 (Coordenador(a))

Endereço: LABESC - Sala 14	CEP: 86.057-970
Bairro: Campus Universitário	
UF: PR	Município: LONDRINA
Telefone: (43)371-5455	E-mail: cep268@uel.br